

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**GALPÕES DO VALE DO RIO TRÊS FORQUILHAS (RS): Hibridismo e paisagem
cultural**

AUGUSTO DA SILVA BOBSIN

ORIENTADOR: PROF. DR. ÁLVARO LUIZ HEIDRICH

PORTO ALEGRE, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**GALPÕES DO VALE DO RIO TRÊS FORQUILHAS (RS): Hibridismo e paisagem
cultural**

AUGUSTO DA SILVA BOBSIN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Análise Territorial

Orientador: Professor Álvaro Luiz Heidrich

PORTO ALEGRE, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Jane Fraga Tutikian

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Diretor: André Sampaio Mexias

Vice-Diretor: Nelson Luiz Sambaqui Gruber

Bobsin, Augusto da Silva

Galpões do vale do Rio Três Forquilhas (RS): Hibridismo e paisagem cultural/ Augusto da Silva Bobsin. – 2017.

256 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Geociências da UFRGS, Porto Alegre, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich.

1. Galpão. 2. Etnogeografia. 3. Hibridismo 4. Paisagem Cultural.
I. Heidrich, Álvaro Augusto. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. III. Título.

CDD 991.2

Catálogo na Publicação
Biblioteca Instituto de Geociências - UFRGS
Sibila F. T. Binotto CRB 10/1743

À memória de Ivan Luis Bobsin e Ivan Alberto Jardim da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, especialmente meus pais e minha irmã: Incentivadores perenes de tudo o que faço.

Agradeço ao programa de pós-graduação em geografia da UFRGS, personificado na figura de meu orientador: Professor Álvaro Heidrich; paciência e voz fraterna nos momentos de dúvida.

Agradeço às pessoas mais importantes da minha vida. Tornam a dimensão afetiva a mais interessante. Sempre foram referências para minha formação, entendendo, muitas vezes, a ausência: Gisele Laitano, Márcio Menezes, Daniel Thomas, Tiago Andrioli, Victória Sábbado, Júlia Casalinho, Cleder Fontana, Vinício Pierozan, Izadora Lunardi, Mauri Zanirati, Carolina Fagundes, Milene Bobsin, Alfredo Ranzan, Gabriel Egger, João Luís Link, Elvis Wandscheer. A satisfação do afeto tem me auxiliado nas trajetórias.

Agradeço a todos os professores que tive a honra de conhecer e, através deles, a chance de aprender um pouco mais das coisas todas. Mas agradeço especialmente à Professora Adriana Des Essarts Trinidad, por me fazer acreditar na minha própria capacidade de geografar: Gratidão.

Agradecimento destacado ao Tio Roberto Jardim: Em 1994 me presenteou com um atlas geográfico.

“Passou pela frente da casa de Pedro Terra, lançou-lhe um olhar de soslaio e parou, porque pela primeira vez notava uma coisa curiosa: a fachada, com a porta ladeada pelas duas janelas, possuía uma fisionomia quase humana. E aquela casa, por mais absurdo que parecesse, tinha um semblante parecido com o do dono: parado e triste. Será que os homens constroem suas casas à sua própria imagem?”

Érico Veríssimo

RESUMO

Esta dissertação busca desenvolver uma etnogeografia sobre a presença dos Galpões no cotidiano de alguns grupos sociais no Vale do Rio Três Forquilhas (Litoral Norte do Rio Grande do Sul), para tanto se aporta em Bonnemaïson (2002), como referencial para o entendimento dos acontecimentos na área delimitada, para analisar não somente a arquitetura contemporânea de algumas casas, mas também ressaltar a importância da etnicidade e período das ocupações “não nativas” como vetores dos processos de hibridismo. Para este conceito (hibridismo) serão utilizados textos de Canclini (2006) e Burke (2008). O “Galpão” investigado não é somente o “Galpão gaúcho”, mas também os espaços do habitar, trabalho e lazer de vários grupos étnicos e sociais presentes nesta região (Japoneses, alemães, açorianos, quilombolas e pescadores). Amalgamando-se culturalmente, estes grupos constituem seus territórios domésticos e representações sociais dentro do hibridismo. Os acontecimentos que motivam a ascensão dos diferentes espaços domésticos de representação social, em análise, constroem esta pesquisa; seus vetores, razões e as diversas composições da paisagem cultural (CLAVAL, 2007), como feição praticada do processo geográfico de (re) construção do espaço.

Palavras-Chave: Galpão. Etnogeografia. Hibridismo. Paisagem Cultural.

ABSTRACT

This dissertation aims to develop an ethnogeography about the presence of Galpões on the daily life of some social groups in Três Forquilhas River Valley (North Coast of Rio Grande do Sul). To do so, it is contributed in the formulation of ideas of Bonnemaïson (2002) as referential to the understanding of the events in that delimited area in order to analyse not only the contemporary architecture of some houses, but also to highlight the importance of ethnicity and “non native” occupation periods as values of the hybridity process. For the concept of hybridity, Canclini’s (2006) and Burke’s (2008) conception will be used. The investigated “Galpão” is not only the “Galpão Gaúcho”, but also places of habitation, work and leisure of many ethnic and social groups that inhabit that region (japanese, german, azoreans, quilombolas and fishermen). Culturally amalgamating, these groups constitute their domestic territory and social representations inside the hybridity. The events that motivate the rise of distinct domestic spaces of social representation, in analysis, constitute this research; their vectors, reasons and the various compositions of the cultural landscape (CLAVAL, 2007), as practiced feature of the geographical process of (re)construction of spaces.

Key- words: Galpão. Ethnogeography. Hybridity. Cultural Landscape.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Propriedade de "Nirdo" Lima. Casa e Galpão.....	12
Figura 2: Mapa do Litoral Norte no contexto do estado do Rio Grande do Sul	19
Figura 3: Vale do Três Forquilhas no contexto de planície costeira	20
Figura 4: Esquema de emancipações a partir de Santo Antônio da Patrulha.....	23
Figura 5: Galpão de Cleidi Ribeiro e Ediméia Pacheco.....	29
Figura 6: Propriedade de Gilberto Vargas. Casa e Galpão.....	51
Figura 7: As regiões culturais do Rio Grande do Sul.....	64
Figura 8: Nihonma da família Sato.....	83
Figura 9: Galpão de Maria Inaide Siqueira.....	86
Figura 10: Churrasco feito em geladeira. Galpão de Cleomar Tondim.....	89
Figura 11: Diferentes formas de beneficiamento do peixe. Galpão de Sérgio Meireles.....	91
Figura 12: Galpão da mãe.....	93
Figura 13: “Nipon Games”, de Jose Paulo Abe e exercícios de kakesu, de Masaharo Aso	94
Figura 14: Paisagem cultural do bairro Testo Alto (município de Pomerode- SC)	96
Figura 15: Galpão da Cancha de laço de Ademir Vargas	99
Figura 16: Galpão/casa de Lairton Borba.....	101
Figura 17: Churrasqueira improvisada de Ivan Silva	103
Figura 18: Jovens músicos preparando uma apresentação de Tchê Music. Salão da Sesteia	112
Figura 19: Casa das telhas e Casa de pedra.....	114
Figura 20: Galpão de Sérgio Nunes	121
Figura 21: Troféu de evento de tiro de laço na casa de Eroito Engel e Relógio representando o mapa do Rio Grande do Sul no Galpão de Cleiton Camilo	122
Figura 22: Galpão de Vinicio de Mattos Negrini e Galpão de Paulo César Silva dos Santos.....	126
Figura 23: Cozinha da casa de Deni Luiz Teixeira.....	128
Figura 24: Restaurante Rocha e Galpão “de diversão” de Hélio Marmit	130
Figura 25: Galpão do “Nirdo” e “Camping e Balneário” Galpão da Lagoa	130
Figura 26: Churrasco da banda de tchê music em Galpão industrial.....	133
Figura 27: Churrasqueira com sistema rotativo elétrico, no Galpão multiuso de Jânio e Cátia Tesaro e Café na casa de Eliseu Justin.....	134
Figura 28: Rádio antigo no Galpão de Cleomar Tondim	137
Figura 29: Rodas de carreta, estrutura e decoração do Galpão de Paulo César Silva e Roda de carreta compondo a decoração do Galão de Paulo Justin.....	138
Figura 30: Galpão de chegada de Eroito Engel e Piquete “Tio Miroca”	143
Figura 31: Símbolo no carro de um adepto do laço comprido. Piquete de Raniel Espindula.....	145
Figura 32: Salão social da Sesteia e Preparação de um baile de Tchê Music	147
Figura 33: Músico de Tchê Music	149
Figura 34: Platibanda do Salão comunitário da Capela Sta Rita de Cássia.....	150
Figura 35: Ferramentas e símbolos nas paredes do Galpão de Nirdo Lima.....	153
Figura 36: Tiro de laço. Festa Campeira, na Fazenda Cheiro da Mata.....	155
Figura 37: Galpão/sede dos Trilheiros do Vale e Saco de pancadas no Galpão de Rodrigo Sarate	156

Figura 38: Galpão garagem de Rogério Schutz e Galpão garagem de Gilnei Neubert	158
Figura 39: Galpão de Sérgio Meireles	159
Figura 40: Ferradura no Galpão de Paulo Justin e Crânio bovino, Fazenda Cheiro da Mata	160
Figura 41: Encilhas no Galpão de Rodrigo Rodrigues e Cavallo dentro do Galpão de Cleomar Tondim.....	161
Figura 42: Galpão da Luta, de Rafael Rodrigues.....	165
Figura 43: Galpão de Cleidi Ribeiro e Ediméia Pacheco.....	166
Figura 44: Fogão de lenha em cozinha anexa, de Maria Homem	167
Figura 45: “Espaço da Mulher: Casa e Cozinha. Abril/2009, registro do grupo”	170
Figura 46: “Galpão (homem/bicho)” e Galpão de Valci Gama.....	171
Figura 47: Galpão Redondo, no CTG Porteira do Litoral	176
Figura 48: Aspecto interno do Galpão principal, na Fazenda Cheiro da Mata	178
Figura 49: Galpão do Nirdo e Aspecto Interno do Galpão de Gilberto Vargas	179
Figura 50: Símbolo religioso no Galpão de Renato lima	182
Figura 51: Camisa do Santa Cruz (Recife) e tempero nordestino	183
Figura 52: Placa referente ao Grêmio. Galpão de Sérgio Nunes	184
Figura 53: Pôster do Internacional no Galpão de João Rodrigues da Silva	185
Figura 54: Brasão do PP, no diretório progressista	186
Figura 55: Interior do Galpão multiuso de Jânio e Cátia Tesaro e Galpão de tambo, Fazenda Cheiro da Mata.....	187
Figura 56: Galpão de Eliseu Justin	188
Figura 57: Galpão de hortaliças de Nardo Silva.....	190
Figura 58: Interior do Galpão de reciclagem de Alex Trespach.....	191
Figura 59: Tipos de Galpões	196
Figura 60: O Universo dos Galpões	197
Figura 61: Vaca mecânica, Vaca e Galpão do CTG Porteira do Litoral	198
Figura 62: Galpão da Luta de Rafael Rodrigues e Mongkon budista com crucifixo católico no Galpão de Rafael	200
Figura 63: Entrevero no Galpão de Tiago Zefredo	206
Figura 64: Placa indicativa no centro do município de Três Forquilhas.	211
Figura 65: Divulgação da "Trilha do Vale"	250
Figura 66: Convite para festa do Kerb com símbolos (cores) nacionais	251
Figura 67: Convite para festa crioula em comunidade Luterana e teuto descendente	252
Figura 68: Convite para Rodeio Tradicionalista (Eventos no “Lonão”, no “Salão” e no Galpão)	253
Figura 69: Jogo eletrônico “Laço Macanudo”	254

LISTA DE SIGLAS

CEASA	Centrais de abastecimento.
CRAS	Centro de referência de assistência social.
CT	Centro de treinamento.
CTG	Centro de tradições gaúchas.
DTG	Departamento de tradições gaúchas.
GTA	Guia de transporte animal.
MTG	Movimento tradicionalista gaúcho.
PMDB	Partido do movimento democrático brasileiro.
POS-GEA	Programa de Pós-Graduação em Geografia.
PP	Partido progressista.
PPCI	Plano de prevenção contra incêndios.
RMPA	Região metropolitana de Porto Alegre.
SESTEA	Sociedade Esportiva Terra de Areia.
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: ENTRE O PARTICULAR E O CIENTÍFICO.	12
1.1	Objetivos.....	15
1.2	Área de Abrangência: O Vale do Rio Três Forquilhas.....	16
1.3	Localização.....	18
1.4	Terra de Areia. O Sétimo Distrito de Osório.....	20
1.5	Itati. A Água da Pedra.....	21
1.6	Três Forquilhas. Nomeando o Vale.....	22
1.7	Emancipações.....	23
1.8	Metodologia.....	23
2	APRESENTANDO O ESTUDO ATRAVÉS DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS.	29
2.1	Geografia, Espaço e Cultura.....	30
2.2	Escala, Região e Cultura.....	35
2.3	Território e Cultura.....	38
2.4	Etnia e cultura.....	42
2.5	Paisagem Cultural.....	43
2.6	Lugar e Cultura.....	46
2.7	Tempo e Cultura.....	49
3	VIVENCIANDO AS ETNIAS E A PAISAGEM CULTURAL.	51
3.1	Histórico do Vale do Rio Três Forquilhas: As etnias.....	54
3.1.1	<i>Ruptura da Identidade</i>	54
3.1.2	<i>Contemporaneidade</i>	58
3.1.3	<i>As minorias étnicas</i>	61
3.1.4	<i>Regionalização e Cultura</i>	64
3.1.5	<i>De tiririca e cardamomo*</i>	66
3.1.6	<i>De África, Morro Alto, Laguna e Boa Vista.</i>	69
3.1.7	<i>Os espaços dos grupos. Espaços híbridos</i>	72
3.1.8	<i>O Ilê</i>	75
3.1.9	<i>Nova ilhas</i>	77
3.1.10	<i>Os Alemães</i>	80
3.1.11	<i>Ítalo-brasileiros</i>	81
3.1.12	<i>Nisseis e gerações</i>	82

3.1.13	<i>De Nihonma e Galpão</i>	83
3.1.14	<i>A influência do Gauchismo</i>	83
4	ETNOGEOGRAFIAS DO GALPÃO	86
4.1	Galpão Autêntico	87
4.1.1	<i>O Hábitus do Galpão</i>	87
4.1.2	<i>Essencialismo de Galpão</i>	92
4.1.3	<i>Denominações do Galpão</i>	94
4.1.4	<i>Objetos do Galpão/Ações do Galpão</i>	99
4.1.5	<i>O Galpão do Gaúcho</i>	103
4.1.6	<i>Galpão Regional. Região E Paisagem</i>	106
4.1.7	<i>O Tempo do Galpão</i>	107
4.1.8	<i>Galpão Tapera</i>	112
4.2	O Galpão Fabricado	114
4.2.1	<i>A possibilidade de um Galpão Kitsch</i>	114
4.2.2	<i>O Kitsch de Binkley</i>	117
4.2.3	<i>O Galpão de Firth: Irmanados pelo Galpão</i>	118
4.2.4	<i>Galpão chique</i>	119
4.2.5	<i>O mapa do Galpão</i>	121
4.2.6	<i>A “bóia” do Galpão.</i>	124
4.2.7	<i>O Galpão do Consumo: Tecnologia no Galpão</i>	135
4.2.8	<i>A Roda do tempo</i>	137
4.2.9	<i>Chegadas e Galpões de piquetes</i>	139
4.2.10	<i>Agir Simbólico/Agir Formal</i>	143
4.3	Aproximações de Galpão	145
4.3.1	<i>Danças de Galpão</i>	145
4.3.2	<i>Salões</i>	146
4.3.3	<i>O Galpão como altar</i>	150
4.3.4	<i>Esportes do Galpão</i>	154
4.3.5	<i>Galpão/Garagem. Galpão/Varal</i>	157
4.3.6	<i>Os bichos do Galpão</i>	160
4.3.7	<i>O não Galpão</i>	162
4.3.8	<i>Portas e janelas</i>	164
4.4	Uma geografia Cultural no Vale do Três Forquilhas	167
4.5	O Gênero no Galpão	169

4.6	O lugar de trabalho	173
4.7	Galpões do Vale do Três Forquilhas	175
4.8	Paisagem cultural	179
4.9	Geossímbolos de Galpão	181
4.10	Galpão Oficina/Galpão Depósito	186
4.11	O Êxodo do Galpão	192
4.12	Tipos de Galpões em figura	193
5	O HIBRIDISMO CULTURAL	198
5.1	O Galpão da luta.....	199
5.2	Um pouco mais sobre a “bóia” do Galpão	203
5.3	A complexidade classificatória	206
5.4	Sistema de Galpões.....	207
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	211
6.1	O Galpão de Ariadne	212
6.2	Considerações Finais.....	213
	REFERÊNCIAS	221
	APÊNDICES.....	238
	Cronograma Realizado	238
	Letras de músicas em referência ao Galpão	243
	Imagens diversas.....	250

1 INTRODUÇÃO: ENTRE O PARTICULAR E O CIENTÍFICO.



Figura 1: Propriedade de "Nirido" Lima. Casa e Galpão

É domingo na Praça José Ferrari. A tarde de céu limpo se encerra e a temperatura cai rapidamente na cidade ao pé do morro. Carros rebaixados tocam músicas do Nordeste do Brasil. Wesley Safadão é o artista mais reconhecido pelos jovens. O som retumba pela cidade. Pessoas comem xis¹, torrada² e cachorro-quente. Tomam *Budweiser* e Coca-Cola.

O menino pilchado³, montado em um tordilho branco⁴, faz dos cascos ferrados de seu cavalo castanholas que tilintam no asfalto. Passa por alguns amigos e faz o gesto de *Shaka*⁵. Alguns chamam tal gesto de “*hang loose*”. Os mais velhos e tradicionalistas chamam isso de “oi de magrão”. É um gesto que faz referência aos surfistas e ao slogan de uma famosa grife de roupa. Os três dedos do meio cerrados, o polegar e o mindinho estendidos (Relato de campo. Terra de Areia, 9 de outubro de 2016).

¹ Aportuguesamento do termo inglês *cheeseburger*: Consiste em um grande sanduíche redondo, fartamente recheado e prensado.

² Sanduíche prensado.

³ Vestido com roupas típicas do tradicionalismo gaúcho (Pilchas). Para o homem: Bombacha, bota, camisa de botão, colete, lenço, chapéu de aba comprida, esporra (opcional). Para a mulher: Vestido rodado e saia de armação. Roupas próprias para montaria.

⁴ Uma designação que tem origem na região pampiana. Define uma das cores do pelo equino. Quase branco, com pequenas pigmentações escuras. Por vezes chamado de “Tordilho arroz”.

⁵ Na tradição do Havái, local tradicional do surf, existe a lenda que um cortador de cana teria perdido os dedos do meio. Passou então a gerenciar a produção agrícola, sinalizando com a mão ferida quando as carroças já estavam cheias. O hábito se incorporou a cultura local e do surf enquanto esporte.

A gênese desta escrita aparece a partir do projeto que envolvia minha trajetória particular, e por se tratar de algo que ocorre (assim como demonstra a pesquisa) em minha região de origem, apresenta nuances de familiaridade: A ocorrência de Galpões no Vale do Três Forquilhas. É visto que esta temática, a dos elementos gauchescos, identidade e territorialidade dos gaúchos (no entendimento genérico do termo), já tem sido bastante trabalhada pela academia (o que será de grande valia para este estudo e se apresenta como referencial em diversos momentos da pesquisa).

A especificidade da temática da pesquisa criou-se ao longo de um trabalho de leitura que fiz a partir dos textos de Burke, antes de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em especial o livro “Hibridismo Cultural” (2008). Quando o autor tratava de processos secundários ao processo maior (O hibridismo), identificou como “Segregação Cultural” alguns fenômenos que vinham ocorrendo em vários países, dentre os quais pontuou o fato de que o “cômodo ocidental em um apartamento de estilo japonês esteja gradualmente sendo substituído por um cômodo japonês em um apartamento de estilo ocidental” (BURKE, 2008, p. 89). Portanto, o que os japoneses vinham reproduzindo discretamente, dentro de sua vida, que passava a ter muitas influências anglo-americanas e urbano-industriais, com o tempo se tornou uma estética padronizada, e o estilo decorativo típico dos cômodos do Japão passou a ter outro significado, ocorrendo em um cômodo somente. Era uma tendência do hibridismo cultural identificada pelos estudos de Burke. Mas o que isto tem a ver com os Galpões do Vale do Três Forquilhas?

Com a interessante variedade étnica existente no Litoral Norte do Rio Grande do Sul e, mais especificamente, no Vale do Três Forquilhas, pensar o território em outras dimensões me pareceu um desafio válido para o que a geografia vinha trabalhando na contemporaneidade e na fase de desenvolvimento do projeto de pesquisa; o ambiente doméstico enquanto espaço de reprodução, os microterritórios e as diversas formas que a geografia desenvolve para atender a demanda da análise da complexidade do espaço, sempre em intenso dinamismo. Lembrei-me do Galpão: Construção ou peça típica em muitas residências da região, que possibilita uma aproximação ou um espaço de (re) produção cultural. E por ser cultural, justamente na região onde se encontra (multiétnica), passei a creditar para eles, os Galpões, um status de híbrido.

Passei ainda a pensar sobre o uso de uma estética que possua um vínculo étnico, ou resquícios de uma etnicidade, e notei, entre o Galpão na casa dos rio-grandenses em geral e o cômodo japonês na casa ocidental de nipo-brasileiros do Vale do Três Forquilhas, uma possível relação que envolveria identidade, territorialidade e formas de agir. Não poderia, posta a ideia inicial da questão, deixar de lado os outros ambientes domésticos, os outros cômodos típicos

existentes no Vale: A razão de sua existência, a vontade de sua manutenção pelos proprietários, os diferentes usos que estas construções tomam ao serem trabalhadas no cotidiano, ou somente no imaginário dos habitantes da região. E traçando um raciocínio sobre quais etnias que se “empreenderam culturalmente” (BONNEMAISON, 2002, p. 97) neste território descobri, e venho descobrindo, a grande complexidade da geografia cultural. Uma forma de teorizar e um olhar científico para elementos da paisagem cotidiana, de minha própria experiência acerca dos Galpões. Parte desta relação está transcrita de modo pessoal nos trechos de relatos de campo, no início de cada capítulo deste trabalho. Em suma, o desafio de trazer a luz dos conceitos geográficos a temática da produção do espaço no ambiente doméstico, a origem destas práticas, de onde surgiram, me fizeram pensar se a geografia da região tem correlação com resquícios do modo de vida das regiões de influência (pastoril, da pampa rio-grandense) ou se possui influências étnicas acerca disto. Possuindo o Vale do Rio Três Forquilhas variados grupos étnicos, citados em estudos históricos, surgiu a inquietação e o anseio investigativo desta complexidade, onde a memória, o mundo do trabalho e da reprodução do cotidiano compõem vetor de modificação e construção do meio. Este é um pensamento básico sobre a geografia: Uma sobreposição complexa de influências, que sob a reflexão espacial e cultural podem revelar as razões de sua força e forma.

As disciplinas do Programa de Pós-Graduação em geografia da UFRGS, realizadas ao longo da escrita e desenvolvimento da pesquisa muito contribuíram para o amadurecimento das ideias. Destaco dois momentos importantes deste processo: A produção de um artigo na disciplina de ruralidades, ministrada pela professora Michele Lindner muito me inspirou para notar alguns vetores de surgimento e entusiasmos de novos Galpões na minha região de interesse. Estudar o esporte equestre como elemento de novas ruralidades na área de abrangência da atual pesquisa só ampliou os horizontes de possibilidades, e a vivência com as visitas, fotos e entrevistas já amadureceu o argumento sobre o sentimento de territorialidade dos tradicionalistas da região, das representações sociais presentes neste certame e tudo o que remete ao hibridismo cultural neste contexto. O segundo momento em que as disciplinas do programa exerceram contribuição positiva sobre a escrita foi o trabalho de campo dos graduandos em geografia, da disciplina de “Geografia Cultural”, ministrada pelo professor Álvaro Heidrich, onde tive a oportunidade de realizar um estágio docente e apresentar minha temática investigativa em forma de visita ao campo. As releituras feitas pelos estudantes foram as mais ricas possíveis, dando a visão necessária (justamente a visão exógena da área) para dar conta de fatos geograficamente relevantes, complexos e culturalmente híbridos.

Trabalhar com o que é aparentemente comum e corriqueiro (de sua região de origem) pode parecer, para certas correntes acadêmicas, um pecado metodológico, já que o elemento “neutralidade acadêmica”, aparentemente, ficaria comprometido. Analiso isto com outro viés: A construção de um projeto de pesquisa, ou mesmo de um questionamento sobre determinado tema, neste caso, alcançaria relevância acadêmica com maior dinamicidade quando o proponente já fosse um “iniciado”. O relevante número de visitas e pontos demarcados na trajetória também demonstram a necessidade de uma mínima aproximação, inclusive física, entre pesquisador e objeto. Esta aproximação trago, inclusive, enquanto indivíduo, por ser natural de Terra de Areia, município do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, junto ao Vale, e por viver em uma paisagem cultural repleta de Galpões. Assim considero a importância de ter o mínimo conhecimento sobre as áreas pesquisadas neste geógrafa, e ainda a aproximada forma de falar (dentro da etnografia), o “sotaque” e os aspectos culturais em comum, importantes para a fluidez das entrevistas e visitas, ou ainda o estranhamento quando dos momentos de interesse sobre grupos étnicos/culturais minoritários, numericamente considerando, dentro do Vale do Três Forquilhas. Desde o planejamento, ao projeto, campo de pesquisa e escrita, sempre baseado em conceitos da geografia clássica, mas que podem ser vistos nas experiências, no âmbito do vivido, do praticado. Deste nascedouro surgiu o interesse na especificidade do tema desta pesquisa.

1.1 Objetivos

Ao que tange o fazer acadêmico, enquanto objetivo geral, realizar uma etnogeografia e descrever a paisagem cultural do Vale do Três Forquilhas (dando ênfase aos Galpões) são os dois principais pontos a serem trabalhados.

Tendo surgido a ideia primordial deste trabalho da comparação, ainda que empírica, entre o Galpão e o Cômmodo Japonês, o trabalho visa verificar se este processo de hibridismo (BURKE, 2008) pode ser atribuído aos Galpões e outros espaços de produção cultural no Vale do Três Forquilhas. Pontuar as razões que fazem com que os proprietários destas diferentes formas de representação social mantenham suas respectivas estéticas. Identificar e buscar a reflexão sobre os viveres e habitares de diferentes origens culturais e étnicas na região do Vale do Rio Três Forquilhas, dando ênfase ao Galpão. Mapear como se dão estas representações através de relatos e entrevistas, os processos pelo qual estão passando estes grupos sociais. Investigar se os indivíduos consideram as edificações (ou as ações lá praticadas) como tradicionais ou “crioulizadas” (BURKE, 2008, p.40). Investigar o Galpão como espaço de

hibridismo e, dentro das perspectivas de Burke (2008), identificar qual processo explica melhor a ocorrência de Galpões e se estes podem ser considerados territórios híbridos. Identificar o apego pelo tradinativismo/tradicionalismo (GOLIN, 1983; LAMBERTY, 1989, OLIVEN, 2006) nas representações sociais da classe média/alta no estado do Rio Grande do Sul. Questionar os habitantes de “outros Galpões” (edificações que possuem, ou não, algum traço de etnicidade em sua arquitetura ou representação social), se possuem algum sentimento de pertença há algum grupo, e como esta edificação atua (ou não) nesta relação cultural (culto, práticas culturais ou orgulho étnico). Fotografar estes ambientes, criando um argumento visual dos elementos citados. Aumentar o glossário acadêmico sobre ferramentas de trabalho em desuso, formas de trabalho e transformação do espaço geográfico do litoral norte do estado ao longo dos anos. Revelar as diferentes relações dos habitues dos Galpões com o mundo do trabalho, e se usam o Galpão para este fim. E ainda investigar o cotidiano e relações espaciais daqueles que possuem diversos vínculos com o Galpão: Vínculos de trabalho ou moradia (investigar se as classes populares romantizam simbolicamente este espaço que as classes mais abastadas em suas representações sociais).

Esta pesquisa tem, pois, enquanto razão axial de problematização como que se desenvolve o hibridismo nos ambientes de (re) produção cultural e representação social no Vale do Três Forquilhas, dando ênfase aos Galpões.

1.2 Área de Abrangência: O Vale do Rio Três Forquilhas.

Sendo descrito por vários escritores com vínculo local (salvo a exceção de GUADAGNIN, 2008), o Vale do Três Forquilhas apareceu com tal nomenclatura, em documentos oficiais, no século XIX, sendo palco de uma mescla de etnias e culturas muito diferenciadas entre si, levando em conta o pequeno número de pessoas neste recorte espacial.

Compreende os municípios de Itati, Três Forquilhas e Terra de Areia, estes possuindo um total de 16.160 habitantes, em uma área de 565, 942 quilômetros quadrados⁶, resultando em uma densidade demográfica de 35,3 habitantes por quilômetro quadrado. Número superior do que a média nacional, mas, ainda assim, apresentando poucos núcleos urbanos (IBGE, 2016).

O primeiro município do Vale a se emancipar das “cidades sedes”⁷ foi Terra de Areia, tendo se desmembrado de Osório em 1988 (LIPERT, 1991). Atualmente apresenta na

⁶ Respectivamente com 2.602, 2.924 e 10.634 em habitantes e 206.910, 217.259, 141.773 em quilômetros quadrados de extensão.

⁷ No caso da área onde hoje se encontra o município de Terra de Areia, o município sede era Osório. Itati se emancipou de Terra de Areia em 2001 e Três Forquilhas se emancipou de Torres em 1992.

agricultura familiar e em pequenas empresas do setor secundário e terciário sua maior força econômica, encontra-se na sede desse município o maior agrupamento de casa e prédios do Vale. Destacam-se também, enquanto agrupamento de casas, a sede do município de Três Forquilhas (nomeada originalmente como Porto Alágio, ou simplesmente “Centro”), Cornélio (antigo porto, entreposto de mercadorias e pessoas, primeira sede do município de Terra de Areia), Nova Curumim (balneário da costa atlântica, pertencente à Terra de Areia, limítrofe com o Balneário de Curumim, pertencente à Capão da Canoa), Três Pinheiros (distrito de Itati) e Itati (sede do município).

Sendo ocupado primeiramente por indígenas das etnias Carijó da nação Tupi-Guarani, segundo Lipert (1991), Guarani e Xokleng, segundo estudo de Cunha (2012 e 2014), e por Caigangues, segundo Müller (2009), este recorte espacial começou a fazer jus ao conceito de território (RAFFESTIN, 1993), e foi palco de negociações de ocupação visando a manutenção do poder sobre tal território. Por volta do final do ano de 1823 surge o interesse do império português sobre a figura do colono germânico e dos acantonamentos de Evangélicos luteranos, que cumpriram a lógica de ocupar e produzir para defender a terra. Este grupo mesclou-se aos luso descendentes (católicos, oriundos de antigos grupos de tropeiros e militares da cidade de Laguna-SC) que já cultivavam em terras mais baixas⁸. Todos estes grupos hibridizaram-se em produção agrícola e cultura ao longo dos anos.

Tratando da temática étnica no Vale do Três Forquilhas, sem sombra de dúvidas, o nome de maior importância é o do Pastor Luterano Élio Eugênio Müller (1993, 2009, 2011), que dedicou títulos em referência ao estudo da colonização alemã, da escravização dos negros nagôs e índios, e das novas dinâmicas culturais e na produção agrícola com a chegada dos japoneses ao Vale no ano de 1968.

Mesclando, tal qual o Brasil, etnias de diferentes continentes, o Vale do Três Forquilhas proporcionou aos habitantes, desde a era pré-colombiana, uma possibilidade de práticas e usos do meio natural muito variada, justamente por possuir, em sua abrangência, uma variação paisagística que praticamente divide o Rio Grande do Sul ao meio: Mata Atlântica na encosta do planalto e gramíneas e capões de mato nos campos e várzeas da planície costeira. Além desta dualidade de nomenclaturas de modelos de paisagem natural, cabe lembrar Rambo (1950) e

⁸ É necessária esta subdivisão, levando em conta inclusive aspectos topográficos do Vale, visto que os lotes de terra destinados aos luteranos eram justamente na área encaixada do Vale, onde atualmente se encontram os municípios de Itati e Três Forquilhas, assim como os lotes posteriormente obtidos pelos nipônicos. Neste contexto, o luso-descendente sempre ocupou as áreas mais baixas do Vale, em especial a área que hoje pertence ao município de Terra de Areia, tendo destaque no cultivo da mandioca, e seus derivados, na pesca em água doce (lagoa Itapeva e dos Quadros) e na pecuária de corte, dada a facilidade que a planície e o pasto ofereciam, evidenciando uma relação entre paisagem e modo de vida.

Marcuzzo (1998), que propõem outras atribuições para a vegetação da região, tais como marambaia, restinga, vegetação costeira, butiazal, juncal, entre outros.

O referido contexto facilitou o trânsito de pessoas e produtos⁹. Processos de temporalidade, transformação da paisagem e hibridismo cultural são claramente vistos a partir da história deste Vale. Dado esta estrutura de colonização, vislumbrada pelo império português em uma busca pela ocupação do território, resultando no engendramento multiétnico e possibilidades de variados usos da terra (pela morfologia regional) através do trabalho. A tecnificação dos meios de transporte e telecomunicação possibilitou que a variedade de etnias (aspectos de cultura), territorialidades (modo de vida) e temporalidades (objetos e usos) compusesse o hibridismo cultural e as modificações na paisagem. A síntese disto, em estudo, é a paisagem cultural do Vale do Três Forquilhas. A descrição que esta pesquisa almeja se valendo, enquanto especificidade, dos espaços domésticos resultantes desta situação.

1.3 Localização

Com fácil acesso viário para o Sul Catarinense, Serra Gaúcha, Litoral e Região metropolitana de Porto Alegre, a história do Vale do Três Forquilhas sempre foi marcada pelas redes de transporte. Quando o sistema lacustre não podia atender toda demanda (interior de Vale, ou no sentido “Serra a cima”) surgiam as figuras tropeiras. Com seus moares cargueiros, contribuíam para um dinamismo de troca de produtos, principalmente para a região dos Campos de Cima da Serra, para onde também deslocavam gado bovino. Já o deslocamento interno, no Vale, ficou, por muito tempo, antes da aparição dos automóveis, por conta do cavalo e dos carros de junta de bois. Estes últimos faziam o transporte da sede das propriedades rurais até os portos/entrepostos de comércio (Porto Alágio e Cornélios). De lá, os produtos e as pessoas se deslocavam, principalmente para Osório, através do sistema de lagoas interligadas.

⁹ Ao longo dos anos e, ao passo dos avanços da técnica, como aponta o estudo de Guadagnin (2008), o transporte, que antes era feito através do sistema de lagoas costeiras passou a ser feito através do modelo rodoviário, com a inauguração da BR-101 (1968), mais próximo aos morros (onde hoje se situa a sede de Terra de Areia).

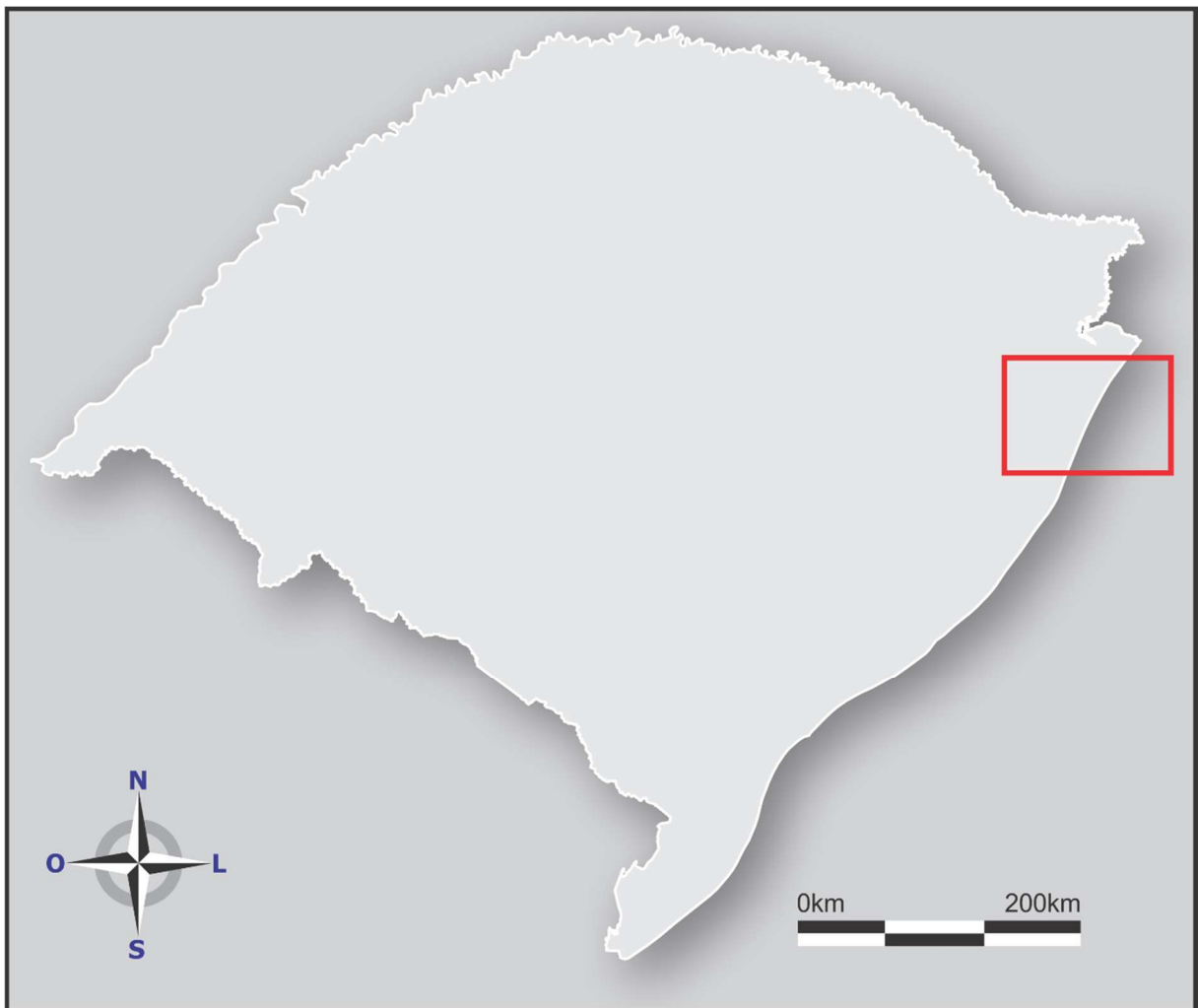


Figura 2: Mapa do Litoral Norte no contexto do estado do Rio Grande do Sul
Desenvolvido pelo autor a partir da Base Cartográfica do IBGE (2015). Localização: 29° 33' S - 50° 04' O.

Visto por fotos de satélite, o “rosário de lagoas” (VILLWOCK; TOMAZELLI, 2006) elucida ainda mais o panorama múltiplo da geografia da região. Os campos de dunas, de cor branca (margeiam suavemente a orla atlântica) e as diferentes matizes do verde, mesmo a quilômetros, lá do alto do céu, podem ser denotadas (são os dois tipos básicos de vegetação já citados: Mata atlântica, mais escura, nas bordas de Serra Geral, e as gramíneas e potreiros da planície, em tom mais claro). Ainda notam-se as diferenças entre a tonalidade da vegetação ao noroeste da indicação de localização do Vale; são os Campos de Cima da Serra. Pode-se notar também alguns outros vales, com presença humana bem acentuada, ao leste da marca indicativa, e a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), localizada a 130 km do Vale do Rio Três Forquilhas.

Por sempre ser dependente do sistema de transportes para subsistir com comércio e serviços, os caminhos (linhas) para os meios de transporte influenciaram no surgimento e

dinâmica dos pequenos núcleos urbanos da região: Porto Alágio é a sede do município de Três Forquilhas, sendo centro de distribuição de alimentos no século XIX, que através do transporte lacustre eram levados para Osório. Neste trajeto passava-se por Cornélios, o antigo “centro” e sede do que viria a se tornar Terra de Areia. Com o fim do transporte lacustre e a pavimentação da rodovia BR 101 a sede e o núcleo urbano do então distrito de Osório passou a ser a nova concentração de casas, dispostas nas duas margens da BR- 101, atualmente configurando um pequeno núcleo urbano em um trecho de dois quilômetros ao longo da rodovia federal, contando atualmente com alguns núcleos em sua zona suburbana.

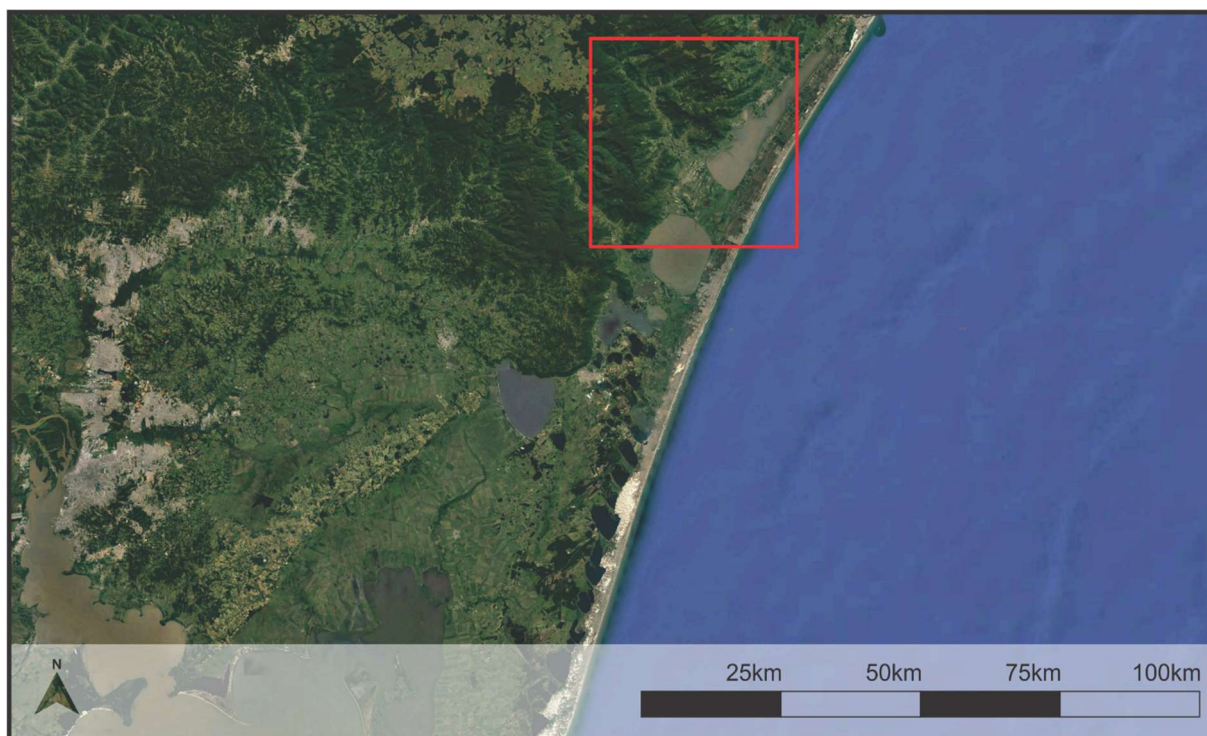


Figura 3: Vale do Três Forquilhas no contexto de planície costeira
Desenvolvido pelo autor a partir do software Google Earth (Keyhole Inc). Localização: 29° 33' S - 50° 04' O.

1.4 Terra de Areia. O Sétimo Distrito de Osório

TERRA DE AREIA. Data de Criação: 13/04/1988, Lei 8.561. Quem nasce ou mora no município de Terra de Areia chama-se: TERRAREENSE. O nome “Terra de Areia” surgiu como denominação genérica da zona onde mais tarde seria implantado o núcleo urbano do município. Tal denominação foi empregada pelos imigrantes alemães como referencial, para diferenciar a composição do solo argiloso em que se fixaram. Terra de Areia tem uma singular história construída em rico e diversificado espaço geográfico, irradiado a partir do vale das Três Forquilhas. No século XVIII, sesmeiros se instalaram na região, destacando-se Joaquim Antônio de Quadros que deu nome à Lagoa. A revitalização do vale aconteceu no último quartel, nos anos 1800, com a navegação através das lagoas Itapeva Quadros, unidas pelo sangradouro e em cuja extremidade ficou localizado o movimento porto de Cornélius, na região das “terras de areia”. Produzindo abacaxi e banana em larga escala, sua economia

ganhou maior dinamismo com a chegada dos japoneses em 1968. Asfaltada em 1968, a estrada “federal” colocou Terra de Areia na rota do Brasil (CHERINI, 2007, P. 271).

Sobre o estudo de Cherini (2007), algumas pequenas ponderações: Especificando com maior grau de localização, a zona onde a composição do solo era mais argiloso, onde se encontravam os alemães que “batizaram” o que viria a se tornar o município de Terra de Areia, está localizada onde hoje se conhece por Itati (sede do município de mesmo nome). O uso que o autor faz da expressão “vale das Três Forquilhas” aparece como adversa na presente dissertação, pois utilizo “Vale do Três Forquilhas”, e considero “Três Forquilhas” no gênero masculino pelo fato de que não são as forquilhas (formato dos meandros dos rios, seus tributários e ramificações na planície aluvial da porção nordeste da Serra Geral) que nomeiam o Vale, mas sim o Rio, em si, que leva as formas hídricas em conta na hora de sua nomeação.

O atual distrito de Cornélios (antiga sede do distrito pertencente à Osório) é grafado por Cherini (2007) como “Cornélius”, com o U no lugar do O. Uma polissemia delicada, porém interessante para outras possibilidades de pesquisas históricas e filológicas. De toda forma, o usual no município, nas placas, no site oficial da prefeitura e órgãos oficiais é “Cornélios”.

Considerando que esta localidade deixou de ter o protagonismo da sede do município que surgiria (advindo da emancipação de Osório), a nova sede do antigo distrito (a atual Terra de Areia) se configura como uma irmã mais nova de Itati e Três Forquilhas, pois traz consigo a condição de ser recebedora desses colonos (e seus descendentes) vindos dos municípios agrícolas. Obteve, antes que os outros dois municípios, o advento da luz elétrica, das redes telefônicas e da rodovia pavimentada (devido a planura que as várzeas proporcionavam), apresentando uma dinâmica de temporalidades mais rápida¹⁰ frente aos outros municípios do Vale (ou um primeiro acesso destas em relação aos outros). A pesquisa de Guadagnin (2008) já dá conta desta questão, elucidando os casos de sobreposições temporais no cotidiano desta cidade em seu contexto (inclusive trabalhando com o caso de diferenças de gerações e valores dentro de uma mesma família). Possui 52, 59% de sua população em área urbana (IBGE, 2010).

1.5 Itati. A Água da Pedra

Da expressão guaranítica que une *itá* (pedra) e *ty* (água), o município com menor população do vale foi um dos provedores de conteúdo humano para a área onde hoje se localiza o município de Terra de Areia. Proveu profissionais do setor primário (agricultores,

¹⁰ Comparando esta modalidade de temporalidade com a ideia de Santos (2008) sobre o tempo lento, quando este é referido ao tempo rápido.

madeireiros) e secundário (artesãos, changueadores, carpinteiros e pedreiros), principalmente. Proveu a matéria cultural do município mais jovem que então florescia aos pés da rodovia federal (Terra de Areia, ou, na época desta ascensão demográfica, “Entroncamento”). Com isso, os sobrenomes que se dão no vale não possuem o menor padrão. O que se pode aventar, dentro de tamanha miscigenação, é uma frequente composição de sobrenomes portugueses e alemães servindo de terminação para o primeiro nome; fato que se dá com maior frequência em Terra de Areia (ver figura 66 e 67).

Tem como município limítrofe, imediatamente ao norte, Três Forquilhas. Estes dois possuem diversos rios como divisa longitudinal de seus limites. Nestas áreas de divisa os dois municípios compartilham modos de uso da terra, aproveitando o aluvião para o cultivo de hortaliças diversas. Próximo ao sopé do morro, com a mata atlântica (de todo modo) ainda presente, os bananais e o manejo de madeira se tornam mais frequentes. Tem sua população espalhada por diversas localidades, não tendo na sede uma concentração relevante. Possui apenas 8,2% de sua população em área urbana (IBGE, 2010).

1.6 Três Forquilhas. Nomeando o Vale

Três Forquilhas é o Rio que nomeia o município, que nomeia o Vale inteiro por ser o principal canal de drenagem por entre os morros. Com este nome (e forma) o município de Três Forquilhas é mantenedor de antiga nomenclatura, que servia para ilustrar o local de moradia dos primórdios colonos germânicos que ali se estabeleceriam (através da articulação do império) por volta do ano de 1824. Chegou a receber a nomenclatura de “Guanazes” quando ainda era um distrito do município de Torres. Atualmente aparece como um município coirmão de Itati, por diversos motivos: Os sobrenomes se repetem nos dois municípios, sem tamanha interferência das assinaturas lusitanas, como ocorre, de modo mais marcado, em Terra de Areia. As relações de parentesco e amizade, eventos, festas paroquiais, atividades esportivas, são mais efervescentes quando comparadas com (estes municípios e) Terra de Areia. O formato do território municipal é similar ao de Itati; se alongam pela orla dos rios que descem a serra, margeiam os contrafortes basálticos, parecendo o espelhamento um do outro. Com a semelhança física e a semelhança no modus operandi da economia, a agricultura familiar aparece como a maior força produtiva e vetor central das atividades antrópicas. Possui 13,29 % de sua população total em área urbana (IBGE, 2010).

1.7 Emancipações

A partir do município de Santo Antônio da Patrulha, um dos quatro mais antigos do Rio Grande do Sul, foram dando-se as divisões e emancipações que configuraram, ao longo de muitas décadas, a formatação atual das divisões municipais no Litoral Norte gaúcho e no Vale do Rio Três Forquilhas.

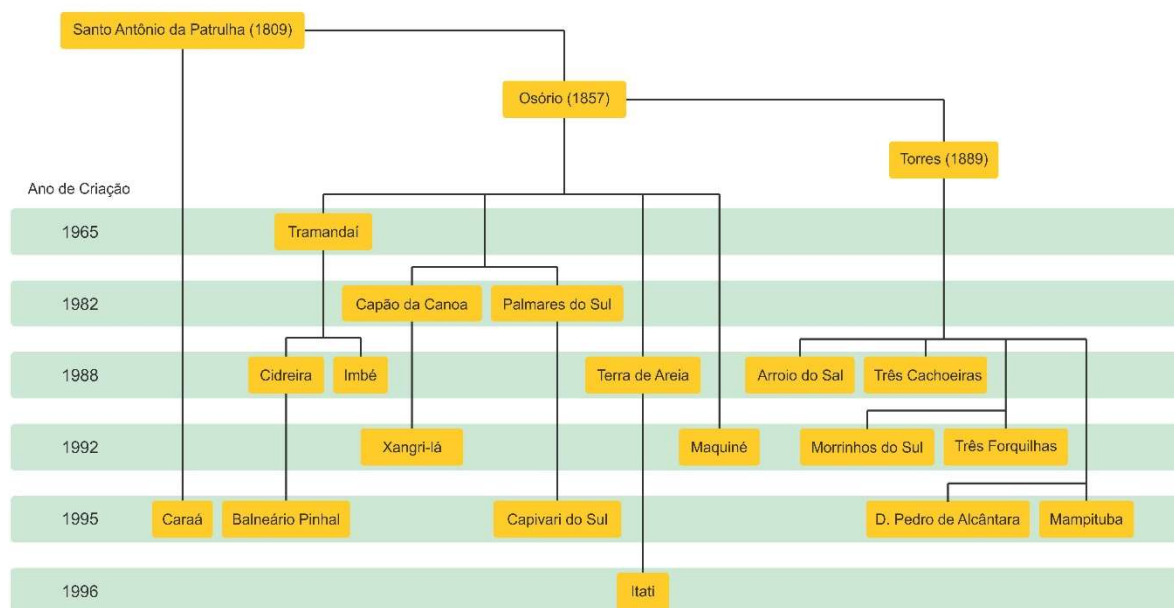


Figura 4: Esquema de emancipações a partir de Santo Antônio da Patrulha
Desenvolvido pelo autor.

1.8 Metodologia

De todo modo, como já foi visto, o trabalho de escrita, campo e análise não se dará somente acerca da existência do *Nihonma*¹¹ e da importância dos Galpões no contexto. Eles são a metáfora que ilustra o hibridismo na região da maneira mais inusitada, porém possuem a mesma relevância que o enxaimel dos teuto-brasileiros, as casas de comércio com altas platibandas, as palafitas dos pescadores, as casas dos afro-brasileiros quilombolas, presentes na região. A única ressalva seria a de que os Galpões estão mais presentes, em número, em pujança e variedade de uso. Devido a este fato, a metodologia aplicada no corrente trabalho traçará uma linha histórica, contemplando todos estes espaços a partir da influência de cada etnia na região (período de colonização), mostrando como cada grupo, com sua atividade econômica, representações sociais e estéticas influenciou para a formação desta paisagem cultural.

¹¹ Na tradução literal é entendido como “cômodo japonês”. Espaço de culto ao tradicional e típico da cultura nipônica, mesmo que dentro de uma residência ocidentalizada. Será descrito e trabalhado posteriormente.

A fotografia ganha uma importância para a geografia cultural na atual conjuntura acadêmica. A descrição dos ambientes sempre foi pauta seríssima na ciência geográfica. Não cai em detrimento da fotografia ou vice-versa. Complementam-se, mutuamente, representando uma linguagem contemporânea nos textos acadêmicos. As duas impõem uma característica sinestésica ao geógrafar: Uma pela forma, outra pelos sentidos do imaginário. Penso como natural o uso dos recursos visuais para melhor elucidar essas “identidades territoriais” e, principalmente, o hibridismo que ressignifica elas. Ocorrerão ao longo do texto, pois assim se dão as entrevistas; feitas de seu mote inicial, mas muito carregadas do inusitado, de algum objeto que deve ser lembrado (fotografado) sem um planejamento prévio

A etnogeografia (BONNEMAISON, 2002), também já citada no referencial teórico introdutório, enquanto conceito que leva em conta a importância das origens sociais da produção cultural, passa a ser também a nomenclatura mais próxima da geografia (e da metodologia) praticada nesta trajetória. Isso se deve pelo fato de que as duas formas de pensamento (a de BONNEMAISON e a deste estudo) levam em conta a etnicidade, ou o resultado de suas misturas, experiência e variações, como motivador dos sentimentos de territorialidade, diferenciação cultural (ou produção desta).

Os nomes e sobrenomes, bem como datas e localidades relativas aos encontros, compõem elemento substancial na trajetória etnográfica: A necessidade de citar os sobrenomes, enquanto experiência etnográfica, visa instrumentalizar a pesquisa em mais elementos étnicos e culturais, de alguma origem ou nacionalidade específica, evidenciados, algumas vezes, pelo nome da família visitada. Foram dispensadas assinaturas em formulários que “oficializassem” as entrevistas e da divulgação das informações, com o consentimento dos entrevistados.

Entende-se por etnografia participante “um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida” (ANGROSINO, 2009, p. 34). Portanto uma formalidade técnica, nos casos das visitas na área de abrangência desta pesquisa, poderia causar um afastamento entre pesquisador e interlocutores. A convivência estabelecida foi a mais informal e natural que as situações permitiram. Refeições cotidianas, como café da tarde e “pretinho” (somente o café, sem acompanhamentos), ou ainda refeições de cunho celebrativo/festivo, como churrascos, carreteiros e entreveiros, também foram observados em um viés de quem pratica, com os interlocutores, tais ações. O agendamento das visitas se deu, também, na seara da informalidade, com apresentação de fotos de Galpões e paisagens do Vale para os (pretendidos) interlocutores.

Muitas vezes, na trajetória, as sugestões de um ponto a ser visitado (um Galpão, uma pessoa que poderia “ajudar”, algo histórico) fora feita pelos próprios interlocutores. O fato de ter nascido na região (pesquisador), indubitavelmente, exerceu influência sobre o campo de pesquisa (interlocutores, locais visitados).

Quando Bonnemaïson aponta que “Não existe etnia ou grupo cultural que, de uma maneira ou de outra, não tenha se investido física e culturalmente num território” (2002, p. 97) está deixando evidente que a constituição da territorialidade (e antes disso a do território) é substancialmente vinculada ao ancestral (étnico) e, conseqüentemente representação sociais (cultura). Esta é a valia da etnogeografia para um recorte tão heterogêneo como o Vale do Três Forquilhas, sendo a epistemologia criadora e inspiradora da razão para as visitas e entrevistas no percurso investigativo. Bonnemaïson (2002) nomeia de abordagem cultural ou análise geocultural tudo aquilo que consiste em fazer ressurgir as relações que existem no nível espacial entre etnia e cultura “[...] nas sociedades tradicionais. Sobre um corpus de mitos e de tradições que, por sua vez, explica a organização simbólica dos rituais” (p. 102). Investigar estes pontos constitui um etnogeografia.

Entendo que este estilo/categoria de pesquisa (etnogeografia) aproxima-se, epistemologicamente, a “Etnografia e observação participante”, de Angrosino (2009) onde

Os pesquisadores qualitativos estão interessados em ter acesso a experiências, interações e documentos em seu contexto natural, e de uma forma que dê espaço às suas particularidades e aos materiais nos quais são estudados. [...] A pesquisa qualitativa parte da ideia de que os métodos e a teoria devem ser adequados àquilo que se estuda. [...] Os pesquisadores, em si, são uma parte importante do processo de pesquisa, seja em termos de sua própria presença pessoal na condição de pesquisadores, seja em termos de suas experiências no campo e com a capacidade de reflexão que trazem ao todo, como membros do campo que se está estudando. (ANGROSINO, 2009, p.9)

Neste mesmo trabalho explicativo de sua visão sobre a etnografia, Angrosino (2009, p.30) resume que “a etnogeografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano- suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. Posta sobre o viés geográfico (e com outros autores entalhando suas características e experiências nessa pedra original) o olhar sobre os grupos humanos torna-se comum aos estudos de linguistas, sociólogos, arquitetos, historiadores e muitos outros. Dentro destas possibilidades, a atual pesquisa se insere entendendo que a etnicidade, traduzida nestes comportamentos, instituições, produções e crenças, possui relação direta com o espaço, sendo influenciada por este e produzindo-o ao passo desta dialética.

Bonnemaison (2002) já colabora bastante para os entusiastas da etnicidade como elemento de influência no espaço. Cunhando a Etnogeografia, oficializa e auxilia na legitimação do uso dos aspectos culturais dos diversos grupos para a reflexão dos acontecimentos relativos ao espaço. Dentre estes, para o atual panorama desta escrita (abrangência e especificidade) a territorialidade ganha destaque natural, bem como as pertencas dos grupos e dos grupos entre si (o olhar externo de quem não é “do grupo”): Tudo isso constrói a etnogeografia de Galpões.

O carácter semi-estruturado em algumas visitas se dá devido ao que se busca de cada grupo (o dos japoneses, por exemplo, em sua relação com o nihonma, ou dos tradicionalistas com o Galpão), mas sobretudo propor aos interlocutores uma fala sobre o cotidiano e, indiretamente, uma não exotização de suas formas de vivência doméstica, já que isto representaria o oposto do que a tendência acadêmica, da qual é filiada esta pesquisa, buscaria tratar.

Considerar as várias denominações (terminologias) que os interlocutores possam vir a dar, tais (e trago estes pequenos conceitos de minha vivência cotidiana) como rancho, Galpãozinho, casinha, estrebaria, paiol, chacinha, garagem. Os motivos destas nomenclaturas e as possíveis origens (mundo do trabalho, tradição oral, etc) faz parte do método de pesquisa, pois através da participação, visitas e conversa, outros nomes e elementos podem surgir e adentrar no viés investigativo.

A descrição densa (GEERTZ, 2008) enquanto ferramenta de viabilização (realização) da geografia cultural pode ser uma rica experiência para a ciência. Os riscos, porém, são diversos; a descrição em si, como ferramenta de geografia tramita em meio ao juízo de valores, percepções particulares do autor em sua concepção de escrita, entre outros aspectos.

Considerando os riscos do campo (e das letras), em uma geografia cultural, uma descrição que trabalha com a paisagem deve levar em conta o fator tempo (somente um dos exemplos) para dar conta deste conceito em sua constante transformação, especialmente pelos diversos exemplos de sobreposições de temporalidades desiguais que surgem no campo de pesquisa.

As diferenças básicas que cada localidade ou municípios, dentro do Vale do Três Forquilhas, apresentam entre si precisam ser tratadas como fatores marcantes, visando a complexidade contida nesta porção espacial. É uma divisão de escala já dada pela política e jurisdição.

Ao pretender dar conta destas questões, a etnogeografia (BONNEMAISON, 2002), adotada como metodologia central destas reflexões, se coloca enquanto método investigativo importantíssimo para o entendimento e articulação da obtenção de dados no campo assim como

a etnografia participante (ANGROSINO, 2009), em um sentido de complemento explicativo da atuação do pesquisador quando nas visitas aos interlocutores.

O pensamento sobre um método semi-estruturado, ao momento da primeira versão do projeto, acabou se convertendo em uma modalidade de entrevista não dirigida, que, ao longo dos encontros, se mostrou fértil no que diz respeito aos dados, elementos simbólicos, ferramentas de trabalho, hábitos e subjetividades. As dificuldades (não aventadas no projeto ou primeiro capítulo) em relação ao encontro presencial, fotografias, citação de nomes e entrevistas ditaram algumas tendências e escolhas sobre alguns grupos, temas e alcances ao longo do trajeto.

Os quatro eixos sistematizadores para esta pesquisa dividem o trabalho, no sentido estruturante da escrita: Primeiro capítulo- Eixo Teórico/ Metodológico que visa abordar um conceito geográfico que será visto posteriormente, na descrição paisagem/histórico e nas apreciações de campo. Apresentar a área de abrangência estudada: O Vale do Rio Três Forquilhas, descrevendo a paisagem onde os diversos grupos sociais desenvolveram as transformações do espaço, as influências posteriores ao período das ocupações e um resumo prévio das diversas nuances paisagísticas destas experiências. Estabelecer, geográfica e conceitualmente, onde se dará a análise desta complexidade. A importância deste primeiro capítulo de introdução é, também, fundamentar teórica e metodologicamente a pesquisa, afim de que as categorias de análise utilizadas ao longo do trabalho se fixem em uma noção de conceito já trabalhado por esta ciência, indicada por um autor principal (para cada conceito) e suas possíveis variações, ou até oposições, quando estas se fizerem positivas para o desenvolvimento dos objetivos da pesquisa.

Segundo capítulo- Eixo Paisagem/Histórico será (majoritariamente) uma narrativa no passado, visto que as influências étnicas e o período de estabelecimento dos grupos se deram ao longo dos séculos passados no Brasil. Aprofundando na influência e presença de cada etnia na região, os modos de vida influentes, os usos do espaço e a sua transformação ao longo dos séculos de mistura étnica, esta será a temática que irá compor os diversos subtítulos deste eixo. A narrativa no presente aparecerá quando o conceito de hibridismo surgir, visto que este conceito suscita a mistura, as adaptações, incorporações, resistências ou exclusões, fatos frequentes na contemporaneidade desta pesquisa, período de trocas mais rápidas, emergência das mídias informacionais e temporalidade rápida, portanto de maior hibridização.

Terceiro capítulo – Etnogeografias do Galpão, será a etapa onde as falas dos (re) produtores das práticas sociais destes ambientes serão trabalhadas e postas frente aos conceitos. Além do cronograma efetuado, uma tabela com os tipos, formas e funções dos Galpões colocará

em comparação estes ambientes entre si. Alguns fragmentos do campo serão expostos, sendo narrados em primeira pessoa e no tempo presente. Usos e significados para seus proprietários e usuários, bem como a comparação do Galpão com as outras edificações da região e uma releitura dos conceitos após o exercício metodológico/ investigativo, tudo isso a partir de uma etnogeografia (BONNEMAISON, 2002) realizada na área de estudo, no Vale do Três Forquilhas. O hibridismo cultural, os sentimentos de pertença (se existem ou não), entre vários tópicos. Trabalhando com os relatos, oriundos das entrevistas não diretivas (MICHELAT, 1980), trazer para o texto o contexto do estudo, transpor para a análise, junto aos conceitos, o campo em si, as falas, os objetos, as representações e (re) produções culturais do espaço.

Quarto capítulo – O Hibridismo cultural, que conta com uma escrita sobre o empreendimento (étnico) no território, tendo as temáticas da identidade, território, paisagem e formas de agir, analisadas enquanto processo e propondo as considerações finais, onde os dados obtidos serão aporte material em um momento de reflexão. Do que é estipulado no início da escrita, passando pela metodologia e teorização, todo material coletado é observado como vetor de produção científica e reflexão sobre o espaço ainda sobre um viés geotnográfico. Cabe lembrar que as imagens produzidas durante a pesquisa (autorais ou de terceiros) permeiam todas as etapas da escrita, pois são componentes substanciais (inclusive teóricos) para o entendimento geral do tema, pois materializam e permitem a observação dos objetos, construção dos sujeitos, elementos suscitantes de etnicidade e também devido ao fato de que muitos termos (regionais em desuso/ lusitanos, germânicos, japoneses, afro-brasileiros, fronteiriços e gauchescos) precisarão de notas explicativas e também de fotografias.

O quinto capítulo busca elucidar a importância do híbrido para o entendimento da complexidade da paisagem cultural em estudo, sendo complementado pelas apreciações finais (capítulo 6).

2 APRESENTANDO O ESTUDO ATRAVÉS DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS.

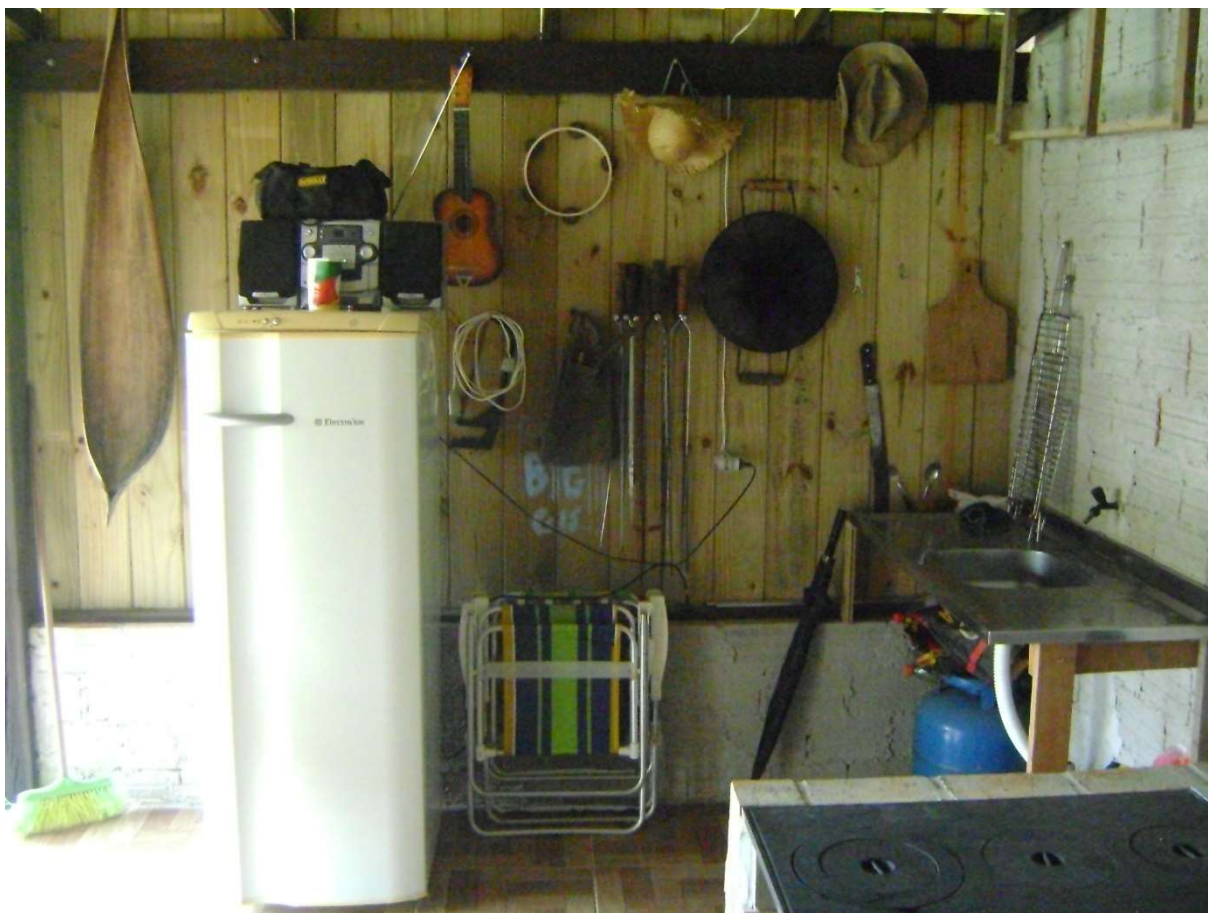


Figura 5: Galpão de Cleidi Ribeiro e Ediméia Pacheco

O descendente de alemães luta sumô. Alcança bons resultados em competições nacionais e internacionais. O jovem da comunidade quilombola pratica tiro de laço. Seu trabalho cotidiano na pecuária faz parecer fácil a simulação da captura dos bois no certame. Pergunto para uma senhora se ela é de origem alemã: “Polaca meu filho [...] Mas é tudo parecido, né? ”. Dom Pedro de Souza diz que “[...] a avó era bugra [...] foi pega a cachorro no mato”. Existe, de modo mais ou menos subjetivo, uma ideia de etnicidade e cultura nos habitantes do Vale do Três Forquilhas.

Pergunto para Maria Inaide Siqueira se ela se considera gaúcha: “Me considero gaúcha pelo Rio Grande do Sul. Mas nunca fomos. Assim, a cultura que eu tinha era que o pai tinha tafona, vaca de leite, boi, milho [...] Eu montava de forquilha”. Quando falo de meus interesses de pesquisa, ela me explica: “Por aqui a maioria tem um Galpãozinho nos fundos” (Relato de campo. Porto Alegre, 17 de outubro de 2016).

2.1 Geografia, Espaço e Cultura

Entender a cultura não somente como o folclórico/artístico, mas como toda produção que relacione o homem com o meio a partir da dialética necessidades versus recursos disponíveis é um exercício necessário. Sobretudo se o entendimento do conceito de geografia levar em conta a função desta ciência enquanto uma ferramenta de reflexão sobre as técnicas e a produção do espaço. É uma pauta (o de ver desta forma a cultura) que já vem sendo trabalhada por diversos autores. A gastronomia e a forma de enfeitar a casa (ou um cômodo, uma parte dela) também fortalecem sua expressão enquanto elementos culturais e representações sociais.

Uma peça da casa, ou até exterior a ela, enfeitada com objetos que outrora (ou em gerações anteriores) foram utensílios de trabalho é algo comumente visto em Galpões. Nos Galpões do Vale do Três Forquilhas não é diferente.

Em uma justificativa sobre uma geografia do habitar, o levantamento da produção acadêmica, feito de modo detalhadíssimo por Nabozny (2014), aponta um segmento e uma referência importante da geografia “humanista”, surgido a partir de uma aproximação do tema lar/habitat é referenciada através de Buttimer (1982), quando elucida que

Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa (BUTTIMER, 1982, p. 166).

Portanto entendo que a tendência etnogeográfica e participante a qual a presente escrita se insere está alinhada com a corrente acadêmica do contexto atual. Perceber o espaço, o território e a paisagem em escalas ainda (não tão) exploradas cientificamente.

Broek (1967), já relatava os debates dicotômicos das diferenças entre geografia social (que estudaria o grupos sociais) e uma geografia cultural (que analisaria os traços culturais) expõem:

Se a ênfase recai sobre os próprios traços ou complexos culturais e não sobre os grupos sociais, deveríamos falar de “Geografia Cultural”, expressão que conquistou ampla aceitação nos Estados Unidos. Por exemplo, esse campo incluiria a distribuição de religiões, línguas, técnicas, animais domésticos e plantas, tipos de casa e formas de aldeamento. A Geografia Cultural e a Social confundem-se forçosamente. É difícil imaginar um traço cultural sem os povos que o possuem, difundem ou recebem. E não podemos imaginar a sociedade sem seus atributos culturais (BROEK, 1967, p. 39).

Quando o autor fala em Estado Unidos, faz referência ao colegiado da Califórnia (Escola de Berkeley) e Chicago (esta última, muito influenciada pela Escola de Paisagem Alemã). Esta visão se aproxima de Bonnemaïson quando o mesmo afirma que “se é cultural é étnico” (BONNEMAISON, 2002, p. 97). Na fala de Nabozny (2014), quanto ao caráter identitário da cultura para os (novos) geógrafos (pois estes seriam os que construiriam ou dariam prosseguimento ao desenvolvimento da geografia), nota-se que

Nesse sentido, as pistas estariam justamente em novos perfis de geógrafos (as), frente às novas configurações sociais e epistemológicas, e essa novidade afetaria agudamente a Geografia, uma vez que, conforme destacamos, ela configura-se num debate profundamente arraigado às bases epistemológicas da Ciência Moderna. E que num momento (atual) de críticas internas à própria ciência, a emergência de uma pluralidade de bases epistemológicas na Geografia poderia estar, justamente, como uma síntese daquilo que permeou em diferentes momentos a própria Modernidade (NABOZNY, 2014, p. 33).

De fato, propor uma releitura sobre o papel da geografia cultural para a ciência é pauta de grande importância (e que o recente trabalho de Nabozny faz com grande êxito). Como o geógrafo brasileiro se insere nestes debates, e como chega a se sentir (em determinado ponto de sua trajetória) um geógrafo cultural? Este e alguns outros pontos são trabalhados por Nabozny (2014). Aporto-me especialmente naquilo “que permeou em diferentes momentos a própria Modernidade” (NABOZNY, 2014, p. 33): Lidar com um pensamento epistemológico de tal monta carece de fato de uma reflexão sobre as bases (não só da ciência, mas também) da sociedade. Visto que a modernidade carrega em si um tanto de complexidade (explorada à exaustão na obra de Foucault, e servindo de referência para a obra de Nabozny).

[...]sua história não é, pedra por pedra, a construção de um edifício. Será preciso abandonar essa dispersão à aparência de sua desordem? Ver aí uma sequência de sistemas conceituais, tendo cada um sua organização própria e se articulando somente, seja com a permanência dos problemas, seja com a continuidade da tradição, seja com o mecanismo das influências? (FOUCAULT, 2009, p.61).

Criticando a visão evolucionista clássica da história, Foucault propõe que o entendimento dos “conceitos base” das ciências (e que a sociedade humana), que ele nomeia como “disciplinas”, não deveriam levar em conta uma sequência história (no sentido de não poder prever os resultados das combinações culturais que ocorreram e ocorrem na América desde a chegada dos colonizadores e imigrantes; como se houvesse um modelo científico que fosse dar conta da complexidade que é a sociedade culturalmente híbrida, por exemplo): “Não se pode encontrar entre eles um sistema de ocorrência que não seja uma sistematicidade lógica?” (2009, p. 61). Os textos do professor francês só colaboram para o entendimento da

sociedade (atual, inclusive), pois a referida modernidade, enquanto conceito Foucaultiano, leva em conta, dentre outros processos, o hibridismo cultural, pois este está calcado não em ideologias puristas de representações sociais, mas sim em relatos de experiências antropológicas, etnográficas, históricas ou geográficas (estas últimas, no caso, transparecendo em minha escrita sobre a égide do conceito de paisagem cultural), me parecendo assim uma experimentação (cientificamente falando) mais prudente e realista.

Em uma ideia de cultura, trabalhar com a produção artística, por exemplo, é algo recorrente em muitos trabalhos geográficos. Quanto ao objeto de pesquisa (o Galpão enquanto um expediente de hibridismo) observa-se no imaginário do regionalismo gaúcho (e sobretudo na música) a utilização de termos relacionáveis com a geografia, que remetem ao regional, territorialidade, entre outros. Nesta pesquisa, em específico, o atributo de algumas músicas a ser aproveitado, enquanto referencial teórico, será o uso do termo Galpão, por vezes com uma importância introdutória dos capítulos, sem um peso de análise central no trabalho, pois a intenção não seria folclorizar a musicalidade e poética regional, mas sim aproveitá-la enquanto elemento ilustrativo do contexto cultural. Lembrando um dos mais destacados sites especializado em música gauchesca, que é o “Musica Gaúcha para Download”, nota-se que o sítio aborda diferentes correntes da música sulina, sendo, as principais, a tradicionalista¹² e a nativista¹³. Na lista de bandas ou compilações que têm ali seus discos disponibilizados para acesso (gratuito), os grupos que fazem referência ao Galpão em seus próprios nomes são os grupos “Canto de Galpão”, “De Tropeadas e Galpões” (coletânea), “Festa de Galpão” (coletânea), “Galpão Gaúcho” (coletânea), “Galpão Nativo” (coletânea do programa televisivo homônimo, produzido pela Fundação Cultural Piratini), “Grupo Alma de Galpão”, “Grupo Charla de Galpão”, “Grupo Cheiro de Galpão”, “Grupo Criado em Galpão”, “Grupo Galpão”, “Grupo Marca de Galpão” e “De luas e Galpões” (disco de Rubem Scholl) (Disponível em <http://musicagpd.blogspot.com.br/> acesso em 06/07/15). Entre referências do Galpão, enquanto

¹² Fenômeno social/antropológico do Rio Grande do Sul. Aquilo que o filiado a algum CTG, ou ao MTG, preconiza e busca a manutenção dos costumes e valores tradicionais. No Rio Grande do Sul este termo está intimamente associado ao gauchismo, CTG e MTG.

¹³ “O amor ao solo natal, que não foi dado gratuitamente: diferente de outros brasileiros, sabe o gaúcho que não foi um donatário, mas um conquistador”. Manifesto redigido por Barbosa Lessa (1954), em uma carta intitulada “O Sentido e o Alcance Social do Tradicionalismo”, disponível em < <http://www.mtg.org.br/historico/243>> Acesso em 19/06/15. Porém, ainda entendido como uma dissidência do tradicionalismo, esta nomenclatura pode indicar o movimento artístico musical que teve início com a primeira Califórnia da Canção Nativa em Uruguaiana (1971), concurso musical que deu início a uma série de festivais que ocorrem até hoje. Alguns tradicionalistas afirmam não apreciar o nativismo. Nestes concursos os músicos, letristas e poetas se diferenciaram dos tradicionalistas, pois suas canções não visavam somente a dança, mas primavam (e primam) pela poética e execução, trazendo temas universais e novos arranjos. A partir dos anos 1980, os artistas dos festivais nativistas passaram a trabalhar temáticas mais campeiras, como uma volta purista ao tradicionalismo (COUGO, 2012, p. 14).

elemento de regionalismo e identidade, o grupo Tambo do Bando, por exemplo, lançou em 2016 o disco “Com o pé no galpão e a cabeça na galáxia”.

Existe ainda um apelo muito grande por parte de outros grupos musicais que usam termos como “Fogo de Chão”, “Chaleira Preta” e outros elementos cotidianos de um Galpão para nomear suas músicas ou álbuns, assim como um uso em larga escala dos termos “Gaúcho”, “Crioulo”, “Campeiro” e “Do Sul”. Uma aproximação estatística de quantas músicas, somente no Rio Grande do Sul, usam o termo galpão demonstraria a exorbitância do uso deste termo. Não são abordadas em um capítulo específico nesta escrita, porém estarão presentes em epígrafes de alguns capítulos e como apêndices, justificando algumas falas sobre o Galpão no imaginário, no mundo do trabalho e representações sociais do Rio Grande do Sul e Vela de Três Forquilhas.

Em associação a este engendramento de autores e conceitos (hibridismo, etnogeografia, região, etc), a figura de Claval (2007), para esta conexão de desdobramentos acerca da cultura, se faz importante. Especialmente na ideia de paisagem cultural, enquanto categoria, os preceitos adotados com base para a designação “paisagem cultural” (tratado em subcapítulo a posteriori) tem por orientação a literatura de Claval. Sendo que a “cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação à sua existência e a dos seres que o circundam e formam a sociedade da qual se sente membro” (CLAVAL, 2007, p. 89). Além dos instrumentos necessários para os diferentes níveis de abstração na interação homem/natureza (existência material”), a fala de Claval em respeito ao que “se sente membro” ou da “inserção no tecido social” contribuem substancialmente para qualquer pesquisa que pretenda lidar com aspectos tangíveis e visíveis da paisagem, mas também não relativiza a importância determinante da pertença e da subjetividade das práticas. A corrente geográfica que leva em consideração estes aspectos da formação (visível ou não) do espaço fortalece o conceito de Paisagem Cultural.

Os subtítulos a seguir tratam previamente das inserções teóricas que serão incorporadas no contexto histórico (próximo capítulo) e nas apreciações de campo desta pesquisa (terceiro capítulo), buscando apontar e teorizar quais ideias básicas sobre cada conceito, pois constitui a lente para o olhar em campo que busca contemplar os objetivos e problematizações, e assim introduzir a temática principal: O hibridismo nas representações sociais em ambientes domésticos no Vale do Três Forquilhas constituindo a paisagem cultural.

De todo modo, o espaço geográfico, enquanto conceito fundamental da ciência, é entendido através das relações que o homem, através da técnica, desenvolve, surgindo a partir do ambiente doméstico, uma possibilidade de se analisar a categoria espaço. Santos (2006)

reitera o valor jurídico que as formas espaciais tomaram na vida ocidental moderna (a propriedade, os valores culturais regionais). O modo como o homem atua sobre este vetor existencial deve, inexoravelmente, ser influenciado pelos meios de existência.

A lei, o costume, a família acaba conduzindo ou se relacionando a um tipo de organização geográfica. A propriedade é um bom exemplo porque é, ao mesmo tempo, uma forma jurídica e uma forma espacial. A evolução social cria de um lado formas espaciais e de outro lado formas não-espaciais, mas, no momento seguinte, as formas não-espaciais se transformam em formas geográficas. Essas formas geográficas aparecem como uma condição da ação, meios de existência - e o agir humano deve, em um certo momento, levar em conta esses meios de existência (SANTOS, 2006, p. 48).

Se o “espaço-estrutura” (primeiro nível) não é vivido de maneira idêntica em todas as sociedades, precisando do estudo do “espaço vivido” (segundo nível) para ser contemplado (BONNEMAISON, 2002, p. 110), este último daria conta de todas as características de representações? A resposta estaria no estudo do “espaço cultural” (terceiro nível), que cartografaria, inclusive, uma determinada paisagem cultural.

A crença de que um estudo, ou a criação de um conceito, poderia determinar um modelo de análise para todas as eventuais ocorrências semelhantes no mundo inteiro (ou no interior de um recorte de análise) seria um risco. As experiências já realizadas no campo da geografia cultural dão, em verdade, mostras de como foi o campo, e de como este influenciou na escrita (ou na própria apreciação dos dados obtidos). Esta é a contribuição de Claval (2007), Bonnemaïson (2002) e Burke (2008) (somente para citar alguns) que, ao processo descritivo dos eventos registrados, já se apresentam como aporte teórico de novas pesquisas. A importância da participação em atividades cotidianas, teorizado por Angrosino (2009) como “etnografia e observação participante” auxilia e possibilita a descrição de diversos elementos existentes no campo de pesquisa, que só poderiam ser lembrados, ou suas presenças postas em âmbito científico, a partir de uma vivência na prática, no cotidiano dos interlocutores, e que pudesse prover a matéria para a descrição densa que revela os hábitos, sentimentos, ações e objetos produtores do espaço geográfico. O elemento “agir” (SANTOS, 2006), a partir do prisma geográfico, é um dos pontos a ser observado, e sua(s) valia(s) só se torna matéria científica quando experimentado e registrado na vivência participação (ANGROSINO, 2009).

Estudando o espaço no terceiro nível (BONNEMAISON, 2002) e sabendo da importância do segundo, o espaço vivido, também revisado nesta trajetória escrita, e do mais

estudado dos níveis ao longo da história da geografia, (o nível das estruturas), acredito que a emergência dos estudos culturais (não por surgirem recentemente, pois não o são tão novas assim, mas pela preponderância das outras perspectivas espaciais) pode ser uma possibilidade de incluir o interior (e a também na cidade, com os galpões no meio urbano) do Rio Grande do Sul nos debates sobre geografia cultural através do galpão, o espaço mais presente no imaginário dos Rio-Grandenses, pelo menos para os que se consideram gaúchos, e ainda mais para aqueles que não frequentam esta estética cultural (a do nativismo/tradicionalismo, tradinativismo) ,mas que, vez ou outra se encontram em galpões ou espaços com influências advindas das experiências dos Galpões, em nome de uma celebração diversa.

Bonnemaison destaca o momento da geografia cultural, que, como “[...] melhor o espaço, pensando-o em termos de estruturas, de relações sociais, de fluxos econômicos e de modos de produção” (2002, p. 85). Mesmo sendo cultural esta geografia não deixa de satisfazer questionamentos conceituais/ estruturantes de toda geografia (ao longo da história): A cultura tende a ser compreendida como uma outra vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, com uma “visão de mundo” que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço (BONNEMAISON, 2002, p. 86).

Para dialogar com esta importância que Bonnemaison dá para o campo cultural, penso na criação da estética de habitações (aspecto cultural), mas autenticamente, com o intuito de sobreviver (os primitivos gaúchos e matreiros), através, e com recursos naturais. Atualmente existe uma busca por uma estética semelhante, porém com outros interesses (decoração, distinção, rusticidade associada ao churrasco e informalidade): O Galpão enquanto espaço de eventos.

A função de tal trabalho nunca foi a de afirmar a existência de uma identidade “exótica”, “insular” ou “diferenciada”, mas através do caráter cultural que a geografia toma, as feições regionalistas surgem (BONNEMAISON, 2002), completam os textos, ilustram a cartografia destes espaços domésticos, produtores de representações. A feição dos galpões pode inteirar a geografia cultural.

2.2 Escala, Região e Cultura

Os Galpões podem ser entendidos como objetos que compõem os aspectos culturais existentes em um território culturalmente híbrido. Poderia ser este território toda e qualquer parte onde existem planícies, ou formas de trabalho associadas ao modo pastoril ou

necessidades de sobrevivência diversas. Muitas variedades de habitações poderiam ser denotadas: Do iglu feito pelo inuíte no extremo setentrional da América até as tolderias dos mapuches ou tribos argentinas, já próximos da Patagônia, passando pelas casas com influência europeia e africana, ao longo do continente. Poderia ser este território o Brasil, com suas choupanas, tabocas, malocas e demais variações de nomes, usos e características que a heterogeneidade étnica, cultural e de modos de vida causou. Poderia, ainda, visando um estudo, ser o tal território híbrido o estado do Rio Grande do Sul, em sua composição social variadíssima, que oscila entre a influência do modo de vida agropastoril, preponderante na parte meridional do estado e a ocupação massiva de lavradores de diversas nacionalidades na porção norte, permeada pela presença de três tipos básicos (com algumas ressalvas interpretativas) de “construtores do espaço geográfico”: O Ameríndio pampeano, o negro subsaariano e o europeu ocidental.

Dentro deste escalonamento de abrangências e entendimentos, seria impossível traduzir em um só documento tamanha variação, fenômenos, ocorrências e geografia de áreas de análise tão extensas e tão multiétnicas (por esta, a etnia, representa a origem de algumas diferenças culturais entre os grupos humanos). O recorte escolhido é específico em extensão, porém não menos hibridizado em etnia, cultura e construção do espaço. Esta é a escala da pesquisa: O Vale do Rio Três Forquilhas.

Ainda assim, pequeno em extensão, mas complexo em sobreposições de várias naturezas, temporalidades, etnicidades, dualidade em estética urbano/rural, uso e transformação do espaço, existe um “[...] entrecruzamento dos níveis de recortes[...] um complexo entrecortado de domínios de território [...] cada recorte é um plano do todo da escala que se expressa para o seu dominante como um nível de representação.” (MOREIRA, 2007, p. 92). Isto demonstra que a problemática da escala, enquanto conceito, pode revelar a complexidade e heterogeneidade dos objetos de pesquisa, pois se uma escala se expressa como um “nível de representação” (MOREIRA, 2007, p.92), o nível que se deseja contemplar com esta escrita é de âmbito cultural e regional.

Castro (2005), sobre a visão genérica acerca dos conceitos geográficos afirma que

A estratégia de fragmentar a produção por um novo e amplo quintal globalizado impõe novos patamares de negociações entre Estados e empresas, cuja decisão de localização final depende do desiderato das elites locais que os representam e do projeto de nação que elas têm em mente. É neste contexto que a escala do lugar adquire um papel importante e a representação local amplia bastante o espaço da sua política. (2005, p. 240- 241).

O entendimento da noção de escala, portanto, não se atém somente ao âmbito das categorias geográficas em si, mas também tange na esfera do planejamento estratégico, soberania nacional ou desenvolvimento econômico, apresentando diversas forma de agir dentro das variadas escalas e instituições.

Os objetos de pesquisa podem ser regionalizados sob diversos prismas, e ainda dentro destes “entrecortados de domínios”, quantas escalas de análise seriam possibilitadas enquanto forma de cartografia ou geografia? Estas representações, traduzidas em forma de capítulos temáticos, para cada especificidade, comporão uma etnogeografia, levando em conta o local (onde ocorrem), dada a conjuntura microregional (Litoral Norte do Rio Grande do Sul) de hibridismo sem deixar de considerar o global (aceleração da tecnificação dos meios) como escala importante na pesquisa.

Sobre a pauta da região, enquanto importante categoria nos estudos acerca da geografia cultural e humana, o recorte empreendido no caso deste estudo é o Vale do Rio Três Forquilhas. Composto por sobreposição e interação temporais e culturais, se encontra encrustado no Litoral Norte do Rio Grande do Sul: O litoral norte do Rio Grande do Sul, por vezes identificado como “litoral norte gaúcho”, (CUNHA, 2012, p. 50) é uma microrregião do estado que compreende 23 municípios, segundo apontamento da Associação dos Municípios do Litoral Norte (CUNHA 2012). O Vale do Três Forquilhas encontra-se na porção norte do Litoral Norte, possuindo terras nas “duas paisagens bem definidas: a planície costeira formada por campos, capões, lagoas e banhados; e, a encosta oriental do Planalto Meridional, ou Serra Geral, coberta por flora de Mata Atlântica” (CUNHA, 2012, p. 19).

A região, para os objetivos traçados aqui, e enquanto conceito, pode ser entendida como uma mediação do “[...] mundo subjetivo e o conjunto das representações subjetivas, organizado em saber e em ciência” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 89). É abstrata quando se nota que não existem barreiras físicas, linguísticas ou restritivas, como se nota entre o Vale do Três Forquilhas e o Vale do Maquiné¹⁴. A rodovia federal BR-101, motivo da aglutinação de moradias e comércios na altura do quilômetro 49- 50 (Terra de Areia), diferenciou os municípios mais próximos (Itati e Três Forquilhas) daqueles outros de mesmo porte, da encosta norte/noroeste da Serra Geral Gaúcha, estes por não possuírem um vínculo de trabalho, comércio e temporalidade tão marcado pelo tráfego de produtos e pessoas que a rodovia causava

¹⁴ Sobre o exemplo do vale vizinho: São próximos um do outro, fazem parte da mesma região, porém apresentam algumas diferenças na paisagem cultural (sobretudo a rural), como maior pujança do ecoturismo no Vale do Maquiné e uma presença mais antiga da tecnificação na agricultura. A multiplicidade do elemento étnico se mostra, contudo, forte nos dois Vales.

(causa). O elemento familiar no Vale do Três Forquilhas, ao longo das gerações herdeiras da hibridização cultural (que também ocorreu nos Vales vizinhos) fez dos três municípios próximos uma espécie de “parentesco territorial” (também pela repetição de sobrenomes nos três municípios) em um sentido cultural e de microrregionalidade. Pertença esta que, mesmo implícita nas falas, remete (justamente pela familiaridade) os moradores da região a um imaginário do pseudoprogresso que a rodovia federal representa, assim como tudo foi se tornando relativo ao rápido, novo, urbano, industrial, moderno e logístico. É a microrregionalidade das diferentes temporalidades.

Este fato, o de possuir terras nas duas paisagens disponíveis na região, proporcionou ao Vale do Três Forquilhas uma grande variação nos usos do solo para os cultivos, permitindo a ocupação de variados grupos étnicos, estes podendo reproduzir suas formas de trabalho, frente aos possíveis modos de trabalho que o meio natural proporcionava. Assim se constituem histórica e regionalmente os municípios do Vale: Itati, Três Forquilhas e Terra de Areia.

Sobre esta “microrregião” do estado, especificamente, diversos autores já intentaram definições científicas, espaciais e históricas. Ao longo deste capítulo, e a partir dos respectivos conceitos, teorização e apreciações de campo, as referências já existentes sobre o Vale do Três Forquilhas aparecerão, através das temáticas já tratadas por outros escritores e suas contribuições científicas para um descortinamento da paisagem cultural.

2.3 Território e Cultura

Para este conceito, primordial para a geografia, os referenciais utilizados ao longo a escrita serão as compreensões teóricas de Raffestin (1993) e Bonnemaïson (2002). A opção por estes autores fica justificada pela reflexão ao poder como elemento substancial do conceito e a importância da etnia na constituição de territórios e territorialidades, respectivamente para Raffestin o território

Não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há portanto um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder [...] (1993, p. 7-8).

Para Bonnemaïson "Desterritorializar uma etnia é a melhor maneira de vê-la desaparecer para se fundir num magma sociológico" (2002, p. 107). É relativo ao pensamento de Raffestin: Se um grupo humano (Bonnemaïson lembra o modelo mais clássico dos grupos: a Etnia) é

destituído de seu território, o desaparecimento se torna uma constante, sobretudo pela dificuldade em se manter as tradições e vínculos culturais (o caso mais simbólico neste momento histórico é o dos Sírios). Por outro lado (o que também remete ao poder) “[...] não existe etnia ou grupo cultural que, de uma maneira ou de outra, não tenha se investido física e culturalmente num território” (BONNEMAISON, 2002, p. 97).

Sendo o poder o maior vetor de constituição dos territórios, “O Estado, esta fórmula de organização da sociedade, foi o sujeito protagonista da história política pelo menos dos últimos duzentos anos” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 95). Entende-se, neste cruzamento de ideias e autores, que ele (o estado) é o modelo de território vigente na contemporaneidade, pois apresenta (além da onipresença de sua forma, entre variações de regimes) o fator “poder” dentro de seus limites.

Existe na construção do espaço geográfico uma sobreposição de territórios em escala e hierarquia denotadas (estados). Esta pesquisa se insere nestes territórios que podem ser vistos a partir do entendimento da escala, sendo que prioriza as observações das características culturais de um ponto em específico: O Vale do Rio Três Forquilhas.

Se, dentro do prisma da análise conceitual acerca do Galpão, e tendo entendido este como um atributo de território dos tradicionalistas (especialmente aqueles vinculados à algum CTG¹⁵) “[...] a ideia de território fica então associada à ideia de conservação cultural” (BONNEMAISON, 2002, p. 111). De fato, esta denominação “conservação cultural”, quando posta frente aos conceitos e subdivisões do hibridismo cultural (BURKE, 2008), como resistência, adaptação, parece muito relativa e associada a estes fenômenos. Se houver a imposição de alguma resistência em determinado espaço ou área, mesmo que esta seja em microescala (ou nano), já se territorializa esta porção, pois atuou poder. A segregação cultural, exemplificada por Burke (2008) com o caso dos cômodos japoneses dentro das casas totalmente ocidentalizadas, é o mote do projeto precursor desta pesquisa, pois alguns brasileiros meridionais, em suas propriedades, propõe um cômodo separado da casa, onde reproduzem usos peculiares, ou atribuídos ao tal cômodo em que se encontram, quando comparados com os hábitos no interior da casa em si. Esta é a função de muitos Galpões no Rio Grande do Sul. Porém assim como o cômodo com estética típica japonês dentro de uma casa totalmente

¹⁵ Sigla para Centro de Tradições Gaúchas. É um agrupamento de pessoas que cultua as práticas dos primitivos ocupantes do Brasil Meridional, de forma celebrativa e regrada, sua existência e a reprodução destas práticas. Entre as principais práticas encontram-se a bebida típica (O chimarrão), a gastronomia (Basicamente o Churrasco), a musicalidade (Vaneirão, xote, Bugiu, Chimarrita, chamamé, etc) e o laço comprido. “[...] E, através dos Centros de Tradições, o Tradicionalismo procura entregar ao indivíduo uma agremiação com as mesmas características do “grupo local” que ele perdeu ou teme perder: o “pago”. Mais que o seu “pago”, o pago das gerações que o precederam” (CIRNE, 2006, p. 40). O primeiro CTG de todos é o “CTG 35”, fundado em 24 de abril de 1948, na cidade de Porto Alegre. Entre os principais nomes da época da fundação “lembra-se Barbosa Lessa, Flávio Ramos, Guido Mondin e Glaucus Saraiva” (ROSA, 2013, p. 12).

ocidentalizada, os Galpões, e os diversos outros espaços de produção de representações sociais, apresentam características híbridas (Conservação, resistência, adaptação ou segregação), cabendo ao trabalho etnogeográfico (Ver “Etnogeografias do Galpão”) o detalhamento dos usos diferenciados destes ambientes, quando comparados ao estilo arquitetônico (pseudo) modernizador das casas e do modo de vida.

O Galpão não é apenas um espaço de armazenamento ou aparelho de trabalho, mas um elemento cultural e de representação social. A figura do mito, da estética que remeta aos padrões de ancestralidade, importante para a criação de pertença e sentimento de grupo cultural, citada inclusive por Bonnemaïson (2002), aparece nesta comparação, sendo de maior valia para o Nihonma (cômodo típico japonês, literalmente traduzido). Na casa de alguns nipo-brasileiros do Vale do Três Forquilhas o Nihonma está dentro da casa, com decoração e aparência totalmente oriental, envolto em cômodos e preceitos estéticos totalmente inseridos no modismo ocidental judaico-cristão. Está é a complexidade proposta por Burke ao nomear este processo de segregação cultural. É um estudo de territorialidades em uma escala peculiar.

Levando em conta a influência da ruralidade envolvida (ou que envolve) nestes acontecimentos (visto que os mesmos ocorrem em um recorte marcado pelas atividades agrícolas), Redfield explicitou claramente critérios para definir aquilo que designava como “little comunitiy”. Essas comunidades rurais se caracterizavam tendo por base quatro critérios:

- a) a distinção territorial – a organização da vida comunitária estruturava-se em torno de um perímetro territorial bem definido, no qual se desenvolvia a estabilidade e a harmonia da vida rural; b) a homogeneidade – as actividades e os estados de espírito são similares para todas as pessoas que constituem a comunidade (independentemente da geração, do género...); c) o tamanho – são comunidades pequenas quando comparadas com a dimensão populacional das maiores cidades; d) tendem a ser auto-suficientes (REDFIELD, 1989 [1960]: 4).

Estes brasileiros meridionais (que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo, globalizando a ocorrência de Galpões) ao praticarem o lugar (CERTEAU, 1998), ao territorializarem, dentro do que se chama espaço vivido, constroem a sua cultura. Para dar conta disso, a perspectiva sobre tais relações espaciais teve de ser a da geografia cultural. O galpão pode ser território quando vinculados às leis do CTG. Pode deixar de ser um simples lugar dentro da casa, ou dentro do bairro/ condomínio quando é praticado. Passa a ser paisagem (cultural?) quando alguns padrões (mesmo quando propagados de maneira informal) se revelam frente aos olhos e a expectativa da tendência estética/arquitetônica contemporânea. O galpão pode ser a tentativa da distinção social (BOURDIEU, 1979) da pequeno-burguesia, mudando a função inicial (etimológica) de trabalho e sobrevivência que tal edificação possuía,

estabelecendo um desdobramento, variação da história da luta de classes, que se evidencia das maneiras mais curiosas (in) autênticas e instigantes, tanto no sentido científico/acadêmico, quanto para as experiências cotidianas.

Diante deste contexto, a construção do território, se processa em todas as escalas, desde “microterritórios” como uma casa, uma rua até a constituição da superestrutura do Estado que fiscaliza, delimita, regula e constitui-se como um macro- território. Em todas estas ações existe uma parcela de energia empregada e uma dose de poder que delimita, regula, proporciona a apropriação do espaço transformando-o em território. (REIS, 2012. p.6).

Aportado em Raffestin (1993), Haesbaert (2006), Foucault (1979) (este, por tratar de "microfísica do poder"), e com o intuito de revisar os vários teóricos do espaço, território e territorialidades, Reis (2012) propõe o uso do termo "microterritórios", e ainda exemplifica dentro de um pensamento escalar (como uma casa). Se existem inúmeros conceitos geográficos, a casa (e suas variações de nomes e usos) figura entre eles, não alcançando, essencialmente, um patamar de conceito, mas sim um vetor de possibilidades conceituais, podendo ser estudado "enquanto espaço", "enquanto lugar", "enquanto microterritório", e ainda outras incontáveis conceitualizações que lhe podem ser atribuídas.

A ideia de Bonnemaïson (2002) é de que as sociedades contemporâneas tensionam suas experiências entre território e espaço. A reflexão se uma cidade no interior do Rio Grande do Sul é pré-mecânica, pós-moderna ou tradicional carece de algumas considerações: Espaço e território, em uma dualidade, apresentam um conflito "portador de significados contrários [...]" (BONNEMAISON, 2002, p.129). O fato de uma cidade que possui certos atributos étnicos (mesmo que híbridos, recentes em historicidade e rugosidade) em nome de um ideário "tradicional" faz dela uma comunidade tradicional? Acredito que não. O conceito de comunidade artesanal leva em conta outras características. O tradicionalismo como movimento não é sinônimo de tradicional. O tradicionalismo praticado por alguns moradores do Vale do Três Forquilhas (e no caso especial do Galpão e de seus autointitulados praticantes, os gaúchos, que, dentro dos municípios que abrangem a pesquisa, se concentram em maior número no município de Terra de Areia) se reproduz por meios "tradicionais", mas também pós-modernos, como as redes sociais, em páginas específicas para tal tema, principalmente na rede social virtual mais famosa da atualidade, o *facebook*¹⁶.

¹⁶ O facebook é um site classificado como uma “rede social”, lançado em 4 de fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg, tendo o intuito reunir pessoas de diferentes lugares em um único ambiente virtual, sendo uma plataforma idealizada para aproximar ou estreitar as relações entre os indivíduos usuários.

2.4 Etnia e cultura

Para uma pesquisa sobre territorialidade em uma área de abrangência tão multicultural, referenciais que tratam do étnico e da (re)produção cultural são necessárias: Tal qual o conceito de território e espaço, que é tratado por Bonnemaïson (2002), também se faz primordial para um entendimento de identidade de um grupo que, por vezes carrega os traços de suas respectivas etnicidades muito fortemente em suas ações de transformação do espaço. Etnia e território se relacionam intimamente. As propostas de Bonnemaïson permeiam constantemente esta pesquisa, justamente por este tratar, dentre outras temáticas importantes para a geografia, de etnia, território e etnogeografia¹⁷. A nomenclatura “análise geocultural” também é alcunhada por Bonnemaïson (2002) para abarcar as pesquisas que visam entender o espaço engendrando conceitos e categorias de análises do campo da cultura, representação social, sentimento de pertença (o que levaria, inexoravelmente, ao território). A análise do espaço nestes termos leva em consideração o que cada grupo social (que podem ser entendidos enquanto etnias) contribuiu para a transformação e revalorização do espaço. Cada grupo com seu cultivo; sejam os índios, donos de tudo e de sua tradição oral, os negros, trabalhadores incansáveis (em regimes de trabalho já bem trabalhados pela história), os ibéricos com sua pesca, pecuária e tafonas, os germânicos com policultura, suinocultura e moendas, ou ainda os nipônicos modernizando o cultivo de verduras, legumes e flores em Itati e os italianos, mais recentes na ocupação. Ao longo do tempo estes grupos se hibridizaram e formaram um panorama complexo em relações e processos. Tudo isso implica em geografia. Tudo isso implica em etnia.

Propondo um diálogo de Bonnemaïson (2002) com Canclini (2007), nestas considerações o sentido híbrido, por si só já leva em conta a etnia. Mesmo que trate de grupos oriundos do mesmo território nacional aponta uma característica local (na especificidade) ou regional (“em que região os homens começam a modificar os hábitos em relação aos outros? ”; suscitando ocupação, hegemonia, formação de grupo, hierarquia, identidade territorial, entre outros aspectos).

Canclini (2007, p. 56), ao relatar alguns grupos étnicos que formam a nacionalidade argentina, citou árabes, judeus, espanhóis e gaúchos. Interessante e produtivo para se analisar tal escrita: O famoso escritor do hibridismo usa conceptualizações religiosas para definir os grupos formadores do país do Prata; ao invés de falar “poloneses, israelitas e ucranianos”, para o caso dos judeus, ou de falar “jordanianos, sírios e libaneses” para os árabes, Canclini utiliza

¹⁷ Esta, enquanto uma etnografia conceitual, torna-se importante, no contexto do campo, como a forma e metodologia de pesquisa e análise dos dados da pesquisa.

outra nomenclatura. Talvez para resumir, dinamizar tantas nacionalidades. Talvez devido aos preceitos étnicos pesarem mais, no sentido híbrido/cultural sobre estas nomenclaturas (árabes/judeus), do que para simples gentílicos nacionais. Já o fato de apontar os gaúchos (enquanto grupo, e não como etnia) como parte formadora da nacionalidade argentina me leva a crer que Canclini considera o hibridismo étnico (fato fundante da existência gaúcha) indissociável destes povos meridionais do período colonial. Sendo assim, a nacionalidade argentina, por exemplo, é um híbrido de híbridos, tanto étnicos (que já é um aspecto cultural) quanto culturais.

A produção de galpões (um exemplo de habitação, não étnica, em um só sentido, mas sim híbrida) advém de várias etnias que, deslocadas, tecnicamente, de seus modos de vida, criaram, experimentaram e desenvolveram experiências singulares, semelhantes, somente, aos grupos encontrados em outros países, que são coirmãos, não em línguas ou proximidade, mas em topografia (plana), modo de trabalhar a terra, e gastronomia. Dividem o modo de vida ginete¹⁸, mas não o mesmo território. São os llaneros, cowboys, huasos, entre vários outros. Sobre gêneros pastoris, enquanto influência para a presença dos Galpões, será tratado a posteriori.

As ocorrências híbridas possuem influência étnica. Neste caso, para o litoral do Rio Grande do Sul, o erro que não se pode cometer é omitir o hibridismo enquanto fator de maior valia para a composição de tal paisagem cultural lá vista.

2.5 Paisagem Cultural

Segundo Salgueiro (2001), a ideia de paisagem esteve presente desde o século XIX nos estudos geográficos alemães, quando estes tomaram contornos de oficialidade. O autor ressalta que o termo *landschaft* dava conta apenas dos aspectos físicos ou territoriais, pois em um esforço de tradução para o português o mesmo pressupõe uma ambiguidade: Se de um lado existia uma “porção limitada da superfície terrestre cuja com unidade de aparência”, também podia-se traduzir como “porção do espaço como percebe o observador” (SALGUEIRO, 2001).

Neste contexto Otto Schlüter desenvolve a ideia de *Kulturlandschaft*, ou paisagem cultural, em detrimento da tendência que existia na Alemanha, em tal momento histórico, que excluía a influência do homem do debate sobre as feições da paisagem (RIBEIRO, 2007).

¹⁸ Palavra oriunda do termo “Zeneti”, utilizado pelos povos do Magreb para designar bons cavaleiros ou bons cavalos. Tribo de cavaleiros. Relativo ao homem que anda montado.

Advindo desta corrente então surgida, Sauer (1998, p.59) idealiza que “a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado”, como uma forma de sintetizar esta variação de entendimento do conceito “paisagem”.

Por ter uma temática voltada com maior ênfase em um objeto e, obviamente, as ações acerca dele, o Galpão (enquanto uma edificação) acaba sendo um forte motivador da escrita, apresentando variações sobre si mesmo (enquanto conceito) ao longo da escrita. Logo, o conceito de paisagem também se faz construtor de um pensamento sobre a (re) produção cultural na área de abrangência da pesquisa.

Foi a partir de 1960 que os autores começaram a se preocupar academicamente com termos como a “geografia cultural” e “paisagem cultural” (não somente para atributos campestres ou folclóricos). Porém a fala de outros autores já é bem oportuna para o estudo de uma prática interiorana. No caso, Wagner e Mikesell (2007) ressaltam que

O estudo da paisagem cultural serve, simultânea e inseparavelmente, a diversos fins diferentes. Independente da sua função de descrição sistemática proporciona uma base para classificação regional, possibilita um insight sobre o papel do homem nas transformações culturais e de comunidades culturais em si mesmas. Busca diferenças na paisagem que possam ser atribuídas a diferenças de conduta humana sob diferentes culturas e procura desvios de condições “naturais” esperadas, causados pelo homem. (In. STIGLIANO; RIBERIO; CÉZAR, 2011, apud WAGNER; MIKESSELL, 2007, p.36)

O perfil aparente da cultura nos Três municípios do Vale do Três Forquilhas se dá através de sua paisagem cultural. Na acepção correta desta expressão (ainda mais na região estudada) o mais adequado seria utilizar “paisagens culturais”, visto que uma unidade paisagística, mesmo em um recorte relativamente pequeno, não existe. O que existe são algumas tendências, influências e gêneros que se repetem, dependendo do programa de necessidades de cada propriedade.

Em suma, esta pesquisa irá propor um entendimento da paisagem cultural do Vale do Três Forquilhas como uma paisagem genuinamente heterogênea e hibridizada, tendo por maior aporte os estudos de Claval (2007).

Os estudos de outros teóricos sobre o conceito ainda levará em conta a referida diferença paisagística (dois tipos diferentes) no Vale, já apontada por Cunha (2012), onde as duas paisagens básicas na área de estudo também influenciaram (e influenciam) na composição cultural e paisagística, cuja relação homem/meio natural estabelecida entre os indígenas e, posteriormente, os colonizadores culminou em um contexto de diversas influências, de variadas

matrizes étnicas e diferenças temporais ainda visíveis: A área de campos e várzeas ao leste do Vale, e a parte do vale encaixado (oeste do Vale), com escarpas e mata atlântica.

Este panorama múltiplo gerou uma série de elementos, objetos, artefatos, que Bonnemaïson (2002, p. 124), entende como geossímbolo pois tratam-se de “uma forma de linguagem, um instrumento de comunicação partilhado por todos e, em definitivo, o lugar onde se inscreve o conjunto da visão cultural”. Os possíveis geossímbolos existentes no contexto da pesquisa serão observados em comparação conceitual com os semióforos, que, Segundo Pomian (1985, p.95), são artefatos ou objetos que não têm utilidade de trabalho, propriamente dita, “mas que representam o invisível, são dotados de um significado, não sendo manipulados, mas expostos ao olhar”. É uma comparação sobre práticas domésticas (a maior parte será registrada no interior das construções), elucidando a paisagem cultural como um conceito que pode ser atribuído em escalas menores, tendo implicações na estética da propriedade. Ainda podendo ser lembrados como “mito da fundação” (CHAUI, 2000), atendendo a “necessidade de rituais” (CLAVAL, 2007). Todas estas especificidades, ao longo do campo revelam relações espaciais, ou ainda de territorializações, que ocorrem, muitas vezes, sem serem percebidas como tais.

A afetividade, subjetividade dos grupos sobre seus territórios também foi tema de Bonnemaïson para explicar a construção do espaço:

Assim, entre a construção, a função simbólica e a organização do território de um grupo humano, existe uma inter-relação constante e uma espécie de lei de simetria. A paisagem é um primeiro reflexo visual disso, mas toda uma parte permanece invisível porque ligada ao mundo subjacente da afetividade, das atitudes mentais e das representações sociais. (BONNEMAISON, 2002, p. 106).

Sobre a temática da simbologia, Smith (1997) entrelaça com um pensamento sobre o sentimento de identidade nacional, propondo que este também é produzido:

Estes símbolos e cerimoniais estão tão integrados ao mundo em que vivemos que, na maioria dos casos, não percebemos. Entre eles figuram os atributos evidentes das nações (bandeiras, hinos, desfiles, moedas, capitais, juramentos aos mortos, cerimônias em recordação aos mortos pela pátria, passaportes, fronteiras, etc.), assim como aspectos menos latentes (como as afeições nacionais, a paisagem, os heróis e heroínas populares, os contos de fadas, a etiqueta, os estilos arquitetônicos, o artesanato, o planejamento urbano, os procedimentos legais, as práticas educativas e os códigos militares), que são costumes, estilos, e formas de se comportar e sentir peculiares que são compartilhadas pelos membros de uma comunidade de cultura histórica (SMITH, 1997, p. 70).

Fica marcado neste trecho que a ideia de que a cultura, ou os símbolos culturais (elementos pictóricos) da paisagem cultural, não são propriamente da origem autêntica do “povo”. Podem até aparecerem em seus matizes da vontade popular, mas de certo modo, existe a possibilidade de que alguns sinais de cultura e identidade tenham sido trabalhados enquanto elementos de construção identitária. A cultura como uma criação. Logo, a paisagem cultural também poderia ser entendida como uma criação ou um arranjo, com mais ou menos influência da vernaculidade, diferentes temporalidades ou fatores externos que a situação geográfica de um território possa apresentar. Naturalmente um híbrido.

Entendendo que para o caso do Brasil, dada as dimensões, o imaginário do regional possui relevante efervescência no que diz respeito aos processos de construção de simbologias. Como o caso da citação de Smith faz referência ao patamar do território em uma escala maior (*La identidad nacional*) deve-se levar em conta a proposta de análise do hibridismo e paisagem cultural, bem como lembrar da importância conceitual dos diversos estudos sobre a identidade regional do Rio Grande do Sul, já referenciados neste trabalho (OLIVEN, 2010; NUNES, 1993; GOLIN, 1983; MACIEL, 1994; CÔRTEZ, 1975),

2.6 Lugar e Cultura

Entre Augé e De Certeau existe um diálogo que expõem o conceito de lugar e não lugar. Segundo Augé (2006), o uso é o que vai estabelecer se tal objeto de análise será lugar ou não lugar. Partindo do princípio de que tudo o que é visto nesta pesquisa é oriundo de algum lugar, está sobre a égide do lugar, ou pelo menos carrega sua influência cultural, ainda que, mesmo que constantemente reinventados e revisitados, os diversos tipos de habitações dos grupos sociais vistos no recorte desta pesquisa são praticados. Para Certeau lugar é “[...] uma configuração instantânea de posições. Implica uma relação de estabilidade” (1998, p. 201).

Sobre a luz da reflexão Galpão/lugar X Galpão/não lugar, a melhor referência para o raciocínio seria Augé (1994), pois quando entende que o “princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa” (p. 51), sendo assim conceitua lugar sendo “apenas a idéia, parcialmente materializada, que têm aqueles que o habitam de sua relação com o território, com seus próximos e com os outros” (1994, p. 54-55).

Pensando em um produtor rural, ou proprietário de um Galpão receba pessoas para promover turismo rural; para ele o Galpão continuará sendo o seu lugar, onde ouviu do pai ou do avô as bravatas de valentia, das carnações, lidas com animais e festas. Pensando, hipoteticamente, na situação do turista, de todo modo, consumindo este capital cultural,

pagando por uma tendência de turismo que cresce e está em evidência por seus atributos de Galpão (o exótico, a gastronomia regional, o bucólico e antiestresse, oposto das vivências urbanas) vê tudo aquilo com valores similares de quem olha para a loja de um shopping, um parque aquático, um quiosque na orla atlântica. Vê produtos. Pode-se, aqui, aventar uma aproximação do Galpão com a ideia de não lugar, ou ainda alguma possibilidade desta categoria de construção ser próxima ao conceito geográfico. Não desconsiderando a identidade implícita (mesmo que “refeito” por aquele que o empreende), dentro das complexas sensações que suscitaria, o Galpão, em suas origens interioranas, apoia-se na lembrança da infância, da simplicidade e dos “valores a serem passados” para as novas gerações. Potenciais clientes do hipotético dono do Galpão, traduzido em nicho de mercado por serem e (ou) estarem em contexto urbano, poderiam consumir diferentes tipos de Galpões; dos reconstruídos e enfeitados, aos que ainda servem como ambiente de trabalho: São todos Galpões.

O objetivo desta pesquisa não é o de elucidar ou incentivar o turismo rural (na região do Vale do Três Forquilha esta prática ainda é pouco desenvolvida), mas foi uma hipótese baseada em perspectivas científicas, experienciadas “naquele que observa”, ou “naquele que é observado” (AUGÉ, 1994). De certo modo, os poucos estudos de campo, quando excursionam pelo Vale propiciam esta experiência.

Oliveira e Monios (apud MONTEIRO, 2013) entendem Vernaculidade como “o que é próprio do lugar, identificado por meio do agenciamento dos espaços, dos materiais e técnicas construtivas, da forma arquitetônica gerada e, em especial, do modo de morar, revelando o que é tradicional” (p. 344). O fato dos autores citarem “lugar” implica, para os geógrafos (frente aos cientistas de outras áreas), um preço mais caro, pois existe uma tradição de debate e conceitualização do termo em seu uso: Santos, nos albores da emergência das mídias informacionais da virada do século, afirma que “Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 2005, p. 161).

A emergência do lugar no contexto da globalização (que Milton Santos chegou a alcunhar como “globalitarismo”), ao mesmo tempo homogeneizante frente aos contextos de megalópoles e não lugares, traz a heterogeneidade da experiência e da fala de especialistas em pesquisa de arte e cultura visual (OLIVEIRA; MONIOS, apud MONTEIRO, 2013), pois esta remete ao conceito de vernaculidade enquanto influência na constituição do perfil das casas (construções, autenticidade X reprodução) levando em conta a situação sócio econômica e regional do dono/construtor e também do que é próprio do lugar (materiais e técnicas de construção), sendo compatível com a fala de Santos:

Tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar (SANTOS, 1994, p. 97).

O lugar está intimamente ligado aos objetos e representações que foram constituídos, experimentados e criados em uma escala que o global (ainda) não cessou. O lugar, através deste sistema, influencia alguns elementos das construções e ambientes domésticos;

A casa do homem pobre possui uma arquitetura espontânea, muitas vezes sem planejamento do perfil arquitetônico, portanto as classes populares são titulares de “uma participação direta e efetiva na concepção e construção de sua morada –, pois tem maior legibilidade devido à indissolubilidade entre ambos no processo de sua realização e apropriação” (OLIVEIRA; MONIOS, apud MONTEIRO, 2013, p. 345).

Se recriando e sendo alternativa (dentro de sua autenticidade, como na citação acima) para os padrões estéticos de toda a natureza capitalista. “É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar” (SANTOS, 2005, p. 158). Como as citações anteriores referenciaram, no que tange as técnicas e materiais disponíveis em uma determinada área, para tecerem sua vernaculidade nas construções, é a partir do lugar e do sistema de ações e objetos que o espaço pode ser entendido.

Os sentidos de pertença e sentimentos de territorialidade, quando postos no prisma do lugar, podem ser pensados através da fala, e da consideração de Relph (1976) quando indica que

Although this classification has a specifically methodological context it does suggest the possibility of similar breakdowns of insideness in places. Thus there is behavioral insideness – or physical presence in a place; empathetic insideness which involves emotional participation in and involvement with a place; and existential insideness, or complete and unself-conscious commitment to a place¹⁹ (RELPH, 1976, p.50).

Transcrevendo o trecho “*emotional participation in and involvement with a place*” (participação emocional e envolvimento com o lugar), pode-se considerar que Relph desenvolve ideia comparável e relacionável aos interlocutores de entrevistas etnográficas, que

¹⁹ Livremente traduzido como: “Embora essa classificação tenha um contexto metodológico especial ela sugere a possibilidade de separações similares da interioridade em locais. Deste modo existe uma interioridade comportamental - ou uma presença física no local; interioridade empática que envolve participação emocional em um envolvimento com o local; uma interioridade existencial, ou um completo e inconsciente comprometimento com o local”

podem (provavelmente) afirmar que o “seu” lugar é o melhor do mundo (mesmo que, eventualmente, possua problemas sociais), ou o saudosismo dos que querem voltar ao local de origem. A presença física e a empatia se somam num jogo sinestésico entre o visível e o invisível (ações e objetos).

No que tange o recorte espacial escolhido para este trabalho, o envolvimento emocional dos interlocutores, expressado em sentimento de pertença regional ou étnica, se dará ao longo da exposição das apreciações de campo, elucidando casos concretos, que revelam relações e engendramentos de ações e objetos; elementos que compõem a paisagem cultural da região.

2.7 Tempo e Cultura

Conceito importante para o estudo e que acaba sendo um dos mais concretos e visíveis nesta pesquisa. Sobretudo pela referência nos estudos de Guadagnin (2008), onde contextualiza historicamente um entendimento sobre o desenvolvimento da região e aponta as diferenças temporais entre os habitantes de Terra de Areia.

Os expedientes domésticos trabalhados ao longo de minha escrita, dentro deste panorama de identidades espaço temporais, apresentam acentuadas diferenças técnicas, usos de objetos e valores. Processo este que, segundo Guadagnin (2008, p. 67), foi acentuado na região quando da construção da rodovia BR 101 e das tecnologias posteriores, sendo estas (as linhas de comunicação e transporte, respectivamente informação e matéria) vetores para mudanças culturais importantes na região, sobretudo no que tange a manutenção de representações sociais antigas.

A fala de Guadagnin, que, entre outros atributos de seu estudo (Temporalidades em Terra de Areia) analisa e perpassa três gerações de uma mesma família (em suas diferentes expectativas de vida, mudança e trabalho) só pode ser entendida a partir da análise do poder da temporalidade, viabilizada por técnicas e mídias informacionais. A situação do Vale do Três Forquilhas no estudo de Guadagnin (capitaneado pelo sítio urbano de Terra de Areia, pois esta cidade exerce influência econômica sobre as outras duas do Vale) é a de

diversas temporalidades coexistindo, estando sob influência da Região Metropolitana de Porto Alegre, em uma área de expansão populacional e sob forte influência de uma rodovia federal que corta o município. Estas e outras características conferem uma diversidade temporal de rara complexidade à cidade, alternando espaços decadentes e outros em renovação. Desta forma, consideramos o município de Terra de Areia o local ideal para a realização do trabalho de campo, composto por entrevistas com os moradores e observação da paisagem cultural [...] (GUADAGNIN, 2008, p. 24-25).

Reitero a fala do pesquisador e ainda afirmo outra possibilidade; a de fortalecer a paisagem cultural enquanto categoria de estudo nas pesquisas acadêmicas, usando também o fator tempo na análise espacial, visto que os ambientes domésticos possuem traços culturais que tramitam, em suas mudanças e transições com a temporalidade. O velho e o novo se sobrepõem, não somente em uma pujança do “moderno/urbano/industrial” sobre o “tradicional/étnico/regional”, mas sim num embaralhamento de tempos, funções e significado.

Ainda sobre tempo e mudanças técnicas dos objetos, Santos afirma que:

As características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas. Desse modo, o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albores da história até a época atual. Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica (SANTOS, 2008, p. 171).

A colaboração de Di Méo para o tempo, enquanto conceito, é a de que a identidade territorial e patrimonial não se limita a uma constância de existência mais ou menos frágil, ela torna-se uma novidade, criação, redescoberta e renascimento, em relação a “situações atuais” (DI MÉO, 1995, p. 26). Dentro disso está inerida a temporalidade, que é vetor de modificações culturais (GUADAGNIN, 2008). As identidades sendo constantemente transformadas, ora pelos meios de fluxos materiais (picadas, caminhos, portos, estradas), ora por meios informacionais (rádios, telefones, antenas, fios de alta-tensão, satélites, rede mundial de computadores) conduzem, com mão caprichosa das empresas de marketing, propaganda e televisão (somente como um exemplo) os modismos e expectativas espaciais (GUADAGNIN, 2008). Ainda como reitera Di Méo para definir onde estamos é preciso entender o elemento mercadológico: “quando esse sistema de coordenadas não imprime uma ordem imutável, mas a oferecer como discurso maleável de desejo’ (1995, p. 26). A temporalidade é regida pelos interesses do mercado.

Este trabalho considera, entre os vários conceitos, o tempo como elemento de influência para as transformações do espaço geográfico e um ponto interessante onde uma pesquisa cultural encontra formas para elucidar as razões da paisagem cultural heterogênea.

3 VIVENCIANDO AS ETNIAS E A PAISAGEM CULTURAL.



Figura 6: Propriedade de Gilberto Vargas. Casa e Galpão

Chego mais uma vez ao Campus Vale. Tenho reunião com professor Álvaro. Já próximo ao Instituto de Geociências encontro alguns amigos e colegas. Entre conversas diversas pairam sempre as expectativas - “Já qualificou? Já fez proficiência? E o Campo? Quando defende?”- Entro na sala do meu orientador.

Tenho vontade de mostrar as experiências de campo. Entre outros objetivos da reunião, a intenção seria passar para o computador do professor todas as fotos das visitas de campo tiradas até então. Após acertos da metodologia, escrita e cronograma, passamos a comentar minhas fotografias. Os objetos de decoração da casa dos nipo-brasileiros, descritos em *nihongo* (idioma japonês), chamam a atenção. Os objetos de trabalho, convertidos algumas vezes em decoração dos Galpões, no caso de algumas visitas, também carecem de fotos para serem melhor entendidos.

A etnogeografia, neste caso, fica totalmente vinculada ao aspecto visual da pesquisa. É uma etapa do geografar grupos sociais heterogêneos. É parte substancial do conteúdo científico em si e uma forma de comprovar as ocorrências do (tão citado) hibridismo cultural. Mostro as fotos do Galpão de Gilberto Vargas. “É mais suntuoso que a casa”, conclui professor Álvaro (Relato de campo. Porto Alegre, 14 de março de 2016).

Determinados conceitos se prestam para impulsionar investigações, dar força de sentido para trajetórias investigativas. No caso da presente pesquisa, além do apego ao doméstico como momento de se observar a produção de cultura em uma determinada conjuntura (híbrida), o conceito de paisagem surge como motivador da investigação, visitas de campo e escrita.

Ao causar, em quem observa, lembranças, sensações e sentimentos (atribuídos pelo que apresenta) a paisagem toca no campo afetivo de cada um (toca diferentemente para cada indivíduo). As feições visíveis do espaço geográfico, em suas diferentes manifestações, e especialmente na contemporaneidade, são fortemente marcadas pela intensificação do capitalismo, através do adensamento da vida de relações (SANTOS, 2001). O trabalho acerca desta pesquisa, por sua vez, lida com lugares, explorando eles a partir de sua feição visível, que somente é de tal forma devido ao histórico de influências étnicas, das relações de trabalho, das relações dos lugares entre si e da complexidade dos engendramentos contemporâneos destes elementos.

Neste contexto, entendendo a paisagem com feição visível do espaço geográfico, levantar a hipótese do cultural é considerar diversos pontos: A cultura em si, dentro de suas expressões (trabalho, edificações, deslocamento, hábitos domésticos), é mais do que uma influência espacial traduzida em paisagem; ela é o próprio motivo das formas, dos objetos e ações que figuram na superfície terrestre (e nos sentimentos dos indivíduos). A cultura acaba sendo visível enquanto paisagem quando os indivíduos consideram tais elementos ali postos como pertencentes ao seu universo cultural, ou ao universo cultural de algum outro grupo.

Claval (1999) e Luchiari (2001) representam dois aportes teóricos que apontam interessantes perspectivas para um estudo sobre a hibridização de culturas em um determinado recorte espacial. Observar a paisagem e entendê-la como cultural é propor alguns preceitos conceituais. Luchiari entende que “para a Geografia Cultural, a paisagem sempre representou a expressão material do sentido que a sociedade dá ao meio” (2001, p. 15). O sentido que a sociedade dá ao meio se manifesta nos objetos criados a partir dos materiais que existiam para servir ao trabalho, ao habitar, ao se manifestar culturalmente, tanto para as representações de folclore e distinção, como também para as (adapt)ações necessárias para a sobrevivência em determinada região.

Traçar uma etnogeografia sobre a produção de cultura, exposta em paisagem, no Vale do Rio Três Forquilhas, é buscar observar que sentido os indivíduos deram ao meio. Como viviam os grupos existentes na região em séculos passados e como isto contribuiu ao atual panorama paisagístico dado? É um dos caminhos necessários, que justificam a necessidade de um olhar para o período pré-colombiano, as ocupações europeias na América, os vetores de

modificação da paisagem a partir disso, os grupos étnicos envolvidos e o inevitável contato cultural entre estes. Não existe, pois, somente uma cultura no Vale do Três Forquilhas, assim como não é homogênea a paisagem cultural. A paisagem é híbrida em influências e temporalidades.

O próprio sentido clássico do entendimento de paisagem como somente o meio natural, livre da influência antrópica, pode ser aproveitado como um dos fatores de contribuição para a atual formatação da paisagem cultural do Vale do Três Forquilhas: Os dois tipos básicos de relevo e vegetação do Vale fizeram com que os grupos adaptassem seu alcance através do trabalho agropastoril, que, obviamente, apresentava (apresenta) a interferência da paisagem natural. Os modos de vida (CHAMBER; CONWAY, 1992) que se desenvolveram e influenciaram, ao longo das décadas, a paisagem cultural são, na verdade, resultados das próprias alternativas encontradas pelos ocupantes da região, visando seu estabelecimento. Ainda sobre modos de vida, Guerra (1993), fazendo um levantamento histórico de autores que trataram dos modos enquanto conceito, propõe que existam atores (os indivíduos) e sistemas de ações, e que esta dialética poderia produzir “ações coletivas”, aventando a possibilidade de formação de um grupo, ou um “modo”. Neste pensamento, e no contexto pré-colombiano, os grupos ameríndios nativos já realizavam transumâncias, a fim de satisfazerem suas necessidades nutricionais de sal; migravam das matas para as praias em períodos de verão (KERN, 1991; PROUS, 1992). A planície costeira, porção leste e sudeste do Vale do Três Forquilhas, se diferencia dos contrafortes de vale encaixado e topografia acidentada da porção oeste da região. De um modo geral, o primeiro tipo de paisagem permitiu aos grupos (a partir do século XIX) o desenvolvimento de culturas em médias propriedades, visto os processos de posse e partilha, desempenhando a pecuária (e serviços ligados a ela), o beneficiamento da mandioca, do milho e do peixe. O segundo tipo de paisagem trouxe, junto ao colonizador europeu e asiático, a possibilidade da pequena propriedade rural, a policultura e o beneficiamento da cana.

As tafonas e moendas, construções necessárias para o manejo destes produtos (farinha e açúcar, respectivamente) são os exemplos remanescentes mais pujantes do século passado. A figura do tropeiro serrano, que transportava tais produtos para outras regiões ajuda na ascensão da construção de aparelhos domésticos que beneficiem e produzam tais alimentos. A pecuária, em sua ocupação das partes mais planas já precisava destas construções para o desenvolvimento de seu manejo. Os Galpões do Vale do Três Forquilhas nascem e se espalham pela região.

Deste modo conceito de modos de vida (outro vetor importante desta escrita) toca na configuração da paisagem cultural (GUERRA, 1993). A tentativa de vislumbrar a consonância

dos grupos humanos com a região onde habitam, a partir da experiência de La Blache, com seu conceito de “Gêneros de Vida” (muito contestado pela academia na contemporaneidade), com a afirmação de que, se relacionando com o meio (relevo, vegetação, clima), determinado grupo empreenderia objetos e construções, necessários ao desempenho do trabalho e construção das suas estruturas, sediadas em determinado ponto, não contemplaria a dinamicidade e evolução dos grupos humanos, sobretudo em seus aspectos de hibridizações, importações de culturas e subjetividades. As experiências prévias, como as representações de etnicidades dos grupos estrangeiros/colonizadores no processo de ocupação do Vale do Três Forquilhas fizeram com que a ideia acerca de categorias de gêneros de vida clássicos (pescador, lavrador, pastor, etc) fossem adaptados e, de certo modo, modificados dependendo das situações. Não necessariamente o pescador, por exemplo, desenvolvendo somente uma atividade, mas se transformando em lavrador, ou (e também) nas duas categorias. A sazonalidade de algumas práticas fazem com que os tipos humanos (FIRTH, 1978) não apareçam aos olhos de um pesquisador como homogêneos ou praticantes de uma atividade somente. Ao longo dos séculos XIX e XX estas relações homem-meio, ou definições dos gêneros de vida, se dinamizaram e complexificaram em dois tipos básicos de entendimento: O perfil multifuncional das propriedades rurais no Vale do Três Forquilhas impossibilitou a afirmação de que existam gêneros de vida claramente definidos na região, sendo este conceito (o de gênero de vida) somente uma influência próxima, que indica algumas tendências no modo de trabalho, edificações de casas (e Galpões) e economia. No outro extremo do entendimento sobre o trabalho, a especialização dos serviços no Brasil, denotado, ao longo dos séculos, pelo primoroso estudo de Santos e Silveira (2001), adensou a vida de relações, mecanizando alguns serviços, alterando sutil ou brutalmente (dependendo da especificidade) alguns hábitos, objetos e feições visíveis (algumas destas mudanças e dinâmicas serão apresentadas no capítulo 3, “etnogeografias do Galpão”). A paisagem cultural é a parte visível destes processos de adensamento e relações espaciais. É um conceito que permite dar conta das causas desta feição.

3.1 Histórico do Vale do Rio Três Forquilhas: As etnias

3.1.1 Ruptura da Identidade

Os grupos sociais que se investiram territorialmente nesta região foram muitos. A saber, os ameríndios são os ocupantes primeiros destas plagas. Os estudos de Cunha (2012), Lippert (1991) e Müller (2009), propõem, respectivamente, xokleng, guarany e kaingangue como grupos

presentes no Vale do Três Forquilhas no período pré-colombiano. Assim como este estudo não deseja desvendar de qual província germânica vieram os alemães, o exato porto de onde foram retirados os negros africanos ou de qual ilha vieram determinados grupos açorianos, também não se tem por pretensão definir com precisão a etnicidade, ou ainda, em um conceito indigenista, a tribo destes grupos pré-colombianos. Para o caso dos ameríndios existe uma justificativa operacional: A falta de documentos e a enorme lacuna de informações sobre esta etnicidade praticamente impossibilita o trabalho de um geógrafo sobre esta temática (considerando a especificidade da dissertação em si). Para este importante tema existem dedicados trabalhos, que se debruçam exclusivamente para o problema histórico dos índios, frente ao seu genocídio e invisibilidade histórica.

O limiar entre o genocídio e a miscigenação é uma das pautas mais complexas do Brasil contemporâneo. Da extinção de diversas representações sociais, formas de sobrevivência, instrumentos de trabalho e métodos de construção de moradias, os indígenas do sul do Brasil aparecem em algumas falas dos interlocutores da pesquisa, porém de forma muito pequena. De forma ainda nebulosa na história, foram reconduzidos a outras paragens a partir da chegada dos europeus, em situações mais ou menos consentidas. A chegada dos grupos ibéricos, ao longo do século XVII, estabeleceu os primeiros contatos dos nativos com os exógenos.

Sobre sua arquitetura, Moisés (1996) (ao retrabalhar a expedição de Palmier de Gonneville ao Brasil em 1504) descreve que

[...] Formam aldeias de trinta, quarenta, cinquenta ou oitenta cabanas. Feitas à maneira de galpões com estacas unidas umas às outras, ligadas por ervas e folhas, com as quais os ditos habitantes são igualmente cobertos; e têm por chaminé um buraco, para fazer sair fumaça. As portas são galpões corretamente ligados; e eles as fecham com chaves de madeira, quase como as que usam, nos campos da Normandia, nos estábulos (SIC) (MOISÉS, 1996, p. 54).

Como descreve os índios da região onde hoje se chama a região da foz do Rio São Francisco do Sul, o relato aparenta ser sobre o tronco Tupi. O uso do termo Galpão, ou pelo menos a escolha do tradutor para tal terminologia, amplia o uso da palavra e coloca este conceito em um patamar ainda mais polissêmico do que representa o Galpão dentro da arquitetura vernacular brasileira. A escritora, na ocasião, ainda tem a preocupação de comparar a estética da trava da porta de tal “galpão” com os estábulos da Normandia. Não faz tal comparação no mesmo sentido do presente trabalho (o do hibridismo), mas sim como anseio natural dos escritores, naturalistas e expedicionários de tal época (século XVI) de se relatar o máximo possível, no intuito de fazer o leitor “visualizar” tal fenômeno.

O uso vulgarizado para “oca”, “maloca”, “taboca”, “taba” (esta última para o coletivo de habitações) não dá conta daquilo que poderia concretizar um estudo apurado sobre a representação social, de sobrevivência e de trabalho dos nativos brasileiros, transcrito em suas moradias. As poucas citações do primeiro momento da colonização europeia no Brasil trazem um vago entendimento de como se desenvolviam as representações nos momentos de primeiro contato dos dois grupos (ameríndios e europeus)

Outro relato desta fase histórica seria o de Pero Vaz de Caminha, transcrito aqui através do trabalho de Fontana (1995), na ocasião do “descobrimento da terra nova”:

[...]haveria nove ou dez casas, as quais, diziam, eram tão compridas casa uma como esta nau capitania. E eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha; de razoada altura e todos em uma só casa, sem nenhum compartimento. Tinham dentro muitos esteios e d'esteio a esteio uma rede [...] (1995, p. 199).

Outro registro sobre as representações sociais dos ameríndios (neste caso, bem mais meridionais) no contexto de mistura cultural é o de Cheuiche:

Aliás, os Pampeanos chamavam de tolderias suas pequenas aldeias formadas por ocas retovadas de couro de berá, o cervo galheiro. Tendas que as mulheres, altas e morenas como os homens, montam e desmontam com incrível rapidez. Seminômades, ocupam há centenas de anos o território de caça e fartura de peixes que se estende à margem direita daquele largo rio que chamam de Paraná. (Trecho de reportagem, publicada no jornal Correio do Povo, Porto alegre, em 4 de junho de 2016, caderno de sábado, página 3).

O levantamento histórico a partir das vivências e relatos de expedições, bandeiras e ações militares, junto das obras históricas ficcionais/literatas, no contexto da (atual) região transfronteiriça da bacia do rio da Prata possibilita um vislumbramento social das representações dos grupos nativos de tal região.

Calclini considera uma “ruptura da identidade étnica original” (1997, p. 250) o que ocorreu, e ainda ocorre, com os grupos ameríndios. As representações dos modos de vida, como religiosidade, alimentação, ritualística, arte e estética ficaram totalmente comprometidas com a inserção de outros grupos no contexto dos períodos de ocupação.

A exemplo dos métodos cotidianos dos Kaigangues, no Rio Grande do Sul, Veiga (apud SILVA, S., 2001, p.45) explica que

É essencialmente agrícola, não podendo ser considerada única e exclusivamente como caçadora e coletora e muito menos nômade, porque seus rituais estão baseados em celebrações das colheitas e lembranças dos mortos ligados a um ritual fixo, que são cemitérios, próximos às aldeias.

Em determinados recortes históricos, a influência (forçada) da colonização europeia transformou práticas do índio nativo, representando uma mudança dramática na forma com que tais grupos se relacionavam com o meio natural e uma alteração do que poderia ser interpretado como gênero de vida. De todo modo, Kaigangues, Guarani e outras tribos já possuíam características de gêneros agricultores em períodos pré-colombianos.

Portanto, o grupo étnico que pode ser considerado o ocupante original e primórdio do território onde hoje se conhece por Brasil, indubitavelmente, é o grupo ameríndio. A partir desta etnia surgiram outros incontáveis vislumbres de hibridismo cultural, este, por sua vez, é impulsionado (e possibilitado) pela miscigenação étnica. Com registros já oficializados referentes ao Vale do Três Forquilhas, a presença do ameríndio foi registrada historicamente, sendo influente, ao menos na subjetividade étnica, dos atuais moradores da região.

Os germânicos, oriundos de diferentes plagas, durante o século XIX, ocuparam as reentrâncias do Vale. Os negros bantos deram outras cores para a produção de bens de consumo e na mistura étnica. Os italianos, polacos e japoneses aportaram em diferentes momentos do século XIX e XX. Todos ajudaram a compor um mosaico etno/cultural. Mosaico este feito, por vezes, de ladrilhos variados, com cores bem definidas. Variando sutilmente dentro dos matizes, tendo a “essência da tinta” origem distinta, mas ocasionando tons relativos entre si, como no presente momento, sempre dentro do mosaico. Para este processo, especificamente, é coerente denominar Hibridismo Cultural do Vale do Três Forquilhas.

Cada grupo matizado em suas bases étnicas, expostas em seus cultivos, sejam os ibéricos com sua pesca, pecuária e tafonas, sejam os germânicos com policultura, suinocultura e moendas, ou ainda os nipônicos modernizando o cultivo de verduras, legumes e flores em Itati e os italianos, mais recentes, na planície terrareense, com seus parreirais diversos, pêssegos, uvas, morangos e fumo. Todos, absolutamente todos os grupos tendo sempre o braço incansável do negro subsaariano ao seu dispor, de modo remunerado (ou não).

O passo do tempo misturou não somente as etnias, mas misturou os objetos de um grupo com o de outro, misturou as ações, e a base sempre foi o grupo indígena, que neste mosaico, cedeu suas experiências do espaço vivido (Pontos de pesca, áreas de cultivo e coivara²⁰), negociação esta que foi de preço irrisório aos grupos de origem europeia, que construíram sua territorialidade, territorializando e se apoderando do espaço físico do vale, porém de alto custo aos grupos ameríndios, custando a sua “quase extinção”, representada hoje nos pequenos

²⁰ Palavra de origem indígena que representa a prática de queimadas controladas para o manejo de áreas de cultivo.

núcleos do Litoral Norte, ou ainda em uma apagada pertença, que carece de muito estímulo para aparecer, a florada timidamente em um “meu bisavô era bugre”²¹. Embora não exista dentro dos limites do Vale do Três Forquilhas um grupo ou comunidade autodeclarada indígena, nos municípios vizinhos e em outras partes do Litoral Norte há considerável número de aldeias, sendo todas elas do grupo Mbya Guarany: Tekoa Guayra Nhendu (Maquiné), Tekoa Nhu Porã (Torres), Tekoa Ka’aguy (Caraá), Tekoa Pindoty (Riozinho), Tekoa Kuaray Rexê (Osório), Tekoa Y’yryapu, Tekoa Araçaty e Tekoa Ka’a Mirindy Yy Pa’ü (Palmares do Sul). Deste modo que os grupos se instituíram física e culturalmente no “território do Vale do Três Forquilhas”.

3.1.2 Contemporaneidade

Apesar de rurais e agrárias, e apesar dos rituais (Rodeio, churrasco, tiro de laço, gastronomia em geral) a sociedade no Vale Forquilhas não pode ser considerada tradicional. Apesar de possuir temporalidades variadas e em boa parte pré-mecânica (GUADAGNIN, 2008) deve-se considerar esta sociedade (Não somente os habitantes das zonas rurais) como tradicionalista, em vez de tradicional: Seria tradicional se fosse como os índios eram, e alguns núcleos indígenas em outras regiões do Litoral Norte ainda o são, de certo modo se relacionando com a terra com o intuito de sobrevivência, e não como meio de produzir, e extrair produtos, formalizados em capital, e extrair bens de consumo. A sociedade no Vale do Três Forquilhas é tradicionalista não somente no sentido “gauchesco”²² de entendimento do conceito. É tradicionalista pois também está arraigada de valores que passam de geração em geração, como a política, o linguajar, e a religião²³, apesar de alguns expedientes de modos de vida urbano estarem se manifestando, como vestimentas, gestos, e prática do skate (HEIDRICH; GAMALHO, 2012).

A saber, “o espaço social é produzido; o espaço cultural é vivenciado. O primeiro é concebido em termos de organização e de produção; o segundo, em termos de significação e relação simbólica. Um enquadra, o outro é portador de sentido.” (BONNEMAISON, 2002, p. 104). O Galpão, e muitos outros ambientes de produção cultural, por vezes, refletem esta ordem

²¹ Aparecerá no relato, a partir de uma entrevista. Ver no capítulo “O Hibridismo Cultural”.

²² Tudo o que é relativo aos hábitos e representações sociais e estéticas do imaginário gaúcho. O que é relativo aos elementos tradicionais do povo gaúcho. Os hábitos alimentares, de vestimenta, de trabalho e folclore. Termo utilizado para atribuir características culturais aos pastores da região da pampa sul-americano e as variações/hibridismos em torno das apropriações destes elementos.

²³ A própria ocorrência de igrejas neopentecostais funciona tendo o núcleo da família como eixo de continuidade e expansão, mas também reprodutora dos valores conservadores, assim como a igreja hegemônica na região, a católica.

binária. Sempre considerando que o limiar entre “uma e outra” dimensão do espaço é muito tênue, e aquilo que é produzido por um tempo pode adquirir autenticidade em outros momentos, propondo, inclusive, uma reflexão sobre as origens étnicas das roupas, das músicas, da gastronomia ou arquitetura típica de um grupo social.

A cultura não pode parecer “um simples resíduo [...] guloseima intelectual” (BONNEMAISON, 2002, p. 104) quando a generalização trivial dos temas propõe que o “ser científico é ser mais sério” dentro da gigantesca variedade de tipos de estudos acadêmicos, pois

Adotar esta perspectiva reducionista em geografia será ainda mais anacrônico quando, atualmente, as outras ciências sociais tendem ao contrário, a atribuir um papel cada vez maior aos “mitos fundadores” e a dimensão sagrada ou religiosa das sociedades, mesmo daquelas que se querem mais laicas (BONNEMAISON, 2002, p. 104).

Complemento apontando que, nem tão laicas como o imaginário quase religioso instituído pelo estatuto do CTG, por exemplo, e por algumas personalidades gaúchas, apoiando, refletindo ou combatendo o esforço acerca da criação de tal imaginário.

Ocorre de um território desaparecer, em certos contextos político-culturais, porque a cultura e a etnia morreram, como é o caso hoje de numerosas culturas regionais campesinas no oeste europeu. Mas em outros lugares, territórios podem renascer sob formas espantosas e absolutamente novas, como em algumas grandes cidades norte-americanas [...] (BONNEMAISON, 2002, p. 105- 106).

De fato, no contexto das disputas (sobretudo por razões territoriais) da segunda grande guerra muitos grupos sociais, em especial os empobrecidos pelos sistemas econômicos, foram dilacerados: Tanto os proletários e camponeses do oeste, como trata a citação acima, em nome da modernização dos espaços nos países mais ricos do continente, como os do leste do velho mundo, devido às realocações, deslocamentos forçados e migrações em nome da criação da identidade nacional russo/soviética. Com isso seus territórios passaram a ser de outros grupos, passaram a ser outros territórios. Aquele primeiro território acabou.

Bonnemaison (2002) fala do surgimento, por formas “absolutamente novas” de territórios, em uma dinâmica global de “apagar e surgir dos territórios” (inclusive alguns surgindo exatamente sobre outros, forçando-os a desaparecer, como no caso dos territórios campesinos europeus ao longo do século XX, em um triste eixo Leste-Oeste). O autor cita os Estados Unidos como espaço físico onde esta emergência dos territórios é vista. Em meu alcance, viajo alguns graus de latitude para o sul, para cartografar, em um sentido cultural, elementos do desenvolvimento de um território cultural campesino, ainda em consolidação, aos albores do século XX e XXI: O território gaúcho brasileiro, que não é somente o Vale do Três

Forquilhas, tampouco o litoral norte do Rio Grande do Sul ou o estado como um todo. Este território possui desdobramentos em suas representações, podendo despertar pertencas em diferentes escalas e espaço físicos, sendo assim uma territorialidade que nunca se deixou fixar somente em solo gaúcho (genericamente entendido como Rio Grande do Sul), buscando um caráter expansionista, apresentando ocorrências de seus fenômenos em praticamente todos estados da federação e no exterior, com destaque para Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Bahia (e ainda em outros países, como, por exemplo os Estados Unidos da América). Este território é descontínuo.

[...] a territorialidade emana [do grupo], no sentido de que ela é antes de tudo a relação culturalmente vivida entre um grupo humano e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes, cujo traçado no solo constitui um sistema espacial – dito de outra forma, um território [...] (BONNEMAISON, 2002, p. 96-97).

A ideia de nacionalidade é também tratada por Bonnemaïson, quando ele afirma que as falas sobre cultura nacional, “[...] especialmente nos Estados centralizados, não podem deixar de ser muito vagas, porque são tomadas numa dimensão tão ampla que as impede de ser pertinentes” (BONNEMAISON, 2002, p. 96). Penso que uma pesquisa como esta (e como tantos que acadêmicos interessados na geografia cultural vêm apresentando atualmente) é o oposto de um pensamento “estatal centralizado”, pois se apropria justamente da universalidade das diferenças para construir um panorama cultural, uma narrativa (ainda que para vislumbrar o elemento étnico, por vezes, se utilize de identidades de grupos que se coadunam com nacionalidades, como a dos japoneses, alemães e italianos, por exemplo). A ideia de unidade nacional é experimentada diversas vezes ao longo da história para construir um (pseudo, ou em certos momentos, fortíssimo) sentimento pátrio, visto o caso das repúblicas Balcânicas recentes ou os Emirados da Península Arábica, por exemplo. Não que estes “fatos nacionais” não mereçam ser estudados (mereceriam, sobretudo pelos processos complexos de balcanização e pertença que apresentam) mas seria uma negligência geográfica deixar “de lado” as situações de hibridismo que ocorrem no Brasil, ou ainda, mais especificamente, neste universo não menos gigantesco, que é o Rio Grande do Sul.

A área de abrangência e a especificidade que empreende este trabalho procura uma pertinência sobre uma região pouco estudada. A pertinência desta “etnia moderna” (BONNEMAISON, 2002) é pouco experimentada dentro do que pode a academia. O hibridismo cultural formador desta paisagem e suas representações e, principalmente, sua produção espacial são, concretamente, a relevância desta escrita.

3.1.3 *As minorias étnicas*

Em um território marcado pela presença de diferentes grupos étnicos, que ocuparam tal área ao longo dos séculos, tratar das particularidades, em especial aos elementos dos grupos que não possuem grande presença numérica, se faz necessário para se abarcar com clareza a complexidade do território e do processo de construção espacial. A saber:

Tratando-se de cotidiano, trata-se portanto de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera cotidianidade(e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial(...) o conceito torna-se o fio condutor para conhecer a sociedade, situando o cotidiano no global (LEFEBVRE, 1991, p.35).

Mais do que qualquer outra coisa, “globalização” significa que a rede de dependências adquire com rapidez um âmbito mundial — processo que não é acompanhado na mesma extensão pelas instituições passíveis de controle político e pelo surgimento de qualquer coisa que se assemelhe a uma cultura verdadeiramente global (BAUMAN, 2003, p. 89).

“As pessoas são designadas como de “minorias étnicas” sem que lhes seja pedido consentimento. Podem ficar satisfeitas com a situação, ou passar mais tarde a gostar dela, e até lutar por sua perpetuação [...] (BAUMAN, 2003, p. 82)”. Com estas citações inicio as considerações sobre os grupos humanos descendentes dos colonizadores que podem ser considerados “minorias étnicas” dentro da abrangência estudada. Sabendo da dificuldade de se constatar este aspecto (devido ao fato de tais grupos não se considerarem minoria, ou até mesmo não estarem instrumentalizados para falarem sobre etnicidade) proponho, em partes deste capítulo, uma reflexão sobre o período da colonização europeia através de levantamento bibliográfico.

Acerca da denominação “grupo étnico” Barth define alguns requisitos normativos:

a) “se perpetua principalmente por meios biológicos”; b) “compartilha de valores culturais fundamentais, postos em prática em formas culturais num todo explícito”; c) “compõe um campo de comunicação e interação”; d) “tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como constituinte de uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem” (BARTH, 1969 p. 10-11).

Os litorâneos descendentes de outras etnias não citadas nos (sub) títulos desta pesquisa, foram assim denominados neste estudo, pois representam parte pouco relevante no número total

de habitantes, e, sobretudo devido a falta de representações sociais (em especial sobre a produção de um espaço doméstico próprio) aparentes neste território (Vale do Rio Três Forquilhas). Neste grupo incluem os descendentes de polaco-brasileiros, norueguês-brasileiros, sueco-brasileiros (MÜLLER, 2009, p. 34), ítalo-brasileiros, tcheco-brasileiros, árabe-brasileiros e ameríndios brasileiros.

Os grupos chamados, nos estudos etnográficos de teuto brasileiros, além dos alemães, sempre incluíram os povos “das antigas” Pomerânia, Prússia, Escandinávia, Frísia e Alpes, como se estes devessem ser também considerados germânicos (ou numa aproximação generalizante, alemães), por motivos que levavam em conta as características físicas, aspectos culturais, ou trajetórias migratórias: Portos de saída, linhas de navegação e cidades tradicionalmente receptoras destes contingentes. No caso desta pesquisa este primeiro ponto seria a atual Alemanha, e o último ponto a cidade de São Leopoldo. Além do que, ao longo da trajetória do acantonamento em Três Forquilhas, nota-se uma generalização do uso do termo “alemão”. Como este conceito foi cunhado para os colonos recém-chegados, em uma espécie de construção de identidade “teuto-brasileira” (procurar referência) se tornou absolutamente normal chamar um sueco, tcheco, ou norueguês de alemão.

A variação pobre da mistura destes povos teutos (sempre com predominância do “alemão”) ocasionou, ao longo de novos casamentos dentro da colônia de Três Forquilhas, uma preponderância tão forte de tal “etnia/nacionalidade” que as minorias tchecas, suecas e norueguesas, ao passo dos casamentos e nascimentos de nova geração, foram subsumidas a tal ponto que elas mesmas passaram a se considerar alemãs, mesmo que documentos oficiais já dessem a nacionalidade brasileira para os recém-nascidos (MÜLLER, 2009).

A posterior chegada de italianos ao Brasil registra ainda, mais tarde, a aparição deste grupo nesta região, sendo que a maioria, já no século XX, chega à cidade de Terra de Areia após uma experiência com agricultura e comércio nas regiões mais acidentadas do norte/nordeste do Rio Grande do Sul. Outro grupo de Ítalo brasileiros, vindos da região serrana, chega no Vale do Três Forquilhas na década de 1980, trazendo o plantio de uva, pêsego, atividades têxteis, etc.

O grupo dos polacos chegou à região posteriormente aos alemães. Mesmo sendo considerados, de modo geral germânicos, pelo menos na região do Vale do Três Forquilhas são considerados polacos, e não alemães.

É registrada, em menor escala, a passagem de árabes pela região: Quando a localidade de Porto Alágio (atualmente chamado, simplesmente, de “centro” pelos forquilhenses) se estabelecia como importante centro de embarque de cargas (produção de alimentos no Vale

fértil de Três Forquilhas, enviada para Osório, e depois transbordada para outras cidades) e desembarque de pessoas, registra-se a aparição de algumas pessoas de etnia árabe vinculadas, preponderantemente, ao comércio ambulante, ou seja, aparece na região a figura do mascate. Com a mudança no sistema de transporte (do lacustre para o rodoviário), além de mudanças nas dinâmicas demográficas e comerciais destes portos na região de Três Forquilhas (leia-se Cornélios e Porto Alágio), modificou-se também a dinâmica das vendas, pois o acesso facilitado de uma rodovia inseriu outras formas de venda ambulante. Atualmente, a venda ambulante de produtos é atribuída ao grupo “nordestino” (oriundas do Nordeste do Brasil), que esporadicamente aparecem na região (especialmente em Terra de Areia).

Certamente o grupo que não deveria ser chamado de minoria étnica, pois é o original ocupante de tal espaço, mas que se torna minoria devido às agruras sofridas ao longo do processo de colonização, é o grupo dos ameríndios. Sejam (dependendo do estudo que os abarca) Kaingangues (MÜLLER, 2009), Xokleng (CUNHA, 2012) ou Guarany (LIPERT, 1993), os índios possuíam uma série de representações sociais que, não fosse seu absurdo extermínio cultural e físico, iriam permitir ainda mais diversidade de trabalhos geográficos, antropológicos e históricos, como este. No Vale do Três Forquilhas a miscigenação destes núcleos de grupos étnicos não representou a continuidade fluída de suas representações sociais. Mesmo que esta etnia continue “viva no sangue” de grande parte dos habitantes rio-grandenses litorâneos (CUNHA, 2012), e de muitos brasileiros, de modo geral, não se nota efetivamente uma influência cultural marcante, não por uma falta de representação social, mas sim pela sobrepujança extrativista, belicosa e econômica dos outros grupos.

Considerando os descendentes destas minorias étnicas no estudo, e o próprio uso de tal nomenclatura, é muito relativo para os parâmetros do hibridismo cultural, que vê na mistura dos grupos humanos uma dinâmica social inevitável, que revela o hibridismo ao longo dos séculos de interação entre os grupos na América Latina; é a chamada “heterogeneidade multitemporal” (CANCLINI, 1997, p.72). Assim como ocorreu em toda história da humanidade, da humanidade híbrida. Certamente o que motiva uma escrita usando tais termos é o estarecimento sobre o silêncio cultural que existe sobre estes grupos nesta região, em especial o silêncio que se põem sobre a cultura dos índios. De fato “Minoria étnica” é “uma rubrica sob a qual se escondem ou são escondidas entidades sociais de tipos diferentes, e o que as faz diferentes raramente é explicitado” (BAUMAN, 2003, p. 83). Espero, por isto, neste capítulo contemplar parte das representações sociais e produções culturais destas “minorias”, construtoras da identidade regional híbrida do Vale do Três Forquilhas.

Müller (2009) usa a atribuição “índio” àqueles que já eram “gaúchos mestiços” e habitavam o Rio Grande do Sul quando da chegada dos imigrantes alemães neste estado. De modo que alguns capatazes do império do Brasil faziam a segurança dos colonos recém-chegados. Inclusive, a primeira edificação do acantonamento de Três Forquilhas fora edificado pelos índios caingangues da aldeia de Três Pinheiros (atual distrito de Itati- RS) com o auxílio do exército, para fins de abrigar os alemães. Falando sobre a inicial consolidação de tal colônia, Müller (2009) esclarece que “[...] no agrupamento de apoio aos colonos, o índio missioneiro Esteban dos Santos [...] conseguira reunir quase duas dezenas de índios caingangues civilizados da aldeia de Três Pinheiros, liderados pelo Cacique Aivuporã” (p. 21). Nota-se que existe uma preocupação em se denotar que existia um tipo humano indígena já “abrasileirado” que auxiliava na ocupação europeia, e outro “civilizado”, que já começava a se relacionar com brasileiros.

3.1.4 Regionalização e Cultura

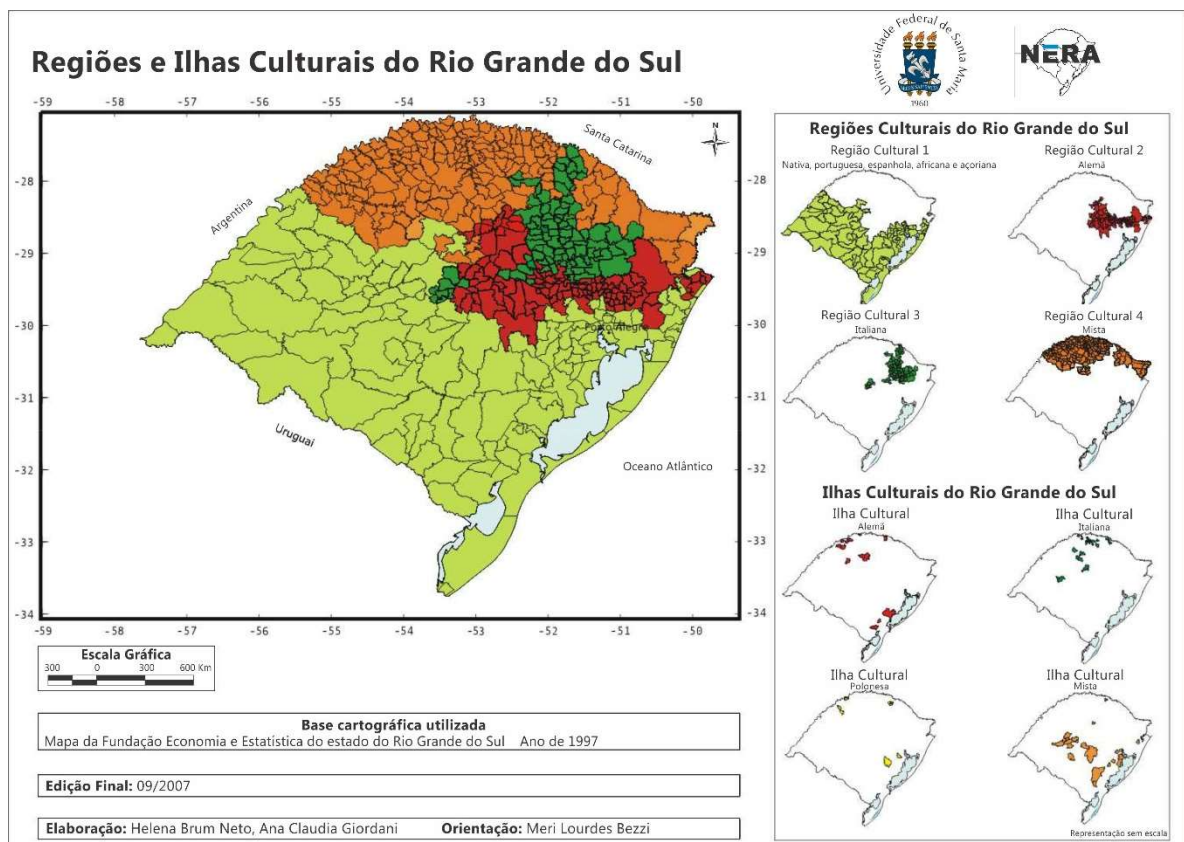


Figura 7: As regiões culturais do Rio Grande do Sul

Figura. Fonte: FEE, 1997. ORG.: BRUM NETO, H.: GIORDANI, A. C., 2007.

A partir do mapa trabalhado por Neto (2007, p. 171) pode-se ter um prévio conhecimento da organização (de modo geral) das etnias no Rio Grande do Sul: O grande fator diferencial de qualquer distribuição regional no estado ainda é o meio natural: A “região cultural 1” (verde-claro), praticamente margeia os limites da borda do planalto em face ao sul, coincidindo com o bioma do pampa em localização. Neste contexto, segundo Neto (170), localizam-se, majoritariamente, descendentes (ou mestiços) dos grupos ameríndios, açorianos, africanos, portugueses e espanhóis. A porção setentrional do estado fica fragmentada em três regiões. A “região cultural 2” (região dos Vales, depressão periférica e parte do litoral norte) reporta-se às áreas onde os descendentes de colonos germânicos apresentam maior incidência. A “região cultural 3” (serra e parte do nordeste do estado) refere-se aos sítios de ítalo-brasileiros, enquanto que a “região cultural 4” (noroeste e campos de cima da serra) apresenta o identificador “etnias mistas”, como característica étnico/cultural.

A dicotomia da topografia e vegetação (planuras de gramíneas herbáceas X escarpas e escudos com florestas) pode definir uma regionalização, sem ser motivadora de generalizações e determinismos que algumas escolas desenvolveram em outros contextos históricos. É evidente que esta dicotomia pode definir características culturais e sua disposição no espaço. É ainda sabido que os limites demarcados em mapas estão sujeitos a serem relativizados. A geografia e o hibridismo cultural representam a dissolução de absolutismos cartográficos (ainda que estes cooperem para o entendimento do espaço), pois levam em conta a etnicidade, representações sociais e fazeres, onde o mundo do trabalho é relacionado com as possibilidades de transformação do meio (ou influência deste sobre a sociedade).

Também é possível que uma região possa influenciar, em diferentes escalas, outra, tanto em elementos intercontinentais (técnicas de cultivo de imigrantes europeus na América), como internacionais (cultura de um país sobrepondo-se sobre a de outro) e regionais (representações sociais do sul do Rio Grande do Sul sobre o nordeste do estado).

Porém, dividir o estado ao meio, em um risco no sentido leste – oeste, tentando expressar uma fronteira cultural e paisagística, seria uma generalização geográfica. É necessário entender que indivíduos desta região federativa do Brasil (estado) mesclaram (mesclam e mesclarão) suas experiências culturais e cotidianas ao passo dos processos imigratórios (a partir da ocupação ibérica no sul da América, e outras movimentações ao longo dos anos), sendo que nortistas e sulistas deste estado apresentam trocas dinâmicas de culturas. É entendido que o meio natural ainda pode apresentar elementos de influência de suas características, mas é necessário refletir sobre as transformações culturais e regionais implicadas nisto, pois “a cultura é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas”

(COSGROVE,1998, p. 102), sendo assim, um elemento de caríssima importância para os geógrafos no estudo do espaço, paisagens e territorialidades.

Ao que toca a etnia, enquanto elemento de importância para um estudo espacial, levar em conta o regionalismo, expressado (mais fortemente) neste estado da federação através das representações gauchescas (rio-grandenses meridionais), é cartografar mais um grupo social influente para a configuração (sempre dinâmica) da paisagem cultural do Vale do Três Forquilhas. E interessante de se apontar é o fato de que o grupo humano “gaúcho” se formou ao longo dos períodos coloniais do Rio Grande do Sul. Portanto, enquanto o hibridismo se dava, em um nível regional, os elementos de representação gauchescos estavam ainda em formação, para que ao longo do século XX tivessem sua expansão, e esta influenciasse muitas outras regiões que não tinham, até então, este matiz cultural.

Referenciado em muitas músicas e poesias gauchescas, o Galpão aparece no Vale do Três Forquilhas não como um fenômeno, mas sim como uma manifestação das relações de trabalho dos ocupantes de tal região, influenciados, mais ou menos, por representações de diversos grupos sociais e outras regiões (do Rio Grande e do Mundo).

3.1.5 *De tiririca e cardamomo**

**Cyperus rotundus. Elettaria cardamomum*

Na África eram Quimbundos, Ganguelas, Achantis e aqui chegaram transformados em simples “negros”. A unidade cultural que haviam deixado em sua tribo africana foi perdida irremediavelmente ao chegar em novas terras onde tiveram de se sujeitar a uma espécie de “nova unidade africana” imposta pela convivência com pessoas de culturas - e, conseqüentemente, de concepções arquitetônicas e urbanas - completamente diversas (WEIMER, 2014, p. 163).

Uma possível influência da multiplicidade cultural do continente africano, ocasionada pela variedade étnica, foi impedida desde o início do projeto escravagista dos impérios espanhol e português ao longo da colonização do continente americano. A impossibilidade de um trabalhador escravizado reproduzir seus hábitos de cunho étnico compôs a delicada presença do elemento subsaariano na paisagem cultural brasileira dos primeiros séculos de ocupação europeia.

As possibilidades da reprodução de alguns hábitos após o fim do regime escravocrata, assim como as subjetividades culturais africanas, começaram a aparecer em forma rizomática (quilombos isolados, famílias rurais, bairros periféricos afastados dos centros das cidades pela

especulação imobiliária), e ainda mais com o passar dos anos e alguns débeis avanços de justiça e dignidade, como tentativa de reparação para este grupo étnico. A identificação de alguns grupos de relevância cultural, no que diz respeito ao fato de resistir, manter as representações evidentes e vivas e ao transmitir para gerações mais novas, transformou a presença dos afrodescendentes em um dos alicerces da etnicidade do Brasil moderno. A nomenclatura de “Quilombos” ou “Comunidades Quilombolas”, mais tarde (fim do século XX), oficializa o reconhecimento do estado ao negro e a sua situação cultural; melhor dizendo, do que sobrou de suas representações, ainda que com muita precariedade e atrasos.

Dentro disto, o Vale do Três Forquilhas, região exploradora (em partes e em alguns momentos históricos) do trabalho não remunerado do negro africano o colocou em situação de hibridismo cultural: Se de um lado existiam misturas e vínculos diretos nos hábitos de trabalho com os animais, cultivos, construção de moradias e objetos advindos de representações puramente europeias, do outro existia a etnicidade reprimida e proibida ao longo dos séculos²⁴.

Peter Burke utiliza a nomenclatura “resistência”, “adaptação” e “segregação” (2008, p. 93) para os fenômenos indicativos de hibridismo. Os diversos exemplos, de diversas situações e nos variados países e continentes narrados sustentam a possibilidade de análise com o caso forquilhense. Ao se estabelecerem nesta região, os negros, alguns residentes de um período mais antigo, outros migrados da região de Morro Alto (Maquiné) e Palmares do Sul (regiões destacadas na presença deste grupo), empreenderam mudanças em suas representações sociais, visto que a pujança de valores europeus, pseudomodernos, gauchescos e imigrantinos ditavam os hábitos, modos de vida, gastronomia, trabalho e tendências arquitetônicas.

Dentro das ações do estado em relação ao reconhecimento da etnicidade afro-brasileira²⁵, os estudos antropológicos que os órgãos estatais empenharam objetivaram a identificação de tais núcleos (comunidades quilombolas) através da identificação de alguns

²⁴ As dificuldades deste grupo social, no período pré-abolição, na região do Vale do Três Forquilhas, são tratadas por Müller (2009), pontuando como ocorreu a supressão desta cultura.

²⁵ São vinte e cinco artigos, com diversos incisos. O trâmite para o reconhecimento, até o estágio final da titularização das terras quilombolas é regulamentada pelo governo federal, através do Incra (disponível em <http://www.incra.gov.br/estrutura-fundiaria/quilombolas> acesso em 26 de abril de 2016). A saber: DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003. disponível em acesso em 26 de abril de 2016. Art. 1º Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto. Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. § 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade. § 2º São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.

elementos culturais. Formas de construção, alimentação, cultos religiosos, musicalidade e familiaridade foram (e são) importantes para a identificação, e conseqüente reconhecimento “oficial”, destes núcleos.

A subjetividade contida nesta complexa relação tem em seu conteúdo a valia do processo histórico, visto que o modo de construção e influência espacial dos grupos sociais na África meridional tinha substancial diferença do modo que os grupos colonizadores já desenvolviam no Brasil colônia. Logo, a casa, a propriedade particular/privada, as fazendas, as paróquias, assim como toda estrutura do espaço familiar, não eram concepções abstraídas tão facilmente pelo grupo deslocado.

Esses conceitos eram totalmente estranhos aos negros, para os quais nem mesmo o entendimento europeu da “casa” existia. Seu substituto era o *krall*, formado pela conjugação de diversas pequenas construções, isoladas umas das outras para permitir a mais franca ventilação entre elas. Para um intelectual francês como Saint-Hilaire, um quarto, certamente, deveria conter uma cama de colcha de palha, um grosso cobertor de penas de gansos e um travesseiro além de um local de trabalho, seja manual ou intelectual, sem faltar um armário para guardar as grossas roupas de inverno e pouco mais leves para o verão (WEIMER, 2014, p. 223).

Quando Weimer trata do negro do litoral norte do Rio Grande do Sul e sua forma de utilizar o espaço doméstico descreve em consonância com os estudos de Barcellos (2004), onde:

Trata-se aqui de uma área que, em parte, foi doada, ainda no período do império, por uma viúva a seus escravos por via de testamento *post mortem*, por outra parte, por ocupação não contestada ou por aquisição. Essas áreas nunca foram escrituradas em razão pela qual elas foram sendo invadidas por lindeiros e, ao longo do tempo, consideravelmente reduzidas em tamanho. Em diversos locais da área, estabeleceram-se os escravos formando diversas áreas conhecidas por nomes como Aguapés, Barranceira, Ribeirão, Morro Alto, Faxinal do Morro Alto etc., onde se estabeleceram originalmente os diversos escravos que foram alforriados por força do mesmo inventário ou libertados pela abolição. Desse modo se formaram diversos *kraals* cujos moradores passaram a formar diversos blocos familiares, que se tornaram conhecidos pelos nomes dos ocupantes originais como “os Teresas”, “os Inácios”, “os Eufráfias” etc (WEIMER, 2014, p. 249).

Do estudo histórico de Barcellos (2004), quanto ao produzir a etnicidade, resistência e ancestralidade, comparando o caso de Morro Alto com o dos quilombolas do Vale do Três Forquilhas, um ponto chama a atenção: Geralmente as casas de uma mesma parentela se estabeleceram por gerações numa mesma área em que estiveram pais e avós. De todo modo;

As casas dos filhos são construídas ao redor de seus pais que já foram construídas próximas às casas de seus avós. Dessa forma, existe uma série de pequenos conglomerados de casas onde são encontrados ramos familiares que, por sua vez, descendem de um tronco comum, uma pessoa que foi escravizada e deixou seus

descendentes. Mesmo sendo a regra de residência com ênfase na patrilinearidade, a disposição das casas é a mesma, a casa ancestral, ou o “chão” da mesma, mantido como marco da memória e de posse, e os filhos construindo suas casas ao redor (WEIMER, 2014, p. 326- 327).

Na pauta da reflexão sobre os conceitos de Kraal e quilombo, é notória a contribuição do estudo de Weimer (2014), pois pontua ainda que estes, respectivamente definem:

[...] designação para o conjunto de construções que formam uma habitação africana, juntamente com o terreno e a cerca que o delimita. Sua origem é a palavra portuguesa "curral" e teria servido inicialmente para designar o cercado para abrigar o gado. Depois foi ampliado para designar todo o cercado externo que delimita o terreno da família. Por fim acabou por ser o designativo de toda a propriedade com suas benfeitorias. Nesse sentido o termo se universalizou (WEIMER, 2014, p. 325).

Aqui o termo "quilombo" acabou por receber novo significado: de uma singela designação de "aldeia" na África, aqui passou a ser concebido como um temível "valhacouto de escravos fugidos", como o que Aurélio B. H. Ferreira ou "local escondido, geralmente no mato, onde se abrigavam escravos fugidos" ou, ainda, "povoação fortificada de negros fugidos do cativoiro", como o que o mestre Houaiss (WEIMER, 2014, p. 164).

Posteriormente, estes dois elementos da paisagem cultural serão tratados, tanto na etapa da etnogeografia, como nas reflexões finais, acerca de sua importância, complexidade e subjetividade enquanto categorias pré-estabelecidas que formam as análises espaciais contemporâneas.

Dentre estes elementos de africanidade, quando investigados na prática do campo de pesquisa, tem sua busca prejudicada, justamente pelo processo de precarização e falta de representatividade que tal grupo sofreu. Um dos poucos elementos lembrados pelos interlocutores quilombolas da comunidade da Zâmbia (Terra de Areia) foi a utilização (algumas décadas atrás) da tiririca e do cardamomo para a confecção da cobertura de suas casas de madeira.

3.1.6 De África, Morro Alto, Laguna e Boa Vista.

Em Três Forquilhas, as chamadas "Famílias de Três Forquilhas" formam a comunidade quilombola do município. O nome encontrado na lista de comunidades remanescentes de quilombos para este grupo, no site da Fundação Palmares, não dá outra nomenclatura com descrição de sentimento territorial, vínculo de sobrenomes ou elementos da natureza, como se vê comumente. A certificação definitiva veio em 05/05/2009, tornando as "Famílias de Três Forquilhas" a primeira comunidade quilombola, certificada, do Vale do Três Forquilhas.

Também em Três Forquilhas, alguns quilômetros mais afastada da sede do município, se localiza a comunidade do Morro do Chapéu. Esta, porém, com seu processo de homologação apenas aberto, aguardando complementação da documentação (Portaria Nº 98/2007/FCP).

Outras localidades da região possuem destacada presença de moradores negros: Costa do Morro, no município de Itati, e Sanga Funda, distrito de Terra de Areia, além de moradores negros ou auto-declarados negros residindo em localidades ou núcleos de ampla maioria branca/mestiça sem formar propriamente um núcleo com identidade étnica.

Mas é próximo à sede do município de Terra de Areia que se encontram os três maiores núcleos negros de todo Vale do Três Forquilhas: Rua do Júlios, Zâmbia e Boa Vista. A primeira comunidade fica na parte ocidental da BR 101, a oeste do centro da cidade, sendo, praticamente conurbada com este e dando nome ao bairro onde se localiza. Região esta onde se encontra a maior parte da população do município (independentemente a etnia ou grupo social). Não é homologada, sequer possui seu nome na lista dos processos abertos para emissão de certidão de comunidade remanescente de quilombos, porém é sempre lembrada pelos munícipes como local de negros, sendo proclamada comumente (muito mais pelos exógenos do que pelos residentes da mesma) "Rua dos Júlios, a rua dos negros".

Zâmbia e Boa Vista, ambas na porção oriental da BR 101, ao leste do centro da cidade, estão, respectivamente, à dois e três quilômetros da sede municipal. Os moradores destas comunidades se entendem como quilombolas, pois já houveram estudos feitos pela EMATER, e estes resultaram na abertura do processo de emissão de certidão de comunidade remanescente de quilombos, sendo que as duas comunidades estão "aguardando" visita técnica para o desenrolar do processo. São as únicas comunidades da região que possuem uma descrição técnica sobre a presença e cultura afrodescendente na região (RUBERT, 2005).

Destaca-se ainda a importância do trabalho da EMATER e da Fundação Palmares, tanto no trabalho de identificação, resgate, homologação e divulgação da existência destas comunidades, tendo sua epítome no site da fundação Palmares, na página das listas de homologação das comunidades, com a finalidade de publicar a autenticidade da identidade dos moradores de cada núcleo²⁶.

Da instabilidade étnica de alguns países das costas oceânicas africanas a partir do século XVI, ao transporte dantesco de seres humanos, unidos em grilhões, com o intuito de servirem aos senhores da monocultura no outro lado do Atlântico, até o presente momento, a etnicidade

²⁶ Disponível em http://www.palmares.gov.br/?page_id=88&estado=RS, Acesso em 16/06/2015.

africana sempre teve participação substancial na construção da identidade americana, brasileira e, na ocasião deste estudo, rio-grandense.

Pensando na categorização tão naturalmente feita pela academia atualmente, o uso do termo “remanescente de quilombo”, de um modo geral, utiliza o conceito de quilombo apontado por Almeida (2002): “Toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (p. 47).

Estando enquadrada na categoria de “comunidade potencialmente remanescente de quilombos”, diferentemente de famosas comunidades quilombolas da região (sempre sendo a mais referenciada a de Morro Alto, em Maquine- RS), as comunidades quilombolas da Zâmbia e Boa Vista (Terra de Areia) tem como seu registro oficial o texto do estudo de Rubert (2005):

Esta comunidade de afrodescendentes está dividida em dois núcleos de moradores: Boa Vista 1 (também conhecida por Zâmbia) e Boa Vista 2, distantes cerca de 2 km um do outro e muito próximos do perímetro urbano. Entre os dois núcleos, assim como entre as casas vizinhas de ambos os núcleos, há moradores que não são de descendência negra. Além de haver vínculos de parentescos entre as famílias de ambos os núcleos, há suspeitas de que as duas áreas (ou parte delas) onde se situam as famílias negras tenham se originado de uma ‘deixa’ de terra para ex-escravos, dentre eles, Manoel de Souza Neto, que segundo seus atuais descendentes, participou de uma guerra (provavelmente a do Paraguai). Os Nomes ‘Bobu’, Antônio Vitorino e Américo Quintino da Rosa também emergem nas lembranças sobre os ascendentes que foram escravos. Ambos também participaram ativamente de revoluções (pela descrição dos descendentes, da federalista) e foram moradores antigos da Boa Vista. Uma segunda origem dos primeiros moradores ex-escravos remete à comunidade quilombola de Morro Alto, do Município de Maquine. Antero Gasparino Marques da Rosa, ex-escravo ou filho de escravos e ancestral de muitos dos atuais moradores, teria migrado com a família para Boa Vista, deixando vários descendentes (hoje, os mais velhos são seus netos). Outros ex-escravos fundadores são provenientes de Santa Catarina: tal seria o caso de Manoel João Boaventura de Caldas, que após a abolição, veio de Laguna caminhando pela praia, acompanhado de irmãos, encontrando abrigo na Boa Vista, onde se casou com Maria Antônia Neta, que seria filha de um ex-escravo. A reconstituição genealógica, realizada junto aos moradores mais antigos, dá ensejo a manifestação de muitas práticas que eram comuns ao período de desarticulação do regime escravista, como, por exemplo, a retirada à força dos filhos da mãe escrava, que eram criados através do regime de tutoria por famílias brancas. A memória sobre os tempos idos, quando a comunidade era mais populosa e integrada, remete para alguns rituais demarcadores da identidade étnica das famílias negras, como o Maçambique e os Ternos de Reis. A pequena igreja próxima a um dos núcleos abrigava 4 festas anuais: as realizadas em homenagem a São José e São Bom Jesus para as famílias Brancas; as realizadas em homenagem a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário para as famílias negras. Brancos podiam se fazer presentes na festa dos negros e vice-versa, proibindo-se, no entanto, a possibilidade de dançarem um no baile do outro durante tais festejos. Os moradores negros tiveram, no entanto, há alguns anos, as suas manifestações retiradas do calendário da capela, sob o pretexto de que “era muita festa”, permanecendo somente as duas festas características das famílias brancas. Entre os dois núcleos somam-se aproximadamente 20 famílias. Há o plantio de pequenas roças de subsistência (arroz, hortaliças, mandioca, café, etc.) e, em alguns casos, para o comércio (abacaxi, principalmente). O trabalho como diaristas na agricultura e outros (lixão, pedreiro), alguns empregos formais e aposentadoria são importantes fontes de renda. Todas as residências possuem energia elétrica e as condições de moradia variam de acordo com as distintas condições de vida das famílias. A precariedade das fontes de renda locais tem levado a migração

para centros urbanos maiores. Os contatos permanentes com os parentes de Morro Alto têm incitado a auto-identificação e organização da comunidade como quilombola, processo que se encontra, no entanto, bastante incipiente (RUBERT, 2005, p, 100-101-102).

A partir desta referência, e comparando os hábitos alimentares, referenciados em tabela (p. 124) daquele estudo que mostram algumas práticas utilizadas por grupos quilombolas, e comparando-os com os hábitos dos grupos do Vale do Três Forquilhas, existem, ainda, similaridades, tais como farofa, pirão, “paçoca”, feijão-mexido, pamonha canjica e “café”²⁷.

3.1.7 *Os espaços dos grupos. Espaços híbridos*

“A ordem local é associada a uma população contígua de objetos, reunidos pelo território e como território, regidos pela interação” (SANTOS, 2006, p. 230).

Não se observa um espaço de reprodução cultural exclusivo da matriz africana no Vale do Três Forquilhas. Se a casa e os espaços domésticos forem entendidos como ambiente de reprodução das simbologias e representações sociais (como, de certo modo, esta pesquisa propõe), observam-se muitos ambientes deste grupo social/étnico. Neste viés, qualquer casa de afrodescendente já seria um espaço de representações culturais e, logo, espaço de resistência (BERND, 1987). Prefiro, pois, pensar neste segundo prisma como método de trabalho.

Em um nível totêmico, aponto os grupos sociais/étnicos existentes no Vale do Três Forquilhas que possuem um espaço celebrativo, mas também memorial: Os teutos de sua parte, capitaneados pela liderança marcante do Pastor Élio Eugênio Müller (destacado pesquisador e escritor da temática imigrante, especialmente a alemã, no Vale), encontram na casa da figueira, localizada na sede do município de Itati, um ambiente de memória étnica/ cultural, pois além desta ser construída em estilo enxaimel, apresenta em seu interior objetos antigos, que datam do período colonial, quando da chegada dos germânicos nestas plagas. Outro grupo social que possui ambientes celebrativos e de memória, no Vale do Três Forquilhas, é o dos gaúchos. Estes possuem seus piquetes²⁸, ou ainda CTG’s. Nesta última modalidade de espaço,

²⁷ Não somente o café em estado líquido (“pretinho”), mas o estudo de Rubert também referencia em análise o “café” (assim grifado) como sendo uma tipo de mingau, feito a partir do café adoçado e misturado á farinha de mandioca. Pratica esta que foi lembrada por interlocutores da comunidade da Zâmbia.

²⁸ Sinônimo de acampamento. Ajuntamento de gaúchos. Diz-se de um grupo de laçadores, praticantes do laço comprido. Por vezes reunidos em caráter informal. Noutras ocasiões são regidos pelo estatuto de algum CTG o qual pertençam. Em outras situações os praticantes do laço comprido fundam um PTG (Piquete de Tradições Gaúchas) ou ainda um GTG (Grupo de Tradições Gaúchas), entre diversas outras várias denominações que estes grupos, que visam a organização dos tradicionalistas, buscam oficializar junto ao MTG (movimento Tradicionalista Gaúcho). Em alguns eventos de laço comprido, o cavaleiro só poderá participar do certame se for sócio de um CTG, em outros eventos (os que ocorrem em locais particulares) esta exigência é relevada.

algumas regras de convívio são pré-estabelecidas; normas de conduta, vestimenta, etc (através dos estatutos de cada agremiação). Ou seja, possuem, mais do que um expediente de convívio social; possuem uma instituição. Mesmo que não tenham um ambiente típico da museologia, evidenciam nas paredes de seus galpões (entendido aqui como o espaço de representação social do gaúcho) aparatos de suas representações: Avios de montaria, objetos que remetem ao nostálgico, objetos antigos, ferramentas de trabalho, quadros cômicos e artesanato. É um museu informal, do tempo passado, ou não. Alguns nipônicos empreendem seu *nihonma* (cômodo típico japonês), em Itati, onde, diferentemente do resto da casa, a decoração, a nostalgia e a temática étnica (até nacionalista, neste caso) está bem evidente.

De todo modo, os quadros solenes, fotografias de antepassados, tem esta função memorial, e esta prática ocorre nas casas de vários grupos sociais. Ocorre, inclusive, para todas as “etnias” pois a miscigenação, os casamentos de pessoas de diferentes etnias é normal nesta região, de tal monta que todas as etnias contemplam as representações das outras etnias. Estas “outras etnias”, podem ser a própria etnia deste “ser que contempla”, basta ele se afirmar, e se entender como um latino-americano miscigenado, por exemplo, dentro de um ou outro grupo social.

O negro, por sua vez, viu ao fim do período colonial e escravocrata no Rio Grande do Sul, seus eventuais objetos ritualísticos/religiosos, seus motivos de nostalgia e suas representações ficarem, no Vale do Três Forquilhas, deveras afetados com a supressão que sua cultura sofreu ante a onipresença europeia (aristocrática nos pequenos núcleos urbanos em formação ou estancieira em ambientes rurais).

Maquiné, o município lindeiro, localizado imediatamente ao sul de Terra de Areia, possui elementos de representação social já bem divulgadas em todo o meio acadêmico, antropológico, humanista, histórico, religioso e musical: Os Maçambiques²⁹ de Morro Alto (tendo um grupo dissidente que se mudou para a localidade de Osório) representam a musicalidade afro no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Analisados em amplos estudos por Prass (2009) e Bittencourt Junior (2006), diferenciam estes afrodescendentes dos outros grupos sociais no Litoral Norte, dando-lhes patrimônio artístico e cultural. Não os deixam (tão) subsumidos aos atributos de outras origens étnicas. O Maçambique diferencia o negro do Litoral Norte (em especial o afrodescendente de Osório e Maquiné) de modo positivo frente ao complexo mosaico cultural matizado pelas misturas étnicas.

²⁹ Folgado de matriz afro-católica, típico das comunidades quilombolas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Tem suas origens nas congadas (estilo musical) de Prainha e Morro Alto (comunidades do município de Maquiné). Sobre isto, ver o estudo de Prass (2009), sobre a musicalidade e desenvolvimento desta representação social.

Sendo Terra de Areia o município do Vale do Três Forquilhas com a mais representativa população Afro dentre os municípios da área de abrangência da pesquisa, quando comparado ao seu vizinho Maquiné, acaba por não demonstrar tantos elementos que reafirmem a etnicidade africana ou lhe diferenciem frente aos outros grupos sociais. A este processo de sumiço dos elementos culturais de um grupo social, Bonnemaision dá o nome de “etnocídio” (Bonnemaision, 2002, p.108): Não obrigatoriamente este conceito se remete ao genocídio de fato. Pensando nos elementos culturais de um grupo étnico (chamado pelo mesmo Bonnemaision de grupo social), quando esses, por algum motivo, somem, morrem, ou são subsumidos por outra cultura, sofrem um etnocídio. Sobretudo os grupos sociais não europeus foram os que sofreram os maiores etnocídios no contexto da área de abrangência da presente pesquisa: Os negros, sempre vistos como objeto necessário para o lucro nas fazendas, nos casarios e no luxo criminoso dos salões, sofreram um etnocídio duplo (um pela diáspora transcontinental, o outro pela submissão que a situação lhe impôs frente aos capitalistas escravistas).

Objetivamente, o espaço de representação social do negro, no vale do Três Forquilhas, seria a sua própria casa, os pátios e os poucos bairros que possuem algum traço de etnicidade por parte dos moradores. Não existe na região um elemento estético nas casas que faça algum observador identificá-la como uma “casa afrodescendente” ou uma “casa quilombola”.

A família extensa (SIQUEIRA, 2010) é uma ocorrência encontrada e registrada em outros momentos e em outros grupos sociais, que compreendem acontecimentos semelhantes (o de grande circulação de crianças) ao de tal grupo social (afrodescendentes). Sobretudo, a circulação de crianças é uma característica da família tipicamente brasileira (FONSECA, 1987), não estando inexoravelmente, no caso do recorte, associada somente aos quilombolas. Segundo Siqueira (et Al, 2010), esta circulação “indica a flexibilidade existente nas relações e na rede de contatos das famílias, enfatizando a importância da família extensa e comunidade no sistema de parentesco brasileiro” (p. 11).

Desaparelhado cultural e socialmente pelo contexto histórico colonial etnocida, o negro brasileiro perdeu seu patrimônio material, seus instrumentos de trabalho originais (africanos), os brinquedos de seus filhos, o artesanato e suas diversas particularidades (entre uma nação e outra) sendo forçado, com isso, a hibridizar suas crenças, nomeando alguns santos católicos como representantes relativos de seus demiurgos originais, os Orixás. Além de adaptar sua religiosidade, adaptou a musicalidade, danças, artes plásticas, gastronomia e outras representações sociais, sendo possível dizer hoje que não existe uma tradição angolana, moçambicana ou nigeriana, mas sim uma (construída e adaptada) tradição brasileira de origens subsaarianas, que se resinifica a cada dia (pela necessidade de sua [re]afirmação frente ao

racismo), se hibridizando à outras tradições brasileiras (que também possuem suas "matrizes" advindas de outros rincões).

3.1.8 O Ilê

"O Gregório é pai-de-santo - uma surpresa, pois lá em nosso município nem se ouvia falar em batuque" (BARBOSA LESSA, 1978, p. 169).

Visito o Ilê³⁰ "Reino de Xangô Agodô". Na verdade, vou visitar uma pessoa conhecida que, segundo indicações de terceiros, seria a mais indicada para tratar da temática da religião Umbandista em todo Vale do Três Forquilhas. Cabe lembrar, antes da descrição dos elementos da paisagem cultural, que os negros do Vale praticam, em sua imensa maioria, o cristianismo (neopentecostal e catolicismo). Chego de carro. É quase noite. Chove e faz frio. Buzino. Meu interlocutor sai pela porta lateral e me convida para entrar³¹. A casa é de uma aparência e arquitetura muito comum na cidade. Sou bem recebido. Tiro a touca; sobre este hábito, o de tirar toda e qualquer cobertura da cabeça ao se entrar num ilê, eu já estava apropriado. Sou orientado a descruzar os braços. Pergunto sobre seu outro ofício (uma profissão mais divulgada e "aberta" na cidade): "To trabalhando só com religião agora". Pergunto qual é a sua religião, especificamente: "Umbanda [...] isso aí veio por causa dos africanos". O interlocutor é natural do Vale do Três Forquilhas, tem sobrenome germânico, mas notada aparência afrodescendente. Explica que conheceu e aprendeu as práticas e axés (trabalhos ritualísticos) em Viamão, cidade onde residiu por muitos anos. O receio em me disponibilizar informações faz desta etapa (a de falar sobre religiosidade de matriz afro) uma das mais difíceis de escrita. Omitindo nomes, quantidade de praticantes, outros ilês existentes na cidade, assim segue esta hibridizada manifestação religiosa na cidade de Terra de Areia. Me afirma que "o povo daqui é foda³². É (umbandista) mas não assume" (grifo meu).

A regulamentação de uma entidade "oficializadora" ali também está presente: O babalorixá (como o interlocutor se define, além de outras nomenclaturas como "sou um sacerdote, mantenho a fê") tem um alvará regional, de uma associação religiosa de cultos afro-

³⁰ Do idioma Iorubá. Casa destina-se aos cultos da religião Umbandista.

³¹ Em diversos casos de visitas, a porta mais usada não é a da frente, ou a da sala, mas sim a da cozinha, que não necessariamente aparece na frente. O caráter agregador da cozinha, no caso de uma casa particular, mas que também funciona como ilê, também surge aqui. Enquanto referência do habitus, sugere uma ligação com um cotidiano voltado para a funcionalidade e a gastronomia como importante acontecimento social.

³² O mesmo que relação sexual. Atribuição para o que é intenso (tanto para o bem como para o mal). Algo que é difícil. Por vezes o termo é utilizado para atribuir característica pejorativa.

brasileiros (que é sediada em Tramandaí). Ele também tem um alvará pessoal (com foto e nome completo) licenciando-o para tal atividade. Está tudo na parede da cozinha³³.

O hibridismo da espiritualidade afro é amplamente trabalhada por Burke (2003) e Rey (2005). Dentro do quarto do santo³⁴, o que se pode contemplar é a grande variedade de manifestações religiosas, oriundas, inclusive, de diferentes continentes: Imagens de índios (América), “povos do oriente/ciganos” (Ásia), Santos Católicos (Europa, Brasil, diversos países), Orixás (África) e o Buda (Japão/ Ásia). Segundo Rey (2005) o sincretismo surge na sociedade com forma de hibridismo cultural, e tendo na noção de *habitus* religioso um meio de contemplar a religião em si:

O caráter híbrido do simbolismo, da mitologia, do ritual e das divindades foram os principais centros de interesse nos estudos sobre sincretismo, mas na realidade estes são produtos deste sincretismo ou signos exteriores. O processo do sincretismo religioso não pode, entretanto, ser explicado estabelecendo o parentesco entre estes sub-produtos. Proponho considerar que o sincretismo religioso é em princípio um processo teológico, epistemológico e integrativo que não pode ser explicado em toda sua complexidade sem uma atenção particular ao lugar de onde emerge. Considero que este lugar é precisamente o que Bourdieu denomina de *habitus* religioso – ou a “matriz de percepção” – através da qual uma pessoa filtra todas as suas experiências e todos os estímulos religiosos que lhe chegam... O *hábitus* religioso segundo Bourdieu pode ajudar a compreender a força integrativa da teologia popular no desenvolvimento do sincretismo da religião afro-católica (REY, 2005, p. 454).

Naturalmente, no caso do ilê, uma forma de hibridismo, dentro das variações cristãs existentes no Vale. Ocorre como uma dissonante multifacetada em relação ao “convencional”, ainda mais pelo fato de sincretizar crenças dentro de suas práticas. Um aspecto importante da questão umbandista e que deve ser lembrado, no contexto da hibridização, é a relativa conotação que os Orixás têm com os Santos (ou os segundos com os primeiros). Cada uma das entidades “equivale” a um outro “relativo” da “outra” fé³⁵.

A sociedade brasileira é relacional. Um sistema onde o básico, o valor fundamental é relacionar, misturar, juntar, confundir, conciliar. Ficar no meio, descobrir a mediação e estabelecer a gradação, incluir (jamais excluir). Sintetizar modelos e posições parece constituir um aspecto central da ideologia dominante brasileira (DA MATTA, 1987, p. 117).

³³ Visita feira em 9 de outubro de 2015, centro de Terra de Areia.

³⁴ Cômulo, dentro de uma propriedade ou local de religião afro (ou afro-brasileira) onde são feitas as danças ou rituais. As refeições ou parte de convívio e interação são feitas em outros cômodos, no pátio ou terreiro. É uma porção do ilê de maior importância espiritual e ritual, assim como mostra o estudo de Ramos (2015).

³⁵ Por exemplo: Ogum é o Orixá guerreiro, possuiu características combativas, de luta e coragem, por isso tem em São Jorge (santo católico) o seu congênere, sua versão romanésca.

A Festa do Divino (FERRETTI, 2006) bem como o Tambor de Criola e o Santo Daime³⁶ (BURKE, 1993), já foram explorados enquanto manifestação de hibridismo religioso no Brasil. A Umbanda também aparece com destaque em todos os estados da federação (OLIVEIRA, 2008). Portanto um ilê no Vale do Três Forquilhas não deve aparecer como fato inusitado. O eventual crescimento de pesquisas sobre hibridismo e religiosidade afro-brasileira (e minorias étnicas) no meio acadêmico poderia, de todo modo, afastar o perigo de se ter os grupos e comunidades exotizados pelas tendências racistas que persistem na sociedade.

Um ilê no Vale do Três Forquilhas é ainda uma cumulação de hibridismos, já que representa o território de culto de uma religião híbrida (dentro do que se entende por sincretismo religioso), estando em Terra de Areia, município extremamente católico, mas que passa por um processo de efervescência religiosa (várias matizes de cristianismo neopentecostal surgindo na cidade), que é um outro patamar de misturas, interações e inegável hibridismo. O ilê é componente desta paisagem cultural, desta região, desta porção de espaço: Sendo “o espaço, por si só, um híbrido” (SANTOS, 2006, p. 57).

3.1.9 *Nova ilhas*

A bondade do português e sua tendência natural à miscigenação é explicada pela sua própria composição étnica. Este povo no qual os ‘valores superiores dos nórdicos são atenuados’, em que o ‘vulto castelhano aparece deformado’, é reabilitado por Freyre como um colonizador aristocrático, capaz de, apesar de suas ‘características rústicas’, colonizar países tropicais. (SANTOS, 2000, p. 152)

Das etnias que compõem o litoral norte do Rio Grande do Sul, e especificamente o Vale do Três Forquilhas, é destacada a presença do grupo ilhéu lusitano. Dentro do Vale do Três Forquilhas, a cidade com maior contingente numérico e proporcional de descendentes deste grupo imigrante ainda é Terra de Areia (LIPERT, 1991).

O tema dos açorianos em território sul brasileiro é assunto recorrente e motivo para muitas pesquisas acadêmicas. Wiederspahn (1979) alerta que estes casais que foram convidados para uma aventura no sul do mundo eram chamados de "casais de número". Um dos motivos que fizeram do arquipélago atlântico um centro de repulsão é a propensão para terremotos. Sismos que ocorreram ao longo do século XVIII contribuíram para o processo de emigração dos ilhéus (WIEDERSPAHN, 1979). Um derramamento de lava vulcânica, a partir da ilha do

³⁶ Manifestações culturalmente híbridas da religiosidade brasileira: O Tambor de Crioula, no Maranhão, praticado principalmente por afrodescendentes em louvor a São Benedito e o Santo Daime (com origens Maranhenses e Acreanas), com matizes mais indígenas (praticado em todo o território nacional), representam misturas dos aspectos culturais de diversas etnias na construção de suas representações.

Faial, em 1746, já havia dificultado a vida dos ilhéus. Estas situações fizeram com que estes "casais de números" tomassem por escolha a emigração. Não era em vão esta nomeação: Fora articulado um plano, através da coroa portuguesa, por volta de 1763, que significou uma reação aos "invasores espanhóis" nos territórios que até então, pretensiosamente, pertenciam a coroa portuguesa. Na verdade, a vinda destes casais para as terras sulinas ocorreu, de um modo geral, e com o intuito de ocupar o espaço e transformá-lo efetivamente em território português, para "fazer número". A partir de 1748 até 1753, aportando na região da cidade de Laguna (atual estado de Santa Catarina), foram novamente deslocados, desta vez para o Rio Grande do Sul, processo que ocorreu entre os anos de 1752 até 1754 (WIEDERSPAHN, 1979).

Primeiramente estes casais ocuparam a região oeste do estado (região missioneira). Com o desenrolar do conflito luso/ espanhol (1763), os ilhéus começaram a ocupar outras regiões do sul brasileiro. Daí se deu a colonização e formação de uma cultura luso/ brasileira em Porto dos Casais (atual Porto Alegre), Rio Pardo, as regiões banhadas pelo Rio Jacuí, Camaquã, os campos de Viamão e Tramandaí (por vezes grifado e identificado como a pronuncia guaraníca propõem: Tahamanday) até o território catarinense (WIEDERSPAHN, 1979).

São contabilizados, pois, somente no Rio Grande do Sul, ao longo de todo o processo, mil casais, cinco mil duzentos e setenta e nove indivíduos ao todo (WIEDERSPAHN, 1979). As cidades que se destacam na presença da cultura e dos descendentes dos ilhéus no litoral norte são Torres, Mostardas, Osório e Santo Antônio da Patrulha (Entrevista com Carlos Cardoso, historiador terrareense, em 31 de Março de 2015, Terra de Areia).

Com o desenvolvimento da ocupação colonizadora no litoral norte, algumas localidades se destacaram devido a importância estratégica, situação geográfica e entrepostos de comércio: Surge então o vilarejo de Cornélios, na desembocadura do rio homônimo na margem norte da Lagoa dos Quadros. O sistema de transporte lacustre, que perdurou até a construção da rodovia federal, em 1968 (LIPERT, 1991) resultou em uma escassa ocupação da área onde hoje se conhece por Terra de Areia. O fim deste modelo de transportes, causado pela pavimentação da BR 101, levou o pequeno núcleo urbano, os serviços e pessoas para outra margem: A da rodovia.

Poderia ter surgido, com isto, uma "Nova Cornélios". Desenvolve-se, então, uma nova sede para o município, que só surgiria oficialmente décadas a posteriori. O que aparece com a decadência da Vila de Cornélios é a comunidade de "Entroncamento". Atribuição esta devido a concentração de casas que surgia exatamente em um cruzamento, entroncamento, encruzilhada, de um caminho que levava para a orla marinha e uma rodovia federal.

E é circundando a Lagoa dos Quadros que se encontra ainda as poucas edificações com evidente perfil arquitetônico açoriano. A grande maioria das casas do município tem variados valores arquitetônicos: O moderno, o *kitsch*, o vernacular, mas o perfil açoriano³⁷ é, hoje, raríssimo no município. Pode ele, o elemento açoriano, ter influenciado no perfil que muitas casas e prédios de comércio apresentam ainda hoje, porém não é constatado³⁸ nenhum "sentimento pátrio/lusitano", inclusive para os motivos das fachadas dos prédios. Enquanto paisagem cultural, o que se nota são as platibandas altas no centro de Terra de Areia. Se as platibandas procuram funcionalidade, o que é relatado por interlocutores, sem um sentido étnico, não fazem manutenção da cultura arquitetônica açoriana, e a representação cultural das pessoas, na sede do município, está desvinculada de qualquer sentido étnico/nacional imigrante. Se elas procuram funcionalidade no fato de esconder as telhas (as águas do telhado) tem a tendência de se tornar *kitsch*, ou uma atribuição arquitetônica *kitsch*, o que já é relatado por Bourdieu (1979).

A priori, Cornélios aparece como um centro de referência aos sobrenomes luso descendentes no Vale do Três Forquilhas. A atual sede de Terra de Areia não é uma cidade açoriana³⁹, mas sim uma cidade construída (nos primeiros anos de seu empreendimento) por colonos descendentes de imigrantes ilhéus. Os descendentes dos "casais *del-Rei*", ao longo das dinâmicas econômicas e estruturais que o estado estava vivendo, ao longo dos séculos, construíram as bases de suas representações sociais, com uma arquitetura indefinida e complexa, seja nas áreas com edificações mais antigas, onde a vernacularidade das fachadas propõem colorações nostálgicas e enigmáticas, seja nas áreas trabalhadas na contemporaneidade, já com interferência da cultura moderna, pós-moderna ou *Bauhaus*, ainda que os proprietários não estejam, propriamente, instrumentalizados de tais valores arquitetônicos. É a subjetividade do valor cultural na paisagem em formação.

³⁷ A literatura especializada (REIS FILHO, 1976; Lemos, 1989; WEIMER, 1987) aponta algumas características básicas do arquipélago português (ou, ainda, simplesmente lusa) que se mostram em repertórios existentes em muitas cidades do Brasil. O passado colonial, a facilidade em desenvolver vilas (pela própria situação geográfica) fizeram de algumas regiões grandes expoentes da arquitetura lusitana. O que pode observar na estrutura física das construções, e que apontam tal "herança" são as janelas com arcos (no marco superior), casa-em-fita (uma parede divisória para duas), eiras (varandas cercadas) e beiras (extensão da área coberta d telhado) no caso das famílias mais abastadas.

³⁸ E isto será tratado posteriormente, nos capítulos que versam sobre pertencimento e cultura.

³⁹ Mesmo que recebedora de boa parte dos fundadores da Vila de Cornélios, emigrados, dado o insucesso estratégico de sua fundação (troca do modal hidroviário de transportes para o modal rodoviário).

3.1.10 Os Alemães

“Também é comum cultivar uma segunda nacionalidade, particularmente quando a migração decorreu há bastante tempo e se tonou marco de povoamento” (HEIDRICH, 2013, p. 58).

A transcrição que Müller faz do diálogo de Paula Soares⁴⁰ com o Pastor Carl Leopold Voges⁴¹ remonta aos primeiros momentos da construção da colônia, e a preocupação dos líderes do grupo com o perfil arquitetônico que as construções haveriam de ter: “[...] Pastor, quando o senhor viajar até São Leopoldo sugiro que procure com as autoridades de imigração por algum pedreiro qualificado, em particular, que saiba trabalhar com o estilo enxaimel” (MÜLLER, 2009, p. 49).

Sobre as comunidades, dentro das perspectivas de nação existentes ao longo de século XIX e XX, o Bauman afirma que:

A perspectiva aberta pelo projeto de construção da nação para as comunidades étnicas era uma escolha difícil: assimilar ou perecer. As duas alternativas apontavam em última análise para o mesmo resultado. A primeira significava a aniquilação da diferença, e a segunda a aniquilação do diferente, mas nenhuma delas deixava espaço para a sobrevivência da comunidade. O propósito das pressões pela assimilação era despojar os “outros” de sua “alteridade:” torná-los indistinguíveis do resto do corpo da nação, digeri-los completamente e dissolver sua idiossincrasia no composto uniforme da identidade nacional (BAUMAN, 2003, p. 85).

Neste contexto, ainda na primeira metade do século XIX, o grupo intitulado “colonos alemães” empreendeu-se territorialmente no Vale do Três Forquilhas, primeiramente em um contexto de acantonamento⁴². Entre as variadas possibilidades de uso da terra, a abundância de madeira foi determinante para a consolidação (continuação) do estilo germânico de se construir moradias. Ao passarem, estes colonos, pelas provações das dificuldades da fundação da colônia (construção da igreja, das primeiras casas e organização das áreas de plantio), onde não havia uma preocupação com o estilo arquitetônico (no princípio foram construídos barracões de madeira e cobertura vegetal), o estilo enxaimel se estabeleceu preponderantemente, ao lado de

⁴⁰ A saber: Francisco de Paula Soares Gusmão- “Natural de São Paulo (a época da província de São Paulo) em 1784. Filho do Tenente Francisco Soares e Esméria Antônia de Gusmão. Foi o primeiro inspetor da colonização Alemã na cercania de Torres- RS. É o idealizador da ocupação alemã nesta localidade” (MÜLLER, 2009, p. 140).

⁴¹ Presente na primeira leva de imigrantes alemães no Vale do Três Forquilhas, o Pastor Voges, como ficou conhecido, é o patrono da colonização alemã na região, tendo uma escola, no município de Itati, homenageando-o com seu nome.

⁴² “É a acomodação de pessoas em um espaço apertado, na forma de acampamento rústico[...]. Na língua alemã foi definido por *Einquartierung* e em francês como *Cantonement*” (MÜLLER, 2009, p. 145).

construções vernaculares (casas de madeira, Galpões) e adaptações ocasionadas pelas misturas culturais que ocorrerão desde então.

Algumas casas em estilo enxaimel ainda podem ser vistas no Vale do Três Forquilhas, especialmente nos municípios de Itati e Três Forquilhas. Conjugam, neste contexto de hibridismo ao passo dos anos e das modificações técnicas, seu estilo colonial alemão com as novas necessidades de trabalho, lazer e morar. Neste sentido, muitas casas em estilo enxaimel estão associadas aos Galpões ou ligadas (tanto física quanto afetivamente) em casas de arquitetura moderna (ou pseudo-moderna).

Por localizarem-se área de produção agrícola, estas casas acabam por compor a paisagem em conjunto com outros tipos de construções. Dá-se o hibridismo desta paisagem cultural: Casas marcadas fortemente pela arquitetura europeia (ainda que rural, dada a origem ancestral dos colonos) junto a construções vernaculares que atendem o programa de necessidades produtivas e cotidianas dos habitantes de Itati e Três Forquilhas, como currais, galinheiros, estrabarias, casas de lenha, casas do forno, garagens e Galpões.

A epígrafe deste subtítulo serviria de modo igualmente adequado ao grupo descrito no próximo subtítulo, dada a importância que a nacionalidade, nas ocasiões das visitas específicas destas famílias, apresentou nas falas e no sentimento de pertença e hibridismo.

3.1.11 Ítalo-brasileiros

O relevo plano foi o que chamou a atenção de alguns grupos de ítalo-brasileiros para esta região⁴³. Conhecedores destas paisagens, devido aos dias de veraneio e férias, se interessaram pela possibilidade de um manejo mais fácil e menos desgastante no labor. Cultivam uva de mesa, tomates, pêssegos e outros produtos, vendidos na região, ou até mesmo em suas propriedades (venda direta). Inserem seus sobrenomes no contexto da região, misturando-os na predominância das assinaturas portuguesas. Dão mais uma identidade étnica (ou elementos que são atribuídos ao étnico) no Vale do Três Forquilhas.

Algumas famílias cultivam dialetos italianos, principalmente no ambiente doméstico ou entre vizinhos que compartilham da mesma herança cultural, especialmente nas zonas rurais

⁴³ Alguns relatos de ítalo descendentes revelam a preferência por áreas mais planas no litoral, quando comparadas com áreas extremamente acidentadas dos municípios de origem de alguns colonos (Como no caso da família Tesaro. Ver em “Etnogeografias do Galpão”). Barra do Ouro (Distrito de Maquiné) Flores da Cunha, Vanine, Casca e Caxias do Sul são algumas das áreas de origem das famílias “gringas” (termo utilizado pelos próprios ítalo descendentes para autodeclaração étnica). Outros relatos mostram que a aposentadoria e o modo de vida mais calmo, “próximo ao mar”, foi o motivo da escolha por tal área (patriarca da Família Ferrigo).

onde desempenham sua agricultura⁴⁴. Falam português plenamente, diferente de alguns interlocutores nipônicos (por exemplo) no contexto da pesquisa. Alguns sobrenomes italianos ainda podem ser encontrados em comércios e prestações de serviços nos núcleos urbanos de Terra de Areia e Três Forquilhas.

3.1.12 *Nisseis e gerações*

A cultura japonesa deslocada não configura “cultura japonesa”. Isso acontece porque os nikkeis criaram uma cultura étnica com referências japonesas e brasileiras. (KOICHI MORI apud MANFRINATTO, 2008, p.7)

Sobre as gerações de japoneses no Brasil e suas terminologias, explica Horigoshi (2010): *Gaijin* (em língua japonesa, designação para estrangeiro); *issei* (primeira geração de japoneses); *nissei* (segunda geração); *sansei* (terceira geração) e *yonsei* (quarta geração)” (HORIGOSHI, 2010, p.1). Existe ainda a expressão *dekasegui*, que na tradução literal seria “aquele que viaja para trabalhar” (MÜLLER, 1993), e, de modo mais genérico, a denominação *nikkei*, para todo japonês que tenha nascido fora do arquipélago ou more regularmente fora do país.

Os anciões da comunidade nipo-brasileira de Itati são todos nascidos no arquipélago ancestral. Existem um bom número de *Issei's* e *nissei's*. Existem ainda alguns indivíduos filhos de japoneses e *issei's*, e estes já possuem, inclusive, filhos: Tais crianças são *yonsei* por parte de uma linhagem e *nissei* por parte de outra. Desta forma o hibridismo toca a comunidade nipo-brasileira no Vale do Três Forquilhas: Casamentos com “brasileiros” e sucessões de variações de *issei's*, *nissei's* e *gaijin's*, sendo que o primeiro casamento entre uma japonesa e um brasileiro se deu sobre a orientação de pastores luteranos de origem japonesa e alemã, pesquisadores sobre grupos estrangeiros, que deixaram registrada a importância da religiosidade luterana e os casamentos Inter-étnicos como forma de facilitar a integração dos nipônicos ao solo brasileiro (MÜLLER, 1993).

Das famílias entrevistadas, três são oriundas da região de Fukushima, e outra é de Fukuoka. Há ainda, no Vale, famílias oriundas de Nagano e Kuramoto, porém a ampla maioria das famílias veio de Fukushima (MÜLLER, 1993).

⁴⁴ Principalmente nos bairros Boa Vista e Perpétuo Socorro, em Terra de Areia.

3.1.13 *De Nihonma e Galpão*

Entre os vários espaços de produção cultural e memorial encontradas no contexto da pesquisa, estes dois conceitos, Nihonma e Galpão, trazem a inspiração fundamental, hipotética e comparativa do trabalho: Aparecendo como cômodos de uma casa ocidentalizada mas com traços de etnicidade. Esta referida etnicidade não é somente aquela vinculada ao nacional, ou a experiência uníssona de um gênero de vida isolado de uma ou outra região do planeta. Esta etnicidade leva em conta o viés de Bonnemaison, quando o mesmo afirma que “Sem etnia bem delineada, não pode existir cultura nem visão cultural” (2002, p. 93). Os grupos dos Sul Brasileiros e dos Nipo-Brasileiros trazem etnicidade para estes cômodos (Galpão e Nihonma), não no sentido de que construíram eles excepcionalmente para seu trabalho ou sobrevivência, mas sim (e isto contém o cultural) como forma de realçar na residência a experiência da estética, mesmo que vernacular, das gerações anteriores.



Figura 8: Nihonma da família Sato

Fonte: Augusto da Silva Bobsin, em 31/03/2015. Itati.

3.1.14 *A influência do Gauchismo*

A importância das agremiações literárias (em um primeiro momento) para a consolidação do regionalismo enquanto elemento influente para a formação cultural do Rio Grande do Sul é destacada por Heidrich (2012) e Oliven (2010) ao denotarem que até mesmo as regiões que não possuíam as características geográficas (pampa) e fundiárias (grandes estâncias), próprias do sul rio-grandense, também acabaram aderindo aos hábitos gauchescos,

os mesmos hábitos relatados por Simões Lopes Neto em seu “Contos Gauchescos” (1978)⁴⁵. Esta expansão da tradição dos CTG’s para outras regiões do Rio Grande do Sul, mais do que uma hibridização sobre a cultura lusa, teuto, afro, ameríndia ou ítala, acabou com a dicotomia estética existente entre o Sul (pampeano e latifundiário) e o norte (“europeu”, minifundiário), conseguindo impor aos “colonos” (designação para camponeses no sul do Brasil) que o mito do gaúcho fundara uma cultura agregadora, que igualava em condições morais e sociais o patrão e o peão.

O tradicionalismo gaúcho (chamado genericamente de nativismo ou regionalismo) expandiu-se acentuadamente. O Litoral Norte (localizado no arrabalde nordeste, tendo nuances perimetropolitanas, atlânticas e catarinenses) sob tutela do sistema de cidades do norte e nordeste do Rio Grande que influenciam na cultura e hábitos (HEIDRICH, 2012) também aderiu ao tradicionalismo gaúcho. As mais destacadas entidades tradicionalistas desta região (ao menos as mais próximas do Vale do Três Forquilhas) são o CTG João Sobrinho, em Capão da Canoa, e o CTG Estância da Serra, na cidade de Osório.

O Rio Grande do Sul ofereceu a distinção cultural para compor a coexistência e, em termos de contribuição para o futuro, firmou-se nos princípios republicanos positivistas (HEIDRICH, 2012, p. 246).

Diferentemente de outros casos brasileiros de (busca por uma) distinção cultural, onde pode-se destacar o caso mineiro e o nordestino, o Rio Grande do Sul conseguiu, dentro de uma complexa conjuntura de pertença em região fronteira, estabelecer, ao longo do século XX, o mito de um personagem modelo, tanto nas práticas (ter sido guerreiro e, posteriormente, camponês) como nos valores (honradez, coragem, honestidade); Surge o mito do gaúcho (HEIDRICH, 2012, p. 248/249).

Ao passo da produção literária, esta tendo por referência maior os grupos “Grêmio Gaúcho” e “Parthenon Literário” e na figura do escritor Apolinário Porto Alegre, surgiu uma tendência no Rio Grande do Sul de “ênfase das peculiaridades” (OLIVEN, 1989, p. 3), não deixando de apresentar contradições, enaltecendo-as frente ao nacional. Portanto, grupos de um contexto urbano apresentaram interesse em um conteúdo campesino/interiorano, enquanto fonte inspiradora de suas produções literárias, influenciando, de certo modo, na formação do imaginário acerca do tema gaúcho e de tudo que lhe cerceava. Não propriamente aspectos nacionais negados, mas sim o regional reforçado.

Pozenato (1974, p. 43) afirma que (influenciados pelo regionalismo) ao propor literatura própria “transferiram ao peão da estância as qualidades heroicas do gaúcho primitivo”. Simões

⁴⁵ Sendo esta coletânea de “causos interioranos” a inspiradora (rememorando as práticas populares do meio rural do sul do estado) dos hábitos cultuados pelos CTG’s, e por eles institucionalizados.

Lopes Neto surge com muita força neste contexto com seu “Contos Gauchescos” (1912), trabalhando os valores positivos deste “personagem” (tido, por vezes, como uma captura, e não personagem), tais como honradez, coragem, lealdade ao patrão, defesa da fronteira e amor ao “seu chão” e aos animais (principalmente ao cusco e ao pingo) (LARA, 1985, p. 27-30).

Cyro Martins surge como um dos primeiros nomes da desmistificação deste personagem (até então) romantizado e enobrecido, abrindo picada para a mais conhecida saga da escrita neste estado; “O Tempo e o Vento” relata os 200 anos na história da construção identitária dos interioranos sulinos, descritos em perspectiva realista por Érico Veríssimo. O mito do gaúcho fica enfraquecido, assim como enfraqueceu-se o grupo (econômico) que mais lhe cultivou: Os estancieiros (ZILBERMAN, 1992). Sobre esta relação racionalidade X pertença regional, Sautter mostra que “entre os homens e suas paisagens existe efetivamente uma convivência secreta, a qual o “discurso racional, científico, dissecador e classificador” não pode dar conta (SAUTTER, 1979, p. 40).

Mesmo entendendo que uma pesquisa acadêmica não daria conta de toda complexidade e subjetividade das relações humanas do sentimento de pertença (ou a falta de), pois toda esta graça, para ser concebida em caráter formal, se daria como vivência em meio às paisagens, em meio aos homens, o uso da literatura de Burke (2003) e Canclini (1997) acaba por ser uma escolha cabível, já que outros pesquisadores interessados nos matizes étnicos que interferem no espaço também vislumbram nos aspectos híbridos uma explicação para a produção cultural da sociedade.

4 ETNOGEOGRAFIAS DO GALPÃO.



Figura 9: Galpão de Maria Inaíde Siqueira

Foi um dos grandes desafios; inquietação e desconforto, porém assimilado ao longo do processo, quando algum colega ou amigo perguntava sobre objetos que já haviam sido denotados em campo ou quando alguém pronunciava “Galpão”, “chacrinha” ou “Galpãozinho” para se referir ao cômodo (área externa) da casa, dando a entender que em tal propriedade a gastronomia, os festejos de cunho regionalista, as festas ou o trabalho tinham um ambiente próprio. Se tal ambiente era (ou é) território, lugar, não-lugar ou espaço, isto se deu ao longo da escrita. Os conceitos base da geografia não apareceram somente nos capítulos ou subdivisões que os carregam em seus títulos: A todo momento as reflexões sobre “o que é o Galpão?”, ou “o que ele representa?” guiaram a escrita e, por vezes, reacenderam os conceitos estruturantes desta ciência, em trechos que aparentemente tinham caráter “puramente” étnico, antropológico ou arquitetônico. Esta reflexão, sobre as experiências de quem tem este costume, nestes relatos, justamente nisto, é que se constitui a etnogeografia dos Galpões (Relato de campo. Terra de Areia, 29 de setembro de 2016).

As etnografias do Galpão, para melhor entendimento e ilustração, apresentam-se em três tendências, não representando, nesta organização, uma imobilidade de categorias ou grupos de Galpões, mas sim tendências de acontecimentos, estilos e tipos de construções, que podem ser agrupadas em: Galpão autêntico: Esse autêntico não quer dizer, necessariamente, gauchesco, mas sim o que expressa o cotidiano espontâneo, da prática vivida sem intencionalidade de produção da marca. Galpão fabricado: Galpão almejado e buscado para fazer estilo, pelo apego tradicionalista que quem o empreende cultiva. Aproximações de Galpão: Apresenta as mesclas de categoria (não desconstruindo o aspecto que os anteriormente apresentados também teriam delas), mas ressaltaria o viver regional, aglutinado, produzindo híbridos com tenacidade em função do cotidiano.

4.1 Galpão Autêntico

4.1.1 *O Hábitus do Galpão*

A noção “grega” de *hexis*, para a compreensão do conceito de *habitus* pauta ainda o entendimento de autores modernos. Analisar o que move as ações dos indivíduos, mesmo quando entendidos dentro de um “grupo”, no sentido mais genérico do termo, é um importante anseio norteador da ciência. Ao (re) pensar o recorte espacial e dos grupos sociais desta escrita, tocar no termo *habitus* se torna epistemologia complexa, pois as heterogeneidades que envolvem tais “grupos” (Rio-grandenses contemporâneos) demandam de muitos aportes bibliográficos e reflexão hipotética. Ainda mais especificamente, toca o mote da pesquisa pois o tema central, factualmente, é só um recorte da vida dos tais Rio Grandenses; e é inanimado: O Galpão e os ambientes de reprodução cultural e representações sociais. Não é possível fazê-los falar. Se propõe a etnogeografia e a etnografia participante como formas mais aproximadas para atender tal demanda.

“[...] a cultura não é só um código comum”. Pode ser entendida como "um conjunto de esquemas fundamentais. [...] engendram infinidade de esquemas particulares". (BOURDIEU, 1972, p. 349. Grifo meu). Não deixando as particularidades e individualidades interferir nesta conceitualização de cultura, Bourdieu (ao escrever o posfácio da obra “Architecture gothique et pensée scolastique” de Erwin Panofsky) sintetiza que o conceito gira em torno das experiências passadas de um grupo. Já o conceito de *habitus* pode aparecer: “[...] enquanto utilidade conceitual (e para esta pesquisa), sendo “também adaptação, ele realiza sem cessar

um ajustamento ao mundo que só excepcionalmente assume a forma de uma conversão radical” (BOURDIEU, 1983, p. 106. Grifo meu).

No Vale do Três Forquilhas este *habitus* é híbrido. Híbrido em diversos sentidos: Quando Machado (2011) fala de um “Cardápio híbrido” (p. 50)⁴⁶, comprado ao que ocorre com os Galpões pesquisados, pode-se notar, justamente, a partir das técnicas e dos objetos que lhe empreendem vida: o forno elétrico ao lado do fogão campeiro, churrasqueiras e técnicas de preparar a carne em novos formatos (ou em formatos reeditados, vinculados ao culto de práticas antigas) como a churrasqueira feita dentro de um “meio tonel” metálico, pelos músicos de *Tchê Music*, churrasqueira em miniatura de Josuel e Daiane, churrasqueira feita com uma geladeira velha de Alcione Macedo, Dênis “Veíó” e Cleomar Tondin (figura 10), e “fogo de Chão”⁴⁷ de Sérgio Nunes.

⁴⁶ Este tipo de cardápio pode ser entendido por: Cucas ou outras receitas mantida por gerações, preparada com ingredientes da colônia, frente ao bolo de caixinha, à base de produtos industrializados, por exemplo.

⁴⁷ Retratado em diversas poesias e canções, o “fogo de chão”, mais do que o nome explicitamente retrata, é uma tradição dos representantes do gênero de vida pastoril do sul do Brasil. Apreciado pelos tradicionalistas, não somente no sentido da busca por calor ou preparação dos alimentos, mas também enquanto prática de sociabilidade, momento onde os mais velhos contam histórias revestidas de valores e crenças, representações e continuidade. Algumas vezes é feito (armado) em Galpões que não possuem assoalho ou piso (geralmente em Galpões de trabalho). Quando uma família mata algum animal de sua propriedade, a limpeza e manejo da carne são feitas com base no fogo de chão. Por vezes são utilizadas pedras para amparar uma chaleira ou cambona próxima do fogo. Na cultura gauchesca se utiliza, com maior frequência, a trempe. Sobre a prática do fogo de chão dentro de um Galpão com coifa e piso (o que era impensável no contexto dos Galpões de trabalho e de cozinha suja do século XIX e XX) obtempera-se que “Muitas vezes, as representações operam despertando reminiscências antigas e já desaparecidas do cotidiano. Sua atuação consiste em atualizar conteúdos culturais subtraídos do contexto original [...]. Em consequência, busca atualizá-los, sopesando sua manutenção em Cânones consagrados no passado” (SILVEIRA, 2001, p. 34).



Figura 10: Churrasco feito em geladeira. Galpão de Cleomar Tondim

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 26/10/2015. Boa Vista, Terra de Areia.

O pensamento de Canclini (2006), acerca das dinâmicas da cultura e suas possíveis modificações, complexifica ainda mais o entendimento sobre o hibridismo quando afirma que pode haver combinações, quase sem conflito, “quando a exaltação das tradições se limita à cultura enquanto a modernização se espacializa nos setores social e econômico” (p. 206). Neste ponto o conceito de cultura pode ser revisado, ao passo que as modernizações do “setor social e econômico” também são manifestações culturais do cotidiano, e as tradições (como no caso da gastronomia nos Galpões, apesar desta buscar uma distinção através do rústico e guapo⁴⁸), mesmo que busquem o essencialismo da carne enquanto fartura e celebração, ainda sim, aparecem como híbridos, já que se utilizam de técnicas atuais para seu preparo, ou tenham na sociedade pós-moderna um motivo para uma celebração rústica no Galpão (Geralmente envolvendo carne).

Esta tendência, de busca identitária, é vista por Mariani (et al, 2010) como resultado da miscigenação étnica do Brasil, justamente em uma edição que trata, exclusivamente, sobre o consumo regionalizado de carne em uma região deveras miscigenada:

⁴⁸ Do homônimo espanhol. “[...]Animoso, corajoso, ousado, valente” (FERREIRA, 1975 p.705). Muito utilizado na literatura e música regional gauchesca, por vezes entendido como sinônimo de rústico.

A busca pelo típico está entre as muitas formas de diferenciação encontradas no turismo. A culinária brasileira é extremamente rica e variada, tanto em função da amplitude territorial do país quanto da miscigenação cultural. Os índios, os africanos e os europeus são sempre citados como as principais raízes da culinária brasileira. A estes, de forma mais recente, pode-se acrescentar a influência asiática – tanto do Oriente Médio quanto do Extremo Oriente – e o fast-food como modificadores dos hábitos de consumo alimentar no país (MARIANI, 2010, p. 10).

O que mais chama a atenção pelo inusitado é o fato que dois autores (Machado, 2011; Mariani et al, 2010) citam o *fast food* (a gastronomia será tema de próximos subtítulos) como antítese máxima dos movimentos gastronômicos brasileiros de origem rural/pastoril. O hibridismo aparece tanto como sinônimo de miscigenação étnico/cultural e também enquanto reação aos movimentos standardizadores dos hábitos, mesmo que em outros ambientes os habitues de uma gastronomia frequentem a gastronomia do “outro”. O *habitus* é heterogêneo conforme o ambiente. Este fato pode ser observado quando praticantes da cultura gaúcha vão em restaurantes de outros estilos gastronômicos, mas continuam consumindo suas músicas, seus símbolos e gastronomia. Um exemplo disto é um baile de *tché music*, detalhado no subtítulo “Salões”.

O *habitus* dos galpões do Vale do Três Forquilhas, ou ainda sua gastronomia, como uma das manifestações do *habitus*, não é *sui generis* em um panorama nacional ou estadual. Se cada cidade fosse *sui generis* em suas representações não existiria o típico. Só seria *sui generis* se este conceito levasse em conta o ineditismo das sobreposições e misturas temporais, étnicas, de modos de vida e trabalho, o que, ainda assim, é arriscado demais para se afirmar.

Mais do que o *habitus* do Galpão, o hibridismo pode propor experimentações inéditas, inusitadas e irreverentes dentro do cotidiano. É um acontecimento híbrido pois “o híbrido pode surgir da incorporação do dominante, da negociação ou da resistência frente ao dominante” (CANCLINI, 1996, p. 3-4). Isto ocorre duplamente nos Galpões, pois há incorporações contemporâneas (mídias informacionais pós-modernas) dentro de uma “habitação” que remete ao passado de antigos habitantes de regiões próximas (Fronteira e Campanha do Rio Grande do Sul). Adaptação e resistência frente aos modismos diversos, fortalecidos pelas fragmentações dos territórios, em diferentes intensidades e temporalidades, são o próprio hibridismo isso sem imaginar o caldeirão étnico que é a base de tal “região litorânea gaúcha”.

A reverberação do hibridismo e, com isso, dos cardápios híbridos pode ser vista no contexto da pesca na Barra dos Quirinos: Maior comunidade pesqueira da região, já apresenta alguns Galpões de pesca e venda, diversos serviços e produtos (ações e objetos) pré-temperados; a exemplo dos bolos de caixinha, achocolatados e café solúvel, nesta comunidade

já se pode encontrar, além do peixe congelado, simplesmente eviscerado ou filetado, empanados e salgados (figura 11). Oriundos do mesmo produto (peixe), as diferentes versões de consumo da proteína da mesma carne evidenciam o passo gradativo das mudanças no hábito alimentar cotidiano. Uma mudança no cerne do cotidiano e consumo cultural doméstico, evidenciada pelo fator temporalidade⁴⁹.



Figura 11: Diferentes formas de beneficiamento do peixe. Galpão de Sérgio Meireles

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 14/06/2016. Barra dos Quirinos, Terra de Areia.

O hibridismo, desta forma, ainda pode ser visto nestes Galpões pois são utilizados para diferentes objetivos (trabalho/lazer) e na mistura entre as práticas inventadas pelos seus habitues ou práticas de outras regiões, experimentadas enquanto folclorização de si mesmo.

Sobre possíveis padrões ou tendências de relacionamentos conjugais, apontada por Bourdieu (2004), de acontecerem casamentos com parentes, ou simplesmente vizinhos próximos, e que tal prática seria recorrente em famílias de zonas rurais, esta prática amplia as possibilidades da consolidação de uma família extensa. Alguns autores ainda apontam para o

⁴⁹ Peixes vendidos com pouca interferência (beneficiamento), assim como em décadas passadas, frente aos novos modelos de venda e consumo de peixes, já condimentados e preparados para o consumo, seguindo a tendência de grandes corporações alimentícias de nível global.

fato de que, mesmo que subjetivamente, os casamentos e relações, no imaginário campesino, deveriam se dar sobre a égide da ordem local, com o intuito de "preservar uma unidade de parentesco e os circuitos de reciprocidade que nela e por ela operavam, assim como uma concepção moral da relação com a terra" (WOORTMANN, 1995, p. 225). As subjetividades contemporâneas, novas formas de comportamento jovem, ou ainda modelos de família "não tradicional", complexificam e relativizam ainda mais estas afirmações sobre padrões de configurações familiares. Contudo, considerando (hipoteticamente) alguma possibilidade destes circuitos familiares possuírem influência em alguns purismos (ou busca disto) através de tipos de casamentos, o que se vislumbra de fato, na contemporaneidade, é uma mistura cultural considerável, contemplada, por exemplo, através dos sobrenomes interétnicos.

4.1.2 Essencialismo de Galpão

A categoria território, quando aportada em Raffestin (1993), em especial ao eixo axiomático do "pensar o território enquanto porção do espaço onde se manifestam relações de poder", busca a complexidade alcançada pelas dinâmicas da construção espacial. Acerca disto Saquet (2011) caracteriza o trabalho de Raffestin como "abordagem renovada, interdisciplinar e (i) material de território e da territorialidade, incorporando aspectos semiológicos" (p. 44). O uso do território enquanto conceito, e elemento de reflexão sobre esta etnografia, se justifica pela ideia, vista em muitas visitas ao longo do campo, do Galpão enquanto um espaço cultural (para aquele que o empreende), um espaço com intencionalidade, onde existe determinada ética (mesmo que subjetivamente): É a essência do Galpão enquanto um tipo de território.

O caso dos Galpões, e de como a sociedade (re) configurou este elemento de sua cultura e paisagem, são exemplos da necessidade que a ocorrência do fato apresenta frente aos preceitos analíticos: Um olhar abrangente, que dê conta da complexidade geográfica e das relações sociais. A abordagem interdisciplinar e imaterial do território (e territorialidade) pode ser vislumbrada quando, no contexto do tradicionalismo gaúcho, para alguns habitués de Galpões, as "tradições" (BOURDIEU, 1976) serem propostas⁵⁰ e não, propriamente, se desenvolverem do âmago das experiências e agir simbólicos. Não deixa de ser uma forma de invenção da tradição e construção de um grupo social (ainda que por agenciamentos subjetivos).

Não existem regras para a construção de um Galpão, mas alguns interlocutores entendem que nem todas construções podem ser chamadas de Galpão, ou ainda, que para ser

⁵⁰ E até impostas, como no caso do CTG e da proibição da dança "maxixe" (que será abordada no subtítulo Danças do Galpão)

de fato um Galpão tal construção precisa de alguns atributos estruturais mínimos (pau roliço, madeira crua, ares de rusticidade, o que será tratado em subtítulos a seguir, como Galpão Depósito, Esportes de Galpão, etc).

Na visita ao Galpão de Erandir Silveira, noto que o chão tem um contrapiso de cimento, bem simples. Angélica, a filha mais velha, reclama: “De chão batido era melhor, todo mundo ajudava a cuidar”. Neste sentido, a nova forma do piso obriga aos moradores uma manutenção frequente e sistemáticas limpezas, quando que ao chão batido, em sua brutalidade, bastava não deixar a comida cair ali. Era mais simples e eficiente. Ainda assim a construção é chamada de Galpão pelos membros da família, e é onde passam a maior parte do tempo, já que as refeições (tanto cotidianas, quanto festivas, de finais de semana) são realizadas ali. O Galpão fica na frente das outras (várias) construções da propriedade. Cabe destacar que, na maior parte dos casos desta pesquisa, os Galpões se localizam nos fundos da propriedade. Mais ao fundo se observa as duas casas (a de Erandir e a de sua filha):“A casa serve só pra dormir e banho”, revela Angélica.



Figura 12: Galpão da mãe

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 31/05/2016. Zâmbia, Terra de Areia.

Outro elemento do essencialismo étnico (ou da perda deste) que está em transição no Vale do Três Forquilhas é a relação de alguns nipo-brasileiros com as três formas de alfabeto para expressar a linguagem japonesa. José Paulo Abe diz que não entende, e nem ao menos pratica todas as formas gráficas dos alfabetos japoneses. São três os alfabetos: *Hiragana*, *katakana* e o *kanji*. Cada um destes apresentando níveis de abstração e compreensão diversos. José Paulo, o popular “Paulinho”, afirma que seu filho, residente no Japão (portanto um *dekasegi*), já possui melhor compreensão destas variadas formas. Cabe destacar que um dos entrevistados, O senhor Masaharo Aso, praticava o *kakesu* e a caligrafia japonesa dentro de seu nihonma, com o intuito de “serenar a alma”, como relata sua filha Michiyo. Ela afirma que atualmente mora em São Paulo, e que em sua residência também se preocupou em organizar um nihonma.



Figura 13: “Nippon Games”, de Jose Paulo Abe e exercícios de kakesu, de Masaharo Aso
 Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 29/10/2015, Terra de Areia, e em 11/08/2016, Itati.

4.1.3 Denominações do Galpão

“Para alguns autores, o ato fundador é dar um nome e, por isso, é a partir do nome que produzimos o pensamento e não o contrário”.
 (SANTOS, 2006, p.42).

Ao longo desta escrita as diferentes formas de entender o Galpão (inclusive a nomeação) são descritas, sendo, inclusive, títulos das subdivisões dos capítulos. A atribuição funcional do Galpão pode determinar algum conceito de construção (Galpão, estrebaria, casinha, chacinha, etc) ou explicitar uma especificidade no próprio nome (Galpão de “arreame”, Galpão de depósito, Galpão de tambo, Galpão da bagunça, etc). Grandes estruturas com vigas e pilares metálicos, servindo para a estocagem e armazenamento, principalmente no sentido da especialização do trabalho e tecnificação da produção capitalista, também são chamadas de

Galpões, como o site da empresa “Vimplan Galpões” expõem (disponível em <http://www.galpoesvimplan.com.br/> Acesso em 18 de abril de 2016). O Galpão em um sentido industrial (o que não é o foco da pesquisa) também acaba por receber outros “sobrenomes” de acordo com o uso, como no endereço eletrônico da empresa “topico” (aluguéis e vendas de estruturas) onde aparecem discriminados o Galpão, Galpão metálico, o Galpão de lona, o Galpão de duas águas, etc (disponível em <http://www.topico.com.br/> acesso em 18 de abril de 2016).

A saber, oficialmente, o termo Galpão, pela versão clássica do dicionário Aurélio (1975), é conceituado como: “s.m. 1 Bras. Construção coberta e fechada pelo menos por três de suas faces, na altura total ou em parte dela, por paredes ou tapumes, e destinada a fins industriais ou a depósito, mas não a habitação. 2. Bras. RS. Edificação aberta em um dos lados para abrigo de homens, animais, material, etc. 3. Bras. RS. Estábulo (FERREIRA, 1975, p. 672)”. O dicionário Michaelis descreve: “s.m (do asteca kalpulli, pelo cast) 1. Apendre, telheiro. 2. Reg (Centro e Sul) Construção rural para depósito de utensílios de campo e residência dos peões da estância. 3. Reg(Sul e Centro) Cobertura simples, sobre esteios, aberta de todos os lados, ou de alguns, construída à margem das estradas de tropa ou boiadas, para pouso e sesteada, em viagem; em Minas, chamado rancho (MICHAELIS, 1998, p. 670)”.

Largamente utilizado, o termo Galpão pode aparecer atribuído (ou atribuindo) aos valores rurais de alguma propriedade, de sua produção, do viver e do praticar. Pistorello (2011, p. 9-10) cita em duas oportunidades o termo “Galpão”, para se referir á edificação rural que atende o programa de necessidades produtivas da propriedade rural no interior de Santa Catarina (região nordeste do estado, de colonização germânica). Estas edificações foram chamadas, no trabalho de Raasch (2008,p. 32-33), de “ranchos” (que na estética e no uso, são idênticos aos Galpões do Vale do Três Forquilhas, como aponta a figura 14).



Figura 14: Paisagem cultural do bairro Testo Alto (município de Pomerode- SC)
 Fonte, Raasch, 2008, p. 34.

A fala de Viana diz respeito ao movimento cultural dos últimos anos, que se aproveita de algum elemento paisagístico, modos de vida e técnicas dos grupos para promover o seu próprio “turismo patrimonial”, frequente, nesse contexto, em cidades rurais com presença colonial/histórica de grupos europeus.

Recorrem ao etnográfico como pretexto ou argumento para favorecer passeios turísticos pela identidade. Uma identidade que se transformou, cada vez mais, em moeda de troca e mercadoria nas reivindicações regionalistas ou nacionalistas. Uma identidade reconstruída como uma diferença em relação aos outros, e ao que se pode obter dos outros, mais do que como defesa do próprio. Uma identidade com que se possa competir em singularidade e exotismo perante diversas administrações, procurando reactivar economicamente zonas previamente condenadas ao abandono ou ao desaparecimento pelas políticas dessas mesmas instituições. Trata-se de (...) reinventar rotas do típico a partir de um antes, bastante atemporal; de criar tuneis com portagem para regressar a um passado tão duvidoso que, como tal, provavelmente nunca existiu. A identidade parece ter-se assim transformado, muito mais do que num sentimento ou numa paixão, num produto de mercado (VIANA, 2006, p.150).

Sobre os aspectos afetivos deste viés patrimonial da construção da ideia de nação (enquanto identidade), a fala de Gable (2006) já indica um encaminhamento para o subjetivo, para o escolhido, para uma “verdade parcial”:

Tanto aqueles que cujo trabalho consiste em tornar o passado da nação perceptível para o público, bem como aqueles que visitam estes sítios e que consideram que este passado é significativo, reconhecem freqüentemente que o processo de construção e reposição de nossa herança é, na melhor das hipóteses, uma verdade parcial [...]. Do ponto de vista vernáculo, a paisagem invisível do nosso passado reconstruído implica sempre uma paisagem invisível (GABLE, 2006, p.111).

O Galpão, quando se dá para o lazer, gastronomia e celebração, serve muito mais aos que lhe nomeiam, aos que querem que ele o seja, do que para aqueles que somente trabalham no Galpão e o possuem com bem menos aparatos totêmicos (mesmo que os tenham, mas não os romantizam). Todos estes acabam sendo, na prática, Galpões.

Dentro desta complexidade, deve-se considerar que:

Os relatos historiográficos mais detalhados indicam que em toda a parte muitas formas, práticas e sensibilidades antigas sobreviveram em períodos nos quais o sentido geral das novas tendências já era claro e decisivo. E então o que parece ser a velha ordem, uma sociedade 'tradicional', começa a aparecer, a ressurgir, numa profusão desconcertante de datas diversas: na prática como uma idéia, até certo ponto baseada na experiência, que pode ser tomada como padrão para a avaliação das mudanças contemporâneas. A estrutura de sentimentos dentro da qual esta referencia ao passado deve ser entendida, portanto, não é questão de explicação e análise histórica. O que é realmente importante é este tipo de reação à mudança, e isto tem causas sociais mais concretas e mais interessantes” (RAYMOND WILLIAMS, 1989,p. 56).

Nomeações para tais expedientes são necessárias, já que os interessados precisam de uma terminologia para experienciarem as práticas, para divulgadas e celebrá-las. É o que ocorre de modo mais ou menos romantizado com o Galpão. Para Certeau (1994), o que é dado ao ser humano enquanto prática do dia a dia torna-se o seu cotidiano, portanto os expedientes domésticos compõem este plano cotidiano para a sociedade contemporânea.

No trabalho de campo da pesquisa, algumas outras possibilidades de nomeação surgem de modo paralelo ao Galpão: “Salão” foi uma delas. Esta aparece em relação aos folhetos de propaganda, físicos ou digitalizados, que divulgam os eventos (rodeios) do CTG “Porteira do Litoral”, em Terra de Areia. O Galão, no mesmo folheto, também é chamado de “Salão” (Figura 68, p. 253). Na maior parte das vezes, os eventos de *Tchê Music* (tipo de música muito popular no Vale do Três Forquilhas) ocorrem em Salões paroquiais (estes, por sua vez, sem influência estética regionalista ou baseada em modos de vida) ou outros salões de clubes sociais ou particulares. Fora o caso do CTG, não se registra no Vale do Três Forquilhas eventos de *Tchê Music* em Galpões, propriamente ditos.

Ivan Silva chama de “chacrinha, retiro, vários nomes [...] é uma casa, tem luz, tem água”, mas ao final não reluta muito e volta a chamar de Galpão (visita feita em 31 de outubro de 2015, Sanga Funda, Terra de Areia). Outro elemento que surge é o “Quiosque”, no caso do Galpão de Paulo Justin (assim mesmo chamado por ele, um ambiente que possui dois nomes), pois o mesmo é utilizado substancialmente para momentos de diversão, e a palavra quiosque lhe parece mais divertida. Este “Galpão/Quiosque” fica no fundo da casa de Paulo, na área urbana de Terra de Areia. Daniel Ferrigo também possui um quiosque, e a este não dá a nomeação de Galpão, mas entende que o uso é semelhante. “Chegada” foi o termo utilizado por Eroito Enguel para designar a estrutura utilizada para a realização dos tiros de laço em sua propriedade, na área urbana de Terra de Areia. Semelhante aos outros “piquetes/Galpões/chegadas”⁵¹, a “chegada” de Eroito Enguel tem a estrutura praticamente igual aos outros casos onde o programa de necessidades se faz semelhante (receber os laçadores, servir almoços em dia de eventos e albergar os partícipes do evento do mau tempo), portanto um lado (ou dois) fechados com paredes de madeira já bastam para a estrutura dar conta da demanda. Esta categoria de Galpão (figura 15), geralmente, fica imediatamente ao lado da cancha de laço. É um salão entreaberto com mesas para uma conversa, uma bebida ou churrasco, sempre se valendo dos primitivos pilotis (pau roliço ou sem beneficiamento), compondo na mescla entre o rústico (madeira sem pintura ou costaneira) e outras temporalidades (fibrocimento ou telhas de barro), em uma cena ofuscada pela fumaça do assado, balançada ainda pelo dançar abrupto dos chapéus tradicionalistas, entre gritos de entusiasmo, amizade, aboios e o peculiar linguajar dos narradores do dito rodeio.

⁵¹ Os três termos são utilizados para nomear o espaço físico da sede de um local onde se pratica o tiro de laço, sendo que Eroito foi o único que utilizou a palavra “chegada”.



Figura 15: Galpão da Cancha de laço de Ademir Vargas

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 12/07/2015. Boa Vista, Terra de Areia.

4.1.4 *Objetos do Galpão/Ações do Galpão*

O espaço já vem sendo tratado por Santos (2006), e diversos outros autores, de uma forma que aspectos étnicos, macroestruturais (economia) e de posição geográfica aparecem frequentemente em obra científicas, como quando Santos (1948), por exemplo, analisou a forma como foi povoado o estado da Bahia:

[...] povoamento num sentido estático, enumerando os elementos étnicos de nossa formação, não sem apontar as causas econômicas do seu aparecimento (dos brancos e dos negros) e de sua localização. [...] o estudo do nosso povoamento no sentido dinâmico, investigando as causas de sua expansão não só no sentido do litoral, como na direção oeste (SANTOS, 1948, p. 11-12).

Tangendo com a lógica objeto (estático) e ação (dinâmica), nesta forma de se expressar, Santos (2006) já apontava para aquilo que culminaria no seu entendimento do espaço como síntese indissociável destes dois sistemas da (na) vida humana.

Explorando a ideia de Santos, o fato de considerar o povoamento (neste trecho da escrita) leva em conta os hábitos dos brancos e negros, anunciando estes como elementos do meio, que se tornaria território fragmentado, em identidades, territorialidade, complexidade, trazendo, além do sentido estático (cidadelas, interferências na paisagem, feições visíveis dos hábitos) e dinâmico (migrações de vários tipos, transumâncias, deslocamento de produtos e informações⁵²), a sua etnicidade exógena: Deu-se o “encontro” destes grupos, já citados, com a etnicidade ameríndia e, assim como decorreu na Bahia, também nos demais espaços o híbrido se constitui não apenas por causa da miscigenação, mas simplesmente pelo intercâmbio próprio da cultura. Estes dois sentidos, dentro da complexidade dos territórios, na contemporaneidade, não possuem padrão algum, dando atribuição heterogênea aos elementos de representação cultural.

Em um país formado pela interação de diversos grupos sociais/étnicos diferentes, os ambientes onde ocorrem as representações sociais reverberam o hibridismo cultural, e também não são detentores de padrões estéticos. Se em uma escala bem mais específica em abrangência e análise (Vale do Três Forquilhas), neste imenso país multiétnico (e por isso multicultural), como definir um padrão de aparência para os objetos técnicos advindos das experiências de trabalho e sobrevivência (inclui-se aí a moradia)? Este padrão não existe, tampouco no Vale do Três Forquilhas: As variações abruptas do meio natural, ao que tange o relevo e vegetação, mesmo dentro deste pequeno recorte, permitiram para os habitantes possibilidades diversas de modos de sobrevivência. As ferramentas de trabalho são diversas. A importância que se dá aos objetos e aos animais pode mudar de acordo com as variações nas formas de se trabalhar a terra, criar os rebanhos, armazenar insumos, se alimentar. O que pode ser entendido (tanto para pesquisador como para interlocutor) como um geossímbolo para um grupo pode não ter a mesma representatividade para outro.

Assim são, e se dão, os artefatos, geossímbolos, enfeites, antiquarias incorporadas ao ambiente (rodas de carreta, cangas já sem uso, lampiões desativados e ferramentas antigas) que estão presentes em muitos Galpões gaúchos de cunho celebrativo ou gastronômico.

Alguns Galpões, quando de sua serventia para o trabalho, produção, estocagem e utilidades diversas, não se apresentam tão ricos em artefatos de cunho memorial. Os objetos acabam por ser os de uso urgente. Estão no Galpão pela demanda que as ações determinam (o

⁵² Como no caso da Vila de Cornélios, que devido ao seu posicionamento (às margens da Lagoa dos Quadros) se tornou um importante entreposto de produtos e pessoas de diversos grupos sociais/étnicos no século XIX e XX no Vale do Três Forquilhas. Porém com o aumento da população e densidade populacional e modelos viários em escala nacional, acabou por perder o protagonismo de aglutinador, enquanto cidade e vilarejo, dada a nova circunstância imposta (asfaltamento da rodovia federal BR- 101) em 1968.

que é denotado na figura seguinte): As antenas de TV a cabo e internet são objetos incorporados ao Galpão, já sem nenhum apelo inusitado. A ação que impõem a necessidade (de alguns interlocutores visitados, como aparece na figura 16) de se possuir dezenas de canais de entretenimento em um Galpão, coadunam a vida em ambiente rural com modos semelhantes ao cotidiano urbano, como ter a opção de passar de um canal para outro, de consumir a variedade, o que também ocorre em metrópoles ou áreas peri-metropolitanas. A técnica (desenvolvimento das mídias informacionais) aparece nos objetos (antenas, dispositivos fixos e móveis de comunicação), assim se torna ação.



Figura 16: Galpão/casa de Lairton Borba

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 18/07/2016. Boa Vista, Terra de Areia.

Neste panorama, as ações em um Galpão, na contemporaneidade, podem apresentar semelhanças substanciais com espaços, lugares e ambientes diversos de outras esferas, como os das metrópoles, por exemplo. Seria relativizar a análise, posto os objetivos desta escrita, se só fossem abordados os hábitos de origem camponesa, tradicional/agropastoril: Objetos e ações representantes de temporalidades diversas aparecem nos Galpões. Imbricam-se nestes novos fazeres em outras temporalidades, que não as dos Galpões de seus antepassados, inspiradores da estética dos Galpões atuais, como cita Paulo César Silva dos Santos, “ancestrais”. Cleidi

Ribeiro e Paulo César⁵³, a saber, não são propriamente herdeiros em consanguinidade do modo de vida pastoril do gaúcho meridional (não são naturais do sul do estado) mas trazem consigo uma ética cultural dos hábitos (dentre eles o alimentar) que lhes parece ser (ao menos transparecem de tal modo) cultural, “ancestral” (como afirma Paulo César) e tradicional, pois:

As técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a idéia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida. Os imigrantes transportam com ele os seus gostos e os seus hábitos alimentares (CLAVAL, 2003, p. 149).

A própria praticidade da carne assada, enquanto ação desenvolvida pelos antigos tropeiros ou peões de estância (especialmente na metade sul do estado), inspiradora para a gastronomia (escolhida como “típica”) do Rio Grande do Sul, mesmo não se alterando em forma de preparo e manejo (assada na brasa, temperada com sal grosso), é praticada em um contexto de lazer e distração (“reunião de amigos” de Cleidi Ribeiro), ao contrário do que praticavam os trabalhadores/pastores Gaúchos, que adaptaram padrões alimentícios ao meio, e ao que este lhes disponibilizava a duras penas.

Os objetos do Galpão podem se repetir aos olhares de um observador exógeno (em relação aos Galpões de uso exclusivo de trabalho, do passado) que vê a canga, a ferradura e a roda de carreta longe, respectivamente, dos cupins⁵⁴ dos bois, do casco⁵⁵ do cavalo e do eixo do rodado⁵⁶: Alguns objetos são os mesmos, porém com outros significados, outras ações. Podem, nesse contexto, existir aspectos de resistência quanto ao uso de objetos “raros”, como o “mangual”⁵⁷, que ainda é visto no Galpão de Celino Ramos e Maria Silva. Quanto ao fator gastronômico, os bicos de fogareiros para aquecer chaleiras ou discos de arado (para o feitiço do entreveiro) substituindo as trempes, ou as churrasqueiras giratórias (Jânio Tesaro) e os fogos de

⁵³ Dois proprietários de Galpões, que usam tal ambiente como garagem, varal e espaço de convívio (jantas e festas, onde reúnem amigos para eventuais churrascos e entreveiros). Os dois proprietários são jovens e não utilizam o Galpão como aparelho de trabalho.

⁵⁴ A parte superior ao pescoço do bovino. Nos bois do tipo *indicus* (zebúinos) se nota uma acentuada bossa (corcova), caracterizando esta raça. Os bois de raças oriundas das regiões britânicas não possuem tal domo. Tal “peça” (quando o mesmo é abatido) ganha, no caso, o nome de “granito”.

⁵⁵ A extremidade não totalmente rígida do (único) dedo funcional que o cavalo possui em cada pata.

⁵⁶ O eixo que faz com que as rodas girem e sustenta a prancha (estrutura/base) do veículo de tração animal. A letra da canção “Um rastro de Carreta rangedeira”, de Pedro Guerra Pimentel, compositor nativista radicado em Tramandaí, traduz o romantismo que alguns tradicionalistas e descendentes de antigos carreteiros e camponeses trazem acerca do labor que envolve esta forma de transporte, praticamente extinta no Litoral Norte do Estado.

⁵⁷ Consiste, simplesmente, em dois bastões de um metro de comprimento unidos por um pequeno pedaço de corda. Serve para “bater feijão” (separar o grão da vagem). O desuso deste objeto se justifica pela mudança parcial do modo de vida “agricultor familiar” para um modo próximo ao de uma vida urbana ou com aspectos de temporalidades diversas, que se denotou no Vale do Três Forquilhas ao longo dos anos (GUADAGNIN, 2008). Contudo, Celino e Maria ainda cultivam muitos produtos alimentícios em sua propriedade, e o feijão é um deles.

chão com coifas (Sérgio Nunes) se misturam ao mais básico e rudimentar que a improvisação apresenta aos praticantes dos Galpões.



Figura 17: Churrasqueira improvisada de Ivan Silva

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 31/10/2015. Sanga Funda, Terra de Areia.

4.1.5 O Galpão do Gaúcho

Lá vem o gaúcho montado em seu cavalo. Prepare-se para uma decepção. A montaria é pequena, os arreios modestos, e o cavaleiro um homem de aspecto prosaico. Sua indumentária lhe parecerá triste em seus tons de cinza e pardo. Nada de esporas de prata, botas luzidias, bombachas largas e flamantes. Mas eu lhe garanto que esse gaúcho pobre é autêntico. Enxuto de carnes e de fala, reservado, avesso ao teatralismo, lá se vai ele ao trote do “ca’alo”, pitando seu grosso cigarro de palha. Não gosta de brigar, mas “peleia” bem, quando provocado. Seu humor é escasso e seco. Bom sujeito, fique certa disso (VERÍSSIMO, 1969, p. 244).

De fato não se percebe no Vale do Três Forquilhas uma presença maciça de pessoas pilchadas na rua, no cotidiano, nem mesmo na área urbana de Terra de Areia (maior núcleo urbano do vale). O hábito de fazer aparecer as práticas gauchescas vem de dentro do movimento tradicionalista, visto que as maiores concentrações de pessoas pilchadas se dão nos rodeios do CTG Porteira do Litoral (em Terra de Areia), os bailes “de candeeiro” e os eventos de tiro de laço. Existe ainda uma ocasião especial, dentro do cronograma anual dos habitantes do vale,

em que o número dos adeptos da pilcha aumenta: Assim como nas mais urbanizadas cidades do estado, a semana farroupilha⁵⁸ acaba por ser sempre a epítome das pilchas e de outras práticas tradicionalistas. Nas escolas, grupos de idosos, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), entidades beneficentes e clubes de futebol se mobilizam, numa espécie de mutirão (pixurum) anual, na mesma corrente dos tradicionalistas, fazendo pratos típicos, escutando e promovendo bailes com músicas gauchescas e incentivando as cavalgadas, estas ainda um tanto restritas aos tradicionalistas.

O Galpão, no vale, foge desta tendência (da mudança de hábitos durante a segunda metade de setembro) por dois motivos práticos: O primeiro fator seria o fato de que para se montar uma “cidade de Galpões” (como ocorre na semana farroupilha de Porto Alegre) é necessário muito investimento das partes (iniciativa pública e privada). Os Galpões (quando dos dias de evento no CTG Porteira do Litoral), no caso desta pesquisa, só tem a sua existência aumentada, mesmo que de modo intermitente, no mês de maio, que é quando ocorre o Rodeio no referido CTG. Portando esta prática anual de montar os Galpões em eventos⁵⁹, no Vale de Três Forquilhas, fica restrita para uma só data, que não é a do feriado estadual. O outro motivo que faz o Galpão se colocar em distinção frente aos outros elementos da cultura regional gauchesca, e não parecer tocado pela influência midiática do 20 de setembro, é que ele é praticado no cotidiano das famílias, tanto tradicionalistas como “civis”. O principal grupo de tradicionalistas do Vale se encontra regularmente, geralmente nas sextas-feiras. O cardápio é de “estilo campeiro” como explica Nirdo Lima, proprietário de um grande Galpão, em Terra de Areia. Aqueles que não são oficialmente tradicionalistas (não são filiados a nenhuma agremiação), pessoas de diversas etnias, inclusive que as que têm noção de suas origens étnicas, também praticam o Galpão, dando um toque, mesmo que subjetivo, de sua matriz cultural nas “bases gauchescas”.

Quanto ao CTG em si, cabe a fala de Luvizotto (2010) a fala mais específica, quando posta a luz da especificidade desta pesquisa:

[...] Tradições essas que são (re)inventadas e, nesse caso, (re)inventadas tendo o CTG como cenário para manter os vínculos e a sociabilidade de um grupo sociocultural que se reconhece enquanto grupo e se diferencia dos demais por identificar-se em torno de símbolos, práticas, crenças e rituais que unem seus membros, pois é comum a todos

⁵⁸ De todo modo, se iniciam os festejos por volta da terceira semana de setembro, visto que a data comemorativa (epítome da semana tradicionalista) é o dia 20. Os três municípios do Vale do Três Forquilhas promovem eventos de gastronomia, cavalgadas, shows, bailes e esportes equestres.

⁵⁹ Os Galpões nos rodeios são chamados também de piquetes, o que pode gerar confusões, pois o piquete no sentido do tradicionalismo pode, também, significar, simplesmente, “agrupamento”, ou ainda uma agremiação de pequeno porte, um pequeno CTG.

eles, independente do espaço geográfico que ocupem: onde há um CTG sempre haverá um espaço destinado ao culto das tradições gaúchas (p. 13).

Na cozinha (alguns Galpões visitados se confundem com este conceito) fica muito escancarado o hibridismo gastronômico (festas familiares, descanso) e de usualidade/dias de labor, através das combinações diversas que surgem. No Galpão e enxaimel (anexos um ao outro) de Arthur Kellerman as histórias são contadas em tom de nostalgia, carregadas de sobreposições identitárias: “sou cinquenta por cento brasileiro e cinquenta por cento alemão [...] mas cem por cento gaúcho”. Esta situação justifica a afirmação de Brum Neto, onde “[...] atualmente, o Estado (do Rio Grande do Sul) constitui-se em um mosaico etno/cultural, composto por etnias diversificadas, ao mesmo tempo em que se reconhecem como essencialmente gaúchas.” (2007, p.6).

Quanto ao fato de se manterem as práticas ditas gauchescas, Oliven(1992) afirma que, “manter a distinção entre o Rio Grande do Sul e o Brasil seria uma forma de preservar a identidade cultural do estado. Por isso, um elemento recorrente no discurso tradicionalista é a referência à ameaça que pairaria sobre a integridade gaúcha” (p.108). Esta é uma das forças propulsoras dos eventos tradicionalistas: Manter as práticas vivas entre as próximas gerações, divulgar suas representações. Mesmo sendo brasileiros, e de diversas (sabidas) origens étnicas, existe uma espécie de volta ao culto do gauchismo, uma identidade que volta ao regional: “no Brasil o nacional passa também pelo regional” (OLIVEN, 1992, p. 43).

Identidade, segundo Castells (2000) é o “processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (p. 39). Em detrimento da (hipotética) identidade germânica Renato Schimidt, mesmo sabendo de sua origem alemã, prefere a culinária gauchesca. A identidade gauchesca acaba aparecendo sobrepujante em alguns campos da representação social. Identidade e cultura, em alguns casos, perpassam pelo prisma do regional, em relações delicadas e quase imperceptíveis do espaço cotidiano. Daniel Ferrigo também se afirma como descendente europeu (italiano), mas diz praticar gastronomia gaúcha (especialmente nos finais de semana). Tensionalidade vista, de outro modo, a partir da fala da família Tesaro: “A cultura gaúcha é saudável, mas não participamos” (como relata Jânio). Detalham que não participam das atividades dos rodeios e esportes equestres, mas que consomem churrasco em alguns dias da semana.

Muitos grupos sociais adaptaram os materiais que o meio lhes disponibilizava. A madeira, adaptada de inúmeras formas, serve para a estruturação axial, os eixos de sustentação das laterais (esteios) ou da cobertura (caibros). Os Galpões na região pampiana, através de

relatos como os de Lopes Neto (1978) e Azambuja (1955) refletem esta relação dos habitantes das pradarias americanas com a matéria prima que a vegetação lhe fornecia. Nestes relatos literários, o telhado era de santa-fé (planta da família das gramíneas), fato este que não se observa nos Galpões do Vale do Três Forquilhas. Atualmente a cobertura dos Galpões do Vale é de telhas de barro ou de fibrocimento, o popular “Brasilit”. Esta adaptação, permitida pela disponibilidade e possibilidade de compra dos materiais industrializados, modificou ao passo lento dos anos algumas características dos Galpões. Os telhados feitos a partir de material vegetal não foram vistos ao longo desta pesquisa, porém foram citados pelo grupo quilombola, em suas experiências e lembranças dos telhados feitos de cardamomo e tiririca. Prática esta que foi abandonada, em consonância com a aparição de outros materiais que servissem de cobertura para as residências e Galpões.

4.1.6 Galpão Regional. Região E Paisagem

Sobre a paisagem como elemento visível e representativo da região, Wagner e Mikessel (2007, p. 36) entendem que

O estudo da paisagem cultural serve, simultânea e inseparavelmente, a diversos fins diferentes. Independente da sua função de descrição sistemática proporciona uma base para classificação regional, possibilita um insight sobre o papel do homem nas transformações geográficas e esclarece certos aspectos da cultura e de comunidades culturais em si mesmas. Busca diferenças na paisagem que possam ser atribuídas a diferenças de conduta humana sob diferentes culturas e procura desvios de condições “naturais” esperadas, causados pelo homem.

Ao relacionarem paisagem e região, constituem uma geografia estruturalista e didática, posto que estes dois conceitos não são (e nem deveriam ser, em um entendimento geral) separados, pois se dão sobre a mesma base material:

[...] A associação típica de características geográficas concretas numa região ou em qualquer outra subdivisão espacial da superfície terrestre pode ser descrita como uma “paisagem”. Este termo abrange tanto as características distintas que servem para diferenciar uma região, como as características que não se limitam a uma região determinada, mas ocorrem nela. Então, a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de certo tipo, no qual são manifestadas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural (WAGNER; MIKESSEL, 2007, p. 35).

Com isso, e de todo modo, os habitués dos Galpões e espaços domésticos de produção das representações culturais, podem ser vistos como aportes e praticantes de uma comunidade

cultural. Esta, por sua vez, não é homogênea; é fragmentada como muitos recortes e territórios na contemporaneidade, carrega consigo a marca das culturas importadas e das matrizes da etnicidade. A ideia do regional enquanto entendimento de recorte analítico, e dentro do que busca o presente estudo, propõe a compreensão de que uma determinada porção do espaço geográfico que pode apresentar características similares quando comparada com outras porções do espaço (regiões) que trazem no contexto histórico as mesmas motivações, tensionalidades e grupos humanos; processos semelhantes dentro da formação e ao mesmo tempo os fatores de influência para a construção do espaço humano e paisagem cultural. De todo modo, ainda podem ser *sui generis* a partir das experiências de hibridismo que ocorrem em cada lugar, em cada recorte, em cada município.

Outras regiões exercem influência sobre o Vale do Três Forquilhas. As regiões com vida de relações mais densas e tecnificadas (leia-se região sudeste do Brasil) podem influenciar todas as outras regiões do Brasil através de sua onipotência (SANTOS, 2001). Outro expediente de influência é quando o grupo de imigrantes chega em uma região; ao produzir suas relações com o espaço, empreende, mesmo que subjetivamente, ou sem perceber, seus imaginários regionais em sua “nova localidade”. Os sul-catarinenses e os nordestinos são um exemplo tangível deste processo na região do Vale⁶⁰. A paisagem cultural é a feição visível das características fundamentais da região. Na paisagem constam atributos e características acerca do mundo do trabalho (relações com o meio natural), arquiteturas vernaculares (representações sociais) e características étnicas (importações culturais). O Vale do Rio Três Forquilhas é, como aponta sua paisagem cultural, uma região produzida pelo hibridismo.

4.1.7 O Tempo do Galpão

E o sentido do que chamamos de roça, a simplicidade da autonomia em oposição à sofisticação da vida cidadina; a ruralidade em oposição à urbanidade. Existe na arquitetura, por exemplo: pode-se falar de uma casa com um sentido rural, apesar de ser uma casa na cidade que, todavia, tem jaboticabeira, cana caiana e moenda, horta, fogão a lenha, muito distinta da casa urbana modernista de inspiração industrial, ou mesmo dos apartamentos, urbanos por definição [...] justapõe tempos e contextos opostos e seria vista no modernismo como uma contradição de termos. (MONTE-MÓR, 2011, p. 229).

⁶⁰ No caso dos rizicultores Sul Catarinenses que migraram para o sul, o diferenciado manejo no cultivo do arroz (sistema pré germinado) influenciou a forma de cultivo em vários municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Sobre o exemplo da cultura nordestina no Vale do Três Forquilhas, ver o caso de Nino Lima, em “A Bóia do Galpão”.

Não somente a roda de carreta suscita um pensamento sobre temporalidade no contexto desta escrita: O Fogão borralho (por vezes chamado “borraio”, ou simplesmente fogão a lenha) também pode ser vetor de pautas sobre a temporalidade em si, sobre a tecnificação dos espaços e a especialização do trabalho dos modos de vida (no âmbito doméstico). Assim “fogão a lenha ou fogão a gás dizem sobre o tempo, sobre mudanças, sobre aderir ao novo e às práticas modernas, mas que estão inseridos em um espaço onde as funções da esposa e do esposo ainda têm como referência a cultura herdada” (TAMANINI, 2010, p. 57).

Muitas vezes presente nos Galpões do Vale do Três Forquilhas, o fogão “campeiro”, como é chamado por muitos habitués dos Galpões, se faz peça importantíssima de união entre os familiares: Os indivíduos da família nuclear, os agregados e amigos, costumam ficar próximos ao fogo, para se aquecer no inverno, ou especular o andamento do feitiço da refeição. Tal qual os serranos dos Campos de Cima da Serra, aquecem pinhões na chapa do borralho, preparam o chimarrão e conversam. Logo, quando o fogão campeiro se encontra dentro de um Galpão (o que, no Vale do Três Forquilhas, é algo corriqueiro) potencializa a capacidade de agregação familiar desta rústica construção. Assim como o estudo de Botelho (1986) aponta para a existência de uma forma ainda mais arcaica de utilização do fogo para a preparação dos alimentos no contexto rural; tal ocorrência é pouco vista atual pesquisa: A trempe se faz ativa em raríssimos casos que concernem o trabalho, porém várias famílias, no contexto deste estudo, preservam suas peças (armação em tripé metálico, gancho e chaleira pendurada) como elemento decorativo do Galpão. Utilizado para acampamentos ou tolderias⁶¹ improvisadas em descampados, a trempe funciona frequentemente em ambientes ou Galpões de maior rusticidade, onde pode ser feito o tão aclamado “fogo de chão”.

Um maniqueísmo temporal se instala, encontrando território fértil para embates: O velho contra o novo. O valoroso e antigo objeto ancestral contra o industrializado, perecível e moderno aparelho novo. Não existe, no Vale do Três Forquilhas, cenário tão fértil para a sobreposições de tempos desiguais do que um Galpão se adaptando e incorporando elementos da sociedade pós-moderna. Segundo Botelho “apesar de ser considerado uma solução técnica

⁶¹ “Esse termo em espanhol é adequado para caracterizar os acampamentos mbayás-guaicurus, porque, mais do que das outras parcialidades, suas casas eram verdadeiramente portáteis, levadas nos cavalos em suas incursões mais distantes” (FREIRE, 2011, p. 57). Termo utilizado na literatura e em diversas músicas tradicionalistas para designar as primitivas habitações feitas de couro e madeira pelos nativos nômades do Cone sul, ou ainda pelas primeiras gerações de mestiços europeu com estes, ao ponto de ainda serem nômades, sem paradeiros, e, em um entendimento genérico, serem os “formadores germe” do modo de vida gaúcho (mesmo que setores mais conservadores busquem negar esta origem ameríndia para tal tipo brasileiro sulino). Uma unidade habitável da tolderia lembra, plasticamente, uma habitação familiar/nuclear dos antigos Saamis (da Lapônia).

'desqualificada' para os moldes da sociedade moderna, indubitavelmente destaca-se no meio rural tanto por seu valor técnico energético como por seu valor sócio-cultural” (1986, p.5-6).

O tempo pré-mecânico, apresentado por alguns habitues dos Galpões, ou residências rurais do Vale do Três Forquilhas já foi pautado por Guadagnin (2008), em seu estudo sobre o município de Terra de Areia, onde o mesmo afirma, aportado em Bernd (2000) que : “A disseminação de uma temporalidade urbano-industrial (ou mesmo pós-industrial tenta padronizar os hábitos de consumo e rotinas de trabalho e de lazer dos indivíduos, o que repercute como reação manifestando-se sob duas tendências, segundo Bernd (2000, pág. 135). Se “- de um lado a mundialização banalizadora da cultura junto com a mundialização dos mercados (McDonald’s); - De outro, reterritorializações fictícias: novos tribalismos, localismo, regionalismos e narcisismos das minorias sexuais[...]” (BERND, p. 72-73).

Estas duas tendências ocorrem no Rio grande do Sul, em todos os municípios. Portanto a estandardização de vários espaços, moradias e prédios de comércio, nesta região tão híbrida e de tempos sobrepostos (esta, da pesquisa), permeia a presença da segunda tendência, a da formação de um neo-tribalismo ou grupo social, constituindo, assim, uma paisagem cultural característica: O Kitsch e o pós-moderno se misturam aos Galpões.

Sobre as temporalidades diversas, e sobre o hibridismo advindo dessas duas velocidades, Machado (2011) demonstra os aspectos de hibridismo possíveis de se contemplar ao estabelecer uma investigação sobre a italianidade (identidade) de um grupo de moradores de uma zona rural no sul do Rio Grande do Sul. O estilo “mutirão” (pixurum⁶²) (p. 47) , divisão sexual do trabalho (p. 48) e os produtos típicos/tradicionais produzidos (p. 50), conflitando com os produtos industrializados, em espaços de produção cultural (salão paroquial) são tópicos debatidos no trabalho de Machado (Comida, Simbolismo e identidade: um olhar sobre a constituição da italianidade nas colônias Maciel e São Manoel- Pelotas- RS). Esta tendência de hibridismo (justamente o termo também usado por Machado) em ambientes tradicionais (ao menos assim são julgados por aqueles que o produzem; no caso do salão da paróquia, pelos organizadores da festa) aparece ainda mais pontualmente quando se traça um olhar etnogeográfico, no sentido do *habitus* e de suas mudanças entre as gerações: Além do momento onde a festa dos jovens se faz diferente (não mais com música gaúcha ou bandinha, mas sim com a discoteca (p.51)), a culinária se torna ponta visível de um processo cultural de segregação e adaptação (BURKE, 2003): O trabalho de Machado (2011) mostra a folha de bananeira (utilizada originalmente no manejo do pão dentro do forno de barro) ao lado do forno elétrico,

⁶² Na edição clássica do Dicionário Aurélio, pixurum é, no Rio Grande do Sul, o mesmo que mutirão (FERREIRA, 1975, p. 1097).

os bolos feitos de modo tradicionais ao lado dos “bolos de caixinha” (p. 50), assim como a preferência dos jovens pelo “cachorro quente e coca-cola” (p. 52) em detrimento da “cuca com *schmier* e café” (por exemplo) são indicativos das dinâmicas culturais que ocorrem no campo da etnogeografia. Não somente se configura como etnografia, mas sim o fator “tempo” como vetor de mudanças classifica esta experiência como geográfica.

Os manejos que Sérgio Meireles faz com o peixe, na Barra do Quirinos (Terra de Areia), mostram uma mudança gradual na forma de comer o pescado, pois processam cada vez mais a proteína animal, e agregam serviços e práticas advindas das tendências urbano-industriais (vender o peixe cortado em pedaços, empanado e temperado) na alimentação dos consumidores. Meireles (visita realizada em 14 de Junho de 2016) vende o peixe em quatro modalidades, diferentes em níveis de processamento. Estes diferentes manejos e formas de beneficiamento do “produto bruto” podem indicar uma busca por esta vida de temporalidades mais rápidas, expressa por um “facilita a vida do consumidor” (não ter que cortar, empanar ou temperar), e ainda a especialização de serviços e mão de obra: Cada dupla de pescadores, da equipe de Meireles, busca uma espécie específica de peixe. “Uma dupla é a violinha, outra dupla é a traíra”, usando equipamentos próprios para a captura de cada espécie. As ações e objetos contidos na prática da pesca mostram que a Lagoa Itapeva, local de pesca da comunidade dos Quirinos, se alinha ao caráter contemporâneo das temporalidades rápidas e dinâmicas, tanto na atividade extrativista (linhas e anzóis próprios para cada peixe) como na venda (utilização de máquina para cartão de crédito, para diversas bandeiras/bancos)

Ainda analisando a escrita de Machado (2011), esta se aporta em Bourdieu para explicar sobre a pertença (ou, mais especificamente, sobre a perda desta):

A partir de categorias urbanas o camponês introjeta uma imagem desvalorizada que outros constroem dele e passa a perceber seu corpo como pesado, lento, rude, mal vestido, característico das atividades associadas ao trabalho do campo. Entendendo seu próprio corpo como “encamponesado”. Portanto, compreende-se a relação destes jovens com a festa antiga, em que o café colonial e as músicas tidas como “de colonos” são substituídas pela comida, dança e modo de vestir urbanos, associados à modernidade. (p.52)

A obtemperação de Bourdieu (2006) que o originou esta comparação analítica diz respeito aos gostos musicais: “as danças de antigamente, que traziam a marca do campo em seus nomes (la crabe, lou branlou, lou mounchicou etc.), em seus ritmos, em sua música, nas letras das músicas, foram substituídas por danças importadas da cidade” (2006, p.85). Novamente se pautando na preferência musical e em seu consumo, Bourdieu traz nesta passagem mais um debate que pode ser entendido através da temporalidade: O estilo da música

pode suscitar a temporalidade indicada, ou o “tempo” sugerido por ela dentro do carácter estético a qual está “musicando”. Os Galpões do Vale do Três Forquilhas, por exemplo, podem estar começando um processo de incorporação de máquinas e objetos “não-pastoris”, ou “não camponeses”, mas ainda existe uma ética de que, quando o pai ou a pessoa mais velha da casa é tradicionalista, se “respeite o ambiente” e as músicas sejam de cunho regionalista gaúcho, tradicionais. Fato este que, obviamente, tem encontrado duelos estéticos no campo do agir e do cotidiano, de forma que estes embates entre o “novo e o velho” também são elementos de uma paisagem cultural híbrida e diversa. E por ser paisagem (certamente) está em constante modificação.

A própria transferência (1968) da antiga sede (Cornélios) do então distrito de Osório para onde hoje se encontra (mais próxima ao conjunto de morros da Serra Geral, ao longo da rodovia BR 101, o chamado “Entroncamento”⁶³, que depois passou a ser alcunhado de “Terra de Areia”) já demonstra temporalidade em sua razão, pois tal fato intentava adequação ao modelo de transportes e economia do “Milagre Brasileiro”. Maior velocidade e variedade de entrega dos produtos industrializados. Eram os barcos a vapor e as chatas, que por muito tempo serviram como o único meio de ligação dos habitantes do Vale do Três Forquilhas com o resto do mundo (Osório, Palmares e Porto Alegre) em um naufrágio temporal, em detrimento dos caminhões e novas carretas, que traziam maior mobilidade para a logística que o Brasil do militarismo precisava naquele momento.

A *Tchê Music*, ascendendo fortemente enquanto estilo musical no Vale do Três Forquilhas na virada do século XX, em uma visão de temporalidade, sobretudo por sua aceitação pelo público jovem, e sua prática se dar em “Salões” não vinculados aos CTG’S, mostra hibridismo (temporalidade híbrida, adaptação), pois ao mesmo tempo que os jovens buscam modernização (MACHADO, 2011) e alternativas de transformação com um estilo de música alterado (em relação aos estilos praticados por seus parentes mais velhos), a busca por uma identidade cultural, calcada em experiências regionais (*Tchê Music*) se faz aparente neste tribalismo (“Maxixeiro”, “baileiro”), fenômeno este largamente abordado por Dias (2009) o que a etnogeografia contemplou (figura 18). Dentro disso tudo, da relação entre pais e filhos, por exemplo, podem ser identificados conflitos que remetam às diferenças de (gerações, de todo modo) tempo e técnica.

Os dias úteis e os “finais de semana” representam a ideia temporal nas relações dos donos dos Galpões. No que diz respeito aos hábitos alimentares, vários foram os que

⁶³ Cruzamento de estradas. Encruzilhada.

diferenciaram (subjetivamente) a semana em dois eixos: Angélica Silveira, dizendo que quando se agrupa um bom número de parentes e vizinhos, nos finais de semana, fazem “churrasquinho [...] galetinho” (visita realizada em 30/05/2016). Lairton Borba diz que “em dia de semana não tem campeirismo” (visita realizada em 18/07/2016).



Figura 18: Jovens músicos preparando uma apresentação de Tchê Music. Salão da Sesteia
 Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 28/11/2015. Terra de Areia.

4.1.8 Galpão Tapera

Pedaço triste do pago quando a noite vem chegando
 E o gado vem farejando procurando uma pousada
 Lambendo a quincha esfiapada que o tempo vai derrubando
 Tapera. João da Cunha Vargas

O uso do termo tapera é regulamentado pelo dicionário Michaelis como a atribuição para:

sf (tupi táua+uéra) 1 Casa velha e abandonada. 2 Fazenda ou aldeia abandonada e invadida pelo mato. 3 Casa ou prédio desabitado. 4 Lugar ruim e feio. adj m+f 1 Diz-se da pessoa a quem falta um olho ou os dois. 2 Reg (Rio Grande do Sul) Diz-se da

casa onde reina a tristeza ou em que não se nota o movimento do bem-estar moral ou material: Aquela casa, outrora tão alegre, está hoje uma tapera [...] http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/tapera%20_1051591.html

São vistas algumas taperas pelo Vale do Três Forquilhas. Gilson Gross me mostra seu Galpão. Na verdade era um Galpão de trabalho, servia para armazenar madeira e guardar alguns implementos agrícolas. Com algumas mudanças na sua forma de trabalhar na terra, o Galpão perdeu, relativamente, sua importância, porém ele deseja fazer outro.

Alguns conhecidíssimos pontos turísticos mundiais são, no cerne da definição, taperas (não precisando ser ou ter sido, necessariamente, Galpões): O uso do termo ruína pode ser mais proeminente, visto que “tapera” é uma adaptação lusófona da expressão de origem ameríndia (como a citação acima revela). A memória de um determinado grupo pode ser suscitada com o uso de casarios já deteriorados. Alguns estudos acadêmicos trabalham com este fato, como Fortuna (2015) que trata do Coliseu de Roma (oficialmente “Anfiteatro Fláviano”) enquanto um objeto apropriado culturalmente pela população (ilustrando esta edificação em sua publicação), resignificado enquanto símbolo da pujança dos reinados e governanças de Roma, hoje atrativo turístico em escala mundial. Nada mais é do que uma ruína. “[...] a ruína pode ser objeto de contemplação (sentimento de perda) ou sinal de experiência humana (função de desconstrução)” (FORTUNA, 2015, p. 5-6). A tapera pode ser considerada a “versão ruína” de casas gaúchas e de Galpões; ou ao menos a utilização do termo propõe este entendimento. O processo de transformação de uma habitação ou aparelho de trabalho dentro de uma região marcada pela atividade agropastoril, com diversas temporalidades, culturalmente híbrida e assinalada pelo êxodo econômico fortalece o surgimento de taperas (o que não apresenta, necessariamente, na região, uma estagnação dos vetores de dinamismos que possam promover a ascensão de Galpões).

Dentre os conceitos geográficos que podem ser vislumbrados para o entendimento dos “Galpões Tapera” o tempo se mostra oportuno, também pelo elemento experiência (como já apontado por FORTUNA, 2015) existente em si. Em suas paredes carcomidas habitam os vegetais que o descuido da inativação cultivou. Mato nas cercanias da construção que se aparenta instável. O “não uso” caracteriza a tapera. A “não ação” antrópica agindo sobre os objetos que sobraram daquilo que um dia foi praticado. Não havendo pessoas não há hábitos. O silêncio se consagra, potencializado pela eventual localização agreste, oportunizando a aparição de representações simbólicas e lúdicas acerca de fenômenos misteriosos e temerosos. As lendas encontram terreno fértil nesta conjuntura. A “Casa das telhas”, em uma região isolada, na várzea da Lagoa dos Quadros, é uma tapera. Resquício do que foi uma habitação em

estilo açoriano, é considerada por muitos terrareenses uma casa mal-assombrada, assim como a “Casa de pedra”, na localidade de Costa do Morro, Itati. Esta última, diferentemente da Casa das telhas, não está em “estado de tapera”, pois os proprietários ainda zelam pela manutenção⁶⁴, o que pode ser visto na figura seguinte.

O mais importante para a atual pesquisa é, sem dúvidas, o Galpão praticado, atual, em atividade e com hábitos sendo (re) produzidos. A tapera aparece devido ao fator tempo. Ele, com a impulsão do êxodo rural e do insucesso econômico de algumas regiões ou famílias, faz das casas ou Galpões potenciais tapers. Musgo, mofo, mato e teias de aranha são os elementos de sobreposição temporal desta lúgubre paisagem.



Figura 19: Casa das telhas e Casa de pedra

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 24/02/2016, margem da Lagoa dos Quadros, Terra de Areia, e em 23/11/2016, Costa do Morro, Itati.

4.2 O Galpão Fabricado

4.2.1 A possibilidade de um Galpão Kitsch

Chiampi (1996), sobre a ocorrência do fenômeno kitsch na literatura, chama de “operação crítica” o procedimento artístico, de recuperação e revalorização dos códigos

⁶⁴ Os proprietários afirmam que a casa possui cerca de 300 anos. Notoriamente não é um Galpão, porém, atualmente, tem um uso de Galpão, como afirma Júlio Prestes, proprietário e mantenedor da construção em estilo português: Dentro da casa foi construída uma mangureira (corredores de madeira) para o manejo e trabalho com ovelhas, observa-se recipientes e potes com ração para animais e objetos de trabalho que estão em desuso pela mudança das práticas, com destaque para o rebolo: Pedra de origem arenítica, esculpida em formato redondo, com uma manivela acoplada na lateral. Serve para afiar facas e outras ferramentas. Impulsionada através da manivela, ao rodar desgasta as lâminas, preparando a ferramenta para o trabalho. Foi vista, no recorte da pesquisa, em três Galpões e uma casa: Casa de Pedra da Família Prestes, Galpão de Valci Gama, Galpão de Eliseu Justin e Galpão de Valdomiro Hoffman. Em tempo, no Galpão de Sérgio Lima, devido ao seu trabalho com couro, as facas são afiadas em um aparelho elétrico, chamado popularmente de “esmerilho”, demonstrando a aceitação e adaptação de aparelhos mais elaborados tecnicamente em relação ao rebolo, porém com uso semelhante.

massivos que respondem “a uma necessidade de elaborar o luto pelo fim da modernidade” (p. 85).

O romancista austríaco Hermann Broch, mesmo que se remetesse ao termo em um sentido filosófico/ artístico, faz contundentes afirmações, que beiram ao pejorativo:

Agora, seguindo um raciocínio indutivo, podemos estabelecer uma tese geral, com base em nossos exemplos: sempre que o objetivo estético está incluído na atividade ética, ou em outras palavras, sempre que o efeito passa a fazer parte da atividade ética e é puxado por esta, a tendência é transformar-se numa atividade dogmática pervertida. O resultado estético desta atividade será, no sentido mais amplo da palavra, deformado. E, por mais que as categorias éticas e estéticas caminhem juntas e somente juntas constituem o conceito de valor, confundí-las provocaria um esteticismo, em qualquer sistema de valores, representaria o pecaminoso. Pecado no sistema de valores da arte e, conseqüentemente, também do romance e sua visão de mundo é kitsch (SIC) (BROCH, 1974, p. 272).

Eco (1993) elucida que, dentro da delicada trajetória epistemológica, o termo kitsch teria origem no anseio de turistas norte americanos, quando em viagens à Alemanha durante a segunda metade do século XIX, mais especificamente na cidade de Munique, que para barganhar um preço de alguma obra de arte pediam um esboço (*sketch*). Na verdade somente o esboço já bastava, e o desejo vulgarizado de representações plásticas começava a virar tendência estética já criticada no mesmo século na Europa. Porém, no dialeto mecklemburguês, para expressar “tirar a lama da rua” era pronunciado *kitschen*, enquanto que “reformatar móveis a fim de envelhece-los” era pronunciado da mesmíssima maneira. *Verkitschen* era o equivalente de “vender barato”. Estas são as possibilidades historicamente mais aceitas da conjuntura onde nasceu a expressão Kitsch.

Sendo o fenômeno kitsch intrínseco na ideologia do ambiente doméstico pequeno burguês, lido com três contradições aparentes: A primeira é a negação do tradicionalismo (GUIMARAES; GOUVEIA, 1979), que é um dos preceitos da pseudo arte (ROSENFELD apud GUIMARAES; GOUVEIA, 1979, p.9), totalmente antagônico aos valores tradicionalistas gaúchos. A segunda contradição é a construção de uma cultura pós-moderna que afirma a importância da “tradição” e do passado, mesmo sendo contemporânea e embasada neste período. A terceira contradição seria a de tentar compor uma distinção social a partir da estética que surgiu da pobreza de um grupo humano, que surgiu em condições igualmente pobres (gaúcho).

Sobre uma possível negação do tradicionalismo (entendida, nesta ocasião, como conceito universal e não como o “tradicionalismo gaúcho”) Adorno aponta que

O kitsch não é, como desejaria a fé na cultura, um simples dejecto da arte originado mediante uma acomodação desleal, mas espreita as ocasiões de emergir da arte, que constantemente reaparecem. (...) A arte tornou-se vulgar pela condescendência: quando, sobretudo através do humor, invocou a consciência deformada e a confirmou. (...) Do ponto de vista social, o vulgar é, na arte, a identificação subjectiva com o envelhecimento objectivamente reproduzido (SIC) (1993, p. 268).

Quando Guimarães e Cavalcanti (1979) tratam de “[...] absorção de uma tecnologia em estágio superior” (p. 15), indicam nisto um fenômeno de uso de eletrodomésticos em barracões de madeira. Algumas destas leituras sobre o fenômeno kitsch (em um importante referencial sobre o assunto do país, o livro de Guimarães e Cavalcanti), inexoravelmente, passam por uma ideia de sobreposição de tempos diferentes; Lógica utilizada por vários geógrafos sobre o exercício de conceituar temporalidades e suas influências acerca da paisagem cultural.

O Galpão daqueles interlocutores que possuem elevado poder aquisitivo, enquanto ocorrência do kitsch, pode parecer passivo, pois, pretensiosamente, reproduz elementos de uma “elite”, mesmo que pobres, aos gaúchos, campeiros, rurais, peões de fato, são, sabidamente os titulares da cultura gaúcha. São uma elite enquanto parábola. Mas também pode ser considerado, o galpão, uma ocorrência ativa do kitsch, pois adapta, transgride e reutiliza estética de outro grupo, misturando o que lhe convém da pobreza, mas com a distinção das elites (eletrodomésticos, porcelanato, equipamento de som, rede *wifi* de internet, alta gastronomia).

A ocorrência do Galpão visto tanto como espaço, território, lugar ou paisagem, em residências de classe média (e média-alta), é um fenômeno kitsch. Talvez não exatamente arquitetura kitsch, mas sim fenômeno kitsch.

Sendo isto uma concretização do kitsch incutido no ambiente doméstico da pequena burguesia, lido com três contradições: A primeira é a negação do tradicionalismo, que é um dos preceitos da pseudo-arte, já que, no dizer de Margaret Mead (apud GUIMARÃES; CAVALCANTI, 1979, p. 15) “Não se pode manter uma cultura intocável”. Ou seja, o fenômeno kitsch se mostra totalmente antagônico aos valores tradicionalistas gaúchos. A segunda contradição é a construção de uma cultura pós-moderna que afirma a importância da “tradição” e do passado, mesmo sendo contemporânea e embasada neste período. A última contradição identificada (e já tratada anteriormente neste texto) seria a de tentar compor uma distinção social (GUIMARÃES; CAVALCANTI, 1979) a partir da estética que surgiu da pobreza de um grupo humano, o dos gaúchos, que surgiu em condições igualmente pobres.

4.2.2 *O Kitsch de Binkley*

Se opondo ao pensamento de Bourdieu (1976), quanto aos valores e conflitos de classes imbricados na questão do Kitsch, Binkley (2014), faz uma revisão do termo e seu histórico:

[...] desde a revolução industrial, um volume sem precedentes de bens duráveis, muitos deles com funções domésticas e decorativas, tem saciado mercados urbanos, oferecendo até mesmo ao consumidor mais empobrecido escolhas estéticas desconhecidas para as gerações anteriores. Estas mercadorias foram amplamente desdenhadas como “kitsch”: imitações falsificadas de produtos de luxo, itens de “belas artes” grosseiramente e levianamente fabricados para assemelharem-se aos finos objetos de arte elevada da velha aristocracia, e logo se tornaram o símbolo comum de até mesmo o assalariado mais humilde do mundo industrializado. Falsos móveis dourados, joias polidas e brilhantes, candelabros altamente ornamentados, imitações de pinturas a óleo, cópias de cerâmica em miniatura de estátuas antigas e outros encantos domésticos do século 19, que seriam os primeiros progenitores das posteriores formas kitsch do século 20. (2014, p.2).

Mesmo que discorde de uma abordagem que leve em contas a classe como vetor para a existência e entendimento do Kitsch (BOURDIEU, 1976) sua leitura dos recorrentes fatos revela nomenclaturas designadoras de tipologias de classe. O ato de comprar, decorar a casa, formar uma identidade estética de família nuclear, mesmo que de forma automática e sem questionamentos quanto aos motivos de fazê-la, são exemplos de repetição, criados no âmago do funcionamento do capitalismo. A paisagem, seja ela Kitsch ou “Galponeira”, é fruto do capitalismo. A paisagem é capitalista. Sobre a forma do Kitsch Bourdieu (1976) afirma que estes aspectos estéticos viriam com o boom de consumo da década de 1920, e mais tarde com a emergência da nova classe média próspera dos anos 1950 e 1960. Críticos, tanto à esquerda quanto à direita, têm atribuído a ascensão do kitsch variavelmente à erosão da alta cultura de elite, ao eclipse da consciência revolucionária, ao esgotamento de solidariedades morais necessárias para uma cultura cívica saudável e ao desenraizamento de povos pré-industriais e tradições étnicas (2014, p. 2).

Ainda que pondere a consciência Materialista de Bourdieu (1976), Binkley traz para seu discurso as classes, suas rupturas e acontecimentos. Cita os estágios de temporalidades dos diferentes grupos sociais para elucidar sua proposta. Discorda que a arte Kitsch possa ser entendida plenamente a partir de uma visão pautada nas classes sociais, mas se vale de conceitos provenientes de uma raiz classista para formatar seu discurso. De todo modo, sua contribuição é de grande valia para florear de exemplos o estudo de tal elemento.

4.2.3 *O Galpão de Firth: Irmanados pelo Galpão*

Sobre um olhar vindo do âmago da antropologia (mas atento sempre, para evitar exotizações), e se pautando no modo de vida (ocidental/judaico/cristão) um tanto citadino, outro tanto rural, do brasileiro meridional, preferi, nesta trecho da escrita, abordar as razões do Galpão de um modo geral e não somente no Vale do Três Forquilhas, justamente para falar no nível do “grupo”, não pensando na área de abrangência da pesquisa (como fosse pouco representativa), mas por acreditar que os acontecimentos e sentimentos acerca das representações sociais são maiores e, de certo modo, comuns para outros recortes. Para tanto me aponto em Firth (1978) para elucidar algumas questões:

Em nosso estudo da vida econômica e da organização social, observamos que os fatos físicos e biológicos, as necessidades de nutrição, a consanguinidade, a semelhança de idade e a residência comum constituem a base dos vínculos sociais e servem para reunir os indivíduos em grupos (1978, p. 129).

Sem abordar as tais necessidades de nutrição, fatos biológicos e outros aspectos que flertam mais com a biologia e fisiologia do que com qualquer outro campo da ciência (mas que em algum momento influenciaram os modos de vida dos grupos sociais “fundadores” do Rio Grande do Sul) me atenho aos termos “grupos” e “residência”: Assim como o próprio Firth, que registrou, ao analisar os tipos humanos, as diferentes casas de um mesmo grupo, mas em variados contextos. Casas dos grupos polinésios, sendo uma “moderna”, na concepção de Firth, ou a outra, descrita como a casa de “festas” (p. 33). Mesmo as duas desempenhando funções diferentes (dados os respectivos contextos) são típicas e características de um grupo (no caso da descrição de Firth, do grupo da Nova Guiné). Se dão para, e por, tal programa de necessidades. Compõem a cultura e a paisagem cultural “daquela” região, “daquele” território, “daquele” lugar.

O Galpão representou a sobrevivência do “grupo gaúcho” por anos (período colonial luso-espanhol) até a consolidação da sociedade “civilizada” (termo que o próprio Firth, em 1978, faz questão de grifar). Era a proteção na noite insegura. Era onde se preparavam os assados e sopas, onde se guardavam as armas e ferramentas, onde o fogo esquentava mão e pés no inverno e a sombra se fazia afável no verão. Onde se relacionavam as pessoas, trocavam experiências e fundavam, mesmo sem ter a mínima noção disso, um modo de vida e um grupo social.

Com a “civilização” instaurada, o modo de vida pastoril não necessariamente acabou: A vida de relações se adensou, a luz elétrica deu nova característica aos hábitos, as mídias informacionais tomaram importância significativa; a paisagem cultural se modificou. O Galpão, de um modo ou de outro, para o trabalho, lazer ou distinção social, perdurou. Não proporia fazer uma analogia, tal fez Firth (1978), ao comparar a “casa moderna” e a “casa de festas” (p.33), justamente por entender que o rio-grandense atual (ou, ainda, o homem que possui algum vínculo com o meio rural no Brasil concentrado) faz o Galpão não somente para se proteger, sobreviver e se alimentar. Ele o faz para, muito além das necessidades básicas, manter sua cultura, (re) afirmá-la. Mesmo que o Galpão atenda ao programa de necessidades que eventualmente alguma situação possa apresentar (propriedade rural, fazendas produtoras do setor primário, centro de tradições regionais/tradicionistas, centro de esportes equestres), já não é puramente abrigo: Têm usos variadíssimos, padrões diferentes (sobretudo quando se impõem as dialógicas trabalho/ócio ou patrão/empregado), mas sempre com a mesma nomenclatura designando a tipologia da edificação. Se faz presente nos centros urbanos, como espaço de gastronomia e distinção, ou nos interiores, onde sua funcionalidade pode ser (mais facilmente) entendida. A residência comum “constitui a base dos vínculos sociais e servem para reunir os indivíduos em grupos” (FIRTH, 1978, p. 129). Mesmo não sendo propriamente a residência, o Galpão reúne, não fisicamente ou socialmente, mas no nível do *ethos*, os habitantes deste território (entenda-se aqui, frente ao conceito, Rio Grande do Sul e regiões onde os Rio-grandenses expandiram suas representações): Alguns se intitulam gaúchos, outros se nomeiam campeiros, pois, para estes, o termo gaúcho não lhes parece rústico o suficiente. Alguns são simplesmente rio-grandenses, e também, em algum momento, por convite de outrem, por vontade própria, por vontade de comer carne, ou mesmo sem querer, passam por uma destas “residências”.

4.2.4 Galpão chique

Sobre o Galpão chique, quando este começa a ocorrer em residências de famílias de auto poder aquisitivo, já com aspectos não tão simplistas e brutos, como eram os aspectos dos galpões no rudimentar período das ocupações europeias primórdias na pampa, Cohen e Mendras afirmam que a identidade territorial “[...] adquire um relevo particular quando as necessidades materiais imediatas podem ser satisfeitas e a atenção se volta para aquilo que dá significado à vida [...]” (apud CLAVAL, 2002, p. 171).

O Galpão, mais do que uma casa em estilo moderno, *art decó*, *bauhaus*, ou outra escola arquitetônica/artística, identifica e vincula, mesmo que inconscientemente, a pessoa ao seu lugar de nascimento, neste caso o Rio Grande do Sul. Relembra as histórias, muitas vezes romantizadas, dos ancestrais daqueles que praticam o Galpão, da "força do trabalho" que "construiu este chão", afirmações que por vezes aparecem, implicitamente, em entrevistas ou ainda em canções regionais (ver em "Letras de músicas em referência ao Galpão"). Mesmo não existindo uma cultura formal, um documento que explicita as diretrizes normativas da construção de um "típico Galpão gaúcho", as músicas regionais fizeram, e fazem, uma construção cultural informal, em suas letras, colaborando para a consolidação, ainda que dentro do empirismo, das características do "Galpão crioulo", "Galpão nativo", "Galpão bagual", "Galpão de pau á pique", para aquele que anseia, projeta ou constrói um Galpão, cantado muitas vezes como o "altar santo do campo" (ver em "apêndices" o volumoso repertório acerca das características de um Galpão da região pampiana brasileira).

Galpões de famílias com alto poder aquisitivo, ou mesmo da classe média, buscam no préstimo pelo gauchismo sua identidade cultural e estética (figura 20), vinculada ao caráter regional das representações sociais. Estas, por sua vez, ultrapassam possíveis características e elementos étnicos que poderiam estar no espaço doméstico, no território da produção de representações. Esta constatação é possível quando, por exemplo, o interlocutor de sobrenome lusitano apresenta seu Galpão, com detalhes e símbolos do gauchismo, sem nenhuma característica ou geossímbolos portugueses.



Figura 20: Galpão de Sérgio Nunes

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 04/10/2015. Rua da Areia. Terra de Areia.

4.2.5 O mapa do Galpão

“O mapa demarca, o relato faz a travessia” (DE CERTEAU, 2004, p. 215).

Esta é uma cartografia sobre as representações culturais de âmbito doméstico⁶⁵ no vale do Três Forquilhas. Fazer de fato um mapa com a localização de cada ponto de representação

⁶⁵ Os Galpões, nesta pesquisa, só saem do âmbito (e do poder pleno de influências) doméstico por um único motivo: A regulamentação de entidades juridicamente estruturais. Em comparação ao caso das religiões, por exemplo, isso ocorre através dos templos (católicos, luteranos, neopentecostais, umbandistas, etc) que precisam ter documentos oficiais de entidades organizadoras para exercerem atividades. No caso dos Galpões isto ocorre quando da filiação de uma entidade (grupo de tradicionalistas) ao MTG. Isto ocorre, na área de abrangência do estudo, em dois casos (nos dois CTG's existentes em Terra de Areia). Fora estes dois casos, ainda existe uma sobreposição “livre”, autêntica e particular do dono de cada Galpão, de cada casa com um Galpão atrás, do lado, anexo ao “lar”, e outras infinitas combinações de programa de necessidade e área construída, pois as mesmas não estão sobre os mandamentos de uma entidade representativa. Um Galpão e seus proprietários podem passar por uma regulamentação, ainda, quando pretenderem promover eventos campeiros, encontros ou outra atividade ligada ao agroturismo, por exemplo. Neste caso o PPCI, documento emitido pelo corpo de bombeiros de uma cidade é que regulamenta as medidas necessárias para adaptação e prevenção de acidentes, ou ainda o número máximo de pessoas permitidas no interior do salão/Galpão. Neste caso, o ambiente não precisaria deixar de ser doméstico (assim como um espaço rural de produção artesanal não deixaria de ser doméstico só pelo fato de ter que possuir alvará de higiene para produzir determinado alimento).

não é a intenção da pesquisa. É evidente que no caminho trilhado ao longo da escrita (e seus desdobramentos) alguns mapas (além de outras cartografias) foram necessários. O mais oportuno, e que se coliga no intento de aclarar a emergência dos Galpões, seria um mapa dos locais de atividade do Esporte equestre (tio de laço ou, como também é chamado, laço comprido) em Terra de Areia. Atualmente são oito locais ativos em Terra de Areia (sendo três deles na modalidade “vaca mecânica”) e três em Itati. Vários outros locais de atividade deste esporte já existiram no Vale, porém encerraram, em algum momento, suas atividades.

O mapa, que mais aparece nos Galpões visitados é o mapa do Rio Grande do Sul (figura 21). Aparece como símbolo do sentimento de amor pelo regional, pelo telúrico e rústico. Se repete de diversas formas: Em desenhos, apetrechos de chimarrão, chaveiros, troféus de competições tradicionalistas (dança, música, tiro de laço). Na maior parte das vezes em couro e madeira (assim como a maioria dos apetrechos de chimarrão e decoração rústica). “Assim, a cartografia se constitui em instrumento de marcação e demarcação territorial. Cabe, porém, uma ressalva: a relação com o território depende do universo simbólico considerado, das compreensões de mundo de qualquer grupo”. (HEIDRISCH, 2010, p.35)



Figura 21: Troféu de evento de tiro de laço na casa de Eroito Engel e Relógio representando o mapa do Rio Grande do Sul no Galpão de Cleiton Camilo

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 26/07/2015, Bairro dos Júlios, Terra de Areia, e em 06/01/2015, Terra de Areia.

O mapa do estado do Rio Grande do Sul não representa, nas visitas e fotos durante o campo de pesquisa, somente um território/unidade federativa do Brasil: Diversos interlocutores desta pesquisa, em especial os tradicionalistas e laçadores, entendem o mapa do Rio Grande do Sul (que para alguns lembra uma cuia de chimarrão, para outros um coração), como um símbolo de seu sentimento gaúcho e regionalista. Das novas (e antigas) gerações, através do discurso tradicionalista, do culto à arte regionalista ou nas redes sociais, através de novas mídias

informativos, assim os símbolos gaúchos permeiam a contemporaneidade e buscam “manter” aspectos construídos socialmente.

Na decoração do Galpão, por exemplo, e através de objetos simbólicos. Não é somente o couro e a madeira que servem de matéria prima de divulgação ou estética dos Galpões. Se vive uma reinvenção daquilo que já foi incorporado ao Galpão. O mapa do estado não se apresenta somente como limites a definir um território:

O ato que se liga ao espaço é a força criadora, é o vínculo. Por mais natural que seja estar, ser e viver, a cultura é que produz o significado dessa experiência. Ela não desfaz a condição natural, mas nos liga a um universo de invenção. Nos termos desta discussão, tais liames são territoriais (HEIDRICH, 2010, p. 36).

Mais do que inventado (e já consolidado neste processo) o mapa do Rio Grande do Sul está legitimado pela fidedignidade cartográfica. Quem o celebra (o mapa enquanto símbolo ou enfeite no Galpão) sabe que ele se aproxima muito do formato exato do território a ser celebrado como o recorte espacial de seus (pretensos) antepassados e hábitos. As gerações passadas não possuíram a sorte de contemplar cartografada com tamanha fidedignidade a sua unidade federativa dentro da construção da identidade brasileira, pois “Essa condição (a fidelidade das medidas), que deu origem aos mapas modernos, foi de fundamental importância para o acolhimento da cartografia como fonte de documentos oficiais” (HEIDRICH, 2010, p. 35). Nada disso deixa de ser racional. O mapa do Rio Grande do Sul é uma espécie de documento oficial para os tradicionalistas: Se elegeram o chimarrão como bebida típica e o churrasco como prato predileto, o mapa do estado aparece como território a ser celebrado pelos cultuadores do gauchismo. Em algumas bandeiras camisas de agremiações tradicionalistas, usadas em eventos como rodeios e Tiros de laço, nota-se a presença dos bordados e estampas com o mapa do Rio Grande do Sul; “Os grupos sociais podem muito bem forjar territórios em que a dimensão simbólica (como aquela promovida pelas identidades) se sobrepõe à dimensão mais concreta (como a do domínio político que faz uso de fronteiras territoriais para se fortalecer)” (HAESBAERT, 1999, p. 171). Um dos exemplos práticos da afirmação de Hasbaert é o fato de que estados da união, como Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia e Maranhão estão “repletos de Gaúchos” (171). Ao saírem de seu território (desenhado pelo mapa do estado) não se tornam brasileiros (assim como os que com eles convivem em estados mais setentrionais) mas reforçam ainda mais sua identidade gaúcha. É o “uso da fronteira para se fortalecer” evidenciado em experiência de nível nacional. Já o caso dos brasiguaios difere um pouco deste fato, pois os agricultores ao adentrarem no país vizinho não se tornam “mato-

grossenses”, “paranaenses” ou “gaúchos”, mas sim brasileiros no Paraguai. Essencialmente, contudo, não parece ser diferente, pois ambos são o que eram antes naquele outro espaço novo. O que difere, em alguns casos, é a mudança de categoria do regional para o nacional.

Se “toda cultura se encarna, para além de um discurso, em uma forma de territorialidade” (BONNEMAISON, 2002, p.97) a cultura gaúcha brasileira já encontrou sua forma, tanto em âmbito físico como afirmativo. Em suma, quanto ao fato da consolidação do estado do Rio Grande do Sul como simbolismo da territorialidade gaúcha-brasileira, é prudente pensar que

A idéia de cultura, traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da idéia de território. É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica entre cultura e espaço. A partir daí, podemos chamar de abordagem cultural ou análise geocultural tudo aquilo que consiste em fazer ressurgir as relações que existem no nível espacial entre etnia e sua cultura (BONNEMAISON, 2002, p. 101-102).

4.2.6 A “bóia” do Galpão.

Claval dedica alguns parágrafos (1999) para a relação do homem com a comida, não somente no sentido do provimento desta para fins de sobrevivência: No capítulo "As relações do homem e do meio" (p. 255) são detalhadas as técnicas que as populações desempenhavam no processo de beneficiamento de alimentos até o consumo.

Alimentar-se, comer e beber: não há terreno de análise mais fascinante para os geógrafos [...]. Alimentamo-nos para viver, mas as razões pelas quais os homens dão importância ao que comem e bebem, e lhe consagram uma parte importante de seu tempo, de sua energia e de suas rendas, não são todos resultados da fisiologia (CLAVAL, 1999, p.255- 256).

"O peso das técnicas" também é lembrado pelo autor como elemento importante para se conhecer a geografia dos hábitos alimentares. No que tange a temporalidade "as transformações térmicas: Cozimento e produtos gelados" (p. 266) retratam as transformações visíveis do modo de preparar, estocar e pré-cozer os alimentos, sobretudo no que diz respeito aos aspectos proteicos (carnes). As linhas de transporte (ainda insipientes) da Eurásia do século XIX faziam do comércio e transporte de gelo (ansiado por habitantes de regiões mais quentes) uma verdadeira epopeia, movida por barcos e carroças. Já o forno micro-ondas, no contexto do século XX, em sua aparente praticidade e inovação, não apresentou nenhum salto técnico para a preparação. Ele "acelera o cozimento na massa, mas não modifica os estados de superfície: ele rompe com gostos bastante consolidados. Ele serve, então, mais para esquentar os pratos

cozidos segundo as receitas tradicionais do que para desenvolver novas preparações" (CLAVAL, 1999, p. 268). Representa uma nova temporalidade, traduzida em técnica, dentro de qualquer cozinha, porém ainda não transcendeu a presença simbólica (memorial) e pujante dos fogões que utilizam a lenha como matriz energética e as comidas citadas pelos interlocutores desta pesquisa, o que é denotado na figura seguinte.

No contexto do hibridismo cultural existente no Vale do Três Forquilhas, a gastronomia se apresenta como uma das naturezas dos hábitos humanos de grande valia acadêmica, sendo fornecedora de matéria cultural muito vasta para etnogeografias. Frente ao conceito de modos de vida, a mescla destes (colono/lavrador, pecuarista/montado, pescador artesanal, cidadão/trabalhador do terceiro setor, etc), sobrepostos de múltiplas maneiras no Vale, forma a paisagem cultural, manifestada e construída através das técnicas e práticas nos expedientes que atendam ao programa de necessidades de determinada propriedade.

A industrialização como característica da revolução técnica interferiu inclusive nas cozinhas de algumas casas ou restaurantes (CLAVAL, 1999). Vários ingredientes são beneficiados ainda na indústria, demandando cada vez menos operações (legumes já descascados e processados, molhos em sachês, sopas em pó, etc). Este último elemento encontra nos Galpões do Vale do Três Forquilhas uma evidente oposição: Diversos proprietários de Galpões afirmam a preferência por comidas mais rústicas em finais de semana ou momentos festivos, e encontram no Galpão o local mais apropriado para tais receitas, visto que a cozinha da casa é, oportunamente, poupada quando do feitiço de comidas mais gordurosas ou brutas; é a valia da cozinha suja (SILVA, 2003). Juneor Brehm e Vinicio de Mattos Negrini possuem peças, no fundo de seus terrenos em área urbana, que servem exatamente para este fim, sendo que o primeiro afirma que "Não tem estilo de Galpão", é uma garagem, que também serve de depósito, mas que o intuito é não sujar "lá dentro". Já o segundo nomeia "o meu Galpão", e neste é visível a tendência estética totalmente diferenciada da casa de moradia. Dentre os pratos praticados ali estão o churrasco, o entrevero e o bife no disco.



Figura 22: Galpão de Vinício de Mattos Negrini e Galpão de Paulo César Silva dos Santos

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 11/12/2015, Terra de Areia, e em 26/08/2015, Boa Vista, Terra de Areia.

A gastronomia destes grupos do Vale do Três Forquilhas apresenta variadas matrizes étnicas, que em determinados momentos podem estar mais ou menos hibridizadas: Mariza Sato, representante da comunidade nipo-brasileira de Itati, quando perguntada se possui algum traço de pertencimento gaúcho, afirma que “os japoneses geralmente aderem aos hábitos dos locais onde vão morar [...]”, mas que “[...] não comemos churrascada, que nem vocês lá [...]”.

Das representações nipônicas, a família Oushi lembra do *gohan* (arroz japonês) e do *misushiro* (sopa típica de seu arquipélago), que é propício para esquentar o corpo durante o frio do inverno. Alguns filhos e netos do senhor Tadau Oushi saíram do pequeno município de Itati e foram trabalhar com comida japonesa, e brasileira, em outras cidades. São budistas, e realizam oferendas no *Butsudan*, o altar do Buda: Maça, bergamota, saquê e cerveja estão ali, junto aos *ikebana*, tradicionais arranjos de flores da cultura nipônica. Portanto, alimentos que os moradores da casa apreciam são usados nestes ambientes simbólicos.

Já o termo “comida campeira”, ou ainda “Bóia campeira” é amplamente observado: Alcione Macedo, Sérgio Nunes, Nirido Lima, Sérgio Luiz da Silva Lima, entre outros, utilizam esta expressão para classificarem a comida que é apreciada em seus Galpões, fazendo isto (os quatro) cientes de que é uma prática necessária para a manutenção da tradição gaúcha.

Características e diferenças delicadas também surgem dentro, e no entorno, do Galpão quando o assunto é “Bóia”: Paulo César Silva dos Santos diz que “o almoço é na casa”, mas que ele é “mais de usar o Galpão, do que a casa”. Já o prato mais celebrado no Rio Grande do Sul, para Paulo César, apresenta uma demanda inusitada: “Churrasco [...] isso é de noite”, especificando que este tipo de gastronomia só é praticado após às 18:00 horas em sua residência.

Paulo César ainda tem um fogão campeiro; nomenclatura comum para o fogão que utiliza lenha como combustível, e um disco para fazer entreveros⁶⁶.

Alguns dos interlocutores ainda são produtores e beneficiam a carne de diferentes formas para consumo próprio. É o Caso de Deni Luiz Teixeira, que cria gado e faz o seu próprio charque⁶⁷, cria galinha para o consumo próprio e sua propriedade rural é autossuficiente em ovos. Este é um dos poucos casos vistos no roteiro de visitas onde o churrasco é feito comumente na mesma “cozinha do dia a dia”, justamente nesta “casa mais campeira”: É assim que Deni classifica o estilo interno da sala e cozinha anexas (figura 23), visto que ele não considera este espaço um Galpão, pois possui ainda outra construção, separada da casa; esta sim, usada para guardar ferramentas e arreios, recebe tal nomenclatura.

Bóia, em um uso da estética rústica do linguajar interiorano brasileiro, quer dizer comida. Não qualquer alimentação, mas, dito assim por vários interlocutores e pessoas interioranas em referência a alimentação que contenha “alimentos de sal”, como o almoço ou janta, contendo (dentre variações como arroz, feijão, batata e massa) carne. No clássico dicionário da língua portuguesa editado no Brasil, o artigo “bóia”, além de figurar como objeto que permite aos homens flutuar na superfície da água, é descrito como “[...] Comida, refeição, rancho. [...] Grão de café chocho que sobrenada nos lavadouros. [...] Sobra de mercadoria que não foi vendida” (FERREIRA, 1975, p. 214).

⁶⁶ Trabalhado especificamente no capítulo a seguir, este prato típico da culinária gaúcha se mostrou tão popular, no contexto da pesquisa, quanto o carreteiro, aparecendo junto ao churrasco enquanto exemplo de comida de Galpão (bóia de Galpão).

⁶⁷ Enquanto a tendência e aparição de produtos pré-temperados ou já processados (caso dos empanados de peixe do Galpão de Sérgio Meireles), alguns interlocutores ainda produzem parte da alimentação cotidiana em suas propriedades, usando os Galpões como aparelhos destas práticas. É o caso do charque produzido e observado em algumas visitas. Trata-se de pedaços de carne, secos e mantidos através do acondicionamento dos mesmos junto a grande quantidade de sal. Prática antiga, especialmente para tropeiros, peões de estância ou em momentos históricos onde existia precariedade no acondicionamento dos mantimentos.



Figura 23: Cozinha da casa de Deni Luiz Teixeira

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 25/08/2015. Perpétuo Socorro, Terra de Areia.

O entrevero aparece como prato de proporcional destaque, sendo outra forma de comer carne: Podendo ser feito em panelas grandes, mas frequentemente se valendo de discos metálicos (discos de arado), o entrevero consiste em sanduíches de carnes variadas, como carne bovina, de frango, coração de frango, linguiça, e ainda temperos, como cebola, pimentão, alho. Tudo isso dentro de um pão, que na maioria dos casos pão francês; o popular cacetinho. Associado ao Gaúcho e rústico (pois é frequentemente vendido em rodeios e festas campeiras) o entrevero (que em sua origem semântica representa mistura, bagunça) é mais praticado em jantãs do que em almoços. A cerveja aparece como acompanhante natural e frequente deste tipo de prato.

Os ambientes comerciais com elementos de cunho gauchesco apresentam um perfil gastronômico que reproduz, relativamente, o dos Galpões particulares: O restaurante “Rocha” de Carlos Roberto Rocha, que apresenta em seu interior, além de uma loja de artigos Gauchescos, uma decoração rústica, em madeira crua (sem tinta que modifique a cor original) e pau roliço. Para inauguração do novo setor do empreendimento (loja “casa do gaúcho”, anexa ao restaurante) foi realizado um almoço diferenciado (Galinha caipira) para a clientela, visto

que “no dia a dia se serve a la minuta”. Hélio Marmit possui seu bar em um Galpão. Afirma que foi um comerciante madeireiro, conhecido na cidade, que edificou a construção, mas sob o olhar exigente do Senhor Marmit. Segundo o proprietário trata-se de um “Galpão de diversão”, onde a lógica “comer e beber” se inclina muito mais para a diversão do que para a alimentação.

Nirido Lima possui um grande Galpão, onde guarda, além dos dois veículos da família, um carro e um caminhão, os arreios de montaria, ferramentas de construção civil e enfeites pitorescos do mundo do esporte equestre. É um Galpão doméstico, mas utilizado eventualmente como local de encontro dos tradicionalistas de Terra de Areia. Jantas e festas são realizadas ali. O arroz de carreteiro, entrevero e churrasco são mais do que nomes no cardápio, e se repetem preponderantemente. Também figuram neste cardápio híbrido a carne de panela, o arroz branco, aipim, salada de tomate, repolho, beterraba, feijão-mexido, entre outros. João Machado de Oliveira, o popular “João do Queijo”, possui um Galpão que serve como refeitório e sala de jogos (bilhar) para os adeptos do “Camping e Balneário Galpão da Lagoa”, às margens da Lagoa Itapeva. Os clientes pagam para entrar e podem usufruir da infraestrutura do empreendimento: Várias churrasqueiras ao longo da orla da lagoa permitam aos habitues fazerem piqueniques, churrascos e carros de som⁶⁸. É uma opção aos banhistas locais, serranos e metropolitanos que vem ao litoral em busca de lazer e das águas. Além de se afirmar enquanto gaúcho (pela naturalidade Rio Grandense e cultivar alguns hábitos) João Machado ainda diz que “gaúcho gosta de Galpão [...] quase todos tem um Galpão perto de casa”, e ainda me questiona: “ Quem não gosta de um churrasco, né? ”.

Cleidi Ribeiro me convida para entrar em seu Galpão. Ele e alguns amigos preparam um arroz de carreteiro. O uso do “fogão campeiro”, segundo Cleidi, deixa o clima mais rústico, campeiro. Cortam a carne e os temperos. Contam histórias divertidas e engraçadas. A cerveja e o vinho ajudam a descontrair a cansativa semana de trabalho na véspera de um feriado.

⁶⁸ Considerando que o carro de som, na paisagem, aparece como um elemento cultural híbrido, além de apresentar-se como um objeto técnico de uma temporalidade distinta (mais rápida, recente) quando comparado (ou coexistindo) com Galpões tradicionais.



Figura 24: Restaurante Rocha e Galpão “de diversão” de Hélio Marmit

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 13/12/2015, Bananeiras, Itati, e em 07/01/2016, Boa Vista, Terra de Areia.



Figura 25: Galpão do “Nirdo” e “Camping e Balneário” Galpão da Lagoa

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 13/07/2015, Terra de Areia, e em 09/02/2016, Rota do Sol, Terra de Areia.

Porém este estudo não tem a intenção de afirmar que neste recorte espacial e cultural os indivíduos só se alimentam a partir das experiências das matrizes étnicas, ou celebrando o seu (pseudo) grupo de pertencimento cultural (Gaúcho). Considerando o fato de que “O sujeito que anteriormente experimentava uma identidade unificada e estável vem fragmentando-se. Ele pode se identificar não apenas com uma, mas com várias identidades, às vezes contraditórias ou não-resolvidas” (SILVEIRA, 2001, p.20); assim como o pescador Sílvio Santana, líder comunitário da Barra dos Quirinos (Terra de Areia), que afirma não se alimentar de peixe todos os dias, e que seus filhos preferem outros tipos de proteína animal.

Também na Barra dos Quirinos, o comércio de Sérgio Meireles se mostra como manifestação das temporalidades rápidas através da produção de alimentos na pequena comunidade pesqueira: Ele realiza o manejo e processamento do pescado em quatro etapas. Cada uma delas processando mais ainda o produto inicial. Na primeira, Meireles vende o peixe

simplesmente eviscerado (especialmente a traíra, a maior espécie de peixe da Lagoa Itapeva), na segunda etapa corta a carne e acondiciona ela em formato de filé. A terceira etapa é a descamação e retirada dos espinhos, sendo que a quarta etapa é um produto que, para ser consumido, basta ser frito pelo consumidor, já que é previamente temperado e empanado pela equipe de Meireles.

Sobreposições temporais e técnicas que ressignificam os hábitos e determinam a hibridização dos fazeres cotidianos. Renato Schimidt, tataraneto do Pastor Voges (um dos líderes fundadores da colônia de alemães no Vale) reconhece sua ascendência germânica, mas se entende como brasileiro. Mora em uma das casas mais antigas do Vale do Três Forquilhas, que mantém ainda o estilo enxaimel. Quando perguntado sobre gastronomia, revela que pratica “culinária típica gaúcha” e que também gosta de culinária italiana, “massas e molhos”. Os hábitos, assim como a paisagem, nunca estarão prontos, definitivos. O hibridismo é uma das relações que possibilita isto.

A partir do modo de vida híbrido, entre as variações do modo campesino de trabalho, formalização e modernização das técnicas e práticas pós-modernas (dentro e fora da produção rural), o Vale do Três Forquilhas apresenta no *habitus* do ambiente doméstico, ou ainda na gastronomia, sua (re/des) construção do espaço.

A distinção, trabalhada de modo amplo por Bourdieu (1979) e seus adeptos, no âmbito da gastronomia, foi utilizada por Pulici (2010) para estudar sociologicamente o gosto “(in) discreto” (grafado deste modo pela própria autora) da burguesia paulistana:

A subversão dos padrões de honra que outrora associavam a “boa mesa” à “mesa farta” lançam ao descrédito as pessoas que ainda se permitem viver, como se diz, “acima do peso”. Acompanhando as transformações que uma *nouvelle cuisine*, por exemplo, introduziu na maneira de conceber e gozar as práticas gastronômicas, e, tomados por todas as orientações que visam o melhor cuidado com a saúde, todos os informantes das classes altas, *mas literalmente todos* condenam o comer descontroladamente, e de maneira mais enérgica do que repudiam o beber em excesso. Seja por uma questão de saúde, seja por questão de estética, o descontrole alimentar não deve ser tolerado. Nesse cenário, o “povo” é sempre representado como grupo aprisionado entre duas e inevitáveis alternativas: passar fome ou ser glutão. Ao contrário da “pulsão denegada” e da “vulgaridade vencida” dos dominantes, as classes sociais mais baixas figuram como as que não conseguem desviar-se de suas sensações [...] (PULICI, 2010, p.188).

Comparando ao caso da elite paulistana, ou ainda da parte pesquisada por Pulici (2010), o que se nota durante as entrevistas no Vale do Três Forquilhas, tanto para famílias de renda média, quanto para famílias menos abastadas, é que existe uma procura pela distinção através dos hábitos alimentares. A ideia de mesa farta (no caso dos Galpões, pelo exagero ou

rusticidade, como mostra a figura 26) aos rio-grandenses de maior poder aquisitivo, traz a evocação do termo “rústico” como padrão estético de modo explícito, não de modo pejorativo. As reuniões, encontros de família ou pautas de algum grupo tradicionalista (como os encontros dos diversos piquetes de laçadores), são momentos onde a gastronomia se mostra, ainda, campeira. Uma das definições sociais disso se evidencia na fala de Oliven seria “manter a distinção entre o Rio Grande do Sul e o Brasil seria uma forma de preservar a identidade cultural do estado” (1992, p. 108). Não somente a fartura como forma de distinção em si (ao contrário de “outras elites” sociais), pelo atributo da quantidade, mas principalmente a rusticidade na forma de preparo e tempero dos alimentos, como modo de elucidar maneiras antigas na cozinha: Antepassados de uma ou duas gerações, ou ainda um passado imaginado, subjetivo, quando os Gaúchos supostamente “fundaram” este estado e deixaram suas marcas culturais (principalmente no culto ao churrasco e todas formas de comer carne), que “precisam” ser cultuadas e praticadas no cotidiano.

A busca pela distinção social fica evidente nesta situação, pois da mesma maneira que as elites econômicas buscaram em seu modo de consumo (bens culturais) formas de se diferenciar das demais classes, os frequentadores e proprietários de Galpões acabam por praticar uma gastronomia que os distingue de “Brasileiros normais”, ou “lá de cima” (referência comumente utilizada por rio-grandenses para todos estados ao norte do Rio Grande do Sul). Não pelos bons modos à mesa (CLAVAL, 1999) que certo segmento social busque imprimir e reproduzir hábitos “à francesa” (CLAVAL, 1999, p. 283), mas pelas peculiaridades no preparo e modo de servir: O churrasco dispensa apresentações acerca da importância para os sul brasileiros: Seu caráter primitivo (assado na brasa do carvão ou lenha, temperado na maioria dos casos somente com sal grosso) sugerem o ancestral, o fato étnico que existe nos hábitos, remetendo ao cotidiano dos tropeiros, peões de estância (remetendo ao mito do “gaúcho fundador”), baseado no modo de vida agropastoril de algumas gerações passadas, em outra região deste estado da federação.



Figura 26: Churrasco da banda de tchê music em Galpão industrial

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 25/02/2016, Terra de Areia.

Alguns interlocutores do grupo quilombola usam terminações diminutivas para tratar (com eufemismo) do consumo de proteína nos fins de semana: Angélica da Silveira afirma que “churrasquinho” (de carne de gado) só é feito quando se soma um bom número de pessoas na casa (em momentos de folga). “Final de semana tem diferença (com os dias úteis da semana). Agente já se reúne [...] é uma *galinhazinha* frita, refri, que não é sempre” (grifos meus). O feijão, por sua vez, na ocasião desta visita, foi fortemente destacado por Angélica: “O básico da semana [...] feijão não pode faltar. O feijão é o principal. Quando não tem aipim é batata-doce”. Estes itens são oriundos da própria produção da propriedade de Erandir (pai de Angélica). Alguns outros produtos alimentícios são adquiridos nos mercados da cidade.

O “Galpão da mãe” nada mais é do que uma cozinha que possui fogão a lenha, feita em madeira e com contrapiso; era de chão batido, porém fora feita uma mudança (um ano e meio atrás) visando mais conforto, o que não agradou todos familiares, como já foi relatado em “Essencialismo de Galpão”. Conceitualmente é uma simples cozinha, mas ao longo da descrição outras funções para o “Galpão da mãe” aparecem: “É onde fica mais [...] para mais

lá do que em casa. É ali que se reúne, joga um baralhinho” (Angélica). A casa de moradia (dormitório) não é utilizada para alimentação.

O elemento temporalidade, no que tange a alimentação e os objetos, no caso da família quilombola, também são identificáveis: Angélica possui um forno elétrico, onde faz seus pães. Quase não compra este artigo no mercado. Já sua mãe prefere fazer pães no forno do fogão a lenha, que fica no Galpão.

No caso da família Tesaro (próxima figura), que se identifica como italiana, afirmam que “na casa do gringo tem que ter horta” (Jânio). Visando a salada como parte importante de sua gastronomia cotidiana, a horta foi um dos elementos da propriedade dos ítalo brasileiros, citada pelos próprios, como característica cultural advinda de seus antepassados, e com o seguinte detalhe: A salada deve ser bem temperada com vinagre. Este hábito foi tratado pelos Tesaro como oriundo da tradição itálica; coisa “totalmente de gringo” (Jânio). Afirmam praticar o churrasco aos fins de semana, que é preparado em um dos cantos do enorme Galpão: “Tipo uma cozinha rústica [...]” (Cátia). “É mais pra churrasco” (Jânio). Durante a semana o arroz e feijão se tornam importantes, assim como massas, carnes com molho e saladas. Esta família se mostra muito identificada com a ancestralidade italiana, porém o elemento híbrido (dentre muitos possíveis) pode ser lembrado pela gastronomia: “Os gringos aceitaram cem por cento o churrasco” (Cátia).



Figura 27: Churrasqueira com sistema rotativo elétrico, no Galpão multiuso de Jânio e Cátia Tesaro e Café na casa de Eliseu Justin

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 05/05/2016, Boa Vista, Terra de Areia, e em 27/05/2016, São Sebastião, Três Forquilhas.

Na propriedade dos Justin, a ancestralidade foi assunto importante durante as conversas. Além do churrasco dos finais de semana (feitos no Galpão), algumas receitas praticadas nos dias úteis foram atribuídas aos hábitos dos antepassados de origem polonesa. Sobrenomes como Viticosk (i) e Kohanoski foram citados como parte da família de dona Delci Justin, mesmo que estes não apareçam atualmente em suas assinaturas. Polenta, radite e queijo foram as comidas lembradas por Delci em referência aos ancestrais poloneses: “Tinha que comer polenta, não tinha outra coisa [...] comida que sustenta” (Eliseu). Esta visita se destacou no sentido de cotidiano rural, pois além do Galpão ser completo em utilidade para o programa de necessidades da família (varal, churrasqueira, garagem, paiol, depósito, galinheiro e chiqueiro), a alimentação é quase toda produzida na propriedade. O açúcar, o sal, o café e o azeite são lembrados como alguns produtos que ainda são comprados no mercado. A banha de porco ainda é utilizada (o azeite serve somente para receitas de bolo), bem como as carnes consumidas também são oriundas do trabalho e manejo no campo. Durante o farto café da tarde, a pequenina neta de Eliseu e Nelci pede: “eu quero meu Nescau rosa”.

Pela praticidade no ato de servir, ou por atribuição cultural/étnica, o café da tarde foi uma das refeições mais registradas durante a etnogeografia: Maria Homem da Silva, Paulo Justin, Deni Teixeira, Eliseu Justin, João Rodrigues, Maria Lima, Maria Inaide Siqueira, Lairton Borba, entre outros, serviram mesas vespertinas de grande variedade de produtos, como salames, mortadelas, carne de porco, batata-doce, roscas de polvilho, pães de milho ou trigo, chimias, doces, achocolatados, leite e café passado. Momentos que ajudaram na relação entrevistador/interlocutor, que facilitaram o diálogo e fizeram da pesquisa de campo um ambiente de informalidade, próprio para novas descobertas sobre ações, objetos e cultura no ambiente doméstico.

4.2.7 O Galpão do Consumo: Tecnologia no Galpão

Para Freire Filho (2003, p. 2), algumas mercadorias e padrões de consumo servem de distinção social, e isto, dentro do agir cotidiano, está “sinalizando que nossa individualidade e nossa identidade são moldadas dentro de escolhas e estruturas coletivas mais amplas”.

Para se analisar o consumo cultural Martín-Barbero (1987, p. 233-241), por exemplo, aponta duas categorias de mediação: a cotidianidade familiar e a competência cultural: Cotidianidade cultural, neste sentido, diz respeito ao fato de que estes Galpões e espaços de representação de alguma etnicidade, sempre estão próximos da casa, da família, portanto vinculados ao cotidiano (morar, dormir, trabalhar, alimentar-se, divertir-se, etc). A

continuidade, ou o que se notou nos encontros e entrevistas, aparece em forma de ressignificação dos hábitos do “velho pai” ou “falecido Vô”, por exemplo. Não é o objetivo principal desta escrita, mas em um sentido de elucidação destas relações, o conceito de competência cultural (RONSINI, 2007) pode apresentar utilidade conceitual para o entendimento das razões e vetores das práticas de (sobre) vivência em determinados casos.

Para Canclini “Nunca o consumo é um fenômeno passivo, mas a noção de consumo está carregada de um certo condicionamento e, às vezes, até de um determinismo, que vem da produção e da circulação” (CANCLINI, 2006, p. 10). Alguns objetos pendurados nas paredes internas dos Galpões podem elucidar esta prática: Rodas de carreta, ferraduras de cavalo, cangas (aparato que dispõem lado a lado os bois que tracionam uma carreta, ou carro), arados, martelos, arreios (quando o dono do Galpão é dado ao trabalho ou esporte equestre). Estes objetos, oriundos de um período técnico pré-industrial, representam para aqueles que o praticam enquanto enfeite de parede uma espécie de memorial familiar cotidiano por, justamente, estar continuamente exposto aos olhares dos familiares, amigos e visitas, rendendo, por vezes, conversas sobre o passado de labor da família, a dificuldade de se viver “naquele tempo” e o romantismo por tal temporalidade não estar vinculada ,até então, aos novos rumos técnico/informacionais que foram atribuídos aos novos objetos cotidianos (*notebooks*, telefones celulares, *iPhones*, *tablets*, etc), sendo o rádio de pilha (figura 28) um símbolo desta transição temporal das diferenças técnicas (por ser um meio de comunicação e representar, em dado momento do século XX, uma reviravolta no patamar técnico quando comparado aos objetos existentes no mundo rural até então; entenda-se enxada, foice, cambão, fueiro). É objeto também registrado no percurso investigativo, palpável no momento em que a possibilidade de se comparar a evolução técnica dos artefatos e, em alguns casos, um valor simbólico/sentimental atribuído para alguns objetos, também se configurando enquanto uma tendência atual de consumo.



Figura 28: Rádio antigo no Galpão de Cleomar Tondim

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 26/10/2105. Boa Vista, Terra de Areia.

4.2.8 A Roda do tempo

É notória a importância que as rodas de carreta⁶⁹ possuem para os Galpões enquanto artigo ornamentativo (figura 29). Por vezes, como informam os interlocutores, pertenceram ao pai ou avô. Em alguns casos servem de suporte para as lâmpadas do Galpão, ou para a iluminação da divisão principal deste (quando possui divisões). Tal um lustre enfeita as casas dos aristocratas, ambientes burgueses, teatros ou salões de palácios, a roda de carreta se faz soberana junto ao caibro do Galpão, na parte mais alta deste ambiente, onde os objetos antigos são decorativos, algumas vezes usuais, ou ainda compõem a própria estrutura da fachada.

⁶⁹ Neste sentido, se refere aos “carros de boi”, veículos de transporte e trabalho de tração animal, amplamente utilizados pelos colonos europeus instalados no Rio Grande do Sul a partir da segunda década do século XIX. Por vezes chamados de carroças (não confundir estas com as atuais carroças, puxadas por rês cavalares, possuindo pneus de borracha, suspensão transversal ou helicoidal) eram puxadas por juntas (duplas) de rês vacum. Na maioria dos casos, no Vale do Três Forquilhas, apenas uma junta tracionava o “carro” (outra terminologia possível). Tinham, e têm, roda feita em madeira, sem sistema de suspensão algum. Antes da chegada dos colonos germânicos e itálicos, os Gaúchos tropeiros já utilizavam alguns destes carros, sendo que existia uma notável preferência pela utilização das rezes muars no transporte de cargas (SOMMER, 2013), dado o grande número deste gênero cavalares no contexto do Rio Grande “pós-jesuítico” e “pré-germânico”.



Figura 29: Rodas de carreta, estrutura e decoração do Galpão de Paulo César Silva e Roda de carreta compondo a decoração do Galão de Paulo Justin

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 26/08/2015, Boa Vista, Terra de Areia, e em 27/08/2015, Terra de Areia.

Nos relatos, tal quais outros objetos que pertenceram aos antepassados dos atuais habitues dos Galpões, a roda de carreta aparece como um ativador de sentimentos nostálgicos, despertando inclusive uma reflexão sobre temporalidades, especialização dos serviços e do mundo do trabalho: A partir da presença de uma roda de carreta, em uma noite de visitas ao Galpão de Paulo Justin, o interlocutor reflete sobre as dificuldades dos trabalhadores, quando estes não possuíam veículos automotores. O tempo gasto nas viagens é um diferencial entre os modos de vida do passado e da contemporaneidade. “Que tempo que não levavam pra vir de lá (Itati) até aqui (Terra de Areia)?” (Grifo meu) (Paulo Justin).

Proponho, frente aos fatos observados, o Galpão enquanto um elemento mêmico para os rio-grandenses, em especial para os que possuem algum sentimento de pertença aos elementos culturais regionais ou ao gauchismo de modo geral. A roda da carreta é um adereço que eclode como uma evidência estética para muitos dos Galpões visitados.

Um meme pode ser concebido como uma unidade de cultura, um comportamento ou uma ideia que pode ser passada de pessoa para pessoa. Os exemplos de memes são inúmeros e os mais comumente citados são: a moda no vestuário e na alimentação, cerimônias e costumes, arte e arquitetura, engenharia e tecnologia, melodias, músicas, ideias, *slogans*, maneiras de construir arcos [...] (LEAL, 2013, p.192).

Susan Blackmore: “[...] memes são instruções para realizar comportamentos, armazenadas no cérebro (ou em outros objetos) e passadas adiante por imitação” (BLACKMORE, 1999, p. 17).

Do livro “O Gene Egoísta”, de 1976, aparece um conceito de meme:

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com “memória”, ou à palavra francesa *même* (DAWKINS, 2001, p. 214).

Em comparação frente aos grandes escritores do tema, Leal (2013, p 192) entende que, se para Blackmore os memes surgem como manifestações das “instruções”, e que para Dawkins os memes são reflexos da “informação”, considerar a primeira alternativa é cientificamente mais prudente “pois o conceito de informação não está bem definido nem mesmo na biologia, como muito bem observou Maynard-Smith” (1993, apud LEAL, 2013, p 192).

4.2.9 *Chegadas e Galpões de piquetes*

Nos últimos anos ocorreu, no Vale do Três Forquilhas, um crescimento muito acelerado da prática do “laço comprido” aumentando o número de participantes (laçadores) e de piquetes, não deixando esta prática restrita somente aos dias de rodeios⁷⁰, mas ocorrendo sistematicamente no município. Frente a isto, no intuito de pensar a presença dos Galpões no Vale, cartografar esta prática, é importante, e também levar em conta o conceito de agir simbólico/ formal (SANTOS, 2006), dado a situações de como este esporte equestre surgiu e de como ele se relaciona com os Galpões no Vale, sendo um vetor de emergência dos mesmos.

Contextualizando historicamente, o laço comprido surge em meados de 1951, onde hoje se encontra o município de Esmeralda (norte do Rio Grande do Sul). Este município se emancipou de Vacaria em 27 de novembro de 1963. Proclamada pelos munícipes como “O

⁷⁰ Rodeio ou parador é o local onde se reúne o gado para o aparte do florão ou lote de melhor qualidade da tropa. Era dia de rodeio, os peões encilhavam seus pingos e partiam reunir o gado. Era um dia de festa. As prendas vestiam os mais belos vestidos, para assistir e incentivar seus peões preferidos. O gado ganhava sal, era contado, apartado, vacinado e curado. As mais importantes tarefas dos rodeios eram a castração e a marcação dos animais novos, destinados ao engorde e as novilhas para a recriação [...] À medida em que diminui a lida de campo, surge a necessidade de promoções de demonstrações. Visam cultivar as práticas campeiras, com disputas, numa reprise do trabalho do dia-a-dia, nos campos. São domas, tiros de laço, gineteadas, provas de rédeas, pealos, provas de estafeta, que chegam às cidades. Atualmente, quase todos os Centros de Tradições Gaúchas, por suas Invernadas Campeiras, realizam seus rodeios anuais” (LAMBERTY, 1989, p. 110- 111). A respeito de “gineteada”, remete-se, na escrita, como referência da prova de montaria de um cavaleiro (ginete) sobre um equino xucro, indócil ou brabo, que resiste em ser montado, dando pulos e saltos. Já o “pealo” (o mesmo que tombo, usado também para quando o montador não logra êxito durante a gineteada) faz referência ao momento histórico do Rio Grande sem cercas, onde os índios pampianos foram recrutados por europeus, para que, numa caça à gadaria e eguada selvagem, derrubassem (“pealasses”) os animais, lançando suas boleadeiras ameríndias nas patas dianteiras dos quadrúpedes. Prática esta relatada no conto “Correr Eguada”, de Simões Lopes Neto (1976), sendo pouco utilizada na contemporaneidade.

berço do tiro de laço”⁷¹, este pequeno município foi o local onde surgiram as primeiras manifestações do agir formal (SANTOS, 2006) sobre a prática do laço (ato de laçar com uma corda uma rês, vacuum ou cavalariço), que antes do surgimento, regulamentações e da oficialização da prática enquanto esporte, era apenas uma prática de trabalho (agir simbólico). O que existia antes, não só em Esmeralda, não só no Rio Grande do Sul, mas em todo lugar onde há criação de gado Vacuum, era a prática do laço do animal enquanto ação de trabalho, enquanto agir simbólico e autêntico.

Alguns homens dos campos de cima da Serra resolveram reproduzir esta ação de trabalho, mas sobre a égide do esporte, com o intuito de diversão e prática “do laço”. Sobre este fato me ocorreu um dilema acadêmico um tanto delicado: Não existem (ou pelo menos não se obteve registros) acadêmicos ou históricos sobre os primeiros torneios de Laço Comprido. A base textual comum, em diversas postagens na internet aponta que:

No ano de 1951 nos campos da Esmeralda, na época 5º Distrito de Vacaria, o Fazendeiro ALFREDO JOSÉ DOS SANTOS, exímio laçador e conhecedor das lides campeiras, ao ser convidado, na “Selaria do Sr. Carlon” (ponto de encontro da gauchada nos finais de tarde), para escutar um jogo de futebol, prática comum na época de “poucos rádios”, não aceitou e respondeu que aceitaria “[...]se fosse para ver quem, numa porteira de mangueira a campo aberto fosse capaz de laçar uma novilha de encomenda, ele toparia [...]”⁷²

O MTG⁷³ também considera o Laço Comprido, dando somente a nomenclatura de “tiros de laço”, como uma das formas (representações) da cultura gauchesca, sendo incentivada e validada como uma das práticas esportivas típicas do Rio Grande do Sul, registrada no regulamento de 26 de julho de 2014, que é o resultado da 79ª Convenção Tradicionalista

⁷¹ Rádio jornal Esmeralda, disponível em <http://www.radioesmeralda.com.br/noticia/esmeralda--o-berco-do-tiro-de-laco--comemora-51-anos-de-emancipacao-politicaadministrativa> acesso em 25 de Maio de 2015.

⁷² Este trecho está assim transcrito no endereço <https://maiconlocatellidasilva.wordpress.com/2012/11/29/7/> acesso em 23/06/15, e assinado por Maicon Locatelli da Silva.

⁷³ Movimento Tradicionalista Gaúcho. Fundado em 22 de outubro de 1960, sua Carta de Princípios aprovada em 23 de Julho de 1961, na cidade de Porto Alegre. Registrado em 27 de novembro de 1967 e sua fundação em 28 de outubro de 1966 também na capital do estado. É um movimento organizado que rege pela preservação dos costumes gauchescos brasileiros. Segundo o regimento do próprio MTG, ele compreende que tradicionalismo é um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica. Com Inspiração positivista, sempre buscou a “glorificação do Gaúcho” (PESAVENTO, 1996, p. 67). Fiscaliza os CTG’s (estes, por serem filiados ao MTG, são regidos, em alguns aspectos, pelo mesmo) no que tange a manutenção das práticas e a querência dos hábitos: Se estão dançando da maneira adequada, se as músicas correspondem ao que se preconiza e se entende por “música gaúcha”. Analisa as mudanças de regras em concursos de dança ou competições regionais gauchescas diversas (como as regras do laço comprido, por exemplo). O MTG sofre atualmente uma série de críticas, por parte de artistas nativistas, artistas de música contemporânea, historiadores, cientistas políticos, acadêmicos e até de alguns sócios de CTG’s e praticantes de laço comprido.

Gaúcha⁷⁴. Outros sites detalham o início do esporte e do primeiro torneio (outubro de 1951) e nomeiam os já conhecidos pioneiros: Alfredo José dos Santos (o que propôs o “desafio”,) e ainda Irineu Neri da Luz (um dos que “aceitou a brincadeira”).

Os tiros de laço, para acontecer, em sua infraestrutura básica, precisam de um Galpão para realizarem atividades sociais, tais como reuniões, inscrições para o laço e gastronomia (figuras a seguir). Mas um grupo de laçadores que pretenda ter uma sede física, precisa, obviamente, de uma “cancha de laço”. Cancha, neste sentido, vem do termo homônimo espanhol, que é atribuído também para quadras ou campos esportivos, como a de voleibol e futebol: Se trata de um espaço de, em média, 40 metros de largura, por 135 metros de comprimento, cercado por cercas de madeira e arame liso (visando não ferir laçadores e animais). O espaço onde o gado é manejado para “partir” em rápida carreira se chama “mangueira” e é toda feita de cercas de madeira. O “brete” é o pequeno espaço onde a rês se encontra instantes antes de “partir” nesta simulada fuga, onde o homem (ginete) e o animal (cavalo) intentam a captura do vacum, sendo que só validam pontos e êxito se o laço alça exclusivamente os chifres do animal. Este último segue, em instinto natural e automático, para outro “brete” no fim da “cancha” (este espaço, por vezes, é chamado de “saca laço”). Quando se soma um bom número destes um “breteiro”, que nada mais é do que um encarregado da organização do evento, tira o laço do chifre dos animais capturados. Outro breteiro conduz os animais ao “corredor” lateral (em um dos lados da “cancha”) que também é chamado de “mangueira”. Estes regressam então para o início da “cancha”, para a fila que os leva ao “brete”, para reingressarem no primitivo certame.

Portanto, a partir de 1963 (primeiro torneio em Esmeralda), este esporte se incorporou ao cotidiano do Rio-Grandense, sobretudo nas cidades interioranas e com presença de atividade pecuarista em sua economia. O litoral norte do estado, por ter sido historicamente uma área de passagem (tanto de tropas de gado como de rebeldes republicanos, intendentess federalistas, transeuntes e imigrantes) sempre recebeu a influência cultural de outras regiões: Neste contexto, da segunda metade do século XX, e com o núcleo urbano de Terra de Areia ainda em formação, o laço comprido chega na “terra do abacaxi”⁷⁵.

⁷⁴ Disponível em

http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/REGULAMENTOS/1_1_REGULAMEN O%20GERAL.pdf Acesso em 23/06/2015.

⁷⁵ Atualmente o município detém este título, o que lhe rende *know how* de venda em vários pontos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Porém a história que poucos sabem é que antes de ser o maior produtor da exótica infrutescência, o município tinha no seio de sua cultura (açoriana) o cultivo de mandioca e a produção de Beju, cuz-cuz (espécie de bolachas que usam em sua produção goma de mandioca) e principalmente farinha de mandioca. Esta última ainda está muito presente na cultura local, como nos Galpões Tafonas, tendo o município produção registrada oficialmente, mas também vários produtores artesanais/informais.

A região onde hoje se encontra o município de Terra de Areia, heterogênea em etnicidade e cultura, teve por longa data somente um local para a prática do Laço comprido (canha do CTG “Porteira do Litoral”) inaugurada, assim como o CTG, em agosto de 1964. O patrono do laço comprido no Vale do Três Forquilhas se chama Eno Fogaça. Natural de São Francisco de Paula, praticava este esporte na região dos Campos de Cima da Serra. Encontrou, na década de 1960, “aqui em baixo” (analogia utilizada entre praianos e serranos, designando a situação geográfica de suas cidades) uma situação bem propícia para a prática do laço: Campos planos cobertos por fina gramínea, rebanhos bovinos e homens dispostos por alguma prática social. Logo arregimentou diversos laçadores, com destaque para Neri Teixeira, Nelson e Nadiles Trespach, Ademeu Fogaça, entre outros. Está foi a primeira geração deste esporte na região.

As diferenças práticas do esporte, desde sua fundação até agora, são poucas. Vale destacar que no passado, em algumas ocasiões, as canchas não possuíam cercas nas laterais. Era um campo aberto, onde, após “partir” do “brete”, o gado corria, era capturado na corda (caso o cavaleiro tivesse êxito) e conduzido por esse para perto de uma forquilha de madeira, onde um encarregado (que representaria hoje o “breteiro saca laço”) retirava o laço com um gancho de cambuí (madeira muito dura, nativa do Rio Grande do Sul), manejando através da argola (metálica) do laço. O boi corria para o fim da cancha, entrando no segundo “brete” ou era conduzido por algum cavaleiro para um cercado ou mangueira. O resto do processo é idêntico às práticas atuais. Pergunto para “Seu” Ademeu Fogaça se era mais difícil nesse tempo: “Mais difícil é apelido! ”. Com sua simpatia e cordialidade me revela suas aventuras. Filho de serranos, chegou a ser “patrão” (presidente da agremiação e principal organizador) do CTG Porteira do Litoral em 1978.

As outras “canchas” (locais onde se pratica o laço comprido) em Terra de Areia são: “Piquete do Raniel”, “Canha do Ademir Vargas”, “Piquete Herança do Velho Pai”, “Piquete Cheiro da Mata”, “Canha do Eroito” e a inativa “Canha do Nirdo” (as últimas duas se localizam no núcleo urbano do município, as outras se localizam em áreas mais amplas e em ambiente rural. Todas são particulares e organizam os eventos com fins lucrativos. Inclusive o CTG está em um local de propriedade privada, neste caso do grupo da “patronagem” (equipe administrativa), fato raro entre os parques de Rodeio (Entenda-se parque de eventos) dos CTG’s do Litoral Norte. Portanto Terra de Areia conta atualmente com seis canchas de tiro de laço ativas e uma inativa (e algumas outras ocorrências de vaca mecânica, ocorrendo em terrenos baldios), Itati possui duas canchas de laço, enquanto que Três Forquilhas possui apenas uma (atualmente inativa).



Figura 30: Galpão de chegada de Eroito Engel e Piquete “Tio Miroca”

Fonte: Augusto da Silva Bobsin e Álvaro Heidrich. Respectivamente em 26/07/2015, Bairro dos Júlios, Terra de Areia, e em 07/11/2015, Itati.

4.2.10 Agir Simbólico/Agir Formal

No que tange a geografia, em sua colaboração com a reflexão sobre o espaço, Santos (2006) reitera o valor jurídico que as formas espaciais tomaram na vida ocidental moderna (a propriedade, os valores culturais regionais). O modo como o homem atua sobre este vetor cultural deve, inexoravelmente, ser influenciado pelos meios de existência.

A lei, o costume ou as famílias, acabam conduzindo ou se relacionando a um tipo de organização geográfica. A propriedade é um bom exemplo porque é, ao mesmo tempo, uma forma jurídica e uma forma espacial. A evolução social cria, de um lado, formas espaciais e, de outro lado, formas não-espaciais, mas, no momento seguinte, as formas não-espaciais se transformam em formas geográficas. Essas formas geográficas aparecem como uma condição da ação, meios de existência - e o agir humano deve, em um certo momento, levar em conta esses meios de existência (2006, p. 48).

Um dos meios de existência dos sul rio-grandenses litorâneos foi, e é, o gauchismo, trabalhado e reportado de diversas formas, tais como nativismo, tradicionalismo, regionalismo⁷⁶ e campeirismo⁷⁷, sendo algumas vezes exaltado enquanto aspecto cultural (como mostra a próxima figura).

⁷⁶ “[...] fixação de tipo, costumes e linguagem locais e que se passe em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora” (SIC) (MIGUEL- PEREIRA, 1973, p. 179). Um dos valores que os tradicionalistas e/ou membros de CTG’s ou MTG procuram cultivar. Série de atributos culturais que podem caracterizar um perfil estético plástico (casa regionalista, artesanato regionalista) ou musical (Música regionalista, festival regionalista).

⁷⁷ Tudo aquilo que remete ao campeiro. Purismo tradicionalista. Termo Informal, muito recorrente em músicas gauchescas.

Para o Santos o ser humano atua sobre os “seus espaços” através do agir, e este ato, enquanto conceito, seria classificado em três tipos; Técnico, formal e simbólico: O agir técnico leva a interações formalmente requeridas pela técnica. O agir formal supõe obediência aos formalismos jurídicos, econômicos e científicos. E existe um agir simbólico, que não é regulado por cálculo e compreende formas afetivas, emotivas, rituais, determinadas pelos modelos gerais de significação e de representação (SANTOS, 2006, p. 52-53). Com isso o laço comprido se consolida como um elemento que remete o laçador litorâneo ao “mito da fundação”, atendendo a “necessidade de rituais” (CLAVAL, 2007, p.80) e acompanha, de certo modo, a modernização do campo brasileiro, apresentando densidade técnica, em especial com a existência do jogo virtual “Laço Macanudo” (ver em apêndices, página 256). Para Sorre a técnica “estende-se a tudo o que pertence à indústria e à arte, em todos os domínios da atividade humana” (1948, apud SANTOS, 2008). Portanto o simples fato de transformar uma prática de trabalho (laçar um animal para o abate, cuidados médicos, etc) em esporte (laço comprido) representa, no cerne de sua existência, uma mudança funcional substancial, que fez com que os homens desenvolvessem técnicas e símbolos para simular uma situação de “trabalho no campo” com fins de lazer, que é todo o aparato necessário para se concretizar um torneio ou treino de laço comprido.



Figura 31: Símbolo no carro de um adepto do laço comprido. Piquete de Raniel Espindula
 Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 01/11/2015. Boa Vista, Terra de Areia.

4.3 Aproximações de Galpão

4.3.1 Danças de Galpão

Além da prática de laçar o gado enquanto atividade de trabalho, que de sua característica primeira (agir simbólico) foi reconfigurada, pelos homens (tradicionalistas, laçadores, folcloristas), em agir formal (esporte equestre, com regras delimitadas, premiações e regulamentações), a dança, enquanto expressão autêntica do ser humano, também foi regulamentada no âmbito do CTG (como foi tratado no capítulo anterior), e por consequência disso, também nos Galpões: Em um primeiro momento, embasados no “manual de danças gaúchas”, de Paixão Côrtes e Barbosa Lessa (1953 foi o ano da primeira edição), as danças, enquanto elementos da representação social, advindas do âmago das experiências populares (cantos de trabalho, modos de vida, vernacularidade e sobrevivência), foram catalogadas (CÔRTEZ; LESSA, 1968) e amplamente divulgadas nos (pelos) CTG’s como ferramenta didática para a reprodução das danças praticadas pelos brasileiros meridionais. Os concursos

de dança das “invernadas”⁷⁸ exigiam, como ainda exigem, além de outros atributos qualitativos de tal apresentação, o metodismo, seguimento das regras com exatidão militar e a precisão. Essas três últimas características da apresentação devem ser seguidas a risca pela invernada, para que os julgadores, pautados no dito manual, façam a avaliação mais “coerente”.

Em um segundo momento (segunda metade da década de 1990), a regulamentação do agir simbólico passou a ser de outra monta: O maxixe passou a ser proibido nos bailes de rodeio. Sua ascensão fantástica, motivada pelo ritmo envolvente e sensual da *Tché Music*, era evidente nos bailes. Logo surgiram os fiscais e os *banners* na entrada dos bailes, elencando o que (não) se podia fazer durante um baile regido por CTG (e pelo MTG, pois, de todo modo, este último coordena e cadastra a ampla maioria dos CTG’s existentes). O surgimento de casas especializadas em *Tché Music* foi um reflexo natural da força e do potencial nicho de mercado que este fenômeno representou em sua fase de ascensão mais dramática.

A dança, enquanto manifestação natural do ser humano (agir simbólico) foi tipificada e regulamentada (se tornando agir formal, ou, quiçá, agir “formalizado”) em várias instâncias ao longo da história, por diferentes grupos, em muitos países e por diversos interesses. No Rio Grande do Sul não foi diferente.

4.3.2 *Salões*

Como já trabalhado nos subtítulos anteriores, a dança de cunho regional, seja ela “Campeira/tradicionalista” ou “*Tché Music*”, é experimentada por diferentes gerações de pessoas no Vale do Três Forquilhas. Certamente, pelo antagonismo de ideias entre os entusiastas da *Tché Music* e os tradicionalistas gaúchos, o Galpão não é o local onde mais se dança no Vale do Três Forquilhas: Tendo ao seu favor o protagonismo entre os jovens, a *Tché Music* teve ao longo deste processo (de criação, afirmação no mercado e conflito com o MTG) um certo alijamento em salões de propriedade de tradicionalistas ou CTG’S. Logo, se afastou dos Galpões. As maiores e mais frequentes festas deste estilo, no contexto da pesquisa, não ocorrem em Galpões, e sim em clubes, sociedades esportivas ou salões paroquiais. Um dos locais visitados é o “Salão da SESTE A” (Sociedade esportiva Terra de Areia).

⁷⁸ Refere-se aos grupos de danças tradicionalistas gaúchos, dentro e fora do Rio Grande do Sul. Muitas vezes vinculados aos CTG’S municipais, possuem apoio de órgãos da administração pública. Suas apresentações ocorrem, em sua maioria, nos rodeios. É uma prática que ocorre também no Vale do três Forquilhas. Os ensaios da invernada do CTG Porteira do Litoral não ocorrem na sede da agremiação (que seria, em tese, um Galpão), mas sim na sede social (salão) de um clube de Terra de Areia, no centro da cidade. Os grupos mais aprimorados e profissionalizados do Rio Grande do Sul têm no ENART (encontro de artes e tradição gaúcha, que ocorre anualmente, na cidade de Santa Cruz do Sul) a sua epítome.

Localizada no centro da cidade de Terra de Areia, a Sestea foi fundada no ano de 1961, tendo na figura de Quirino Guasselli (doador do terreno) e Fernando Masschmann (futebolista da época) seus maiores incentivadores. Este último, inclusive, inspirando o nome do estádio de futebol de tal sociedade, que se encontra imediatamente ao lado do salão. A atividade esportiva onipresente do clube sempre foi o futebol de campo (de modo totalmente amador). O salão é de uma arquitetura que, entre possíveis definições como pré-moderna, moderna ou contemporânea, certamente nunca teve a pretensão de ser rústica ou parecer (ser) um Galpão gaúcho: A fachada, ampla e “*clean*”, é marca destacada em um primeiro olhar, assim como as grandes janelas retangulares. O interior, também amplo, devido ao grande número de pessoas, aproximadamente 1000, é destinado a realização de bailes, casamentos, aniversários, comícios e outros eventos. Uma cor pouco chamativa nas paredes (tanto externas como internas) dá um tom de sobriedade, e um forro de PVC esconde as tesouras de madeira que sustentam os telhados (fibrocimento). Na verdade, duas águas de telhados, unidos por uma calha central, assim dispostos em função do vão-livre a ser vencido, lembrando vagamente armazéns portuários, estes, por vezes, são chamados de Galpões, como os Galpões do “Cais Mauá”, de Porto Alegre.



Figura 32: Salão social da Sestea e Preparação de um baile de Tchê Music

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 28/11/2015, Terra de Areia, e em 28/11/2016, Terra de Areia.

Na própria preparação de um baile de *Tchê Music* (28 de novembro de 2015, 21:00 hs, Salão da Sestea, Terra de Areia) pode-se observar diversos elementos de hibridismo cultural: Jaquetas e uniformes (figura a seguir) dos trabalhadores (*roadies*, músicos e técnicos de som) dentro da estética da moda contemporânea, mas com bandeiras do Brasil e Rio Grande do Sul; hábito comum, também, nas camisas e uniformes dos grupos tradicionalistas. No salão não se avistam muitas cadeiras. Computadores portáteis, mesas, caixas de som e grandes

amplificadores, nesta preparação para a noite de música (em volume altíssimo) e dança (de uma energia visceral) compõem o efêmero cenário dos trabalhadores da *Tchê Music*, sempre irmanados pelo chimarrão, em suas conversas sobre as dificuldades da vida, aparelhagens, eventos e viagens de trabalho. A banda “passa o som” ; faz uma performance prévia, a fim de aprimorar os timbres, volumes, sonoridades e demais equalizações. O salão se silencia por algumas horas. Do lado de fora a carrocinha de *hot dog* já está esperando os habitues do evento. O Baile começa tarde. A cerveja já está gelando.

O uso do PVC, enquanto intervenção posterior à das fundações e bases do prédio mostra uma sobreposição de materiais à disposição em diferentes tempos técnicos: No período da construção do salão, a madeira se fazia importante, justamente por ser um dos únicos materiais que garantiria a sustentação do imenso telhado, além de compor, visivelmente, uma trama de “tesouras” que soerguiam a parte central (pista de dança) do prédio. Outras sobreposições, e diversificadas variações, podem ser notadas neste ambiente ao que tange as temporalidades, como a moda, alimentação e aparelhagem de sonorização. Em meio ao que há de mais globalizado em tecnologia e técnica eletrônica e informacional (aparelhagem de equalização de som, aparelhos celulares, computadores portáteis) aparece o regional, com destaque na Bandeira do Rio Grande do Sul (figura 33), estampada em jaquetas dos trabalhadores deste segmento, indicando, em meio ao global, a pertença regional rio-grandense/gaúcha, mesmo que (alguma vezes) subjetivamente.



Figura 33: Músico de Tchê Music

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 28/11/2016. Terra de Areia.

Existem outros salões de destaque no Vale: Salão paroquial da igreja de São Pedro (sede), Galo Eventos, salão comunitário da Boa Vista (este, possuindo uma enorme platibanda, recentemente reformada), Cornélios, Olaria, Sanga Funda, Bailão do Jair, entre outros (Terra de Areia). Em Itati se destacam os salões da comunidade luterana (sede), da Costa do Morro (figura 34), e Três Pinheiros. Em Três Forquilhas o salão de maior porte é o Ginásio Municipal de Esportes (os ginásios de esportes, no Vale, apresentam esta multifuncionalidade, entre o esporte e os bailes), Morro do Chapéu, Boa União, entre outros.



Figura 34: Platibanda do Salão comunitário da Capela Sta Rita de Cássia

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 8/08/2015. Costa do Morro, Itati.

4.3.3 *O Galpão como altar*

*De joelho frente ao galpão, altar sagrado do campo,
Ao desatar tento e grampo feito quem pede perdão.
Não foi a toa o batismo, chamarem de nazarena
Ao que impõe a condena a um livre por seu caminho
Pois são coroas de espinho, rosetas, pontas de grampo
E lembram espinhos santos que Cristo aguentou sozinho*

Da música “Porque Choram As Nazarenas” com Letra de Zé Renato Daudt E Matheus Neves Da Fontoura e música de Marcelo Oliveira. Composição que foi 3ª colocada na 15ª Sapecada da Canção Nativa, de Lages, Santa Catarina, 2007.

A laicidade dos grupos Charruas, Minuanos e Gaúchos já tem sido tratada por alguns pesquisadores. Inclusive o maniqueísmo desta tendência com a fé cristã também tem sido tema de muitas escritas. Garcia (2007, p. 276), por exemplo, afirma que a utilização do termo “índios infieis” era usado amplamente (inclusive para este recém-surgido tipo humano, o *Gaucho*),

mesmo que em alguns momentos diferenciando os grupos Charruas e Minuanos, no contexto da ocupação ibérica no sul da América, se valendo de autores de língua hispânica, historiadores e etnógrafos (WILDE, 2003). Mais especificamente, dentre as oceânicas diferenças de modos de vida e religiosidade entre os ibéricos e os ameríndios, Garcia (2007) relata que

Os infiéis não tomavam os europeus como “seres superiores”, mas apenas como possuidores de uma maior quantidade de bens materiais, embora percebessem, negativamente, que estes precisavam “trabalhar duro” para consegui-los, enquanto os índios poderiam obtê-lo de maneira mais fácil (p. 221).

Esta “infidelidade”, historicamente grafada, tange em duas ordens: A primeira, justamente religiosa, pois os tais infiéis não eram crentes na fé cristã. A segunda infidelidade, surgida substancialmente no âmago da primeira, era a de usos e costumes, (não tendo) submissão de patriotismo e militarismo para com os ibéricos (a nacionalidade de tais ibéricos, dentro de uma disputa territorial, aqui pouco importa, pois os dois reinados se valeram dos nativos enquanto material humano bélico, negociando terras, favores e conveniências, jogando-os hora contra si mesmos, ora contra o “outro” adversário europeu).

Criado um modo de vida pastoril, contrabandista e pecuarista, a experiência vernacular do morar, se abrigar e armazenar espalhou o uso do Galpão para outras plagas da província. Constituída a república, a influência deste modo de vida de extremo meridional não parou de influenciar regiões do mesmo estado que não possuíam tais formas de trabalho, tais gêneros humanos e etnias. Surge assim o Galpão Gaúcho no norte e nordeste do Rio Grande do Sul.

[...] As experiências íntimas, não sendo exaltadas, passam despercebidas. Na hora, não dizemos “é este”, como fazemos ao admirar objetos de notória ou reconhecida beleza. É somente quando refletimos que reconhecemos seu valor. Na hora, não estamos conscientes de nenhum drama; não sabemos que acabam de ser plantadas as sementes de um sentimento duradouro (TUAN, 1983, p. 158).

De forma totêmica (LEVI-STRAUSS, 1975; DURKHEIM, 1996) estas “experiências dos Galpões” são exaltadas e continuamente expostas no *layout* da construção, especialmente nas paredes internas (cambões de arado, cangas, rodas de carreta, foicinhas arroeiras, relhos, cangalhas, ganchos, nazarenas, ferraduras, espiriteiras, candeeiros, etc). De fato, não configuram uma religiosidade (diferentemente das figuras de Santos que, vez que outra, aparecem nas casas ou, ainda que em menor proporção, nos Galpões), porém quando perguntados os motivos de tal presença (a dos objetos no Galpão do interlocutor), se faz corriqueiro o sentimento de ancestralidade (ferramentas pertencentes ao avô), memória e, de forma ainda mais subjetiva, etnicidade.

Não se pode afirmar que exista uma religião do Galpão na conjuntura da atual pesquisa. O pressuposto ateísmo (ou infidelidade), por parte dos Índios pampeanos não chegou a fazer frente contra o catolicismo dos tradicionalistas e outros entusiastas do Galpão, tendo estes, inclusive, desenvolvido uma “missa campeira”, ritualística católica para eventos tradicionalistas, ou ainda os “Maçambiqueiros”, que desenvolveram na região de Maquiné um culto afro católico. No Vale do Três Forquilhas o Galpão pode até apresentar geosímbolos que marquem a religiosidade do dono, porém estes (geosímbolos) aparecem com mais frequência dentro da casa, e não no ambiente gauchesco. A pesquisa de Heidrisch e Gamalho (2012) já mostrou estes aspectos no âmbito doméstico no Vale do Três Forquilhas. Um embate, mesmo que sem manifestações públicas, visíveis ou sentidas, de três tendências religiosas do Vale (Protestantismo, Catolicismo e neo-pentecostalismo) é notado a partir dos geosímbolos que os praticantes de cada religião possuem (demarcam) em suas casas. No Galpão isto não ocorre com a fé cristã de modo tão pujante. Não existe uma fé abraâmica que rege unilateralmente os Galpões, muita embora o tradicionalismo, em sua urbana fundação, tenha dado prioridade ao catolicismo. O maior sentimento que existe é o do tradicionalismo, mesmo que este não seja pesquisado ou substancialmente apropriado e entendido pelos habitués dos Galpões.

Pensando as construções humanas (não propriamente Galpões) enquanto vetor de criação folclórica e ludicidade, Maia (2013) mostra que a casa pode ser entendida como receptáculo de diversas categorias geográficas (por hora território, por hora espaço), e apresenta a lenda enquanto fenômeno construtivo de sua (s) identidade (s). Não propriamente um altar, mas as casas de subúrbio, como as que foram analisadas por Maia (2013) só se elevavam ao patamar de objeto de estudo devido às simbologias que os habitantes lhes impunham, assim como um eventual Galpão, que, depois de praticado, não é sumariamente somente uma construção. Dos usos (conscientes ou inconscientes) da casa, na fala de Wycoff, a autora afirma que “parte de uma resposta coletiva, criativa e inconsciente a alguma questão da comunidade, ainda que codifiquem simbolicamente as ambiguidades sociais que subjazem essa questão” (WYCOFF, apud LOPES, 2008, p. 377). Ou ainda, sobre a significação dos meios por parte de seus “praticantes”:

Não sendo, exclusivamente, uma “máquina de morar”, um objeto arquitetônico, ela acaba por se transformar num espaço que adquire valor, identidade, tornando-se um espaço humano, preche de simbolismos – lugar onde ocorrem, em tempos diversos, os dramas cotidianos (MAIA, 2013, p. 266).

A “casa Vitrine” e (p. 263), exemplificando um “veículo de hierarquia”, também é trabalhada no artigo (2013), em uma clara referência ao pensamento de distinção, cunhado por Bourdieu (2001). Na ocasião, a autora tratou das questões da casa e do morar, enquanto expressões que demonstravam (e demonstram) possíveis análises e compreensões geográficas no bairro de Santa Cruz encontra-se situado na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Assim como a pesquisa de Maia (2013) busca em referenciais clássicos o entendimento de que a casa não é somente moradia, o Galpão aparece como uma possibilidade de não ser somente a “cozinha suja”, o “local da masculinidade”, mas também aparecendo como sistema fixo para ações subjetivas, da construção do *habitus* ou de alguma outra manifestação “não-física”.

De todos elementos místicos que cercam os Galpões do Vale do Três Forquilhas, os objetos pendurados nas ilhargas internas (figura 35) são os mais representativos e elucidativos quanto ao passado de labuta (dos ancestrais familiares), modos de vida, bucolismo e, pretensa, nostalgia. Não configuram religiosidade, mas instigam, para alguns tradicionalistas, a necessidade de se passar alguns hábitos para os filhos. Configuram misticismo.



Figura 35: Ferramentas e símbolos nas paredes do Galpão de Nirdo Lima

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 13/07/2015. Terra de Areia.

4.3.4 *Esportes do Galpão*

Em uma geografia cultural, de qualquer recorte espacial, as práticas culturais dariam subsídio temático para diversos tipos de abordagens teóricas (para inúmeras abordagens). O futebol ainda é o esporte mais praticado em Terra de Areia. Enquanto eixo temático para uma geografia cultural, ao menos nesta cidade, mostra-se relacionado fortemente com o conceito de sazonalidade: O futebol de campo é praticado “na baixa temporada”, ou seja, quando os turistas não estão nas poucas praias do município, ou em Capão da Canoa, cidade próxima 25 quilômetros do Vale do Três Forquilhas, influente no quesito economia, já que representa um mercado consumidor dos produtos advindos do Vale e empresta, na temporada de férias de verão, muitas vagas temporárias no setor terciário. No verão o futebol de areia acaba sendo a modalidade mais incentivada, inclusive tendo um campeonato organizado pela prefeitura. É praticado na orla atlântica, nas localidades de Santa Rita e Ibicuí, ambas pertencentes à Terra de Areia. Nos últimos anos registra-se o surgimento de alguns locais (quadras) com “grama sintética”. É o chamado “Futebol Sete”, ou ainda “Futset” (referência ao número de jogadores presentes para cada time em quadra). Portanto os locais do futebol (e com isso, das representações sociais específicas desta manifestação esportiva) no Vale do Três Forquilhas são à beira da praia (Verão), os campos dos clubes e quadras sintéticas (inverno).

Já citado como o esporte com maior ascensão (no momento da escrita deste trabalho) o tiro de laço se apresenta (ainda atrás do futebol) como uma grande prática esportiva no Vale do Três Forquilhas (figura 36). Nesta escrita, sua importância surge justamente ao se relacionar intimamente com os Galpões para o funcionamento das competições (já descrito no subtítulo 4.2.9).

O turfe também foi notado enquanto esporte no Vale do Três Forquilhas. Mesmo que hoje não possua tamanho destaque, quando comparado ao futebol ou laço comprido, as corridas de cavalo já tiveram relevante destaque na região. Hoje este tipo de atividade (sobretudo com a ascensão do Laço comprido enquanto esporte equestre) está muito reduzida. Somente em uma das visitas o interlocutor se disse adepto aos encontros de turfe. “Carreira”, do termo homônimo espanhol, que significa, literalmente, corrida; é assim que Erandir da Silveira se refere ao esporte que mais cultua. “Alguns gostam de bilhar, outros de futebol [...] eu gosto de carreira [...] corrida de cavalo”.

A palavra “carreirada” também é utilizada neste contexto. Erandir possui duas éguas: uma para o trabalho (arar a terra e puxar a carroça) e outra para a carreirada. Com isso, dentro

da propriedade, se faz necessária a “estrabaria das éguas” e o “Galpãozinho da carroça”(de acordo com o relato de Angélica da Silveira, filha de Erandir).

Cabe ressaltar que em um local onde se praticara o turfe, no município de Terra de Areia, fora adaptada a infraestrutura para a prática do laço comprido. O laço conquistou espaço em detrimento do turfe, mostrando que esta primeira modalidade equestre, ainda que envolva mais objetos e ações para se realizar, se estabeleceu amplamente na região.



Figura 36: Tiro de laço. Festa Campeira, na Fazenda Cheiro da Mata

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 11/01/2016. Perpétuo Socorro, Terra de Areia.

Outra modalidade esportiva ainda pode ser apontada, vinculada aos municípios de Três Forquilhas: O motociclismo, chamado especificamente de “trilha”. Diferentemente da modalidade *motocross*, onde o desportista realiza uma corrida, dentro de um certame, com obstáculos diversos e rampas (existe uma pista em Terra de Areia, onde realiza-se, esporadicamente, competições), na “trilha” o atleta busca divertir-se, passando por terrenos acidentados, lamacentos e radicais. O grupo intitulado “Moto Grupo Trilheiros do Vale” organiza uma grande festa anual em Três Forquilhas (ver anexo, Figura 65), com shows, bailes, gastronomia e motociclismo. Segundo o relato de Paulo Neubert, 1.340 motociclistas participaram no ano de 2015. Possuem um grande “Galpão sede”, localizado no centro do

município. Tal Galpão serve de apoio aos eventos do grupo, pois é a garagem do ônibus dos trilheiros e local de festas e refeições no decorrer dos eventos. Possui um mezanino superior, dois banheiros e uma área gastronômica (pias, churrasqueira e fogão campeiro).

Quando perguntado sobre o esporte a motor no município, Paulo Neubert responde: “O futebol nunca acaba [...] mas não existe grupo, nem time formado”. Nota-se a permanência do futebol (mesmo que totalmente amador e sem nenhuma pretensão de competitividade) na identidade do município. Porém a ascensão da moto, enquanto objeto de consumo e produção cultural é relatada pelo interlocutor: “A moto, com certeza, é o maior esporte”. Sobre a construção do Galpão em si, Paulo comenta que “se fosse feito de alvenaria gastaríamos menos (em relação ao fato do Galpão ser, em partes, de madeira) [...] Galpão é improvisação, é acampamento [...] é uma coisa inacabada” (grifo meu).



Figura 37: Galpão/sede dos Trilheiros do Vale e Saco de pancadas no Galpão de Rodrigo Sarate

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 08/07/2016, Três Forquilhas, e em 08/07/2016, Arroio do Padra, Itati.

Itati aparece, na contemporaneidade, como maior aglutinador do interesse futebolístico no Vale do Três Forquilhas. No campeonato municipal de 2016, seis equipes participaram da competição. É o município do Vale que mais realiza eventos desta natureza, e o que mais mobiliza pessoas para tais práticas. Diferentemente do trabalho campesino cotidiano, ou de atividades esportivas equestres, onde os Galpões se fazem substancialmente necessários, o futebol precisa de estruturas específicas para seu desenvolvimento: Além do campo e dos alambrados, as agremiações esportivas empreendem estruturas de apoio aos atletas e torcedores. Na localidade de Costa do Morro e Bananeiras se encontram as duas principais estruturas para a prática deste esporte. A construção se assemelha, em estética e estrutura, aos Galpões de chegada (piquetes) do laço comprido. Uma parte em alvenaria, para os chuveiros e vestiários, e a parte que é voltada para o campo apresentando maior amplitude, com grandes varandas para

se observar as partidas. Um dos principais e mais antigos “estádios” (assim chamados, genericamente) de futebol do Vale do Três Forquilhas é o Estádio “Fernando Masschmann”, que pertence à SESTEA. Na varanda de sua sede é que os atletas, já cansados após as partidas, discorrem sobre o jogo e demais assuntos. As brincadeiras e risadas pululam ali, incentivadas pelo assado e pela cerveja que saem da cozinha, que fica imediatamente ao lado, onde jogadores amadores e pessoas da comunidade encontram a socialização do diálogo em um ambiente que não é, propriamente um Galpão, mas serve como espaço de gastronomia, diversão e (re) produção cultural.

Em apenas dois casos os Galpões visitados durante a pesquisa apresentaram-se como locais de prática de artes marciais: No Galpão de Rodrigo Sarate (metade direita da figura 37) e na academia (Galpão) de Rafael Rodrigues. As diferenças básicas se concentram no fato de que o Galpão de Rodrigo serve também como depósito de rações para seus animais (aves de corte e produção de ovos), apresentando em seu interior tulhas (grandes baldes) para o armazenamento das rações e ferramentas para o uso cotidiano na propriedade rural de sua família. Já o Galpão de Rafael Rodrigues é um estabelecimento comercial, destinado ao público que frequenta tal espaço, para fins esportivos e condicionamento físico/orgânico. O objeto que irmana estes Galpões é o saco de pancadas, presente nos dois casos.

4.3.5 Galpão/Garagem. Galpão/Varal

É notório o uso de Galpões como garagens ou como estruturas (coberturas) para secagem de roupas. A ocorrência (e emergência) destes se dá pelo crescente número de automóveis na região do Vale do Três Forquilhas. Com a facilidade de se adquirir veículos automotores, e com a substituição das carroças (tração animal) por objetos que representassem tempos técnicos mais avançados, eficazes, mas rápidos, o carro acabou por se tornar a forma mais usual de deslocamento, sobretudo pelo modal logístico que os governos brasileiros empreenderam ao longo das décadas, priorizando o transporte de mercadorias, produtos do setor primário e pessoas através das rodovias. Medidas governamentais estas que influenciaram diretamente nas mudanças de paisagens culturais em diversas regiões e cidades do Brasil. Terra de Areia, e o Vale do Três Forquilhas como um todo, é profundamente marcada por este elemento. Encontra-se alguns Galpões com a utilidade de garagem: Durante a noite serve de guarida ao veículo familiar. Durante algumas atividades realizadas no Galpão (almoço em fins de semana) o carro é retirado do interior do Galpão. É a multifuncionalidade desta porção da propriedade.

Algumas casas não possuem grandes áreas de cobertura externa, varandas ou beiras, e os proprietários, nestes casos, se valem do Galpão para estenderem suas roupas (secagem). Silva (2003) utiliza a expressão “programa de necessidades” (p.216) para sistematizar suas descrições das utilidades de uma ou outra peça, cômodo ou porção de uma propriedade rural. Como, na contemporaneidade, os hábitos se modificaram em relação aos hábitos das gerações anteriores, entenda-se sociedade menos tecnificada, sem a presença constante das mídias informacionais ou dispositivos móveis de telecomunicação, especialização de serviços e temporalidades rápidas, o uso de um Galpão pode evidenciar estas alternativas de atribuições destas subdivisões, destes “territórios de uma propriedade”⁷⁹.

O Galpão de Eliseu Justin apresenta-se como espaço de descontração e gastronomia, mas também como espaço para varal e manejo de animais. É um Galpão que atende aos trabalhos e atividades necessárias que os donos da propriedade empreendem. Diferentemente do Galpão dos Justin, o Galpão de Vinícios Neguini está em um contexto urbano, não apresenta um programa de necessidades tão amplo como no caso de Eliseu Justin, mas possui churrasqueira e outros objetos que servem para preparação de carnes e outros alimentos (em contexto de diversão). Os usos cotidianos deste Galpão são para o abrigo do carro e o espaço para o varal de roupas. Caso semelhante ao de Rogério Schutz, que utiliza o Galpão, na maior parte do tempo, como uma garagem, e em alguns finais de semana como local de socialização com amigos e visitas. Cleidi Ribeiro também utiliza seu Galpão como espaço gastronômico, varal e garagem, assim como Paulo César da Silva.



Figura 38: Galpão garagem de Rogério Schutz e Galpão garagem de Gilnei Neubert

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 06/01/2016, Bairro Olaria, Terra de Areia, e em 17/06/2016, Vila Nova, Itati.

⁷⁹ Imaginando que, em situações de produção rural de modalidade familiar, um núcleo possuísse um Galpão no intuito de armazenar ferramentas, arreios, comida para os animais, carroças e, inclusive, os próprios animais, o Galpão seria o território do trabalho. Na atualidade a presença do Galpão, na propriedade, pode representar simplesmente o gosto por tal estética, a vontade de um expediente de lazer e descanso, onde a facilidade da gastronomia rústica permite ao cozinheiro(a) se divertir enquanto prepara a alimentação, e isto seria mais do que simplesmente alimentação; seria o Galpão enquanto território do lazer, da gastronomia.

Sérgio Meireles realiza atividade comercial em seu Galpão (figura 39), que apresenta multifuncionalidade em sua concepção: É onde ele beneficia o peixe, onde comercializa os pescados, e onde alberga sua embarcação. Existindo duas comunidades que apresentam a pesca como principal atividade econômica na região, os Galpões do Vale do Três Forquilhas, quando exercem função de garagem, abrigam não somente veículos terrestres, mas também barcos (o Galpão de Lairton Borba também serve de garagem para seus carros e um barco). As ações se relacionam com os objetos dado o contexto do meio geográfico: Existindo as lagoas, logo existiria a presença do trabalho de pesca, e tão logo existiriam os objetos deste trabalho compondo a paisagem cultural. Em algum momento o Galpão se daria para esta interação, sendo local de evidência de variados objetos (estes vinculados aos meios de trabalho e lazer), sendo o Galpão o próprio objeto e aglutinador de características próprias ou padronizadas dos grupos sociais, mas mostrando-se, também, como expediente onde se evidenciam peculiaridades no contexto dos espaços domésticos e familiares.



Figura 39: Galpão de Sérgio Meireles

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 14/06/2016. Barra dos Quirinos, Terra de Areia.

Ainda existem outras formas de Galpões que recebem atribuição de garagem, tal qual um codinome, ou um nome extra ao próprio. A prática do laço comprido incentiva diretamente a aparição de mais Galpões, em seus variados usos: Cleiton Camilo possui, além de um “Galpão/cozinha de baixo” e uma estrebaria anexa, uma outra estrutura de grande porte, que serve para o abrigo do *motorhome* (este, por sua vez, é utilizado em eventos de laço comprido, servindo como meio de transporte para Cleiton, seus familiares, animais de competição, estrutura de cozinha e quartos). Outros interlocutores também possuem o mesmo tipo de (uso de) Galpão, como Paulo Justin e Gilnei Neubert (este último na metade direita figura 38).

4.3.6 *Os bichos do Galpão*

O protagonismo animal, enquanto elemento simbólico e totêmico dos Galpões visitados fica por conta do boi (*Bos taurus*) e do cavalo (*Equus caballus*). Os dois rivalizam em número de ocorrência, espaço de exposição e atenção nos Galpões visitados. Estão deveras associados ao tradicionalismo gaúcho, justamente por serem os maiores representantes (não humanos) do imaginário heroico da construção identitária do gauchismo. Também por estarem associados ao trabalho e labor, através de modo de vida frequente na pampa do Rio Grande do Sul e parte dos países do Cone Sul, aparecem representados não em si, somente, mas por objetos/símbolos de sua importância e valor para o trabalho e o *habitus*. Estes dois animais aparecem, com frequência, através de objetos que refletem sua presença, muitas vezes expostos, pendurados nas paredes ou móveis dos Galpões: O boi, através da roda de carreta, canga e fueiro (pau para adestrar e guiar), e o cavalo, através da ferradura, mas principalmente através dos arreios, tentos e mango (apetrechos de montaria).



Figura 40: Ferradura no Galpão de Paulo Justin e Crânio bovino, Fazenda Cheiro da Mata

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 27/08/2015, Terra de Areia, e em 25/08/2015, Perpétuo Socorro, Terra de Areia.

O boi, propriamente dito, aparece algumas vezes, em tais Galpões, com seu crânio exposto, ossos do que um dia foi a cabeça, de boi franqueiro, com imensos chifres, boi zebuino, gir, zebu, com os chifres para baixo; boi guzerá, com chifres em formato de lira. Tais “objetos”, por sua presença já são suficientes para desencadear histórias sobre o trabalho, churrascos e o modo de vida dos antepassados, bravatas com os rebanhos. Pedacos de couro cru, ainda com o pelo, também são visíveis em alguns Galpões. Já o cavalo é lembrado por desenhos, fotos, quadros e esculturas; sempre vivo, como elucida a próxima figura.

O sentido e os valores do trabalho, utilizados por outros grupos culturais para atribuições positivas (povo trabalhador, gente que luta, etc), encontra no boi e no cavalo aporte simbólico por meio dos apetrechos que cerceiam a vida e o manejo de tais animais para associar o humano ao labor físico. Logo a canga do boi, ou a cela do cavalo, quando dependuradas no Galpão, associam trabalho humano, animal e memória ou a reinvenção nostálgica disso tudo. Certamente o modo de vida intitulado “Gaúcho” teria destaque em qualquer lista de tipologias que levassem em conta a relação homem/animal, e os espaços de convívio explicitam isso.



Figura 41: Encilhas no Galpão de Rodrigo Rodrigues e Cavalo dentro do Galpão de Cleomar Tondim
 Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 04/01/2016, Terra de Areia, e em 26/10/2015, Boa Vista, Terra de Areia.

Dentro do que a ciência considera como geossímbolos (BONNEMAISON, 2002), a relação homem/animal motiva a aparição deles nos Galpões. No caso dos cavalos: Os arreios, chicotes, rebenques, mangos e ferraduras. No caso dos bois: As cangas, cangalhas, cordas e o próprio crânio. Em alguns casos somente o chifre aparece, não estando obrigatoriamente conectado ao crânio em si. Mas do que retratar que em tal espaço a relação homem/animal é importante, ou relevante, os geossímbolos, em seu vínculo animal, denotam uma tentativa de demarcar a diferença de um espaço (Galpão, roça) para outro (casa, escritório, escola). Galpão também é onde o proprietário guarda as rações ou materiais para o manejo (cordas, cangas, cangalhas, facas, arreios, etc), e por vezes acolhem animais vivos, como cães de guarda,

galinhas, vacas, patos, porcos e angolistas, que dão vida aos Galpões estrebarias, chiqueiros e currais, motivando o cotidiano, gerando ocupação e renda, influenciando a paisagem cultural.

4.3.7 *O não Galpão*

“o lugar antropológico é a construção simbólica e concreta do espaço, que se refere à casa, às aldeias, ou seja, aos lugares que têm sentido, que são identitários, relacionais e históricos e que trazem subjacente o sentido de permanência” (AUGÉ, 1994, p.34).

Pensar no Galpão em um sentido geográfico e sobre a égide da paisagem, no que tange a memória, constitui um desafio interdisciplinar e um desafio conceitual, visto que “território” para algumas ciências têm um peso epistêmico, enquanto que para outras possui diferentes valias.

Augé (1994) fala de certas características e atributos destas casas, aldeias, espaços e lugares, justamente com a intenção de demarcar (cartografar) signos, símbolos e ações (que podem também ser símbolos) que significam o lugar, territorializam, alteram paisagens, entre outros processos. A importância da literatura de Augé se dá, sobretudo pela função que a ideia do “não lugar” toma na comunidade acadêmica: Penso que a denúncia sobre os processos capitalistas/ocidentais contemporâneos é a grande ação do conceito “não lugar”. Quando algum grupo chega ao ponto de se preocupar com museologia, memória e história, a chance do processo de emergência dos não lugares se imporem diminui. Inclusive, como no caso dos Galpões, e em relação aos movimentos culturais no Rio Grande do Sul, e especialmente no Vale do Três Forquilhas, outros tipos de situações se criam: Mais eventos onde o Galpão se torna cenário se criam e mais Galpões se criam. A empresa “Bergental galpões” se especializou na construção de Galpões típicos, tendo estes, no material de divulgação da empresa o subtítulo “Construções Personalizadas”. Transcrevendo o que o próprio site apresenta:

Construções rústicas, personalizadas especialista em galpões - quiosques - salão de eventos - alambrados, cercas cobertura de palha de santa fé ou telha - bretes - madeira roliça tratada ou serrada - acustica e termica ESTAMOS NO RAMO HA 40 ANOS (SIC) (disponível em <http://bergenthalconstrucoes.blogspot.com.br/Acesso> em 13 de agosto de 2015).

Esta preocupação, alcançando status de nicho de mercado, aproveitado por empreendedores de vários segmentos da economia (neste caso, especificamente, do ramo da construção) se concretiza em mais Galpões, o que simboliza um panorama de vários cenários a serem imaginados: O Galpão não virará um não lugar, pois é “O” lugar dos rio-grandenses, em

espacial daqueles que pactuam com os movimentos de cunho regionalista, mesmo que esses não se deem conta de sua oficialidade, das transformações do agir simbólico em agir formal. É “O” lugar ou dos que possuem Galpões advindos de herança familiar ou daqueles que possuem Galpões para suprirem seus programas de necessidade nas áreas rurais: São “galponeiros” autênticos. Com a produção de “Galpões típicos” (e grifo propositalmente, pois a “encomenda” de um Galpão não parece algo autêntico) o patrimônio histórico e cultural, representado por uma estética advinda dos modos de vida rústico, campeiro e pobre do Cone-Sul foi transfigurado em mercadoria, tanto por alguns estabelecimentos comerciais que se valem de tal estética, como pelo uso da nomenclatura “Galpão” para vários fins, assim como o “turismo de Galpão” (SOARES, 2014), o que (ainda) não ocorre no Vale do Três Forquilhas.

Com a produção de Galpões desvinculada aos modos de vida e afazeres originários do contexto do surgimento dos primeiros Galpões, e por uma tendência de ascensão de classes sociais, especialmente a classe média, os Galpões tendem a se tornar pictóricos, exotizados, estandardizados (mesmo que personalizados “ao gosto do dono”) e folclorizados; mesmo assim, nada disso parece ser paradoxal : Estabelece-se o Kitsch (BINKLEY, 2014).

“Galponeiro”, termo amplamente utilizado na literatura e música no meio regionalista/gauchesco, além de significar os objetos, ações e pessoas típicas dos Galpões, é sinônimo de rusticidade. Por exemplo: Diz-se “esta é uma pesquisa galponeira” para comunicar que tal pesquisa é rústica, não obrigatoriamente em sentido pejorativo. Portanto o grupo social dos “galponeiros”, como já têm demonstrado, possui no Galpão o seu espaço cultural, para transmitir aos seus filhos os valores tradicionais. Quando, por exemplo, faz uma casa de alvenaria com arquitetura moderna, pisos azulejados e eletrodomésticos da moda atual, mantém o Galpão como aparelho de trabalho, depósito, garagem para veículos (automotores ou não), ocidentaliza o interior de seus hábitos. Não se pode afirmar que a zona rural começaria, nas próximas décadas, a perder seus Galpões, pois as transformações na paisagem cultural, assim como para toda natureza de paisagem, não dependem de ciclos históricos, cronologias, padrões ou agendas. O tipo de paisagem que começará a receber mais Galpões nos próximos anos poderá ser a paisagem urbana; pelo fator da busca da classe média em ascensão em obter distinção social, tanto no sentido de classe como no sentido regional (frente ao resto do país).

A necessidade de identidade cultural e a necessidade de ritualísticas também serão motes para esta transformação nas paisagens. Nesta transição entre o rural, de onde nascem os primórdios Galpões, para o urbano, onde aparecem muitos Galpões, denota-se hibridismo na paisagem. No recorte territorial desta pesquisa tal fato é constatado, quando jovens casais, mesmo que nas áreas urbanas dos municípios, por exemplo, empreendem seus Galpões para

diversos usos e reafirmam os motivos de sua escolha pelo rústico, gauchesco e galponeiro, Ediméia Pacheco e Cleidi Ribeiro, Cleiton Camilo e Vinícios Negrini são exemplos deste processo.

A tecnificação do cotidiano e a vida de relações (SANTOS, 2001) complexificam a análise do Galpão, enquanto lugar/não lugar, na contemporaneidade, a tal ponto que já foram constatados Galpões virtuais, como no trabalho de Luvizotto (2010), onde a pesquisadora descreve as características de um Galpão virtual, criado através de um *software* (*second life*). Na verdade se trata de um exemplar do conceito comum de cyber espaço: Um site na rede mundial de computadores que acabou tendo esta nomenclatura específica e conveniente (Galpão), ainda que de natureza intangível, virtual. Embora não se organize a partir do Vale do Três Forquilhas, apresenta uma possibilidade de experiências técnicas avançadas, o que é, a priori, o antagonismo dos valores do tradicionalismo gaúcho, embasados na rudeza da vida campesina como inspiração da formação do caráter, através do labor e da ética do trabalho. Não é objetivo maior desta pesquisa, porém é evidente a ascensão da ideia de *cyber* espaços na atual conjuntura da ciência geográfica.

4.3.8 Portas e janelas

O uso de apenas uma porta na maior parte das habitações africanas meridionais, estudadas minuciosamente por Weimer (2014) indica haver nelas uma atribuição preponderantemente monofuncional. O uso de grandes portas ou uma das bandas totalmente (e) ou permanentemente aberta no caso dos Galpões do Rio Grande do Sul, como acentua a definição do dicionário Ferreira (1975) demonstra a sutileza do perfil externo de uma construção como indicador do uso que dela é feito: A adaptação dos Galpões conforme a função a que se destina a construção fica evidente. O desenvolvimento desta pesquisa não teria como se encaminhar de outra maneira, se não subdividindo os tipos e usos dos Galpões. Se os Galpões se diferem entre si, também diversos são os seus usos ao depender da situação que uma família ou proprietário apresenta. Da monofuncionalidade até Galpões multifuncionais, em suas propriedades e construções, os habitantes do Vale do Três Forquilhas tiveram que se adaptar com a vida de relações que cada vez mais se intensificava e ampliava sua influência. Alguns Galpões apresentam ainda um dos lados (ou parte deste, como na figura 42) permanentemente abertos por questões de praticidade e com maior praticidade atender a demanda de funções cotidianas: Arejar o ambiente, guardar ferramentas, abrigar animais ou veículos, manejar alimentos e rações, entre outras funções.



Figura 42: Galpão da Luta, de Rafael Rodrigues

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 11/12/2015. Terra de Areia.

De estocagem, matadouro, comércio, estrebaria, varal, garagem ou local de gastronomia, os Galpões do Vale do Três Forquilhas são representantes genuínos da adaptação das experiências vernaculares da influência pastoril/meridional rio-grandense, mesclando-se aos elementos coloniais e imigrantinos. Algumas experiências do morar, trabalhar e manter os vínculos a partir das etnicidades presentes no Vale do Três Forquilhas não influenciam diretamente o estilo e uso do Galpão Gaúcho, porém suas existências nesta região demonstram as possibilidades de hibridismo e multiculturalismo que nesta região pairam coetâneos.

As janelas amplas, ou ainda somente vãos abertos nas laterais, são utilizadas principalmente no intuito de regular a temperatura, amenizando o calor. “Estar em contato com a natureza” (Cleidi) é outro argumento para que a presença das janelas (tão onipresentes, como na figura 43) se justifique. “Churrasco é embaixo da árvore”, detalha Paulo César, em um momento que, além da amplitude das portas (neste caso inexistentes) e janelas amplas, busca na parte externa do Galpão um ambiente próprio para o consumo do prato símbolo do rio-grandense.



Figura 43: Galpão de Cleidi Ribeiro e Ediméia Pacheco

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 09/04/2016. Terra de Areia.

João Brehm e Nardo Silva, produtores rurais especializados em hortaliças e verduras, apontam a importância das grandes portas nas fachadas de seus respectivos Galpões de trabalho. Sílvio Santana instalou grande porta em seu Galpão de trabalho (pescaria). A necessidade por mobilidade que o trabalho cria faz da fachada de muitos Galpões de trabalho grandes aberturas, onde, ainda de fora, muito do que há lá dentro já se pode vislumbrar. Nalgumas vezes os interlocutores recebem a visita a partir da porta da cozinha (figura 44), esta, quase nunca na parte de frente da casa, mostra que o ambiente onde se preparam e consomem os alimentos é fator agregador de reuniões e conversas. Em alguns casos a cozinha da casa principal é ligada em outra cozinha rústica, ou em outro Galpão.



Figura 44: Fogão de lenha em cozinha anexa, de Maria Homem
Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 21/07/2016. Bela Vista, Terra de Areia.

4.4 Uma geografia Cultural no Vale do Três Forquilhas

Trabalhar com as culturas dos imigrantes, considerando ainda as apreciações de cada indivíduo em sua subjetividade de pertença ou identidade étnica, é um fator que complexifica o tema. Esta possibilidade (a de se trabalhar os aspectos étnicos nas regiões hibridizadas pela miscigenação de grupos e pelo tempo) fica cada vez mais peculiar e subjetiva, ao passo que a mistura entre os grupos étnicos não parou de se manifestar, de se recriar, bem como o hibridismo.

A valia destas pesquisas só se dará por completo (se completas puderem ser um dia) se os tais temas forem sistematicamente revistos. O Vale do Três Forquilhas estará sempre se modificando, assim como a paisagem, de um modo geral, assim como os objetos e ações: Assim como o espaço.

Entre elementos culturais que se refletem na paisagem (pontualmente agora, não serão as edificações) existentes no cotidiano dos habitantes do Vale do Três Forquilhas aponto três, justamente pela importância acerca da possibilidade do surgimento de Galpões que cada uma

representa em suas ações: O tradicionalismo, o esporte equestre e a agricultura. O primeiro está associado ao gauchismo de forma orgânica. É advindo de outra região (no caso do tradicionalismo instituído, da região metropolitana, mais especificamente a cidade de Porto Alegre, cidade da fundação do MTG). O esporte equestre, muito apreciado na região, em especial em Terra de Areia, também é advindo de outra região; dos Campos de Cima da Serra, especificamente do município de Esmeralda, onde ocorreu o primeiro torneio de “Tiro de laço comprido”, que será trabalhado nesta escrita a posteriori.

A prática da agricultura na região também tem em outras terras sua inspiração: Os legumes, as frutas, frutescências, verduras, fumo, silvicultura (com raras exceções), tudo que é trabalhado na terra, com fins comerciais, é exótico. A cenoura, a banana e o abacaxi, produtos economicamente importantes para Três Forquilhas, Itati e Terra de Areia, também são tipos vegetais exóticos. É exógena, culturalmente falando, toda representação gauchesca nas plagas litorâneas, pois não é nativa ou autêntica enquanto prática dos habitantes forquilhenses, itatienses ou terrareenses. Hoje o gauchismo é bastante praticado no Vale, porém as situações sociais e naturais que acabaram por desenvolver este modo de se relacionar com o ambiente ocorreram, cronologicamente falando, primeiramente na metade meridional do Rio Grande do Sul. Segundo Heidrich (2004) o sul do Rio Grande do Sul proveu para o norte e nordeste do estado, a partir da segunda metade do século XX, um arcabouço de representações sociais que remetiam (e remetem) ao gaúcho pampiano, cavalariano e fronteiriço, praticante da pecuária, laçador e pachola. Mais do que híbrida, etnicamente falando, a cultura dos habitantes do vale do Três Forquilhas é produzida enquanto “cultura inventada”, ou “cultura nova”, pois é do século XX e XXI e acompanha com entusiasmo o nascimento do tradicionalismo, gauchismo e circuito de rodeios na medida em que estes vão surgindo e sendo divulgados *a lo largo* no sul do Brasil. Posteriormente este território de expansão da cultura gauchesca alarga suas fronteiras. Hoje se pode dizer que nem mais as têm.

Dos elementos culturais citados, todos têm no Galpão o ambiente de apoio, de possibilidade de suas existências e ações, de convívio ou trabalho. É o espaço existente das representações destes elementos culturais. Tanto os tradicionalistas se encontram no Galpão como os agricultores, uns para lazer, outros para labutar e armazenar. Os laçadores cavalarianos organizam seus eventos, refeições e festas sempre em Galpões, estes são chamados, algumas vezes, de piquetes ou ainda chegadas. Os produtores de hortaliças e pecuaristas, ao longo das entrevistas, se mostram surpresos com uma pesquisa sobre Galpões, e lhes parece óbvia a resposta: O trabalho, o depósito, a alimentação dos animais e a garagem para seus veículos (o que será descrito ao longo deste capítulo).

4.5 O Gênero no Galpão

Traçar uma análise sobre gênero traz para o debate o relacionamento entre os indivíduos acerca da produção espacial e o maniqueísmo “machismo X feminismo libertário”. Os “dois gêneros” são indissociáveis, e ao longo dos séculos suas relações estabeleceram territorialidades e atribuições, tanto no âmbito da sociedade como no ambiente doméstico.

Segundo Meinerz (2011), “O termo prenda significa literalmente algo precioso, valioso, insubstituível para o gaúcho. A escolha desse termo para designar a mulher dentro da cultura gaúcha assume a forma de uma gentileza utilizada pelos homens para se direcionarem as mulheres” (p. 83).

Nos Galpões analisados, as mulheres possuem destacada presença nas atividades gastronômicas. Porém o churrasco, sua preparação, desde o início até a hora da refeição, é uma atividade predominantemente masculina. Se, no cotidiano (dias úteis) a mulher tem o protagonismo no feitiço e preparação dos alimentos (evidência do patriarcado social), nos momentos lúdicos, onde a alimentação se faz aglutinadora social (finais de semana), o homem assume o comando da cozinha (sobretudo a do Galpão). No que tange as experiências da pesquisa em campo, a função da carne, enquanto símbolo do provimento nutritivo, ou do momento de alimentação em família, aparece vinculado ao gênero masculino. Se o Galpão for destinado e projetado para o trabalho, aí então é que a mulher vê diminuída sua presença (ainda que na contemporaneidade).

Deffaci (2012) afirma que “casa é o espaço de mulher por excelência: nele os alimentos são preparados, os filhos alimentados, os doentes cuidados. Em um passado não muito distante, os filhos nasciam em casa” (p. 59). A autora faz um relato, em sua tese, da paisagem do município de Bom Jesus (RS) e dos viveres das mulheres no contexto dos Campos de Cima da Serra⁸⁰.

⁸⁰ É importante lembrar, neste momento, que o vale do Três Forquilhas possui vínculos com outras regiões do Brasil; aquelas que proveram material humano, já na fase pós-colonial, para a ocupação do Vale. Cabe destacar o sul catarinense, com ítalo-brasileiros, de ocupação na agricultura e pesca, Laguna e Santo Antônio da Patrulha, com luso-brasileiros de profissões diversas, Osório/Maquiné, com negros cultivadores, e os Campos de Cima da Serra, com Gaúchos serranos, ligados à lida campeira e ao ofício madeireiro/moveleiro. Em um segundo momento desta cronologia, já nos albores do século XX, o Vale do Três Forquilhas vive o “milagre econômico” da ditadura militar, e se torna uma área de repulsão demográfica, apresentando agudizado êxodo.



Figura 45: “Espaço da Mulher: Casa e Cozinha. Abril/2009, registro do grupo”

Fonte: Deffaci, 2012, p.58.

Para a autora “podem ser considerados espaços de transição entre o espaço aberto, de horizonte, e o espaço fechado da casa. A janela era um deles” (p. 60). Outra transição física dentro da propriedade rural estudada por Deffaci (2012), que sugere uma transição de gêneros é a transição da casa para o Galpão: Este último representaria uma relação “homem/bicho” (figura a seguir) que a casa não suporta. O Galpão é o elemento que atende ao programa de necessidades de muitas propriedades visitadas durante a pesquisa, sejam estas necessidades produtivas (ordenha, armazenamento de rações, ferramentas, casa dos arreios, dormitório para os animais, etc) ou não (“cozinha suja”, “espaço” de festas, centro de tradições, etc). Sobre o Galpão, Deffaci (2012) ainda afirma:

[...] anexo a casa, sempre próximo, às vezes com duas portas comunicantes, uma que abre na casa e uma que abre no galpão. Lá ficavam os materiais para lidar com os bichos. Durante a noite, às vezes ficavam os cavalos, e quase sempre as vacas de leite, aguardando a ordenha matinal. A transição nesse espaço era um corpo de gente e um corpo que se aproxima das características do bicho, para poder lidar com os animais: Transita entre o nível médio e baixo, usa a posição de cócoras. As ações de espreitar, tocar, acariciar, sentir o cheiro, fazer estalos e barulhos com a boca, são compartilhadas entre seres humanos e animais. (p. 59-60).

Com a necessidade de certos atributos funcionais, o Galpão, ante a casa, se impõe como território da produção dentro de uma propriedade rural, assim como um ateliê teria a mesma função quando anexo à casa de um artista plástico. Com tal brutalidade e forma rústica, é natural

que certos Galpões tenham se consolidado, ao longo de várias décadas, influenciados por um modo de vida que remete ao pastoril e campesino no território rio-grandense, e que possuía necessidades de produção e sobrevivência, mostrando-se um ambiente predominantemente masculino. Gradualmente, quando alguns Galpões começam a se situar em ambiente urbano (sede de municípios), ou quando tem cunho celebrativo e memorial, as mulheres vão saindo da posição de coadjuvantes, pois o programa de necessidade que o Galpão terá de atender não será ligado aos animais, ao trabalho com couro e madeirame, mas sim aos aspectos de lazer, distração ou gastronomia.



Figura 46: “Galpão (homem/bicho)” e Galpão de Valci Gama

Fonte: Respectivamente, Deffaci, 2012, p.58, e Augusto da Silva Bobsin em 30/03/2015, Boa Vista, Terra de Areia.

Chamadas, no âmbito do CTG e em ambientes tradicionalistas, de Prendas ou Chinas⁸¹, as mulheres ainda margeiam os encargos de chefia nos meios gauchescos. No Galpão a situação não é diferente. O *habitus* (BOURDIEU, 1976) e a divisão por papel social de gênero nas tarefas domésticas ainda é evidente, não só no recorte do Vale do Três Forquilhas, não só no Brasil. Em alguns momentos, não somente no âmbito da pesquisa, mas incutido nos ditados populares, as mulheres rurais “não faziam nada, só as coisas de casa” (DEFFACI, 2012, p. 43). Existe, pois, uma distinção pejorativa do trabalho cotidiano da cozinha (quando este é feminino, aportado nas falas dos interlocutores de Deffaci), dos afazeres gastronômicos ou domésticos.

⁸¹ Da origem e da significativa diferença que existem entre estes dois termos, Dutra (2002) esclarece que “as chinas (mulheres brancas, negras ou índias), que na representação mítica, expressa através dos textos gauchescos, homogeneizou como “Índias roubadas e levadas à garupa de seus cavalos”. O termo “china” manteve o sentido de prostituta no Rio Grande do Sul, portanto esta denominação não poderia ser adequada para designar as mulheres dos CTG’s, entidades que nasciam sob inspiração de uma visão moral que visava resgatar nobres costumes de um tempo áureo e puro [...] Escolheram o nome de prenda para idealizar uma mulher pura, ingênua e graciosa” (DUTRA, p. 49).

A busca por um assunto (Galpão) leva até a pesquisa de Deffaci (2012) em sua relevância para o debate sobre identidade e desigualdade entre os gêneros. Em tal estudo disserta-se sobre Galpões de uma região próxima, e interligada culturalmente ao contexto que estudo. Noto, nas imagens, o Galpão separado da casa, a clara divisão de trabalho atribuída ao gênero. Deffaci (2012) aponta a casa e a cozinha como os “espaços da mulher” (p. 58), e, ao menos na parede da mesma, ilustrada em foto, podem-se avistar os apetrechos desta natureza de trabalho.

Existe uma notória demarcação de gênero entre as duas principais divisões denotadas e priorizadas nesta pesquisa: O Galpão e a casa podem, de certo modo, delimitar áreas onde um (ou outro) gênero se destacam e se sentem apropriados⁸². Este primeiro é masculino enquanto nomenclatura e enquanto uma busca por rudeza, e com isso a busca por distinção social, entendendo, produzindo e sentido uma pretensa força e virilidade, a partir da rusticidade da construção e estrutura do Galpão, o que pode ocorrer em alguns momentos em outras regiões interioranas do Brasil. A própria gastronomia, quando no Galpão (tratada em outros momentos desta pesquisa, por importância de representação social e etnografia), tem protagonismo masculino. O que a sociedade ocidental judaico/cristã sempre pregou, sobretudo no cotidiano, da gastronomia ser uma atribuição de trabalho doméstico feminino, no Galpão “celebrativo/ambiente de festas” encontra outro panorama. Quando o Galpão se faz necessário frente ao programa de necessidades de beneficiamento de carnes oriundas da própria propriedade rural (criação e carneação), a onipresença masculina ressurgue, como no caso do Galpão de Valci Gama, onde os dois filhos homens lhe ajudam nas atividades de matança, limpeza e corte das carnes ovinas, suínas e bovinas. A frente sem paredes ou portas na fachada (se assim lhe coubesse alguma nomenclatura) já mostra que tipo de Galpão é este (de trabalho), sua rudeza e utilidades. Os ganchos não prendem artefatos nostálgicos do imaginário do gaúcho (que, de tão praticado, como em outros Galpões, já não é mais “tão imaginário”), mas sim peças ainda frescas dos animais abatidos.

Pacheco (2003) em sua dissertação, intitulada “Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade” trata do gênero, e do evidente conflito nele posto, no âmbito desta tendência cultural criada no Rio Grande do Sul, sendo o CTG o maior ator desta prática (o machismo) na referida situação. Vários relatos ao longo das visitas mostram esta condição no cotidiano familiar. A imensa maioria de laçadores de sexo masculino mostra que o tiro de laço,

⁸² A enteada de Cleidi Ribeiro afirma que “é um espaço mais masculino”, quando da comparação deste com a casa. Daniel Ferrigo diz que seu quiosque recebe a todos, mas que existem Galpões na vizinhança que são para encontros (jantas) masculinos.

no contexto dos Galpões, ainda é um esporte onde as mulheres não conquistaram o menor protagonismo. Outros relatos acerca do gênero são vislumbrados ao longo (e permeados) em outras especificidades da pesquisa, e se encontram ao longo da etnografia (como, por exemplo, no sub-título “A “bóia” do Galpão”).

4.6 O lugar de trabalho

Rosado (2009) fala em seu estudo de mestrado sobre os Galpões de reciclagem em Porto Alegre, e aborda o trabalho cotidiano das catadoras de lixo que manejam resíduos no “Galpão da Cavalhada” (Referência ao bairro onde se encontra o Galpão). Não traça um histórico etimológico sobre a origem da palavra galpão (não era seu objetivo e nem é o meu), pois está investigando os hábitos das trabalhadoras que transformam este Galpão em espaço, pois ela parte de De Certeau quando vê o espaço como um “lugar praticado” (1998, p.202); Afirma que “assim, podemos dizer que o Galpão da Cavalhada enquanto construção arquitetônica é transformado em espaço pela “arte de fazer” das catadoras” (2009, p.30).

É isto que objetivo quando investigo algumas práticas de pessoas do meio rural, pois elas (as práticas) são o elemento transformador do Galpão (enquanto lugar), dando vivência e prática, transformando ele (em espaço).

Rosado usa a fala de uma trabalhadora deste lugar (que agora, depois de vivido e trabalhado, é um espaço) para nomear o ambiente onde se encontra: “Galpão é como as catadoras referem-se ao seu espaço de trabalho, denominado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre como Unidade de Triagem de Resíduos Sólidos Recicláveis” (2009, p. 18).

Ainda existe algo de semelhante entre o Galpão investigado por Rosado e o Galpão que esta pesquisa busca dar conta: O trabalho. Os Galpões de Alex Trespach mostram justamente isso. São pensados especialmente para atender a demanda de produção do empreendimento. Alex possui três Galpões, sendo um destes para receber visitas, fazer jantãs e realizar a higiene antes de entrar em casa. O fato de ter um Galpão que não seja diretamente vinculado ao trabalho espacializa os três Galpões de sua propriedade, delimita funções e cria, dentro da funcionalidade de cada um, hábitos específicos.

Se o Galpão está sendo, na contemporaneidade do Rio Grande do Sul, utilizado e (re) valorado como espaço de lazer e representação, a origem desta edificação está baseada na sobrevivência dos camponeses. Sua estética (mesmo atualmente) ainda busca elementos que remetam ao passado de labor dos gaúchos “originais”, os peões de estância, trabalhadores da pecuária, pobres e maltrapilhos, pendurando tralhas nas paredes sem acabamento. Este

levantamento bibliográfico busca as experiências de campo, mostrando as diversas faces (ilhargas) do Galpão, não somente como espaço de culto da arquitetura vernacular na contemporaneidade (festejada por tradicionalistas) mas também como espaço de trabalho para alguns habitantes da zona rural do Vale do Três Forquilhas, mantendo algumas características estruturais vinculadas no caráter folclórico, mas também apresentando variações de objetos e práticas voltadas para uma temporalidade contemporânea e mais rápida.

Outra frase válida, utilizada pela autora é “que se adquirem no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (LARROSA, 1996, p.27). Este “dar sentido” acaba sendo efetuado quando o trabalho, o convívio familiar ou de instituições (oficiais ou não) acontece no âmbito de determinado espaço. A casa, o apartamento, as praças; de todo modo a sociedade imprime o “seu sentido” através de suas produções. Os Galpões são destes expedientes que ganham (ou lhe são atribuídos) sentido.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. Na vida cotidiana colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se nem de longe em toda a sua intensidade (SIC) (HELLER, 1972:17).

A referência sobre as “paixões, ideias, ideologias” pode se adequar, no contexto da pesquisa, aos sentimentos que os interlocutores deixam transparecer. Expressões como “Eu me realizei com este Galpão” (frase de José Airton Silva de Quadros) revelam uma nuance de subjetividades. A satisfação de José Airton em ter empreendido tal edificação, ter tido condições para a construção e receber amigos e parentes com entusiasmo (“Pode vir, não tem tramela⁸³”) abre a possibilidade de um olhar sobre o trabalho, não tão estático, somente enquanto atividade produtiva, mas também como aporte de representação, lembranças e valores dos antepassados a serem “mantidos”, como a etnogeografia demonstra ao longo das entrevistas e encontros.

⁸³ Espécie de tranca para portas de grande porte. De mecanismo mais simples que uma fechadura, podendo ser feita a partir de um prego torcido ou um taco de madeira, não servindo para assegurar a inviolabilidade total do Galpão, mas para, simplesmente, não deixar a porta solta.

4.7 Galpões do Vale do Três Forquilhas

Dos Galpões do Vale do Três Forquilhas, os mais portentosos em estrutura e porte são, respectivamente, o Galpão/Salão “redondo” do CTG “Porteira do Litoral” (Bairro Boa Vista) e o Galpão do piquete/fazenda “Cheiro da Mata” (Bairro Perpétuo Socorro), ambos na região leste de Terra de Areia: O primeiro se coloca, indubitavelmente, como o maior e mais importante Galpão tradicionalista da região (figura 47); além de ser a sede de uma instituição que incentiva as práticas gauchescas, sedia eventos de cunho tradicionalista/regionalista, tais como jantas e bailes “de candeeiro”⁸⁴. Os eventos de maior importância no ano são os bailes do rodeio (daí vem a forte tendência semântica de ser tratado, algumas vezes, pelo termo “Salão”, pois alberga festas), que são realizados três vezes (três noites consecutivas) em uma edição de rodeio (visto que os rodeios têm em média quatro dias de atividades). Existe sempre uma tensão entre a organização do baile (muitas vezes terceirizada, realizada por empresas especializadas) e a comunidade tradicionalista, pois estes últimos acreditam que o estilo musical deveria ser somente o gauchesco (ver em “Imagens diversas”, nos apêndices). Porém a maioria dos habitues dos bailes são os jovens, e nota-se a grande preferência destes pela “*Tchê Music*”, o “Maxixe” e o “Sertanejo Universitário”⁸⁵.

⁸⁴ Expressão utilizada para nomear os bailes á moda antiga, e faz menção ao objeto que era utilizado outrora para iluminação do ambiente: O candeeiro, também grafado como “candieiro”, é uma lamparina de combustível fóssil, chamada em algumas ocasiões de pixirica. As vestimentas gauchescas, em tais bailes “retrô”, são obrigatórias. A musicalidade é restrita aos ritmos gauchescos (xote, vaneira, rancheira, chamamé, valsa, polonesa, marcha, milonga, mazurca). No município de Terra de Areia, fica sob a responsabilidade do CTG “porteira do Litoral” a realização de tal evento, porém o mesmo não ocorre com muita frequência. Costuma-se, nesses eventos, promover uma espécie de atividade memorial, pois a gastronomia faz alusão aos hábitos atribuídos às gerações passadas, mas que não deixam, de todo, de serem praticados na contemporaneidade: Uma mesa com café colonial fica servida durante toda madrugada, assim como era (no relato de alguns interlocutores) no passado.

⁸⁵ Refere-se ao estilo musical que se desenvolveu no Rio Grande do Sul a partir das experiências musicais gauchescas na década de 1990 (DIAS, 2009). Modificadas em nome da (hipotética) maior possibilidade de vendagem de discos e produção de eventos (festas e bailes). Foi assim nomeada em uma campanha publicitária da empresa RBS, no ano de 1999, que reunia em um CD músicas dos grupos Tchê Garotos, Tchê Guri e Tchê Barbaridade. Com uma terminação anglófona (*Music*) possuíam, como possuem, intuito semelhante ao do movimento musical que ocorreu no estado da Bahia (*Axé Music*) quando este explorou as experiências afro-brasileiras em consonância com a musicalidade hegemônica no circuito superior da mídia daquele momento (música Pop da década de 1990).-Maxixe é a nomenclatura usada pelos habitues dos bailes (e pelos críticos destes) onde se toca Tchê *Music* para descrever a dança que a segunda estimula na primeira. Alguns CTG’s proíbem a prática do Maxixe em seus bailes, possuindo, inclusive, fiscais para certificarem que os casais não rebolem tanto (característica maior desta dança). Esta nomenclatura já existia no sudeste brasileiro, na década de 1910, para indicar as representações musicais dos afro-brasileiros suburbanos, configurando um ritmo anterior ao samba, e coetâneo do calango e jongo (CASTRO, 2011, p. 4). -Sertanejo universitário refere-se ao gigantesco movimento/estilo musical, oriundo do centro-oeste do Brasil, com destaque onipresente da cidade de Goiânia: Baseado nos ritmos do Brasil central, como a guarânia e a toada(tendo em um segundo momento incorporado elementos sul brasileiros, como o vanerão), o sertanejo universitário se hibridizou com outros estilos, e, assim como o pagode e o forró, também adotou a segmentação designativa “universitário”, pois busca um público jovem enquanto nicho de mercado e consumo. A incorporação de elementos da música contry, na década de 1990 já era um indicativo do que ocorreria anos depois: “Substancialmente, não há grandes mudanças do sertanejo universitário para o sertanejo. Pode-se considerar que ao ser adotada pela grande indústria das massas, a música

Os organizadores dos rodeios entendem que estes estilos de música “dão mais porta” (arrecadam mais pessoas e dinheiro na bilheteria do Galpão) e os membros do CTG lidam com a delicada situação de, por um lado, manterem a “tradição” ou, por outro lado, arrecadarem fundos para as despesas estruturais da agremiação. No ano de 2015 ocorreram seis bailes no Galpão “redondo”, já que ocorreram dois rodeios, um em junho e outro em agosto. Além do “Redondo”, no parque de eventos do CTG Porteira do Litoral (que está distante 2,5 km do centro da cidade), se encontram outras construções que fazem menção ao regionalismo gaúcho, tais como a cancha de laço, as casamatas (pequeno abrigo, de madeira e com cobertura de telha fibrocimento) para os narradores dos esportes equestres e outros galpões de acampamento dos participantes dos rodeios (estes, muitas vezes, ficam instalados ali por vários dias), também chamados de “piquetes”, ou simplesmente de “acampamentos”. O palco central, em dias de rodeio, exibe shows abertos ao público e fica albergado por uma grande lona de circo (geralmente alugada, pelos organizadores, de uma empresa especializada).



Figura 47: Galpão Redondo, no CTG Porteira do Litoral

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 27/07/2015. Boa Vista, Terra de Areia.

Já o Galpão da fazenda/piquete⁸⁶ “Cheiro da Mata” (figura 48) é uma obra idealizada para abrigar eventos de cunho tradicionalista/regional, ou eventos de qualquer outro cunho estético (aniversários, confraternizações de empresas e escolas, etc). Tem sua epítome quando da realização de eventos de tiro de laço em sua cancha, localizada imediatamente em sua lateral leste. De fachada nordeste, contemplando a alvorada que surge das águas da Lagoa Itapeva (que fica somente a um quilômetro dali), este prédio se destaca, sobretudo, por seu interior, decorado com temas gauchescos, iconoclasticos, taxidérmicos, nostálgicos e memoriais. A fazenda Cheiro da Mata também é a sede de um CTG: “Campeiros do Rio Grande”, filiado, inclusive, ao MTG. Esta agremiação, diferentemente do “Porteira do Litoral”, é particular, pois pertence a uma família, o que não é algo corriqueiro em se tratando de CTG’s. Já o CTG “Porteira do Litoral” pertence ao grupo mais antigo de tradicionalistas da cidade.

É visto que estes dois Galpões (em específico, dentro das propriedades, onde se encontram) não são de trabalho⁸⁷. Foram idealizados, em sua função, estrutura e arquitetura, para serem sedes de instituições e atividades culturais/regionalistas. Não são genuínas obras das experiências populares do morar, se proteger, se alimentar e armazenar, mas são influenciados, no sentido estético, diretamente por tais programas de necessidades, oriundos do modo de vida gauchesco, mesmo que este não seja, ou não tenha sido, o modo de vida operante hegemônico no Vale do Três Forquilhas, na planície costeira ou no nordeste do estado do Rio Grande do Sul.

⁸⁶ Nomeio desta maneira pois nos materiais de divulgação da “Cheiro da Mata” se utiliza a expressão “fazenda”, pois esta empresa não possui somente um piquete de tiro de laço, mas também um grande Galpão, o qual é alugado para eventos, aniversários, reuniões e churrascos. A “Cheiro da Mata” também possui estrutura para arborismo e acampamento, piquenique, entre outras atividades que aproveitam a sua boa localização (margens da rodovia RS 486) para promover o turismo. Sobre o viés do turismo não vem ao caso nesta pesquisa, visto que no caso da “Cheiro da Mata”, trataria de um turismo muito complexo, pois mistura turismo rural, ecológico e gauchesco em um só ambiente.

⁸⁷ A não ser se o entendimento de “trabalho” abarque todo e qualquer tipo de atividade laboral. Daí então estes Galpões passam a ser entendidos como do mudo do trabalho, pois são alugados para eventos. Estes, por sua vez, precisam de um grande número de profissionais para sua realização: Atendentes de bilheteria, garçons, balconistas, cozinheiros, músicos, técnicos de som, seguranças, profissionais de limpeza e saúde (quando dos grandes eventos, e o corpo de bombeiros ou prefeitura municipal exige a presença de um aparelho de socorro imediato, como uma ambulância). Se este “trabalhar”, referenciado no texto, for somente referência das atividades agropastoris (lida com cavalos, armazenamento, preparação de rações animais, abates e manejos de carnes), elucidadas e romantizadas pela tradição gauchesca, realmente estes Galpões são estritamente do mundo do lazer.

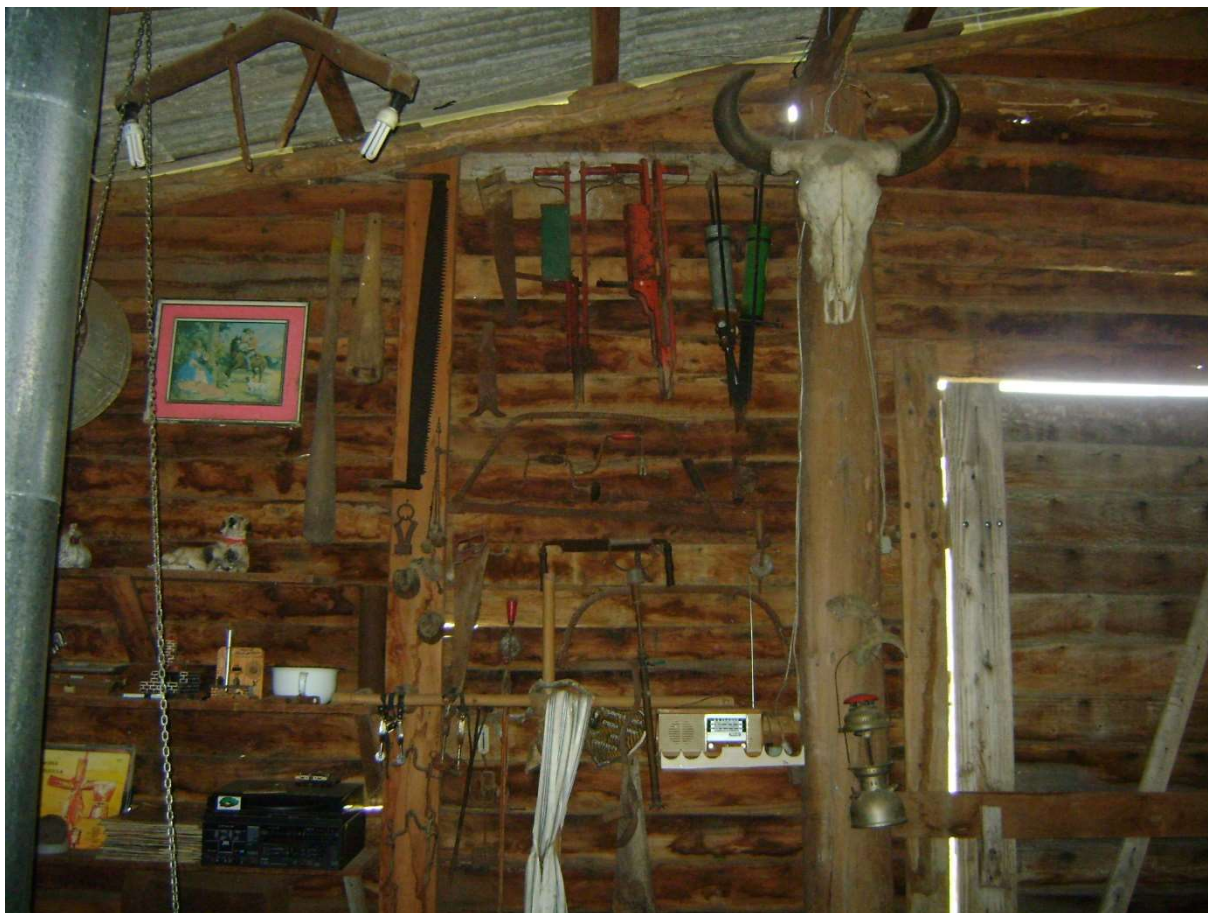


Figura 48: Aspecto interno do Galpão principal, na Fazenda Cheiro da Mata
 Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 25/08/2015. Perpétuo Socorro, Terra de Areia.

O programa de necessidades é outro se comparado ao que ocorria na região no final do século XIX e início do século XX: Sobre este vetor de observação (as necessidades do trabalho, produção, armazenamento e alimentação) Silva (2003) realiza denso estudo, este intitulado “Arquitetura Rural no Planalto Médio. Séc XIX”, onde aponta a real necessidade e utilidade de cada construção dentro de uma fazenda (Galpão de confinamento, paiol, cozinha suja, casa do forno, Galpão dos empregados, sede da fazenda, etc).

Durante o percurso investigativo outros dois Galpões se destacaram (figura 49): O Galpão do “Nirido”, por ter uma grande dimensão, ser enfeitado de modo típico gauchesco, ser multifuncional (garagem e depósito familiar e salão de atividades/festas sociais e gastronômicas) e estar em área urbana. Se encontra no centro da propriedade, sendo a mais suntuosa construção do empreendimento produtivo/habitacional/comercial. Ao seu redor se encontram a casa, a quadra esportiva (futebol de areia), a antiga cancha de tiro de laço (modalidade “vacacânica”) e outro Galpão (estrebria). Já o Galpão de Gilberto Vargas, que além da suntuosidade e de servir como clara amostra das diferenças arquitetônicas entre uma casa contemporânea e um Galpão, já se deu ao longo das décadas para várias funções

(matadouro, Galpão de Tambo⁸⁸, depósito, guardar arreios) e hoje serve como local de encontro dos familiares, local de festa e alimentação e encontro de tradicionalistas. Dos objetos que apresentam aspectos de “raridade”, Gilberto possui algumas “manilhas”: Trata-se de um artefato em couro que seve para contar o número de rezes. Também é conhecido como “tarca”.



Figura 49: Galpão do Nirdo e Aspecto Interno do Galpão de Gilberto Vargas

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respectivamente em 13/07/2015, Terra de Areia, e em 16/01/2016, Sanga Funda, Terra de Areia.

4.8 Paisagem cultural

O autor com maior densidade para a descrição deste conceito é Paul Claval, com o clássico *Geografia Cultural* (2007). Quando autores e pesquisadores começaram a se preocupar academicamente com termos como geografia cultural e paisagem cultural não atribuíram valor científico somente para atributos espaciais ou da paisagem, propriamente dita, mas também para representações sociais dos grupos camponeses (por exemplo) em suas expressões espaciais. Além de Claval, a fala de outros autores já é bem oportuna para o estudo das práticas e vivências interioranas. No caso, Wagner e Mikesell (2007) ressaltam que

O estudo da paisagem cultural serve, simultânea e inseparavelmente, a diversos fins diferentes. Independente da sua função de descrição sistemática proporciona uma base para classificação regional, possibilita um *insight* sobre o papel do homem nas transformações culturais e de comunidades culturais em si mesmas. Busca diferenças na paisagem que possam ser atribuídas a diferenças de conduta humana sob diferentes culturas e procura desvios de condições “naturais” esperadas, causados pelo homem (WAGNER, P.; MIKESSELL, M. p.36).

⁸⁸ Esta nomenclatura faz referência ao grande balde (tambo) que é usado para armazenar líquidos. Trata-se de um Galpão onde se tira o leite das vacas. Na área de abrangência de estudo, de modo geral, quem possui um Galpão este tipo repassa sua produção para um distribuidor maior (de outras cidades), e este beneficia e acondiciona o leite. Não existem empresas beneficiadoras de leite no Vale. A prática leiteira para a agricultura familiar ainda é vista na região, como no caso da propriedade de Arthur Kellerman, Deni Teixeira, entre outros.

Contextualizando com a situação do laço comprido, enquanto prática que só reforça o uso e produção de Galpões (e constitui parte da paisagem cultural no contexto desta pesquisa) pode-se, a partir de uma interface teórico/conceitual, planejar uma série de cartografias: A ocorrência deste esporte em determinada região mostram, neste caso, o gosto pelas representações culturais da montaria, da lida campeira, mesmo que recriada, adaptada, que é o laço comprido. O fato de que a região teve a presença de uma migração interna, de serranos para o litoral, que traziam consigo o hábito do laço comprido desde a criação desta prática enquanto esporte, mais especificamente na região dos Campos de Cima da Serra (com especial destaque para os municípios de Vacaria, São Francisco de Paula e Esmeralda) potencializou a ascensão gradativa desta prática na região do Vale do Três Forquilhas. O Rio Grande do Sul, e sobretudo sua porção meridional “conseguiu, dentro de uma complexa conjuntura de pertença em região fronteiriça, estabelecer, ao longo do século XX, o mito de um personagem modelo, tanto nas práticas (ter sido guerreiro e, posteriormente, camponês) como nos valores (honradez, coragem, honestidade) [...] Surge o mito do gaúcho” (HEIDRICH, 2012, p. 248/249). Deste modo a região sul do Rio Grande do Sul influenciou outras regiões do estado, especialmente no que diz respeito aos aspectos culturais de pertença. Posta a etnogeografia e a reflexão sobre o conceito de Paisagem Cultural, estes “*insight’s*” sobre o papel do homem nas transformações culturais se valem das entrevistas, visitas e fotografia para cartografar relações e suas implicações no espaço.

No Vale do Três Forquilhas o mito do gaúcho apresenta sua faceta mais tangível, atualmente, na gastronomia “de fim de semana” (churrasco), prática do Laço Comprido e na existência dos Galpões, um fato influenciado pelo outro. Porém, mesmo em metrópoles, como é o caso de Porto Alegre, o laço comprido e os Galpões se fazem presentes: Existe uma cancha para a prática do tiro de laço, localizada no parque harmonia, na região central da cidade, na orla do Rio Guaíba.

Comparado com o chimarrão (bebida típica do estado), no recente estudo de Durayski (2013), pode-se afirmar que este hábito (tanto o tomar chimarrão como o tiro de laço) surgido no interior, quando “em contexto urbano, essa representação da identidade de tradição vinculada à ruralidade é preservada” (DURAYSKI, 2013, p. 67).

Salientando que não existe uma paisagem cultural fixa e, sobretudo, homogênea nesta região. A oportunidade de tanger em um tema contemporâneo e complexo (esporte equestre) é somente um exemplo dos diversos vetores que (trans)formam uma feição visível do espaço através de seus compósitos. A multiplicidade de etnias existentes, suas influências e dinâmicas, não são visíveis em um primeiro olhar sobre as casas desta cidade. É preciso investigar as

práticas cotidianas para identificar algum elemento que possa ser entendido dentro dos parâmetros conceituais descritos e desenvolvidos pelos autores clássicos da Paisagem Cultural.

4.9 Geossímbolos de Galpão

Alguns destes objetos possuem utilidade para o trabalho cotidiano (Cordas, facas, enxadas, etc). Alguns estão figurando somente como enfeite, com função decorativa baseada na repetição, autossugestão e identidade regional, mesmo que também remetam ao mundo do trabalho, porém atualmente inativos, como alguns relhos, mangos, encilhas, freios, ferraduras, cangas e rodas de carreta. A religiosidade aparece nos Galpões, ainda que com menor frequência nos Galpões gauchescos, cujo dono se assume como “campeiro” ou atuante ginete em eventos tradicionalistas.

De modo evidente, no Galpão de Renato Lima (figura 50) e no de Alcione Macedo a religiosidade se torna evidente, justamente em meio aos artefatos e ferramentas (muito pó, pois ambos são de “chão batido”). Nestes dois casos os Galpões se encontram “nos fundos” do pátio, tendo a casa de moradia (esta sem ter aspecto gauchesco ou rústico) na parte frontal do terreno. As duas modalidades de construções não se interligam fisicamente, possuindo (nos dois casos) um espaço considerável que as separa. Dado isto, entende-se que os objetos, crucifixo e terço, estão de fato no Galpão por vontade dos proprietários. Régis Quadros também demonstra sua fé católica ao carregar no manete de sua moto esportiva um crucifixo.



Figura 50: Símbolo religioso no Galpão de Renato lima

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 04/12/2015. Boa Vista, Terra de Areia.

Os símbolos dos clubes de futebol de Porto Alegre também se fazem presentes no contexto dos Galpões forquilhenses: *Posters*, fotos, emblemas e souvenirs da dupla Grenal aparecem diversas vezes, tanto no interior das casas como no Galpão, propriamente dito. É um reflexo da imensa “grenalização”⁸⁹ (DAMO, 2002) que se mostra consolidada em todo o Estado do Rio Grande do Sul. Não na qualidade de geossímbolos, mas sim como evidência de uma influência cultural metropolitana, (neste sentido) sobre o Litoral Norte do estado, através dos símbolos dos clubes Porto Alegrenses, visto que o futebol do Vale do Três Forquilhas, e até mesmo a prática esportiva no Litoral, como um todo, é insipiente para o patamar profissional, aparecendo como um elemento de distração, lazer, saúde e amadorismo. Onde a vida de relações se mostra mais intensa, em uma comparação entre RMPA X Vale do Três Forquilhas, a especialização dos serviços a favor do capital econômico se torna fator determinante na

⁸⁹ Priorizar somente o clássico “Grenal” (Grêmio vs Inter) como importante. Atribuir ao cotidiano símbolos destes dois clubes. Ideia próxima de um maniqueísmo para diversos assuntos, dada a proporção enorme deste embate esportivo. Neologismo genérico para o gosto demorado por algo ante o desprezo pelo antagonismo desse, em diversos âmbitos da vida. Termo contemporâneo e recorrente em alguns estudos sobre comportamento (DAMO, 2002).

criação de slogans para projetos de propaganda (SANTOS, 2001) e propagação de símbolos (não que estes sejam propriamente geográficos, ou territoriais, mas sim) identitários e emotivos; entenda-se, neste caso, que a campanha de marketing de algumas empresas (clubes de futebol, por exemplo) chegue no contexto dos Galpões de uma região não como incentivadora da prática do futebol, mas sim como simbologia de identidade e subjetividade. Outros escudos de clubes de futebol e outros símbolos regionais, de outras regiões do Brasil, acabam por se tornar geossímbolos de suas respectivas regiões, dado o alcance que empreendem e a relevância para aquele que os ostenta, tanto como afeição quanto apego ao regional (mesmo que subjetivamente), sobretudo se o que pratica tais simbologias é também oriundo de outra região ou estado (figura 51).



Figura 51: Camisa do Santa Cruz (Recife) e tempero nordestino

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 15/08/2015. Nino Lima. Bairro Serraria, Terra de Areia.

Os emblemas de clubes esportivos (empresas) só se tornam geossímbolos quando vistos a partir do prisma dos clubes e de seus grupos diretivos: Daí sim esses podem vislumbrar sua presença como geossímbolos, pois suas campanhas de marketing “expandiram” seu “território de influência” para além das cidades de origem (dos times), “dominando” afetivamente regiões

sem clubes de igual patamar. As empresas de jornalismo regional desempenham papel importante nesta construção. Os símbolos e frases vinculados aos principais clubes de futebol, em si, também são ligados ao gauchismo, quando estampados em muitas cuias de chimarrão, implementos de churrasco ou mapas do Rio Grande do Sul. Aparecem no contexto do Galpão coadunando os significados clubísticos aos significados regionalistas/tradicionistas (figura 52).



Figura 52: Placa referente ao Grêmio. Galpão de Sérgio Nunes
Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 04/10/2015. Rua da Areia, Terra de Areia.



Figura 53: Pôster do Internacional no Galpão de João Rodrigues da Silva

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 18/07/2016. Boa Vista, Terra de Areia.

A cultura político-partidária no Vale do Três Forquilhas também foi tema tratado por Heidrich e Gamalho (2012), quando estes apontaram símbolos que demarcavam a opção política do indivíduo: Animais símbolos, bandeiras e cores características compõem a paisagem cultural efêmera que se estabelece na região durante o período eleitoral que define prefeito e vereadores, não sendo frequente ou marcante fora da “época da política”. É desta forma que muitas pessoas da região nomeiam o período eleitoral. No comitê do PP Partido Progressista (PP) a cor azul é a mais frequente nas bandeiras, panfletos e camisetas (figura 54). “A cor identifica a diferença (entre os partidos) [...] o número, o brasão [...] branco, azul e vermelho, mas especificamente o azul” (grifo meu). É assim que a jovem militante Thauany Medeiros identifica os símbolos de seu partido. No comitê do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) a cor vermelha se faz preponderante. Outros símbolos locais acabam por diferenciar os partidários de Terra de Areia. Elizete Lima explica que “houve um tempo que o PP foi o tiririca, outra vez foi o ganso. Nós sempre fomos o graxaim”. No caso da política partidária, em tempos de campanha eleitoral, os locais de produção cultural e representação social simbólica dos partidos acabam sendo suas respectivas sedes (comitês e diretórios). Os adesivos nos carros também aparecem como geossímbolos destas territorialidades. Portanto

religião, clubismo, política, etnicidade e regionalismo são aportes de pertença que os indivíduos do Vale, subdivididos em seus grupos, explicitam através de seus geossímbolos.



Figura 54: Brasão do PP, no diretório progressista

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 27/09/2016. Terra de Areia.

4.10 Galpão Oficina/Galpão Depósito

Já “fora de casa”, quando o Galpão se dá estritamente para o trabalho (mas não dentro da propriedade do interlocutor), a tendência multiúso pode, nestes casos, ficar comprometida.

Juntamente com os Galpões utilizados como estabelecimento comercial (Balneário Galpão da Lagoa, Galpão do Nirdo, Galpão do CTG Porteira do Litoral, “Galpão de diversão” de Hélio Mermitt), os Galpões depósito se dão para o trabalho e obtenção de renda com relevante frequência. De interior amplo, priorizando o labor em sua estrutura e função, ainda que se apresentem, eventualmente, como um espaço de vivência, não possuem como função primordial o convívio dos que o empreendem e utilizam no cotidiano.

O caráter multiúso do Galpão de Jânio e Cátia Tesaro (metade esquerda da figura 55) só possui essa potencialidade por estar ao lado da casa de moradia. Apresenta potencialidade

enquanto híbrido, também, pelas possibilidades de criação de subjetividades que proporciona (por ser o espaço cotidiano dos moradores). Na propriedade também se localiza a área de trabalho, que é o plantio de uva e tomate. O Galpão de Jânio serve como garagem, cozinha rústica (utilizada em finais de semana), varal para as roupas de trabalho e depósito da produção agrícola e das ferramentas, incluindo o caminhão de médio porte, mas não deixa de ser um Galpão doméstico, pois está inserido no cotidiano da família. É onde moradores e funcionário estabelecem suas relações de trabalho e convívio, onde o filho guarda o carro que utiliza para se deslocar ao local de trabalho, em outro município e sem vínculo com a agricultura.



Figura 55: Interior do Galpão multiuso de Jânio e Cátia Tesaro e Galpão de tambo, Fazenda Cheiro da Mata

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Respetivamente em 05/05/2016, Boa Vista, Terra de Areia, e em 25/08/2015, Perpétuo Socorro, Terra de Areia.

O Galpão “da bagunça”, como define Libório Soares, não se trata propriamente de um desleixo com os objetos. Pelo contrário, é um aparelho de organização e depósito dentro do grande número de Galpões que a propriedade em questão (Família Moretto) apresenta. Nesta visita são identificados (tal a nomeação dos proprietários) os Galpões “de tambo” (para o manejo do leite bovino), Galpões “de confinamento” (para o engorde do gado), Galpões “da bagunça” (para os objetos obsoletos, móveis velhos e para varal), e o Galpão central, que serve de restaurante e espaço social. Essa variedade de Galpões só é contemplada, dentro de uma mesma propriedade, quando o trabalho está em consonância com a utilização de Galpões. A Fazenda/Piquete “Cheiro da Mata”, de propriedade da família Moretto precisa de muitos Galpões para exercer suas atividades: Engorde de gado, manejo do leite bovino, criação de diversas aves, atividades de esporte equestre, turismo pedagógico.

O Galpão de Eliseu Justin (figura 56) se enquadra como uma das mais complexas e completas estruturas visitadas durante o período investigativo. Trata-se de uma obra com mais

de sessenta anos (feita pela família do sogro dele), reformada e adaptada para as atuais necessidades de trabalho e modo de vida; a referência ao modo de vida é necessária, pois não somente no campo trabalham os habitantes desta propriedade. O carro se faz objeto indispensável no contexto de trabalho e deslocamento; os dois filhos de Eliseu “trabalham fora”, e o atendimento de transporte coletivo na região é precário. Portanto, além de varal, espaço para churrasco, garagem e depósito de móveis antigos, o Galpão serve diretamente ao trabalho de “seu” Eliseu. Armazenamento de insumos para os animais e plantação (paiol), garagem para a tobata⁹⁰ e o próprio abrigo para os porcos e galinhas são parte integrada de toda construção.



Figura 56: Galpão de Eliseu Justin

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 27/05/2016. São Sebastião, Três Forquilhas.

O Galpão de “Nardo” Silva (figura 57) é descrito por ele mesmo como um “Galpão de hortaliças”, pois se presta ao armazenamento, limpeza e manejo dos vegetais produzidos no empreendimento agrícola. Neste caso as propriedades, Galpão e área de terra cultivada, pertencem a outros donos, aos quais Nardo paga aluguel (arrendamento). Mesmo sendo rural e

⁹⁰ Denominação utilizada para designar o pequeno trator agrícola (microtrator), derivada da marca de um desses equipamentos.

se prestando para a continuidade das práticas agrícolas, o caso de Nardo se apresenta como o de uma agricultura substancialmente empresarial. Os vários produtos plantados em alinhamento cartesiano (três tipos de alface, mostarda, agrião, rúcula, etc), o número de funcionários (neste núcleo de produção são seis) e os implementos (objetos de produção: motores de bombeamento, tratores, caixas) utilizados (técnicas: fertilização, transporte, alocação, manejo) mostram o afastamento da agricultura familiar e a característica de cunho comercial ali estabelecida. O Galpão também pode ser entendido como de ampla utilização (multifuncionalidade), pois, junto ao salão principal, uma porta dá acesso aos quartos do alojamento dos funcionários. A cozinha fica no fundo deste salão grande, ao lado das cadeiras e bancos improvisados, de onde pode-se assistir televisão e observar a grande porta que permite visão para a rua, característica recorrente de muitos Galpões de trabalho.

Todos funcionários moram ali durante a semana. Todos são naturais de Maquiné (município vizinho). Sobre este caso, a questão cultural e regional, em escala municipal, transparece na conversa: “Os maiores plantadores de verdura são de Maquiné”, afirma Nardo, com um certo garbo de sua procedência. “Aqui não tem quase (plantadores de verduras) [...] o pessoal aqui (em Terra de Areia) trabalha mais com abacaxi” (grifos meus). Esta afirmação busca um apontamento nas diferentes experiências, adquiridas ao longo de anos de desenvolvimento, distintas entre os dois municípios lindeiros, e mostra, tanto para um quanto para outro, que a necessidade de Galpões no cotidiano da produção rural é imprescindível e evidente. “A terra lá (em Maquiné) é muito batida” (grifo meu): Já este trecho justifica a vinda de agricultores maquineenses para as plagas arenosas das várzeas lacustres; com o uso contínuo do solo para os repetidos cultivos das verduras em Maquiné, e com a falta da (possibilidade de) rotatividade de culturas em tal área, Terra de Areia se mostrou oportuna para investimentos de tal natureza nos últimos anos e, de todo modo, recebeu a influência deste tipo especializado de agricultor e sua vivência, como forma de utilizar os Galpões.

É uma troca cultural entre municípios da mesma região, se dando a partir de relações de produção da agricultura no contexto do capitalismo, da otimização de resultados e no caráter empresarial e produtivo que estas áreas agora apresentam. Existe cultura no trabalho, e existe a consciência de diferenças culturais evidenciadas por ele. Alguns “Galpões depósito” são palco desta relação.



Figura 57: Galpão de hortaliças de Nardo Silva

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 13/05/2016. Boa Vista, Terra de Areia.

Alex Trespach me recebe em sua residência. Apresenta-me seus três Galpões: O primeiro a ser comentado e visto é o Galpão de reciclagem (segmento de onde Alex tira o sustento). É o local de armazenamento, garagem e trabalho. O diferencial deste Galpão é seu telhado de alumínio, que se dispõem em um lance de telhado, somente. Este material servia como cobertura de um posto de gasolina (foi adquirido por Alex enquanto material reutilizado). O madeirame “ia ser jogado fora” pelo antigo dono de um Galpão, que o empreendia em outra localidade. Alex comprou o material e deslocou para a atual propriedade. É um “Galpão reciclado [...] as guias, os caibros, os esteios, tudo de eucalipto”. Segundo Alex, o uso de pau roliço é uma das características que define e caracteriza um Galpão. “Tem portão de ferro, mas os antigos eram de madeira”; é a forma que Alex encontra para explicar que o portão (imprescindível para o funcionamento e segurança do empreendimento) é uma intervenção recente, diferente do que é considerado tradicional ou antigo.

Já o “Galpão modelo” (assim alcunhado por Alex) foi projetado e construído a partir da necessidade de armazenar os resíduos sólidos manejados no primeiro Galpão. O “modelo” custou mais caro, também alberga veículos e, assim como o “Galpão reciclado”, tem sua estrutura toda em madeira roliça. “Mais moderno [...] novo [...] é uma ferramenta de trabalho.

É um Galpão depósito. Não é oficina”. O telhado não é uma adaptação de materiais alternativos, mas sim o habitual telhado de fibrocimento (Brasilit), disposto em dois lances contrapostos, o que é muito frequente em Galpões de todo tipo, como Galpões de lida campeira. Alex ainda possui, anexo aos outros dois Galpões, mais próximo da casa de moradia, uma cozinha, também chamada de Galpão (ou “casinha”). “Vou te mostrar o meu Galpão [...] um pouquinho mais moderno”. Este (a) foi estruturado com madeira tratada (“pau tratado”), o que é ressaltado por Alex. Uma madeira com maior durabilidade (este fato em si aponta o uso de técnicas advindas de períodos de temporalidades mais rápidas quando comparada ao manejo do madeirame para os Galpões de algumas décadas atrás, que não possuía tanto beneficiamento químico para os materiais). Neste Galpão é onde ele e a esposa recebem as visitas e fazem jantas. Ali se encontra a churrasqueira e a “lavanderia”. Onde encerra-se o expediente do labor e se toma banho antes de entrar para a casa. Dentro do contexto dos Galpões de trabalho há espaço (e necessidade⁹¹) para este outro tipo de Galpão.



Figura 58: Interior do Galpão de reciclagem de Alex Trespach

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 31/05/2016. Boa Vista, Terra de Areia.

⁹¹ No caso de Alex, é uma especificidade bem peculiar, no contexto da pesquisa, pois ao lado da casa de moradia se encontram os Galpões de trabalho, e anexo a esses o Galpão/“cozinha suja”, todos atendendo, em forma e função, as necessidades cotidianas.

Vários olhares já foram feitos acerca do Galpão. Não com especificidade cultural ou de nomenclatura, porém tratando das diversas funcionalidades deste tipo de construção (ou das construções que, por algum motivo, receberam tal nomenclatura. Fuão (2016) trata em um sentido arquitetônico e funcional. Com a demanda de consumo, surgem estes tipos de Galpão para dar conta do manejo com os resíduos: "O lixo sempre existiu, mas em abundância como vemos hoje, é um fenômeno dos últimos anos [...] Embalagens foram inventadas para que os produtos pudessem durar mais e viajar longas distâncias. A vida embalada" (FUÃO, 2016, p.3). O surgimento ou aumento da ocorrência deste tipo de Galpão está ligado ao modo de vida urbano-industrial. Ainda que alguns Galpões de reciclagem guardem semelhanças com Galpões típicos Gaúchos (madeira de costaneira, pau roliço, um dos lados aberto) pela praticidade da construção, se dão, na verdade, em sua existência, para manejar aquilo que sobra do consumo dos grupos sociais. Mesmo que alguns Galpões típicos do gauchismo tragam consigo antenas e fogões contemporâneos, o Galpão de reciclagem mostra com justeza o entrelaçamento temporal, pois é chamado de Galpão (termo que remete ao trabalho e rusticidade de ações) mas somente existe em função do desenfreado consumo pós-moderno. Quando postos em uma mesma cidade interiorana, ou em uma mesma propriedade, estes Galpões mostram o hibridismo que constitui o espaço, a paisagem, o tempo e os indivíduos.

O Galpão enquanto uma "unidade de triagem", como também trabalha Rosado (2009), ou como categoria conceitual (RIBEIRO, 2011), onde o labor gerado a partir dos serviços com resíduos e da necessidade da sobrevivência, é trabalhado por diversos etnógrafos contemporâneos, e diversas vezes perpassando por outras nomenclaturas (armazém, depósito, estação), acabam repetindo a ladainha de nomes habituais. É a repetição do Galpão.

No contexto da pesquisa, e anteriormente à realização da etnogeografia, não se imaginava a ocorrência de tantos aspectos variantes junto ao Galpão. Se mostram, na verdade, muito pululantes no que diz respeito ao inusitado, variedade e hibridismo, não exotizando os acontecimentos, mas, através da etnogeografia, identificar aspectos da paisagem cultural que se tornaram corriqueiras demais para os que praticam.

4.11 O Êxodo do Galpão

Dada a área de abrangência do estudo, o êxodo de pessoas que pode ocorrer no contexto de um Galpão é, substancialmente, um êxodo rural. Sobretudo pelo de fato de que muitos forquilhenses ainda tem se deslocado para grandes cidades e regiões metropolitanas. Os motivos que afastam fisicamente e deslocam territorialmente as pessoas de "seus" Galpões é de

gênese rural. Tem na fragilidade da macroestrutura do meio rural sua origem. O Galpões rurais que aparecem esvaziados de ocupação, no recorte temporal em que se dá este estudo, assim estão pela necessidade de trabalho, sobrevivência e mudança daqueles que o empreenderam (praticavam). Os que empreendem Galpões nas sedes dos municípios do Vale (sobretudo em Terra de Areia) os produzem pela intenção de simbologias e por desejos de representações regionais/tradicionistas, e seus eventuais esvaziamentos não se enquadrariam, propriamente, como “êxodo rural”.

A fragilidade indicada é representada pela ideia de sucessão familiar rural: Desestimulada por anos de políticas de estado capitalistas e centralizadoras, não aparentou pujança no Vale do Três Forquilhas. Isto fez dos ambientes rurais espaços propensos ao esvaziamento demográfico. Na década de 40 o Brasil possuía 69% de sua população no meio rural e 31% nas cidades. Já década de 60 (aproximadamente em 1965), a metade da população brasileira vivia nas cidades. Em 2000, 18,8% da população vivia no meio rural e, em 2010, apenas 15,6% (IBGE, 2010).

Segundo Spanevello (2008, p. 7)

A reprodução social da agricultura familiar é permeada por distintos fatores que afetam a perspectiva de continuidade dos estabelecimentos ao longo das gerações. Estes fatores geralmente podem ser associados às alterações provocadas pela modernização da agricultura, a crescente proximidade entre o rural e o urbano e a dinâmica interna do grupo familiar.

Dois processos (o da construção e uso dos Galpões e o êxodo rural) podem resultar na aparição de outra categoria de Galpões, carregada de peculiaridades: De modo tangível e sensível, o que se nota na paisagem cultural são as taperas.

4.12 Tipos de Galpões em figura






Com a descrição acerca dos Galpões, suas variações e outros ambientes de produção cultural e representação social no Vale do Três Forquilhas, o resultado é um olhar de possibilidades da paisagem cultural híbrida. A complexidade classificatória acerca de todos os tipos de Galpões analisados em uma figura organizacional, pode apresentar peculiaridades, que precisam de esclarecimentos prévios. Apontado um “Galpão exemplo” para cada tipo de Galpão, assim se desenvolvem os tipos dentro da figura. Os motivos são mais operacionais do que teóricos: Com o significativo volume de visitas, seria impraticável alocar tantos exemplos

dentro de uma metodologia de figuras. Outro fato que leva a escolha de somente um “Galpão exemplo” para cada grupo de Galpões (tipo) é o fato de que muitos destes se enquadrariam em mais de um nicho, ou, mais especificamente, na classificação “multiúso” (o que é satisfeito, em termos, pela figura seguinte).

Foram cem visitas dentro de um ano e nove meses de campo, nos diferentes espaços de produção cultural e de representação social no Vale do Rio Três Forquilhas. Entre casas de variados estilos, taperas, nihonma's, palafitas, quiosques, espaços esportivos ou comerciais, cinquenta e sete destas visitas foram em ambientes denominados, pelos donos, como Galpões. Daí surgindo a necessidade metodológica de analisar esta categoria de construção pela forma e estrutura, função e uso, símbolos e objetos. A base material para o subtítulo “A complexidade classificatória” se encontra elucidada pelos exemplos expostos na figura. Foram mais de cinquenta e seis Galpões visitados e fotografados⁹², visto que em algumas propriedades os donos possuíam vários Galpões. Dados os objetivos gerais e específicos, traçados ainda na etapa de fundamentação metodológica, a figura busca atender uma tendência de etnogeografia, que se valendo de imagens e esquemas, descreve a paisagem cultural do recorte territorial estudado, buscando dar conta da complexidade regional existente, criada pelo hibridismo cultural. O fator étnico faz com que características e usos, assim como objetos e símbolos, por vezes, tenham origens “estrangeiras”, no sentido da nomenclatura que o proprietário do empreendimento atribui, ou até mesmo nas falas que revelam pertença por determinado grupo social, seja ele de natureza nacional, étnica, religiosa, artística ou esportiva. Noutros casos a identidade étnica, regional ou religiosa existe, porém de modo subjetivo, não explicitada pelos interlocutores.

O Galpão, dentre todas as modalidades de construções existentes no Vale, sobretudo por ter sido o mais visitado dentro do campo, apresenta maior possibilidade de variações, e aparece como o mais propício para sobreposições de influências estéticas, culturais e temporais. Alertando sempre que os preceitos advindos do tradicionalismo gaúcho, cantados, incentivados e incorporados ao imaginário dos seus adeptos, através da construção do culto ao gauchismo, aparecem com destaque quando o Galpão pertence ao fim de cultivar o regionalismo ou representações sociais simbólicas de origem pampiana. Daí então o dono faz questão de elucidar os esteios sem beneficiamento, a madeira crua, os enfeites como símbolos e diversos atributos que caracterizam o Galpão como um “Galpão gaúcho”.

⁹² Repetiram-se visitas em algumas propriedades (Fazenda Cheiro da Mata, Piquete do Raniel Espíndola e CTG Porteira do Litoral) dada a importância destas para o entendimento da ideia de “sistema de Galpões” (explicada no próximo capítulo) e para uma etnogeografia mais precisa sobre o esporte equestre.

Tipos de Galpão	Forma/Estrutura	Ficheiro	Função/Usos	Símbolos/objetos
Estrebaria/ Galpão de arriames (equipamentos de montaria)	Grande abertura, duas águas. Majoritariamente de madeira. Chão batido (este tipo de piso possibilita a permanência do animal).	 Cleiton Camilo	Albergar o cavalo e outros animais, dar ração e guardas as encilhas. Trabalho agropastoril ou tradicionalism o gaúcho.	Cangas, ferraduras, couro animal, arreios, ganchos, aperos gauchescos.
Cozinha suja	Madeirame aparente, porta voltada para a casa principal. Por vezes construída em alvenaria na parte inferior (parede mista). Piso ou contrapiso.	 Sérgio Nunes	Cozinha em fins de semana, beneficiar produtos rústicos, não sujar a cozinha da “casa principal”.	Plaquetas com frases regionalistas, discos de arado (para preparar o entrevero), fornos e fogões (lenha e gás).
Depósito	Prateleiras, ou ganchos para pendurar objetos. Não há preocupação com acabamento.	 Zélia Mello	Guardar objetos obsoletos, estocar, armazenar materiais diversos, armazenar ração para os animais.	Tulhas, latas, potes, sacos, cochos, ganchos.
Garagem/oficina	Grande abertura, um dos lados permanentemente aberto. Sem objetos de decoração	 Alex Trespach	Guardar o carro ou veículo utilitário, estender roupas, trabalhar.	Ferramentas de trabalho.
De tambo	Semelhante ao Galpão estrebaria. Chão batido.	 Cheiro da mata	Tirar leite das vacas, albergar animais.	Cochos para animais, cordas, baldes, tambos, mangueiras.

Tafona	Rusticidade nos acabamentos. Esteios sem beneficiamento.	 Paulinho Fernandes	Beneficiar a mandioca, fazer farinha.	Cocho, forno, moinho, balança.
Tapera	Forma de casa ou Galpão. Paredes ou telhado destruído.	 Gilson Gross	Sem utilização.	Mato, raízes, mofo, teia de aranha.
“Galpão Casa”	Elementos de uma casa ocidental. Paredes em estrutura mista (madeira e alvenaria).	 Lairton Borba	Morar, alimentar-se, dormir.	Eletrodomésticos. Fogão campeiro. Objetos de decoração.
Multiúso	Variada. Vernacularidade, adaptação e extensões posteriores (“puxadinhos”).	 Eliseu Justin	Atende a necessidade do proprietário. Cozinha, varal, garagem, depósito, estrebaria.	Ferramentas, veículos, churrasqueira, instrumentos musicais.
Chegada/ Piquete	Ampla varanda, dois ou três lados permanentemente e abertos.	 Ademir Vargas	Reunir laçadores, sociabilidade, festas.	Mesas, cadeiras, balcão, vaca parada.
Confino	Semelhante ao Galpão estrebaria. Chão batido, grande vão entre as vigas (esteios).	 Cheiro da mata	Tratar (engordar) o gado.	Cocho (nicho onde se coloca a ração para o consumo animal).
Moenda	Semelhante ao Galpão Tafona. Sem acabamento, esteios principais de pau roliço.	 Arthur Kellerman	Beneficiar a cana de açúcar, fazer guarapa, açúcar e melado.	Tacho de cobre (para esquentar o caldo da cana) e moenda (moedor de cana).

Figura 59: Tipos de Galpões
Desenvolvido pelo Autor.

Com isso, apresentar um organograma sobre os Galpões do Vale se faz necessário para buscar dar conta das questões norteadoras da proposta do estudo. Os vetores que possibilitam denotar as diferenças entre os Galpões, quanto ao uso, são o crescimento da importância do espaço de trabalho, em detrimento do crescimento da importância do espaço de convívio, e em relação ao veio cultural/identitário, os vetores de diferenciação são os aspectos tradicionalistas em contraposição aos aspectos tradicionais.

A posição destas construções, dentro da figura, leva ainda em conta a natureza do objeto: Se são típicos Galpões ou construções que se aproximam de algum modo do Galpão. Não é uma figura que denota a posição exata de cada tipo de Galpão, pois o apontamento de tal “posição” não prima pela exatidão de cada categoria de Galpões, mas sim leva em conta a tendência das práticas culturais (incluindo o trabalho) no Vale do Três Forquilhas.

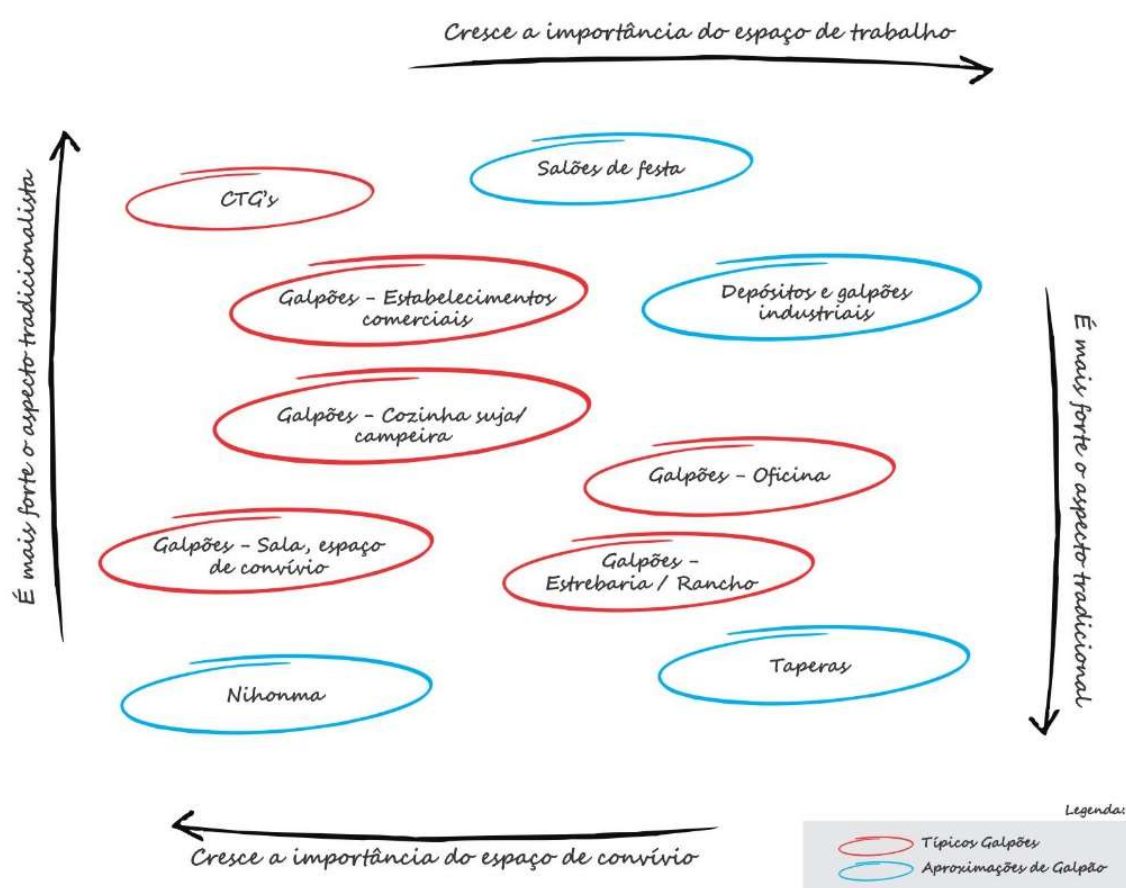


Figura 60: O Universo dos Galpões
Desenvolvido pelo Autor.

5 O HIBRIDISMO CULTURAL



Figura 61: Vaca mecânica, Vaca e Galpão do CTG Porteira do Litoral

É manhã em Terra de Areia. Faz frio. Um senhor de chapéu, bombacha e botas de borracha desce rápido de sua carroça. Pouco faz para sofrenar o cavalo. O animal parece estar habituado ao fato de ter que parar para seu dono desmontar da carroça e juntar papelão. A enorme lixeira fica bem na esquina das ruas Presidente Vargas com Osvaldo Bastos. Deste ponto os transeuntes podem escolher para onde seguirão: Se subirão a Rua Princesa Isabel, ao oeste, se seguirão na própria Osvaldo Bastos, ao norte, ou se dobrarão para o sul, caminho que leva para Osório e Porto Alegre.

O gaúcho papeleiro sai rápido. Entro no restaurante da rodoviária. Converso com conhecidos para passar o tempo. Embaixo da marquise, protegidos da chuva e do sol, os passageiros aguardam suas conduções. Ali passam rostos distintos entre si; distintos em aparência, idade e origem, onde etnografias de variados tipos se desenvolveriam com extrema facilidade.

O ônibus que me leva para o sul chega. Em poucos minutos de viagem, olhando para a esquerda de meu caminho, já avisto, no fundo do horizonte, que tem por base a Lagoa dos Quadros, as torres da usina eólica de Xangrilá e alguns prédios mais altos em Capão da Canoa. Ponho os fones de ouvido, escuto algumas músicas no celular e espero o tempo passar. Logo chegarei em Porto Alegre (Relato de campo. Terra de Areia, 8 de junho de 2016).

5.1 O Galpão da luta

Muitos são os exemplos de hibridismo cultural nesta trajetória investigativa. Inúmeras são as possibilidades de propor metáforas que ilustrem este acontecimento. O “ter” uma cultura, de modo inevitável, propiciado pelo modo de vida e pelas colonizações e migrações, fez do “ser” (indivíduo cultural) um produtor, receptor e reproduzidor de representações culturais. O modo de vida atual, em análise, mostra-se, em diversos exemplos e ocasiões, sobreposições de temporalidades e elementos culturais. O adensamento da vida de relações, imposto pela modernidade, intensificado na pós-modernidade em sua emergência de vias de comunicação/transporte, mídias informacionais e dispositivos móveis, transformou o espaço em um plano visível destes acontecimentos onde estão as possibilidades de hibridismo. Sauer (2003) considera as “vias” como objetos construídos, tais como trilhas, caminhos, estradas, rodovias, autoestradas, linhas de telégrafo, redes elétricas, ferroviárias, telefônicas, informacionais.

O que ocorreu no continente Americano, ao longo dos séculos, potencializou as possibilidades de interação entre os grupos. A gastronomia, o modo de usar os cômodos da residência, os nomes dados aos diferentes espaços de uma propriedade, a religiosidade, os sobrenomes, os esportes, a musicalidade e a pertença se mostram válidos enquanto matéria cultural, enquanto resultado de hibridismo.

Outros títulos poderiam servir para este trabalho. Outras metáforas poderiam expressar a gama de hibridismos contidos neste recorte espacial, tanto no sentido das matrizes (origens de nacionalidades, expressadas pela pertença de alguns grupos) como no sentido das temporalidades (diferentes usos dos espaços, como o Galpão) em suas constantes mudanças (GUADAGNIN, 2008).

O caso do Galpão da Luta se mostra válido, no que tange ao hibridismo em si (culturas étnicas ou nacionais diversas), da função multiuso do espaço (Academia de Lutas, local de jantas) e dos elementos memoriais e representativos que trazem o valor cultural agregado em seu simbolismo: O espaço, por si só, é um híbrido (SANTOS, 2006), e o Galpão de Rafael “Panca” Rodrigues expressa fisicamente isto. Trata-se de uma academia (figura 62) que funciona em um Galpão. Tem por nome comercial/fantasia “Academia *Space Fighth*”. Ocorrem treinos de Boxe, *Muay Tay*, Capoeira, entre outras modalidades de lutas. Sendo um imóvel alugado, Rafael sabe das outras funções que tal Galpão (que se localiza imediatamente ao lado da casa de moradia) exerceu no passado.

Da entrada se avista a diferença entre o estilo da casa (moderno, ou, pelo menos, com influências modernistas, com linhas quadradas em seu perfil aparente) e o estilo do Galpão. Este último com telhado em duas águas e uma grande porta de entrada que raramente é fechada (visando regular a temperatura do Galpão para o benefício da atividade esportiva), na verdade não possui dobradiças, mas sim sendo um tipo de tampão que fecha a entrada do Galpão em algumas situações. Isto faz a academia/CT (centro de treinamento) de lutas ser semelhante a descrição do dicionário Aurélio quanto ao fato de ser uma “edificação aberta em um dos lados” (FERREIRA, 1975, p.672). “Acho legal, sou meio campeiro”, revela Rafael, ao ser questionado sobre seus sentimentos de pertença e regionalismo. Quando perguntado sobre a presença da bandeira do Rio Grande do Sul, ele a cita como “o nosso marco mais forte”. Explica ainda que este apego pelas representações gaúchas aparecem em seu cotidiano por influência de seu pai, que era ferreiro (colocava ferraduras em cavalos), e que havia trabalhado com este ofício na zona sul de Porto Alegre. Logo, nota-se que Rafael vivencia a cultura de modo híbrido por expor culturas de origens diferentes em âmbito doméstico/particular, mas também possui vínculos familiares com algumas das simbologias mais fortes do regionalismo gaúcho, como a gastronomia e o culto ao cavalo. Rafael se mostra sincrético em sua religiosidade e simbologia: “Defendo bastante a religião budista e espírita”. O budismo é influente para ele também no sentido esportivo, já que a prática do *Muay Thai* está intimamente ligada com esta expressão espiritual, visto que a prática desta luta se desenvolveu na Tailândia, país com presença budista.



Figura 62: Galpão da Luta de Rafael Rodrigues e Mongkon budista com crucifixo católico no Galpão de Rafael

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 11/12/2015. Terra de Areia.

“A nossa origem (do esporte) é tailandesa e holandesa (estilo de lutar, adaptado no país europeu, a partir da experiência asiática) [...] faltam essas duas bandeiras [...] e a do Brasil né?” (Depoimento em entrevista, em 11/12/2017). Rafael ainda pretende comprar as três bandeiras que faltam para reverenciar as origens da modalidade esportiva que ele pratica, mostrando uma

clara evidência de que a bandeira é um símbolo carregado de significados (assim como na divulgação da festa de Kerb, em Itati. Ver em “imagens diversas”, apêndices). Eles, os símbolos, estão expostos na parede do Galpão, assim como as rodas de carreta e ferramentas de trabalho nos Galpões dos tradicionalistas gaúchos.

Considerando a importância dos objetos e das ações, enquanto elementos do espaço cultural, afirma Bonnemaïson que

Dedica-se hoje uma atenção nova à irredutibilidade do fato cultural. Este não é mais visto como superestrutura vaga e fluida a qual se tenta encerrar uma concepção bastante materialista. A cultura hoje tende a ser compreendida como uma vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, como uma “visão de mundo” que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço (2002, p. 86).

A relação da sociedade com o espaço, exposta e visível através de objetos, ações (interação com os objetos e indivíduos) e sua síntese, se dá em espaços híbridos, que por serem o espaço já trazem consigo hibridizações (SANTOS, 2006). O Galpão da Luta é um exemplo evidente deste processo de relações simbólicas, expressas ali pelas ações e objetos (símbolos) em interação. Outros estudos sobre formação da paisagem cultural podem considerar elementos intangíveis como símbolos. No caso desta pesquisa, não somente as ações (praticar, reproduzir, copiar, criar), mas os objetos se incluem como símbolos do (no) espaço.

Outros objetos que estão expostos remetem ao universo das artes marciais, tais como coletes, capacetes, sacos de pancada, pandeiro (para dar o ritmo durante a prática da capoeira), *mongkon* e *kruang ruang*. Estes dois últimos carecem de uma explicação exclusiva em sua função no Galpão da luta e para a exemplificação do hibridismo cultural: Sendo o primeiro uma espécie de coroa e o segundo um bracelete, servem de amuleto, além de indicar o nível técnico em que se encontra o lutador. De cunho espiritual (budismo), são utilizados pelos atletas de *Muay Thay* quando estes entram no ringue (*Dojo*) para competir. “Sou religioso”, afirma Rafael. Segundo ele a aplicação de um crucifixo metálico em um *mongkon*, com a imagem de Jesus Cristo, serve para anunciar a sua outra vertente religiosa/espiritual (as outras duas são, como já citadas, o budismo e o espiritismo). A cultura, portanto, pode ser entendida como “não somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados), um sistema simbólico (mitos e ritos) e um sistema imaginário” (ZANATA, 2008, p. 264) (Grifo meu). Esta interação entre objetos materiais, compondo sistemas simbólicos rituais, é visível em diversos espaços visitados ao longo da trajetória investigativa. No Caso do Galpão da Luta se torna exótica e *sui generis* pela mistura da ética (regas dos diversos esportes

ali praticados), religião (objetos sagrados para, no mínimo, duas correntes espirituais), regionalismo gaúcho (bandeiras e gastronomia) e seus significados em um só espaço, evidenciados nas ações e objetos.

A temática da alimentação e gastronomia, no caso desta visita, foi uma das mais inusitadas e híbridas de toda a trajetória de campo. “Lá é o fogão campeiro ainda”, aponta para o canto do Galpão/academia, sendo que este objeto já estava ali antes de Rafael montar sua academia (em torno de um ano e meio atrás). A expressão “fazer bóia” traz a informalidade do uso do termo, e é atribuída aos momentos de distração e diversão: “No dia a dia é dieta (manter o peso e a categoria dentro dos parâmetros e regras do esporte) [...] mas (no) fim de semana tem que rolar o churrasquinho” (Depoimento em entrevista, em 11/12/2017). Outras receitas citadas são o entrevero e o carreteiro⁹³. Foi o único interlocutor ao longo do trabalho que revelou adaptar sua alimentação (pelo menos em algum momento da semana) por questões fisiológicas.

O fato de Rafael chamar a prática de assar a carne de “Churrasquinho”, se assemelha aos relatos de pessoas do grupo quilombola da Zâmbia (Bairro Boa Vista, Terra de Areia), onde a líder da comunidade, Elizabeth Silveira de Jesus, se refere ao assado e ao momento de praticá-lo com certa distinção em relação ao trivial: “Durante a semana, arroz, feijão, massa, carne [...] no final de semana galinha assada, maionese, churrasquinho” (depoimento de Elizabeth de Jesus). É de se notar que a proteína animal consumida em dias “de semana” é chamada de carne, enquanto que o mesmo tipo de proteína animal, quando manejado de outra forma, e consumido em outros dias (final de semana) toma uma importância simbólica que é destacada na anunciação. Entre os afro-brasileiros, luso-brasileiros, e outros grupos hibridizados culturalmente, na região do Vale do Três Forquilhas, a cultura gauchesca, evidente através da gastronomia, se insere como representação simbólica dos fazeres. De certo modo, entre todos os grupos hibridizados por ascendência étnica, encontra-se a vivência cultural regionalista. Quando se pensa em um “marca étnico-ascendente”, esta se faz no lugar e no território e envolve os grupos em hibridismo; notadamente pelo envolvimento cotidiano, pela valorização simbólica e reprodução dos fazeres próprios dessa na cultura no regional.

Sobre a nomenclatura, Rafael utiliza, além de “Galpão da Luta”, a expressão “CT de Lutas” (sigla para centro de treinamentos). É uma denominação frequentemente usada pelos

⁹³ Supressão do nome verdadeiro: Arroz de carreteiro. Assim chamado, é simplesmente o arroz cozido junto a outra carne. No período histórico em que as carretas eram amplamente utilizadas no Rio Grande do Sul como meio de transporte de cargas (séculos XIX e primeira metade do XX), dado o difícil acesso de infraestrutura, os carreteiros, carregados de charque e outros produtos, desenvolveram uma forma prática para se alimentar em seus acampamentos, unindo arroz e alguma fonte de proteína. Na contemporaneidade qualquer carne pode ser misturada ao arroz, constituindo um “carreteiro”. No passado, somente o arroz misturado ao charque possuía tal nomenclatura.

clubes de futebol profissional, quando possuem um espaço específico para os treinos. Elementos de anglicismo na fala (*Space Figh*), espiritualidade e esportes Asiáticos (budismo e *Muay Thay*), religiosidade e idioma europeus (catolicismo, espiritismo, língua portuguesa), regionalismo gaúcho (Bandeira do Rio Grande do Sul e do Uruguai, fogão “campeiro”) e influência africana (matriz étnica importantíssima para o surgimento da capoeira enquanto esporte no Brasil) concretizam a feição visível do hibridismo. Ele existe de modo intangível, mas também se mostra palpável nos objetos, a medida que os indivíduos lhe impõem ações em significados que podem se tornar simbolismos. Estes processos (re) significam culturalmente o cotidiano.

Quando foram relatados os objetivos da pesquisa para os próprios interlocutores, por um momento de curiosidade e vontade de colaborar, diversas vezes foram registradas falas como “existe muito isso por aqui”, ou “aqui quase todo mundo tem Galpãozinho”, “Gaúcho gosta de churrasco”. Os objetos existentes, compondo a paisagem, em sua função de materialidade, além da satisfação e desempenho do modo de vida, que une o contemporâneo ao considerado tradicional, possuem atribuições simbólicas. Os crânios de animais, rodas de carretas, ferraduras, cangas e bandeiras demonstraram isso ao longo do trabalho de campo.

5.2 Um pouco mais sobre a “bóia” do Galpão

As nuances étnicas identificadas, a partir de auto declaração dos interlocutores em referência aos elementos culturais/gastronômicos ajudam a entender a multiplicidade do Vale. Casos como os dos grupos de menor expressão numérica (polaco, japoneses, pescadores), não aparecem como isolados em um estudo sobre a gastronomia nesta região, pois estabelecem relações de vizinhança e troca cultural constante, ainda que em alguns casos vistos não cultuem o churrasco: De grande força simbólica no âmbito do Rio Grande do Sul, o assado típico da região sul-brasileira é citado e praticado pela ampla maioria dos entrevistados. Até mesmo quando negam esta prática elucidam o fato cultural e o gauchismo (implicitamente), como no caso de Mariza Sato (“Não comemos churrascada que nem vocês lá”). Aparece como uma reprodução de uma ideia básica de hibridismo em alguns casos, pois existe uma busca, ainda que subjetiva e particular, da manutenção de alguns valores culturais, sejam eles ancestrais, religiosos ou étnicos. Tentativas estas que compõem variações de hibridismo em sua manifestação, como resistência e adaptação (BURKE, 2008).

As hipotéticas evidências dos fazeres étnicos ficam ofuscadas por uma nova forma: Pelo hibridismo a mistura intensa de práticas e suas sobreposições se mostram no cotidiano. O

churrasco é a receita em comum da ampla maioria das pessoas do Vale do Três Forquilhas. Nenhuma outra etnia (ao menos no que foi visto no Vale do Três Forquilhas) apresentou tamanha expansão de suas práticas cotidianas do que o grupo social intitulado “gaúcho”. Mesmo sendo híbrido por sua origem, diversa em etnicidade, e apresentando práticas de adaptação para sua sobrevivência, algumas práticas do tipo gaúcho histórico, através do trabalho de divulgação do MTG, dos CTG’s e mídia, se expandiram e se consolidaram como práticas.

O “feijão com arroz”, símbolo cultural da alimentação nacional, não tem o poder agregador do churrasco, no contexto desta pesquisa, pois se dá em dias de trabalho, enquanto que o segundo se dá, principalmente, nos momentos celebrativos. Feijão e arroz são sempre citados, mas o churrasco é automaticamente associado aos finais de semana, ao “ser gaúcho”, ou ao menos, ser do Rio Grande do Sul.

Algumas receitas ou hábitos, de qualquer natureza, são eventualmente atribuídos a algum grupo étnico. No caso da farinha de milho, ao ser anunciada pelos quilombolas como a sua comida típica, encontra-se no uso do termo “fubá” (assim dito pelos interlocutores) a conexão de um tipo de alimento difundido em várias partes do mundo, que possui outras denominações, mas que ganha terminologia étnica (advinda dos grupos bantos) e se torna capital cultural deste grupo ao ser atribuída como “cultura quilombola” (por estes mesmos).

Os interlocutores da pesquisa formam, de todo modo, contribuem para a conformação do espaço cultural híbrido. De diversas formas e em distintos níveis. As nacionalidades pouco dizem sobre a produção cultural dos sujeitos, principalmente a partir do momento em que os contatos entre diferentes culturas se desenvolveu.

Pensando na possibilidade do entrevero como metáfora do híbrido, a saber, esta prática, em uma descrição densa, representa a mistura de vários sabores postos dentro de um pão cacetinho. Mesmo não tirando o protagonismo do churrasco nos relatos dos interlocutores, o entrevero aparece com muita força como uma comida de Galpão. Gastronomicamente um híbrido, pois se vale da identidade gaúcha que busca temporalidade de tempos passados, nostalgia e tradicionalismo (temporalidades lentas) e da transformação dos objetos, adaptação de materiais, tecnologias e usos (temporalidades rápidas); híbrido por ser atribuído ao grupo social gaúcho e ser praticado em várias regiões do estado (e até fora dele); híbrido por ser entrevero.

Sendo uma maneira mais elaborada de consumir carne, quando comparado ao churrasco, pois precisa, obrigatoriamente, de mais objetos para se realizar, o entrevero foi mais citado que o arroz de carreteiro durante a etnografia. Toma grandeza e título de comida tradicional na

medida em que é servido nos rodeios, nas feiras agropecuárias e ambientes tradicionalistas. Com a popularização do “disco de arado” nas lojas do gênero, já não se carece de um disco de arado de tratores, propriamente, mas de uma espécie de frigideira de grossa espessura e dimensões espartanas. Os objetos necessários e o modo de preparo da refeição lembram, na forma, a *paella*, prato típico da culinária espanhola. Desse modo o entrevero se insere nos Galpões, servindo de aglutinador social, sendo um motivo do encontro de amigos.

Cleidi Ribeiro adapta seu fogão campeiro, para o uso do disco de arado. Tira uma das tampas redondas, deixando a chama aparente e esquentando a chapa que aquece as carnes. A maioria dos interlocutores que fazem entreveros possui o aparato do tripé (armação metálica, mangueira, botijão e bico de gás). Alguns ficam permanentemente pendurados na parede, como no caso de Vinícios Negrini, Cleidi Ribeiro, Alcione Macedo, Gilberto Vargas, Ivan Silva, Josuel e Daiane, Nirdo Lima, Paulo César Silva, Rodrigo Rodrigues, Sérgio Lima e Zélia Vargas. Em uma das últimas visitas de campo, Tiago Zefredo prepara um saboroso entrevero em seu Galpão (figura 63): A etnografia participante se dá, em muitos momentos, a partir da descontração e conversas informais. Não se valem de pratos (já que a carne está dentro do pão). Comem sem precisar de cadeiras. O tripé metálico suporta o bico de fogo, maior do que o de um fogão usual. Lembra a estrutura de um fogão industrial pelo porte da chama que desenvolve. A luz azul esquentando o metal do disco; este esquentando as carnes misturadas que vão salgar o pão. A cerveja é a bebida escolhida para o acompanhamento.



Figura 63: Entrevero no Galpão de Tiago Zefredo

Fonte: Augusto da Silva Bobsin. Em 21/12/2016. São Sebastião. Três Forquilhas.

5.3 A complexidade classificatória

Afirmar de modo contumaz que a etnia toca nos hábitos contemporâneos seria deveras arriscado, no contexto da velocidade das informações e da ascensão do estrangeirismo, marcado pela presença das mídias informacionais, sobretudo para as gerações mais jovens. Bonnemaïson (2002) traz em sua escrita o fato cultural sempre carregado pelo étnico. A paisagem cultural é marcada pelo étnico, com a ressalva de que mesmo que os interlocutores das pesquisas deste ramo não se deem conta, ou que declararem ter conhecimento sobre suas origens, antepassados, ancestralidade, etc. Afirmar que é visível a presença de um *Kraal*, por exemplo, mesmo que outros autores já tenham utilizada esta classificação para os hábitos dos afrodescendentes do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, parece-me extremo. O próprio termo quilombo já foi retrabalhado desde suas origens subsaarianas. O fato, pois, de filhos e netos de uma família morarem no terreno e propriedade do pai não é comportamento exclusivo dos afrodescendentes no Vale do Três Forquilhas. A noção de *Kraal* (WEIMER, 2014) e família extensa (OLIVEIRA,

2011) pode ser estendida aos outros grupos existentes no Vale, e ao mesmo tempo irmanarem estes “grupos” em um só: O grupo dos hibridizados.

A ideia de *Kraal*, proposta por Weimer (2014) no contexto do litoral norte do Rio Grande do Sul, quando ele se reporta ao modo de morar dos negros da Barranceira, Morro Alto, Prainha, localidades do município de Maquiné, não deve ser aplicada somente aos quilombolas do Vale do Três Forquilhas: Famílias de diversas origens étnicas apresentam esta prática no Vale do Três Forquilhas. Indivíduos ou famílias nucleares de autodeclarada origem polonesa, japonesa, alemã, africana e portuguesa moram junto de seus “patriarcas” (pai e mãe, ou avós), ou, ainda mais frequentemente, no mesmo terreno, constituindo uma série de construções de uma mesma família dentro dos limites da propriedade. O caso dos Siqueira e dos Gama/Silva (ambas famílias de ascendência lusitana, do Bairro Boa Vista, Terra de Areia) é elucidativo quanto ao dinamismo acerca das possíveis nomenclaturas e conceitos semelhantes ao *Kraal*⁹⁴ e no contexto da produção de representação culturais simbólicas. Os “Siqueira”, apesar de tantas migrações rurais/urbanas desenvolvidas por membros da família, tão frequentes na região, possuem atualmente quatro casas de moradia e um Galpãozinho no mesmo terreno de seus patriarcas. Já os diversos Galpões, galinheiros, estrebarias (“Casa das vacas”), casa da lenha (onde madeiras e troncos ficam armazenados) e casas no terreno dos Gama/Silva apontam o portfólio de alternativas encontradas para satisfazer o programa de necessidades. A produção de leite e ovos, os animais de corte e algumas plantas, fazem do manejo necessário a razão de tantas construções no mesmo terreno, onde a coexistência das duas famílias nucleares se dá em forma de vizinhança, porém sem separação física. Neste caso, o parentesco, através da posse da terra é o que une as duas famílias. Com isso os herdeiros e seus cônjuges se dispõem e se adaptam em várias casas construídas no mesmo terreno dos pais. Diversas outras famílias entrevistadas poderiam ser enquadradas nesta descrição de ambiente e cultura familiar.

5.4 Sistema de Galpões

Os objetos, mais do que simples coisas (SANTOS, 2006), trazem consigo o fato de terem sido culturalmente construídos. Suas conexões e arranjos, quando se dão para a

⁹⁴ O próprio estudo de Weimer (2014) aponta esta categorização do morar para populações sul africanas que lidam com pastoreio. Há sugestões filológicas de que o termo deu origem à palavra curral, pelo formato da edificação que protege famílias e gado. Pode-se aventar que seja mais apropriado para populações quilombolas, de fato, pois o agrupamento se assemelha mais a um aldeamento. Contudo, atento para não desenvolver apenas uma comparação simples ou direta, especifica-se que os demais casos citados constituem agrupamentos em terrenos de propriedade formal. Este aspecto de paisagem cultural é o que mescla e o possibilita variações hipotéticas. Aparece como ressaltado aspecto híbrido, posto que não há (ou aparenta) coerência em tal “regularidade”.

continuidade das práticas dos grupos humanos, constituem os sistemas de objetos. A sociedade, como um todo, representa um grande cruzamento de sistemas de objetos. A síntese deste com os sistemas de ações constitui o espaço geográfico.

No âmago da sobrevivência e satisfação das necessidades básicas do viver e do trabalho, alguns casos de Galpões se mostraram complexos em suas feições visíveis. Nomeio estes casos como “sistemas de Galpões”. Várias visitas ao longo da pesquisa possibilitam esta estrutura de análise: No Caso da propriedade de Alex Trespach, se trata de três diferentes Galpões, interligados, cumprindo diferentes funções, porém dentro dos objetivos do trabalho e convívio entre os habitués. Este sistema de Galpões já foi descrito no subtítulo “Galpão oficina/ Galpão depósito”, do capítulo quatro.

Para Eliseu Justin, as necessidades do trabalho, gastronomia, e abrigo dos carros, que também já foram tratadas em “Galpão oficina/ Galpão depósito”, são satisfeitas em uma construção somente, que foi ampliada ao passar dos anos a partir de sua forma original. Com a necessidade do trabalho fora do âmbito agrícola/rural, e as mudanças nos hábitos cotidianos (nem todos residentes da casa trabalham na agricultura), a forma e função dos objetos se adéqua, através do trabalho, da construção dos sistemas de objetos (novas repartições do Galpão) e mudanças na paisagem cultural. É um Galpão com forma coesa, monobloco, mas subdividido por funções.

No caso de Gilnei Neubert, o fato do proprietário trabalhar com extrativismo vegetal, silvicultura, manejo de madeira e ser praticante de esporte equestre, fez com que muitas necessidades técnicas/operacionais surgissem na propriedade. Os objetos e construções (Galpões) se dão a fim de satisfazer as necessidades das ações culturais e laborais. O caso da propriedade dos Neubert se assemelha, em se falando de sistema de Galpões, ao caso dos Moretto, pois possuem diversos Galpões dispostos na propriedade, cada qual com uma atribuição e uma nomenclatura distinta. Não somente a propriedade dos Moretto (Fazenda/Piquete Cheiro da Mata), mas em diversos momentos, o que se nota são os piquetes de laçadores apresentando sistematicamente um programa de necessidades que envolve a presença de muitas construções. Os Galpões são as construções protagonistas nestas dinâmicas.

Existem ainda casos de estabelecimentos que, devido ao adensamento da tecnificação e especialização da agricultura, adaptam e empreendem Galpões especificamente para atividades do setor primário. É o caso de João Brehm: Além das estufas para as mudas, do “Galpão de trato”, para armazenamento de ração animal, e Galpão depósito, para estocar peças de manutenção de tratores e arados, existe o “Galpão de verdura”. Este último apresenta toda estrutura projetada para o carregamento do caminhão de grande porte que a família possui,

tendo a parte frontal mais alta que os fundos, possibilitando que os funcionários (família) organizem a carga que irá ser vendida em Porto Alegre (Ceasa). As varandas, extensões de águas do telhado principal, albergam dois tratores e um carroção. Alguns implementos agrícolas também são protegidos por telhados fixados a partir do Galpão principal. Outras carretas (carros de boi adaptados), puxadas pelos tratores são guardadas no Galpão. Em seu interior existem muitas caixas, e a presença das pessoas ali é substancialmente vinculada ao manejo dos produtos (beterraba, couve-flor, milho). A alimentação se dá na casa. É um Galpão construído e pensado especialmente para o trabalho cotidiano. Fotos tiradas a partir de aviões estão enfeitando a parede da sala. É uma prática que Cau, vizinho de João, também apresenta. Através destas fotos pode-se ver a evolução técnica da propriedade de João: Onde antes havia somente o “Galpão de açúcar” (engenho) e a bagaceira (onde se deposita o bagaço da cana), hoje se nota um sistema de objetos (Galpões) que atende a demanda cotidiana da propriedade, ao passo de sua especialização de serviços (cultivo de hortifrúteis) e complexidade (atender ao mercado consumidor com velocidade produtiva e de transporte).

Muitos outros casos nesta pesquisa poderiam servir para elucidar os sistemas de Galpões como um sistema de objetos, espacializando a vida na propriedade, sendo a feição visível do espaço praticado.

Os Galpões são objetos complexos produzidos cotidianamente ao passo de suas relações com as ações, conforme a proposta dialógica de Santos (2006). Tais relações são motivadas pelas necessidades diárias de sobrevivência e trabalho, atividades culturais e diferentes níveis do agir (simbólico, formal e tecnificado). O que ocorre, dada esta relação e estas duas naturezas de sistemas, é o próprio espaço. Neste campo observa-se, nos momentos de etnogeografia desta pesquisa, as mudanças de hábitos (ou resistências) que compõem, mesmo que subjetivamente, a feição visível do espaço (paisagem) e seus sistemas.

Em estudo, a paisagem cultural revela a síntese dos diferentes sistemas, sendo construída pela cultura e elemento influente desta. Contudo, Santos, em seu “Espaço e Método” afirma que

Forma, função, processo e estrutura devem ser estudados concomitantemente e vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo. A descrição não pode negligenciar nenhum dos componentes de uma situação. Só se pode compreender plenamente cada um deles na medida em que funciona no interior da estrutura total, e esta, na qualidade de uma complexa rede de interações, é maior que a mera composição das partes (SANTOS, 1992, p. 52).

Em comparação com as ideias de sistemas de ações e os sistemas de objetos, Santos (2006) incorpora a importância de feições visíveis (forma) e invisíveis (função e processo). As feições invisíveis acabam por ser notadas ao passo que, ao serem concebidas, dão-se para algo (função), dentro de um sistema dialético de acontecimentos (processos). Esta estrutura de pensamento não é antagônica aos sistemas de ações e objetos. Esta “rede de interações” é a própria síntese da relação entre os sistemas, podendo ser relidos, levando em conta sua presença na paisagem a partir de elementos que pontuam sua existência. As quinchas (coberturas), fachadas frontais, paredes com frestas, adaptações vernaculares, “puxadinhos” que protegem o maquinário agrícola ou que unem a casa de moradia aos cômodos que se prestam para outras funções, tudo isso compõem o elemento “forma” nesta análise. O labor, a estocagem, armazenamento, ou mesmo os momentos de descontração, são elementos de função. As necessidades de cada família em se construir ou seguir mantendo um Galpão são processos que cingem no econômico, cotidiano, tradicionalismo. Tocam, enfim, no cultural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 64: Placa indicativa no centro do município de Três Forquilhas.

Na residência dos Ouchi's existe um *botsudan*. Este não representa o mesmo que um *nihonma*, pois é ambiente exclusivo para a prática e simbologias budistas, porém possui, assim como no *nihonma* dos Sato's, um quadro com *kakezu* (caligrafia nipônica) e outros símbolos. Sr Tadau e Dona Shiseno Oushi afirmam praticar o exercício *taisô* (um tipo de ginástica), próprio para idosos, que é transmitido pela rede NHK de televisão (por assinatura).

Masaharu Asso diz que praticou por muitos anos, em seu *nihonma*, o *kakezu*. Serve para serenar a alma. Sua casa possui, apesar da arquitetura totalmente ocidental, muitos elementos japoneses, como bonecas típicas (*kokeshi*), xícaras e bules de chá e reproduções da ave símbolo do Japão (*Tsuru*).

Nesta trajetória, na região onde nasci, redescubro os grupos sociais e noto o hibridismo ao passo das características peculiares, das misturas e dos diferentes níveis de permeabilidade entre as representações. Reencontro Sílvio Santana, líder comunitário da Barra dos Quirinos. Sempre foi um colaborador em minhas pesquisas, desde o tempo de minha graduação. Quase esqueço de fotografar seu Galpão. Me mostra suas “artes” (materiais e ferramentas) de pesca. Em seu Galpão existe ainda um jirau: Um mezanino, bem simples, para guardar as artes. (Relato de campo. Terra de Areia, 9 de janeiro de 2017).

6.1 O Galpão de Ariadne

Afirmar os reais motivos de uma ou outra família ter construído um Galpão é uma alegação muito subjetiva para qualquer pesquisador. Demanda de reflexão, ponderação e revisão histórico/cultural, entre outros aspectos. O estudo da cultura é uma interpretação e não uma proposição (preponderantemente) analítica. A descrição densa (GEERTZ, 2008), na seara da cultura e do cotidiano, é uma forma que a geografia encontra, junto com o processo de vivência, observação e diálogo, para demonstrar uma determinada região em suas características, em sua expressão visível: A paisagem cultural.

A função da geografia cultural pode possibilitar o conhecimento, registrar as práticas e representações sociais, analisá-las sobre a égide dos conceitos geográficos: cartografá-las. Se proponho uma entrevista e uma visita os interlocutores apresentam sua opinião enquanto indivíduo; seus motivos para a construção de uma extensão da casa, com aparência rústica e remetendo aos valores estéticos do tradicionalismo. Vem de uma influência gaúcha esta forma de arquitetura (assim denotada na pesquisa bibliográfica e de campo) mas ela não é hegemônica, caso fosse, o Rio Grande do Sul inteiro seria um território de Galpões, e as cidades teriam uma aparência semelhante ao mês de setembro do Acampamento Farroupilha do Parque Harmonia. O ímpeto da construção toca de maneira diferente em cada pessoa, e mesmo que o imaginário artístico, como músicas e poesias, falem de Galpões de costaneira, madeirame sem acabamento ou rusticidade, ainda há de se levar em conta o aspecto particular de cada empreendimento (ato de fazer, ou manter, um Galpão). Ou ainda o habitue dos Galpões o fez por um sentimento de manter a forma arquitetônica que o pai já havia experimentado, ou por indução da estética presente na vizinhança. O teor do apego aos movimentos culturais de cunho regionalista de um entrevistado é diferente do sentimento de seus pares, assim como qualquer outro sentimento humano/ocidental/contemporâneo, como os sentimentos pátrios, clubista/futebolísticos ou religiosos, por exemplo. Se não o fosse deste modo a paisagem do Vale do Três Forquilhas (e a do mundo todo) seria cartesianamente homogênea em seu caráter antrópico. Os indivíduos possuem suas particularidades. Não cabe a geografia trabalhar estes detalhes, mas cabe a ela identificar aspectos de semelhanças paisagísticas (estética das propriedades, valor arquitetônico regional), tendências dos grupos sociais e possibilidades de aportes históricos e étnicos (considerando o fator do trabalho) que influenciam (mais ou menos) tais ocorrências.

Penso que o caso dos Galpões enquanto espaço de trabalho, de cozinha suja, de casa dos arreios, de casa do forno, está objetivamente entendido, pois sua funcionalidade, praticidade e rudeza se justificam frente ao programa de necessidades de um determinado proprietário,

encarregado ou situação laborais de uma propriedade rural. A prática social em questão é o fato de que diversos grupos sociais (chamados algumas vezes, nesta pesquisa de grupo étnico ou grupo de descendentes de imigrantes) reservam porções de seu território (RAFFESTIN, 1993) particular para cultivarem, com mais ou menos sentimento de nacionalidade, etnicidade, ancestralidade ou tribalismo (sabido como tal, ou não), práticas sociais diversas do cotidiano ou em datas especiais. Surgem daí alguns registros de conversas em idiomas não lusitanos, gastronomia com evidente abundância de carne, nomes próprios (regionais) para objetos de trabalho, entre outras tantas representações sociais que esta cartografia não pode, por hora, dar conta.

Qualquer estudo sobre qualquer coisa representa um novelo, onde o Teseu da situação, apropriado de suas experiências bibliográficas, vivências, empirismos e linhagem acadêmica, puxará o fio condutor para o lado que quiser. A dicotomia “ocidente versus grupo social/étnico” representada pelo “nihonma/Galpão versus casa ocidental”, foi apenas um vetor de escrita e possibilidade de elucubrações sobre o hibridismo cultural em um recorte regional. Uma escrita relativa aos processos de hibridismo poderia ter sido feita na mesma região, porém com o “vetor” música, por exemplo. Escolhi a paisagem cultural como conceito pois esta me saltava (como ainda salta) aos olhos, materializada nas diferentes formas de reprodução social de meus conterrâneos, especialmente nos Galpões.

6.2 Considerações Finais

Pela crescente complexidade das demandas da organização industrial e comercial, o que emerge cada vez mais é que o Estado não está em posição de conduzir a bom termo — até o necessário grau de detalhe, nem com a rapidez de execução que se impõe — os empreendimentos para os quais ele deu a impulsão geral. Ele encontra dois obstáculos principais: a rigidez administrativa que vem dos gabinetes e o provincianismo que vem de outros lugares” (LA BLACHE, 1994:324 [1917]).

O modo de vida influencia no uso dos recursos possíveis para a sobrevivência. Em suma, o modo de vida é uma mescla de influências entre os recursos disponíveis para a sobrevivência de um determinado grupo social com os hábitos produzidos (por eles) no meio. Mesmo séculos depois da consolidação destes tipos humanos (gaúcho, colono/imigrante, sesmeiro, etc) e suas inevitáveis adaptações híbridas frente ao processo de tecnificação do espaço, o modo de vida ainda influencia a cultura de uma determinada região: A escolha pelo rústico, o louvor dos valores masculinizados da força e da ética do trabalho provém do tipo de vida que os colonizadores (inclua-se aí os hibridizados habitantes, frutos de relações interétnicas) tiveram

de empreender para sua sobrevivência ainda se fazem presentes (de certo modo) em um aspecto da ciência geográfica, na paisagem cultural.

Não é de hoje que a academia vem visitando a temática gauchesca, o que é notado pela gama de artigos, dissertações e teses no referencial deste trabalho. A (re) invenção da tradição também é marcada por debates e pesquisas⁹⁵, como o apontamento de Luvizotto (2010), que vê o CTG como um cenário que incentiva o culto acerca das tradições gauchescas. Observa-se que é a instância regulamentadora deste conglomerado de representações, e que o espaço autêntico do cultivo tradicionalista gaúcho seja o Galpão de cada um que o constrói: Além de ter sido incorporado pelo CTG (este, enquanto instituição) como um dos símbolos da cultura gaúcha, o Galpão (e sua estética) ultrapassa isto. Está em muitas casas, mesmo que os seus praticantes não se deem conta do complexo invólucro cultural/híbrido que esteja presente em tal edificação. Não precisa, necessariamente, estar dentro ou ser um CTG. Porém, o espaço destinado ao culto das tradições gaúchas, que existe em todo CTG (LUVIZOTTO, 2010) é, notadamente, o Galpão.

Frente aos conceitos clássicos desta ciência, lidar com Etnogeografia foi um grande desafio, segmentado em diversos capítulos deste percurso: O fato de ter uma aparência germânica (por exemplo) no Vale do Três Forquilhas não é nada anormal e nenhum empecilho; a não ser que tal indivíduo esteja fazendo um trabalho científico sobre etnicidade, arquitetura, gastronomia e representação social que deve primar pela neutralidade acadêmica. Ser “de fora” ajudaria ao eventual pesquisador desta, e de qualquer outra região, no quesito “olhar externo” e “estranhamento”. Com a mesma convicção, acredito que seria difícil e custoso “ser de fora” e ter acesso ao interior das propriedades, casas e cotidianos visitados ao longo da investigação. Morar em um bairro onde existem duas comunidades quilombolas fez da investigação sobre a existência de um espaço doméstico de representação social deste grupo um difícilíssimo exercício; separar a amizade do trabalho, a familiaridade com a teoria, a ciência com a vizinhança. Nem tudo que é próximo é fácil, tampouco impossível.

A dita (acreditada anteriormente) herança cultural dos portugueses açorianos desta região se apresenta como elemento de resistência em um processo de multiculturalismo e tecnificação do cotidiano, que fez com que os hábitos europeus se aproximassem do modo de vida gauchesco, modificando os empreendimentos produtivos, locais de beneficiamento dos produtos primários, produzindo mais Galpões, de modo que os únicos exemplares legítimos,

⁹⁵ Nota-se um interessante volume de pesquisa acerca de tal especificidade, como os trabalhos de Oliven (1992/2006) e Tau Golin (1993) no sentido histórico. Na Geografia destacam-se Haesbaert (1999) e Heidrich (2012a).

concretos e tangíveis daquele estilo arquitetônico (ilhéu) somam menos do que os dedos de uma mão. São elementos de resistência de um tempo, e de relações de temporalidades lentas. Ainda assim a religiosidade católica (bandeira do divino, terno de reis, capitão do mastro, alferes da bandeira), os sobrenomes, a gastronomia (peixe, farinha, açúcar mascavo) e a linguagem fazem com que tal região demonstre uma sensível vertente lusitana, nem que seja somente em capital cultural e subjetividade. O que, antes da pesquisa, parecia lusitanidade em forma de paisagem cultural (platibandas ao longo das fachadas da rua do comércio no centro de Terra de Areia) já se apresenta como elemento usual para proteção contra o vento, espaço de publicidade (o nome da empresa ou comércio) ou distinção social (esconder as águas do telhado, para parecer mais moderno ou urbano/industrial).

O que foi atribuído, ao longo da escrita, como “subjetividade” pode, no caso da herança cultural africana e ameríndia, ser entendido como “esperteza”. Um exemplo são as adaptações e misturas religiosas feitas pelos afrodescendentes, dando nomes de santos católicos aos orixás, constituindo elementos de resistências culturais (BURKE, 2008), já largamente estudadas no campo cultural e antropológico. Espertezas que nascem como defesas, a partir das violências e etnocídios (Bonnemaison, 2002) sofridos por certos grupos, e criam um panorama fértil para o hibridismo cultural, em matizes do ambiente doméstico, religioso, entre outras variações.

Subtítulos dos capítulos, como “o mapa do Galpão”, “os bichos do Galpão”, “Galpão garagem/Galpão varal”, “Galpão oficina/ Galpão depósito”, “o não Galpão”, poderiam simplesmente serem chamados, todos, de “Hibridismo de (no) Galpão”, pois foi este elemento que motivou perguntas, possibilidades e levantamentos de diversos conceitos. O hibridismo que motivou, e compôs no texto, a etnogeografia. A multifuncionalidade de alguns Galpões, ou vários Galpões em uma propriedade alcunharam (ou se fizeram alcunhar) ao longo da pesquisa o uso da expressão “Sistema de Galpões”. Não era algo desejado ou imaginado no anteprojeto, mas sim uma tendência para o trabalho de descrever os hábitos e o relacionamento do homem com a construção do espaço, através das ações e dos objetos.

Outro elemento do estilo em aparência e paisagem cultural é a vernacularidade, que sempre foi uma temática, acerca da categoria, muito difícil: O grupo social que hoje constrói Galpões (o brasileiro meridional, o tradicionalista e o praticante do nativismo, de todo modo) não é o mesmo que outrora edificava Galpões para fins de sobrevivência, ou essencialmente para trabalho (entenda-se forma de sobreviver através da relação com o meio natural). Alguns indicativos e tendências, na construção (ser, preferencialmente de pau a pique, costaneira ou pau roliço, ter os arreios e outros objetos de trabalho pendurados nas paredes), foram tomando importância substancial durante os anos (de existência do tradicionalismo) e acabaram sendo

elementos relativizadores da suposta essência vernacular dos Galpões na atualidade. Como se fosse uma regra que poucas vezes (no contexto desta pesquisa) fora quebrada.

A necessidade de luminosidade para exercer atividades de trabalho no espaço interno é aceita, genericamente, como uma das explicações para o uso, e posterior criação da tendência, de grandes portas em Galpões de todo tipo. Se este tipo de Galpão (sem energia elétrica, servindo somente ao labor) influenciou no uso de tal nomenclatura para determinar outras construções, hoje se vê Galpões sem as tais portas grandes, sem um dos lados permanentemente abertos. Possuindo objetos de tempos técnicos mais rápidos, estas construções são igualmente Galpões, ainda que suas formas se desvinculem do viés tradicional/regional, este, muitas vezes, imposto por movimentos de culto ao gauchismo, tradicionalismo ou modos de vida.

Do Galpão de Deni Teixeira, até o Galpão de Cleiton Swartz existem diferenças de forma e usos dos objetos/empreendimentos: As portas deixaram de ser amplas, o piso de cerâmica está presente, bem como objetos tecnológicos integram o cenário. O uso de cocheiras é comum nos dois casos, sendo que no primeiro caso, a presença de animais se dá para a pecuária familiar e esporte equestre, enquanto que no segundo, se justifica somente pela prática esportiva. O diferente nível nos acabamentos demonstra o objetivo de cada Galpão; se o primeiro não carece de menor preceito estético (beleza, primor em detalhes), o segundo justifica sua existência (em partes) ao exercer uma apresentação e presença de características, símbolos e éticas pré-determinadas⁹⁶. Dado o Galpão, o pelego pode servir somente para encilhar⁹⁷ o cavalo, ou somente enfeitar o sofá e cadeiras; ou para as duas coisas.

Sua existência lúdica (a que suscita a tradição dos “antepassados vaqueanos”, dos “tauras valentes”, como as poesias e músicas exaltam [ver em anexos]) se mistura ao fato de que, em algum momento da história, o Galpão tenha servido substancialmente como aparelho útil para a sobrevivência e, posteriormente, acumulação de capital, especialmente no caso dos “Galpões moenda”, “Galpões Tafona”, “Galpões de tambo” e de Carneação. E por ser atualmente uma mistura de elementos oriundos da vontade de reproduzir distinção social com elementos advindos do modo de vida da metade sul do Rio Grande do Sul, se torna uma representação do espaço, pois é naturalmente um híbrido: Um híbrido em etnicidade, um híbrido em funções, um híbrido de diferentes temporalidades.

⁹⁶ Em tempo: Neste caso, o Galpão de Cleiton Swartz, influenciado pelo tradicionalismo gaúcho em seu uso (geosímbolos, gastronomia), pode ser comparado mais facilmente aos *nihonma's* do Vale do Três Forquilhas. Se for utilizada a figura “universo dos Galpões”, o Galpão de Deni passa a ser melhor comparado aos *nihonma's*, pois tem na tradição (modo de trabalho) a gênese de sua forma, e nas representações sociais autênticas de um determinado tempo histórico e regional, e não em movimentos tradicionalistas.

⁹⁷ Colocar as encilhas (avios, aperos), peças necessárias para a montaria em cavalos, tanto para o trabalho quanto para o esporte.

O modo de vida e trabalho dos primórdios gaúchos, se relacionando com o meio natural (extrativismo vegetal, modo de trabalho pastoril, manejo do couro e do metal), difundiu certos valores regionais: O campeiro (tanto a comida como o jeito de ser, ou ainda a forma da casa), o gaudério, o gaúcho, dentre outros, são atribuições que marcam e produzem uma identidade para a paisagem cultural. Mesmo que as mídias informacionais e a tecnificação do espaço, através de obras de infraestrutura, como as grandes pontes e rodovias, redes de energia elétrica, telecomunicações, informática e especialização do mundo do trabalho influenciem e alterem certos aspectos da vida das pessoas do Vale do Três Forquilhas, ainda é pujante o modo de vida das gerações passadas como fator de influência, mesmo que este seja apenas uma reprodução revalorizada pelo ímpeto regulamentador de certas instituições, como o CTG, por exemplo. O caso dos nipo-brasileiros do Vale do Três Forquilhas, ao celebrarem a cultura gaúcha revela uma característica romantizada da figura histórica do gaúcho, onde este “antepassado” é apenas uma espécie de provedor de arcabouços e representações sociais, não precisando ter consanguinidade para ser o “seu antepassado” e influenciar em hábitos esportivos, gastronômicos e alimentares. Para os forquilhenses hibridizados em etnicidade, que mesmo que se entendam como gaúchos (moradores e nascidos no estado do Rio Grande do Sul) não estão, logicamente, na região de onde se originou o modo de vida dos gaúchos pampianos, sendo este modo inserido posteriormente (com a ascensão do tradicionalismo) aos hábitos culturais dos habitantes do Vale (HEIDRISCH; GAMALHO, 2012).

Uma possibilidade para eventuais olhares acerca da aparência simbólica, ou mesmo ancestral (mesmo que somente imaginada) pode ser entendida como um desmembramento, ou característica adjacente do afastamento da sociedade contemporânea com o mundo rural. A especialização dos serviços (des)organizado pela intensificação da vida de relações e capitalismo no cotidiano fez dos grandes centros urbanos (não) lugares desvinculados do caráter rural e de um entendimento de produção agrícola, por exemplo. Uma busca por alternativas ou experiências de turismo rural, pode ser contemplada, em sua provável expansão futura, na fala de Sirgado apud Zuñiga (2010, p. 288), quando “a revalorização turística da ruralidade e do ambiente decorre do divórcio forçado entre o homem e a natureza envolvente, entre a agitação e a tranquilidade, entre o urbano e o rural, entre as massas e o indivíduo”. A condição onde hoje se encontra a maior parte da população brasileira, em seu contexto citadino, urbano e industrial é um dos vetores da possibilidade do turismo rural, justamente pela condição de fetiche da mercadoria “exótica” que o rural (Galpão) aparece ante o público consumidor. O fetiche sobre a mercadoria é prática naturalizada pelo capitalismo. Os Galpões não ficariam alheios a isto.

A importância de uma etnogeografia neste estilo, se valendo dos elementos do hibridismo, serve para elucidar a paisagem cultural enquanto categoria de análise dentro da ciência geográfica. Entre os resquícios de construções e produções arquitetônicas dos imigrantes e o Galpão surgiram outras categorias de espaço doméstico, espaço comunitário, objetos e conceitos. Uma etnografia que passe entre estes expedientes, culturalmente produzidos, se valendo dos conceitos criados por diversas escolas de geografia, buscando explicar os processos de (re) configuração do espaço, só poderia se chamar etnogeografia.

O *dohio*, certame redondo onde se pratica a arte marcial japonesa *sumô*, torna-se também um expediente de evidente etnicidade nipônica no Vale do Três Forquilhas. Existe apenas uma ocorrência desta categoria no Vale. Localiza-se na frente do ginásio de esportes de Itati, sendo registrado, inclusive, em reportagens televisivas⁹⁸.

A dança *bon odori* também aparece como representação social simbólica do grupo nipônico, visto que, dentro da ideia de hibridismo, o maior divulgador desta prática em Itati, foi o Pastor Luterano Elio Müller⁹⁹. A dança chegou a ser praticada em Itati na década de 1980, em comemoração aos anos de imigração e presença japonesa no Brasil.

O *dojo*, tablado onde se pratica o *Muay Thai*, acaba por exprimir os novos elementos de identidades étnicas no Vale, mesmo que de modo subjetivo e ainda muito sutis, mas já demarcando suas microterritorialidades enquanto espaço de práticas culturais asiáticas.

Dos casos observados ao longo da trajetória investigativa, a visita na residência de Arthur Kellerman foi de grande valia para a apreciação do hibridismo cultural e dinamismo das transições temporais/técnicas que a paisagem cultural apresenta. A coligação de um Galpão gaúcho (assim alcunhado por “Seu” Athur) com uma casa típica de imigrantes alemães mostra, justamente na área central da sede do município de Itati, as sobreposições que compõem o espaço e a paisagem. Ou ainda a afirmação “sou cinquenta por cento brasileiro e cinquenta por cento alemão [...] mas cem por cento gaúcho”, também mostra a coexistência de diferentes influências culturais/estéticas, que tangem nas representações simbólicas cotidianas enquanto

⁹⁸ O canal “sportv” realizou, em Abril de 2012, uma reportagem sobre o trabalho do educador físico Jorge “Botian” Takimoto. Esta mostrava o ensino da arte marcial nipônica para os jovens, incluindo crianças, Itatienses e forquilhenses de diversas origens étnicas, o que fica evidente, ao se observar o fenótipo dos praticantes de tal modalidade. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kUzpKnYduW4> Acesso em 12 de Setembro de 2016. O programa “Patrola”, da RBS tv também registrou o trabalho do professor “Botian”.

⁹⁹ Um acervo de fotos da prática do *bon odori* foi registrado por Élio Müller, e está divulgada em sites da internet e em seus livros publicados. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qbavSLWIM4c> Acesso em 12 de Setembro de 2016. Nestas publicações o escritor ressalta o termo “Gaijin”, utilizado pelos nipônicos para se referir ao estrangeiro (no caso, o próprio Élio Müller), ao estranho ao grupo, aos que não eram nipônicos e participavam dos eventos de tal comunidade. Termo este trazido do Japão, a partir do shogunato de Tokugawa.

gastronomia, culto aos festejos populares (*kerb* e bailes) e modo de vida (rural, pequeno agricultor).

A visita na Vila dos Moreira (Residência de “Seu” Carlos Francisco da Silva), no Bairro de São Sebastião (Três Forquilhas), também suscitou questões e pontualidades acerca da etnicidade, ao passo que na visita em si e na vivência com os moradores não foi possível identificar a presença evidente de elementos ou símbolos identitários específicos ou exclusivos de tal grupo. O autoreconhecimento do grupo enquanto afrodescendente, observado na fala de Paulo Rogério da Silva, mas a não regulamentação (reconhecimento) estatal (EMATER, Fundação Palmares), são processos que mostram uma complexidade ainda presente em muitas comunidades do Brasil, onde a construção da identidade quilombola ainda está permeada por outras representações sociais, que não passam obrigatoriamente pelos conceitos pré-determinados por órgão estatais. Apesar de considerarem que a cultura gaúcha é mais propícia para a região dos Campos de Cima da Serra, os moradores da Vila Moreira utilizam de recursos linguísticos semelhantes aos dos tradicionalistas gauchescos, como “bóia campeira”, “bóia de Galpão”, etc. Afirmam que quando trabalharam com os imigrantes japoneses, como empregados na agricultura, foram sempre bem tratados, ao passo que “só se o cara é muito caco pra dizer que japonês não é bom” (relato de Carlos Francisco). Mantém, de tal modo, uma convivência sadia entre seus vizinhos itatienses, visto que a Vila dos Moreira fica próxima ao núcleo japonês de Itati.

O fato do grupo quilombola da Boa Vista (Terra de Areia) ter citado o Fubá como elemento de sua etnia, dentro de sua gastronomia e alimentação cotidiana, inspira uma busca ao significado e origem da palavra em si: Apontado como farinha feita de milho ou arroz (FERREIRA, 1975), e referenciado como um termo quimbundo (MENDONÇA, 2012), registrado em todo território brasileiro, foi uma das poucas referências que os líderes comunitários da comunidade quilombola da Boa Vista indicaram, reiterando ainda que “é de lá (África) que vem tudo, as comidas todas” (grifo meu) (Everaldo de Souza Quadros). Uma das falas que pode representar este hibridismo dos grupos afro-brasileiros, e o eventual enfraquecimento da africanidade em contato com a construção da brasilidade em si, é a explicação de Everaldo para a dificuldade de se identificar elementos quilombolas na produção cultural cotidiana: “Acaba que se dispersa”.

Esta pesquisa, de certo modo, já havia sido feita: Quando Élio Müller fala das diversas etnias colonizadoras do Vale do Três Forquilhas, quando Fábio Guadagnin fala das diversas temporalidades de Terra de Areia, quando Lauro Pereira da Cunha fala dos índios Guarany e Xoklen do litoral norte, Quando Generi Lipert fala sobre os processos emancipatórios da região,

ou Heidrich e Gamalho quando identificam os geossímbolos e territorialidade dos diversos grupos sociais, todos eles cingiram suas letras sobre a etnia. A única diferença com o atual estudo é que eles não tocaram na hibridização como assunto principal, ou ainda no Galpão, especificamente, como vetor identificado e temático de estudo.

A diferença entre os modos de vida do nordeste do Rio Grande do Sul com sua porção mais meridional, ainda assim, influenciou todo o território estadual; Em alguns casos esta influência galgou abrangência interestadual (por migração interna) ou até internacional (esta, mais específica, se trata dos restaurantes e CTG's espalhados pelo mundo, sendo também um processo comercial de exotização (ou auto exotização). É deste modo que a cultura pampiana se hibridiza com a cultura multiétnica do Vale do Três Forquilhas ao longo de século XX e mistura suas formas de lidar com o meio natural com as formas já existentes no Vale durante o século XIX. Assim surgem os Galpões do Vale do Três Forquilhas.

A ascensão do tiro de laço (oficialmente chamado de laço comprido) como esporte se soma ao motociclismo "*off road*" neste contexto temporal. É um misto de hibridismo (cultura importada) e temporalidades desiguais: Se um grupo simula o trabalho e o modo de vida rústico e insípiente na região (tiro de laço simulando trabalho pastoril), mas traduzido, de certa forma, nos Galpões, o outro grupo busca nos esportes a motor sua satisfação social. Em alguns casos estes grupos são formados pelas mesmas pessoas, ou ainda, estes pertencem aos dois grupos, não precisando estas novas tendências esportivas diminuir a importância do futebol.

Este permeado e sobreposto contexto de influências étnicas e de diferentes modos de vida compõem um panorama propício para outras manifestações culturais típicas não somente de um grupo, mas da sociedade ocidental judaico/cristã, de todo modo: A religiosidade, a gastronomia, os costumes "passados de pai para filho", o valor acerca do trabalho e do labor e a arquitetura com influência regional. Esta última foi um dos vetores que me cativaram nesta empreitada geográfica/cultural pela minha região de origem. Ter um Galpão em sua propriedade quando a sociedade impõe padrões estéticos e funcionais bem distintos da tradição regional é de fato um elemento instigador. Daí surgiu a pesquisa acerca do que ocasionava isto. Da memória que cada família anseia em preservar, dos capitais culturais que não teriam sentido se a estrutura desta parte da propriedade possuísse outra atribuição, senão esta: Galpão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner. **Os quilombos e as novas etnias**. In: O'DWYER, E. C. (Org). *Quilombos: Identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. (p. 43-83).

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1993.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

AUGÉ, MARC. **Sobre modernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã**. In: MORAES, Denis de (Org). *Sociedade mediatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. (p. 99-118).

AZAMBUJA, Darcy. **No galpão**. 7. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1955.

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. **Rodeio dos Ventos**. Porto Alegre: Globo, 1978.

BARCELLOS, Daisy Macedo de Barcelos e cols. **Comunidade Negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.

BARTH, Fredrik. **Ethnic Groups and Boundaries**. Londres: Allen & Unwin. 1969.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BECKER, Elsbeth Léia Spode; SILVA, Adriana Pisoni da; BECKER, Kalinca Léia. **A interpretação da paisagem alternativa e o turismo religioso no Distrito de Santo Antônio – Santa Maria – Rio Grande do Sul- Brasil**. OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.4, n.11, p. 86-100, out. 2012.

BERND, Zilá. **Cooperação, dependência e diálogo cultural Europa/Latino- América**. In: BERND, Zilá (org). **Olhares Cruzados**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. (p. 76-95).

BERND, Zilá. **Negritude e Literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BINKLEY, Samuel. **O Kitsch Como um Sistema Repetitivo**. Trad. Joana Negri. Disponível em www.pos.eco.ufrj.br, 2014. Acesso em 15/04/2015.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. **Maçambique de Osório- entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da maçaia**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2006.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Org.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. v.3, p. 83-132.

BOTELHO, T, M, B. **Tecnologia Popular e Energia no Setor Residencial Rural – Um Estudo Sobre Fogão a Lenha**. Dissertação de Mestrado. Coordenação do Programa de Pós-graduação de Engenharia (COPPE). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/RJ/Brasil, 1986.261p.

BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique; précédé de trois études d'ethnologie kabyle**. Seuil. Paris, 2000 (Primeira edição de 1972).

_____, Pierre. **Sociologia**. (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

_____, Pierre. **O camponês e seu corpo**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n. 26, p. 83-92, 2006.

_____, Pierre. **El baile de los solteros: la crisis de la sociedad campesina en el Beane**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2004.

_____, P. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____, P. e SAINT-MARTIN, M. **Gostos de classe e estilos de vida**. Reproduzido de *Goûts de classe et styles de vie*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n° 5, out. 1976, p. 18-43 [Traduzido por Paula Montero]. Disponível em: [http://www.unifra.br/professores/arquivos/8547/89602/gostos%20de%20classe%20e%20estilo%20de%20vida%20\(pierre%20bourdieu\).pdf](http://www.unifra.br/professores/arquivos/8547/89602/gostos%20de%20classe%20e%20estilo%20de%20vida%20(pierre%20bourdieu).pdf) . Acesso em 10/06/14.

_____, Pierre. **La Distinction**. Paris: Editions de Minuit. 1979.

BRASIL. **Constituição** (1988). Artigo 216. In. Planalto Central. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_216.pdf> Acesso em: 02 dez. 2016.

BROCH, Hermann. **Die Schlafwandler**. München. Winkler: 1973.

BROEK, Jan O M. **Iniciação ao estudo da Geografia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967. 155 p.

BRUM NETO, H. **Regiões Culturais: A Construção de Identidade Culturais no Rio Grande do Sul e Sua Manifestação na Paisagem Gaúcha**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Naturais e Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências. Santa Maria, 2007. 328p.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

BUTTNER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165- 193.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e política. Território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CANCLINI, Néstor G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____, Néstor G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____, Néstor G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2006a.

_____, Néstor G. Estudos sobre cultura: Uma alternativa latinoamericana ao cultural studies. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.30, agosto 2006b.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Mauricio Barros de. **O samba no Atlântico negro: patrimônio imaterial e diáspora africana.** XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidades e (Des) Igualdades. Universidade Federal da Bahia (UFBA)- PAF I e II. Campus de Ondina. Salvador, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **História do Povo Brasileiro – mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Perseu Abramo, 2000. p 11 a 29.

CHERINI, Giovani. **A origem dos nomes dos municípios.** Imprensa Livre. Porto Alegre, 2007.

CHIAMPI, Irlemar. O romance latino-americano do pós-boom se apropria dos gêneros da cultura de massas. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 3, n. 3, p. 75-85, 1996.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.

_____, Paul. Campo e perspectivas da geografia cultural. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia cultural: um século.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. v.3, p. 133-196.

_____, Paul. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.

_____, Paul. **A geografia cultural.** Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3 edição. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: Eduerj. 1998.123p. (p.7-11).

CÔRTEZ, João Carlos Paixão & LESSA, Barbosa. **Manual de Danças Gaúchas.** 3º edição. Porto Alegre: Irmãos Vitale, 1968.

_____, João Carlos Paixão & LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha.** Porto Alegre, Editora Garatuja, 1975.

_____, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj. 1998.(p. 92-122).

CUNHA, Lauro Pereira da. **Índios Xokleng e colonos no Litoral Norte do Rio Grande do Sul (Séc. XIX)**. Evangraf. Porto Alegre, 2012. 240 p.

_____, Lauro Pereira da. **A Presença do Guarani no Litoral Norte Gaúcho. Mil e um papéis em mais de mil anos**. Evangraf, Porto Alegre, 2014. 199 p.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social – Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DEFFACI, Kátia Salib. **“OÔ DE CASA!”: Um processo de criação cênica a partir da vivência com mulheres da rota do tropeirismo gaúcho**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Processos de Criação Cênica. Porto Alegre, 2012. 100p.

DI MÉO, Guy. Patrimoine et territoire, une parente conceptuelle. In: **Espaces et Sociétés**, Éditions L' Harmattan, n.78, 1995.

DIAS, Valton Neto Chaves. **O Consumo de Música Regional como Mediador da Identidade**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria, 2009. 110p.

DURAYSKI, Juliana. **Tomas um Mate?: Uma análise da Cultura de Consumo do Chimarrão em um Contexto Urbano**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Administração, São Leopoldo, 2013.119p.

DUTRA, Claudia Pereira. **A Prenda no Imaginário Tradicionalista**. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Porto Alegre, 2002. 136p.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. 5. ed. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FARIA, Pollyana de Oliveira. **Uma análise geográfica da modernização socioespacial brasileira a partir da cultura e música caipiras e da música sertaneja**. Monografia (graduação em geografia) Universidade Federal De Uberlândia, Uberlândia 2010. 100p.

FERRETTI, Sergio F. Depoimento, In: SÁ, Aríete B. e Outros. **Memórias de Velhos**. Depoimentos Vol. VI. Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: SECMA/CMF, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. xix, 1499p.

FIRTH, Raymond. **Tipos Humanos**. Trad. Miguel Maillat.- Ed. Ver.- São Paulo: Mestre Jou, 1978.

FONSECA, Cláudia. **O Internato do Pobre: Febem e a organização doméstica em um grupo porto-alegrense de baixa renda**. Temas IMESC, sociedade, Direito, Saúde. Porto Alegre. 1987.

FONTANA, Ricardo. **O Brasil de Américo Vespúcio**. Brasília: Linha Gráfica; UnB, 1995.

FONT, Joan Nogué; RUFÍ, Joan Vicent. **Geopolítica, Identidade e Globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

FORTUNA, Carlos. A Paisagem da Ruína Urbana. In: FORTUNA, Carlos (coord.); GONÇALVES, Adelino; CARVALHO, José Maças de; LEITE, Rogério Proença; PEIXOTO, Paulo; ABREU, Paula; FERREIRA, Claudino. Cescontexto. **Paisagens Socioculturais Contemporâneas**. Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. Coimbra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 264 p.

_____, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo Cezar Vargas. **Mboroviré: A Erva-Mate no Paraguai Colonial**. Dissertação (mestrado) Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em História. Brasília, 2011. 316 p.

FREIRE FILHO, João. **Mídia, Consumo Cultural e Estilo de Vida na Pós- Modernidade**. In: Revista ECO-PÓS. vol. 6, nº. 1. 2003.(p.72-97).

FUÃO, Fernando Freitas. et al. **Galpões de triagem: uma abordagem espacial arquitetônica**. V!RUS, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=8&lang=pt>>. Acesso em: 23 06 2016.

GABLE, Eric. Paisagens invisíveis. Herança histórica, esquecimento e a problemática da identidade. In: **Patrimônios e identidades**. Ficções contemporâneas. Oeiras: Celta Editora, 2006.

GARCIA, Elisa Frühauf. **As Diversas Formas de Ser Índio: Políticas Indígenas e Políticas Indigenistas no Extremo Sul da América Portuguesa**. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007. 320p.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1ed., 13reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. 3. Ed. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GUADAGNIN, Fábio. **Identidades Espaço-temporais em Terra de Areia/RS: um estudo sobre o tempo e a Geografia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre. 2008. 133p.

GUERRA, Isabel. **Modos de vida. Novos percursos e novos conceitos**. Sociologia, Problemas e Práticas. Lisboa, 1993. P 59-74.

GUIMARÃES, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. **Arquitetura kitsch: suburbana e rural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190. (Série Geografia Cultural).

_____, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Esquema para dialogar com descartógrafos**. In: WASHINGTON, Claudia; ARAÚJO, Lúcio de; GOTO, Newton. Recartógrafos. Edição do autor, Curitiba, 2010. 60p. (p. 33-41).

_____, Álvaro Luiz. **Território e cultura: argumento para uma produção de sentido**. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz, PINÓS DA COSTA, Ben Hur; ZEFERINO PIRES, Cláudia I (Organizadores) Maneiras de ler : geografia e cultura. Porto Alegre: Imprensa Livre : Compasso Lugar Cultura, 2013.(p. 52-61).

_____, Álvaro Luiz. **Aspectos Culturais e Ideológicos da Construção da Regionalidade Gaúcha**. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luiz Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (Orgs). Rio Grande do Sul – Paisagens e Territórios em Transformação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. (p. 243-260).

_____, Álvaro Luiz, GAMALHO, Nola Patrícia. **Paisagem, territorialidades múltiplas e temporalidades diversas: uma leitura da paisagem do Vale do Rio Três Forquilhas (RS)**. In: VERDUM, Roberto (org). Paisagem: Leituras, significados e tranformações. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. 256 p. (p. 189-206).

HORIGOSHI, Erika. **Observações sobre mestiçagem e preconceito cultural na literatura contemporânea nipo-brasileira**. Desmedida – Revista da Pós-Graduação em Literatura da UNITAU Volume 1 – Número 1. Taubaté, 2010.

IBGE. **Censo 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:<http://censo2010.ibge.gov.br/>Acesso em 25 de abril de 2016.

IBGE. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=HYPERLINK> Acesso em 08/03/2016.

KERN, A.et al. **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. 356 p.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **La France de l'Est (Lorraine-Alsace)**. Paris: Armand Colin 1994 [1917]).

LAMBERTY, Salvador F. **ABC do Tradicionalismo Gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

LARA, Elizabeth Rizzato. **O gaúcho a pé. Um processo de desmistificação**. Porto Alegre: Movimento: Fac. Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DE CAMPINAS. 1996. Disponível em: <http://www.campi-nas.sp.gov.br/smenet/seminario/seminario_pronto_jorgelarrosa.htm>. Acesso em: 24 de mar. De 2006.

LEAL, Toledo G. Em busca de uma fundamentação para a memética. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 1, p. 187-210, Jan./Abril, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEMOS, Carlos A. C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto (Coleção Repensando História), 1989.

LEVI-STRAUSS, C. **Totemismo hoje**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LIPERT, Generi M. **Terra de Areia: Idéia, sonho e realidade**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1991.

LOPES, Carlos Renato. **Em busca do gênero lenda urbana**. Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 2, p. 373-393, maio/ago. 2008.

LOPES NETO, J. S. **Contos gauchescos e lendas do sul**. 10 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. A. (Re) Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001. p. 9-28.

LUVIZOTTO, CK. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 140 p.

MACHADO, Carmem Janaina Batista. **Comida, Simbolismo e Identidade: um olhar sobre a constituição da italianidade nas colônias Maciel e São Manoel – Pelotas (RS)**. Monografia (dissertação). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2011.

MACIEL, Maria Eunice. **Le gaúcho brésilien: identité culturelle dans le sud du Brésil**. Tese de doutorado. Université Paris V, 1994.

MAIA, Rosemere Santos. **Casa, pra que te quero? Uma Análise Sobre as Velhas e Novas Formas e Funções das Moradias Populares.** In: HEIDRICH, Álvaro Luiz, COSTA, Benhur Pinós da, PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (organizadores). Maneiras de ler: geografia e cultura [recurso eletrônico] Porto Alegre: Imprensa Livre : Compasso Lugar Cultura, 2013.364 Kb ; PDF.

MANFRINATTO, Ana. Sorry. **“Liberdade”.** In: Especial 100 anos da imigração japonesa – As surpreendentes histórias do povo que ajudou a mudar o Brasil. São Paulo: Editora Abril, 2008.

MARCUZZO, S.; PAGEL, S.; CHIAPPETTI, I. **A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica do Rio Grande do Sul: Situação atual, ações e perspectivas.** São Paulo: José Pedro de Oliveira Costa. 1998. 60p.

MARIANI, Milton; SORIO, André; PALHARES, Carolina (orgs). **Carne ovina, turismo e gastronomia:** A culinária sul-matogrossense de origem pantaneira, sírio-libanesa, gaúcha e nordestina. Passo Fundo: Méritos, 2010.116 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía.** Ciudad de México: Gustavo Gili. 1987.

MAYNARD-SMITH, John. **The Theory of Evolution.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MEINERZ, Nádia Elisa. **Mulheres e masculinidades: Etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre.** Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2011.245p.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil.** Brasília: FUNAG, 2012. 200 p.;

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, (Dicionários Michaelis) 1998. 2259p.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização de entrevista não- diretiva em sociologia. In.: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquête operária.** São Paulo: Polis, 1980. p. 191-212.

MOISÉS, Leila Perrone. **Vinte Luas, Viagem de Palmier de Gonneville ao Brasil 1503-1505**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

MONTEIRO, R. H. & ROCHA, C. (Orgs.). **Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2013.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. A relação urbano-rural no Brasil contemporâneo. In: RANDOLPH, R.; SOUTHERN, B. (orgs.). **Expansão metropolitana e transformação das interfaces entre cidade, campo e região na América Latina**. São Paulo: Max Limonad, 2011, p.221-239.

MOREIRA, Ruy. **O Pensar e Ser em Geografia: Ensaio de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

MÜLLER, Elio Eugenio. **Gente de Dois Mundos. Em Comemoração aos 25 da Colônia Japonesa de Itati**. Italprint, Curitiba/ PR.1993.

_____, Elio Eugenio. **De Pés e a Ferros- Coleção Memórias da Figueira- Volume 1**. Curitiba: AVBL. 2009.

_____, Elio Eugenio. **Dos Bugres aos Pretos- Coleção Memórias da Figueira- Volume: III**. Bauru/ SP: Editora AVBL, 2009.

_____, Elio Eugenio. **Face Morena – Coleção Memórias da Figueira– Volume: V**. Bauru/SP: Editora AVBL, 2011.

NABOZNY, Almir. **Abordagens Culturais na Geografia Brasileira: Uma compreensão**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Porto Alegre, 2014.290p.

NUNES, Zeno; CARDOSO, Rui. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins livreiro, 1993.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das Macumbas à Umbanda– Uma Análise Histórica da Construção de Uma Religião Brasileira**. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.

OLIVEIRA, Daiane André de. **Família Extensa: Uma alternativa para a proteção de crianças e de adolescentes vítimas de violência?** Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.80p.

OLIVEN, Rubem George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil- nação.** Petrópolis: Vozes, 1992.

_____, Rubem George. O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo: Vértice: ANPOCS, v.3, n.9, p. 3-14. Fev, 1989.

_____, Ruben George. **Expressões da cultura gaúcha.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

_____, Rubem George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação.** Petrópolis: Vozes, 2006 (2ª edição).

PACHECO, Luis Orestes. **Como o Tradicionalismo Gaúcho Ensina Sobre Masculinidade.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós- Graduação em Educação. Porto Alegre, 2003.

PISTORELLO, Daniela. **As estratégias de produção do passado: usos dos bens que compõe o Projeto Roteiros Nacionais de Imigração.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi: memória - história.** Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, v.1; p. 51-86, 1985.

POZENATO, José Clemente. **O regional e o universal na literatura gaúcha.** Porto Alegre: Movimento: Instituto Estadual do Livro, 1974.

PRASS, Luciana. **Maçambiques, Quicumbis e ensaios de promessa : um re-estudo etnomusicológico entre quilombolas do sul do Brasil.** Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Música. Porto Alegre, 2009.313p.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992. 613p.

PULICI, Carolina Martins. **O charme (in) discreto do gosto burguês paulista: Estudo sociológico da distinção social em São Paulo.** Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Paulo, 2010.

RAASCH, Patricia Tatiana. As casas em enxaimel na cidade de Pomerode. In TOMASI, Julia Massucheti; RAASCH, Patricia Tatiana; PHILIPPSEN, Reges Miguel. **Percorrendo os Roteiros Nacionais de Imigração a Partir do Arquivo do IPHAN**. Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas e de Educação – FAED Curso de História. Trabalho de Conclusão de Estágio da Disciplina de Prática Curricular (graduação). Florianópolis. 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMBO, Balduino. **A porta de Torres**. An. Bot. Herb. Barb.Rod. v. 2, p. 9-20. 1950.

RAMOS, João Daniel Dorneles. **O Cruzamento das Linhas: Aprontamento e Cosmopolítica entre umbandistas em Mostardas, Rio Grande do Sul**. Tese (doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.273p.

REDFIELD, Robert. **The Little community and peasant society and culture**. Chicago: The University Chicago Press, 1989 [1960].

REIS, Rogério Costa dos. Espaço, território e territorialidade: Aspectos conceituais fundamentais. **Castelo Branco Científica** - Ano I - No 01 - janeiro/junho de 2012.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates), 1976.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

REY, Terry. Habitus et hybridité: une interpretation du syncretism dans la religion afrocatokique 'après Bourdieu. In: **Social Compass**. Louvain: Vol. 52, n. 4. Dec. 2005, p 453- 462.

RIBEIRO, Izaque Machado. **“Aguentando o Tranco”; Etnografia com Catadoras/es de Materiais Recicláveis**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Porto Alegre, 2011.105p.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Série Documentação e Pesquisa do IPHAN. Rio de Janeiro, IPHAN, 2007.

ROSA, Rafael Paulus da. **No Ritmo Binário: O Concurso de Danças Tradicionalistas e a Identidade Gaúcha no Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (ENART)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre, 2013.

ROSADO, Rosa Maris. **Na esteira do galpão: catando leituras no território cotidiano da reciclagem do lixo de Porto Alegre/RS**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, 2009. 333p.

RUBERT, Rosane Aparecida. **Comunidades Negras Rurais do RS. Um Levantamento sócio antropológico preliminar**. Porto Alegre: IICA/RS-Rural, 2005.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. In.: **Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia**, v. XXXVI, nº 72, 2001, p. 37-53. Lisboa, Portugal. Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>.

SANTOS, Gislene A. **A invenção do ser negro: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo: EDUC/FAPESP; Pallas, 2000.

SANTOS, Milton. **O povoamento da Bahia. Suas causas econômicas (contribuição para estudo)**. Salvador: Imprensa da Bahia. 1948.

_____, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1992.

_____, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 384 p.

_____, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil. Território e Sociedade no início do século 21**. Rio de Janeiro: Record, 2001, 473 p.

_____, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SAQUET, Marcos A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma nova concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19-26.

_____, Carl Ortwin. A Morfologia da Paisagem. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. (p. 12-74).

SAUTTER, Giles. **Le paysage comme connivance**. Herodote, n.16, 1979.

SILVA, Ana Cristina Mota. A contribuição do método regressivo-progressivo na análise de Henri Lefebvre: o Vale de Campan – estudo de sociologia rural. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 025-043, 2015.

SILVA, Nery Luiz Auler da. **Velhas fazendas sulinas; no caminho das tropas do planalto médio século XIX**. Dissertação (mestrado). 267 p. Programa de Pós-graduação em História. Universidade de Passo Fundo. Imprensa Livre, Porto Alegre, 2003.

SILVEIRA, Ada C. M. O Arqueio das Identidades pela Indústria cultural. In: **Comunicação & Sociabilidades**. Santa Maria: Facos/UFSM, 2001.

SIQUEIRA, A. C. Zoltowski, A.P. Giordani, J.P. Otero, T.M & Dell'Aglio D,D. Processo de Reinserção Familiar: Estudo de Caso de Adolescentes que Viveram em Instituições de Abrigo. Estudos de Psicologia. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre. Janeiro/ Abril. 2010.

SMITH, Anthony D. **La identidad nacional**. Madri: Trama Editorial, 1997.

SOMMER, Jussara Alves Pinheiro. **As mudanças na paisagem dos campos de cima da serra, RS: estratégia de diversificação econômica em São José dos ausentes**. Tese (doutorado) Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2013. 202p.

SPANEVERELLO, Rosani Marisa. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, 2008. 236p.

STIGLIANO, Beatriz Veroneze; RIBEIRO, Helena; CÉZAR, Pedro de Alcântara Bittencourt Paisagem Cultural e Sustentabilidade: possíveis conexões e subsídios para políticas públicas e planejamento do turismo. **Turismo em Análise**. Vol 22, n. 3. São Paulo, Dezembro de 2011.

TAMANINI, Paulo Augusto. **Ucranianos em Papanduva-SC: entre práticas devocionais e renegociações culturais (1960-1975)**. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas e da Educação. Direção de Pesquisa e Pós-Graduação. Programa de Pós-Graduação em História. ORTODOXOS. Florianópolis, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo, DIFEL, 1983.

VEIGA, Juracilda. **Cosmologia e Práticas Rituais Kaigang**. Tese (doutorado em Antropologia)- Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

VERÍSSIMO, Erico. **Um romancista apresenta sua terra**. In: _____. et al. Rio Grande do Sul: terra e povo. Porto Alegre: Globo, 1969 [1964]. (p. 3-14).

_____, Érico. **O Continente I**. In: O tempo e o vento. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004. p. 351.

VIANA, Luis Díaz . **O património cultural ou os consumos da nostalgia: cultura material e imaterial nos passeios turísticos pela identidade**. In: PERALTA, Elsa; ANICO, Marta (Org.). Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas. Oeiras: Celta, 2006. (p. 149- 162).

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VILLWOCK, Jorge Alberto & TOMAZELLI, Luiz José. **Planície Costeira do Rio Grande do Sul: gênese e paisagem atual**. In: BECKER, Fernando Gertum; RAMOS, Ricardo Aranha ; MOURA, Luciano de Azevedo (Orgs): Biodiversidade. Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, planície costeira do Rio Grande do Sul / Ministério do Meio Ambiente. MMA / SBF. Brasília. 2006. (p. 20-34).

WAGNER, P.; MIKESELL, M. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.: ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.p. 27-62.

WEIMER, Günter (org). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto (Série Documenta, n.15), 1987.

_____, Günter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

WIEDERSPAHN, Oscar Henrique. **A Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes/ Instituto Cultural Português. 1979.

WILDE, Gullermo. Orden y ambigüedad em la formación territorial del Rio de La Plata a fines del siglo XVIII. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.19, julho de 2003.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade- Na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. São Paulo: Hucitec, 1995.

ZILBERMAN, R. **Roteiro de uma literatura Singular**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

ZUÑIGA, Christina E. H.; et al. Turismo e suas interações nas transformações do espaço rural. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de. **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 282-296.

APÊNDICES

Cronograma Realizado

- 29/03/2015- Galpão Tafona, de Paulinho Fernandes. Linha Saraiva, Terra de Areia.
- 30/03/2015- Galpão de Valci Gama. Boa Vista, Terra de Areia.
- 30/03/2015- Galpão Maria Inaide Siqueira. Boa Vista, Terra de Areia.
- 31/03/2015- Nihonma da família Sato (Marisa, Otozo e Hideko). Itati.
- 31/03/2015- Plantação Takimoto (Jorge “Botian” Takimoto). Itati.
- 31/03/2015- Entrevista com Cirineu e Paloma. Arquitetos. Terra de Areia.
- 31/03/2015- Entrevista com Carlos Cardoso. Historiador. Terra de Areia.
- 1/ 4/2015- Fotos casas com Platibanda (primeira etapa). Terra de Areia.
- 25/5/2015- Botsudan Ouchi (Tadau, Akihiro e Sicheno). Arroio do Padre, Itati.
- 29/5/2015- Entrevista com Régis Cunha, Loja La Estância. Terra de Areia.
- 12/07/2015- Cancha do Ademir, Conversa com Deni e Raniel. Boa Vista, Terra de Areia.
- 13/07/2015- Entrevista Arno Bonho (patrão do CTG) e Ademeu Fogaça (tradicionalista). Terra de Areia.
- 13/07/2015- Galpão de Eronildo “Nirido” Lima. Terra de Areia.
- 26/07/2015- Cancha de Eroito Enguel. Galpão (chegada). Mangueira e cancha. Bairro dos Júlios, Terra de Areia.
- 26/07/2015- Cancha “Herança do Velho Pai”, de Zé Paulo. Linha Saraiva, Terra de Areia.
- 27/07/2015- Cancha de Raniel Espíndola. Cancha de laço, mangueira e Galpões. Boa Vista, Terra de Areia.
- 27/07/2015- CTG Porteira do Litoral. Galpão e Mangueira. Boa Vista, Terra de Areia.
- 7/08/2015- Edori Vieira. Oficina com Platibanda. Terra de Areia.
- 8/08/2015- Platibanda do salão comunitário da Costa do Morro, Itati.
- 08/08/2015- Enxaimel Schimidt, Kellerman, Bobsin. Itati (rua principal).

- 08/08/2015- Igreja São Sebastião. São Sebastião, Três Forquilhas.
- 9/08/2015- Entrevista com Jozé Anilton Raupp Mesquita. Escola. Centro, Três Forquilhas.
- 10/08/2015- Entrevista com Alessandra. Primeira Dama. Galpão da Amizade. Centro, Três Forquilhas.
- 10/08/2015- Platibandas no estabelecimento de Erna Menguer Blem, Vilma Lima de Santos e Viviane Gross. Bairro Serraria. Terra de Areia.
- 11/08/2015- Maria Idalina Canciane. Galpão em construção. Boa Vista. Terra de Areia.
- 12/08/2015- Galpão de Celino Ramos e Maria Eva da Silva. Boa Vista. Terra de Areia.
- 21/08/2015- Rodeio no CTG Porteira do Litoral. Galpões e mangueiras. Boa Vista, Terra de Areia.
- 24/08/2015- Dona Teresinha fala sobre a Igreja. Terra de Areia.
- 24/08/2015- Colégio Pan-óptico Laertsan/ Mendonça. Terra de Areia
- 24/08/2015- Platibanda Bailão do Jair. Terra de Areia
- 25/08/2015- Platibanda de Clóvis Alves Fagundes. Chapeador. Terra de Areia.
- 25/08/2015- Cheiro da mata. Galpões e Mangueiras. Perpétuo Socorro, Terra de Areia.
- 25/08/2015- Deni Luiz Teixeira. Casa campeira e Galpões. Perpétuo Socorro, Terra de Areia.
- 26/08/2015- Galpão de Paulo Cézár “PC” Silva dos Santos. Boa Vista, Terra de Areia.
- 26/08/2015- Adenir Quadros. Galpão. Rua das Tendas, Terra de Areia.
- 27/08/2015- Paulo Justin. Galpão "Quiosque". Terra de Areia.
- 08/09/2015-Fotos da Igreja. Missa de noite. São Pedro iluminado. Terra de Areia.
- 1/10/2015- Alcione Macedo. Galpão. Rua das Tendas, Terra de Areia
- 4/10/2015- Sérgio Nunes. Galpão. Rua da Areia, Terra de Areia.
- 4/10/2015- Zélia Mello Vargas. Galpão. Sanga Funda. Terra de Areia.
- 6/10/2015- Sérgio Luis da Silva Lima. Galpão. Boa Vista, Terra de Areia.
- 9/10/2015- Ylê “Reino de Xangô Agodo” (Umbandista). Terra de Areia.
- 26/10/2015- Galpão de Cleomar Tondin e Dênis “Véio”. Boa Vista, Terra de Areia.

- 29/10/2015- Conversa com Jose Paulo Abe. Os três alfabetos japoneses e o nome da Lan House. Terra de Areia.
- 29/10/2015- Platibandas. Auto Elétrica do Laércio. Terra de Areia.
- 30/10/2015- Josuel Schneiger e Daiane Mittmann. Galpão. Sanga Funda, Terra de Areia.
- 31/10/2015- Ivan Silva. Galpão e chacinha. Sanga Funda, Terra de Areia.
- 1/11/2015- Raniel Espíndola. Dia de atividades. Boa Vista, Terra de Areia.
- 27/11/2015- Renato Lima e o Galpão de Trabalho. Boa Vista, Terra de Areia.
- 27/11/ 2015- Preparação de um Baile de Tchê Music- Salão da SESTEa. Terra de Areia.
- 8/12/2015- Gre-nal dos músicos de Tchê Music no Campo da SESTEa. Terra de Areia.
- 11/12/2015- Juneor Brehm- Garagem: "não é em estilo de Galpão". Terra de Areia.
- 11/12/2015- Rafael "Panca" Rodrigues- Galpão da Luta. Terra de Areia.
- 13/12/2015- Restaurante Rocha e "casa do Gaúcho". Bananeiras, Itati.
- 17/12/ 2015- Enfeites de Natal na Praça de Terra de Areia.
- 4/01/2016- Casa de arquitetura Contemporânea de Sílvia Brodow. Terra de Areia.
- 4/01/2016- Galpão de Valdomiro Hoffman Quadros. Boa Vista. Terra de Areia.
- 4/01/2016- Galpão de Rodrigo de Borba Rodrigues. Laço de vaca mecânica. Terra de Areia.
- 4/01/2016- Símbolo Religioso (católico) na motocicleta de Régis Quadros. Terra de Areia.
- 5/01/2016- Suará Castilhos. Galpão para a Égua e casa "rústica, tipo Galpão". Terra de Areia.
- 6/01/2015- Galpão de Cleiton Camilo e Galpão de "Arreiares". Terra de Areia.
- 6/01/2015- Galpão/Garagem de Rogério Schutz. Bairro Olaria, Terra de Areia.
- 7/01/2016- Galpão/Bar Hélio Marmitt. Boa Vista, Terra de Areia.
- 8/01/2016- Galpão/estrebria De Luís Carlos Silveira, Costa do Morro, Itati.
- 8/01/2016- Galpão de Vinícios de Mattos Negrini. Terra de Areia.
- 10/01/2016- Festa campeira. Cheiro da Mata e entrevista com laçadores. Perpétuo socorro, Terra de Areia.
- 16/01/2016- Galpão de Gilberto Vargas, Bairro Sanga Funda, Terra de Areia

- 1/02/2016- Everaldo de Souza Quadros. "Acaba que se dispersa". Quilombolas da Boa Vista, Terra de Areia.
- 9/02/2016- Balneário Galpão da Lagoa. João Machado de Oliveira. Rota do Sol, Terra de Areia.
- 13/02/2016- Galpão destruído de Gilson Gross e almoço dos movimentos sociais de esquerda. Arroio do Padre, Itati.
- 13/02/2016- Restaurante com decoração rústica de Flávio Gonçalves. "É rústico [...] não tem nada de tradicional, na minha família nunca teve tradicionalismo". Arroio do Padre. Itati.
- 24/02/2016- Casa das Telhas. Margem da Lagoa dos Quadros. Terra de Areia.
- 25/02/2016- Churrasco da banda de *tchê music* em Galpão industrial. Terra de Areia.
- 5/04/2016- Lembranças das casas de chão batido e telhado de tiririca e cardamomo. Comunidade quilombola da Zâmbia, Terra de Areia.
- 8/04/2016- Restaurante Prusch. Carreta de boi como enfeite e produtos coloniais. Boa vista, Terra de Areia.
- 5/05/2016- Galpão Multiuso de Jânio e Cátia Tesaro. Boa Vista, Terra de Areia.
- 13/05/2016- Galpão de hortaliças e plantação de "Nardo" Silva. Boa Vista, Terra de Areia.
- 25/05/2016- Carreteiro no Galpão meia água de Cleidi Ribeiro e Ediméia Pacheco. Terra de Areia.
- 27/05/2016- Galpão de Eliseu Justin. São Sebastião, Três Forquilhas.
- 30/05/2016- Casa de Angélica Silveira. "O Feijão não pode faltar". Comunidade quilombola da Zâmbia, Terra de Areia.
- 31/05/2016- Galpão de Erandir da Silveira. Comunidade quilombola da Zâmbia, Terra de Areia.
- 31/05/2016- Galpão de Alex Trespach. Galpão de reciclagem, modelo e casinha. Boa Vista, Terra de Areia
- 14/06/2016- Galpão de Sérgio Meireles. Barra dos Quirinos, Terra de Areia.
- 8/07/2016- Galpão do Moto Grupo Trilheiros do Vale. "Galpão é improvisação, é acampamento". Centro, Três Forquilhas.
- 18/07/2016- Galpão de João Rodrigues da Silva e Maria Lima da Silva. Boa Vista, Terra de Areia.
- 18/07/2016- "Não é garagem, é Galpão". Teresinha e José Campos da Gama. Boa Vista, Terra de Areia.

18/07/2016- Galpão "e ao mesmo tempo é uma casa". Lairton Borba de Andrade. Boa Vista, Terra de Areia.

20/07/2016- Galpão de Maria Homem da Silva e Dom Pedro de Souza. Bela Vista, Terra de Areia.

11/08/2016- Conversa com "Tio Carlos" e Paulinho. Vila dos Moreira. São Sebastião, Três Forquilhas.

11/08/2016- Nihonma de Masaharo Aso. A caligrafia e a escrita japonesa serenando o espírito. Itati.

15/08/2016- Nino e Rosa: Os pernambucanos e o tempero nordestino. "Minha filha tem sangue gaúcho". Serraria, Terra de Areia.

18/09/2016- Galpão de João Frederico Brehm. "Fiz exclusivamente pra isso". Costa do Morro, Itati.

27/09/2016- Diretório do Partido Progressista. "Esquina Progressista". Terra de Areia.

27/09/2016- Comitê do PMDB. "Nós sempre fomos o graxaim". Terra de Areia.

7/10/2016- Galpão de trabalho de Sílvio Santana. "O Fogão é mais pro inverno". Barra dos Quirinos, Terra de Areia.

27/10/2016- Galpão de José Airton Silva de Quadros. "Pode vir, não tem tramela". Linha Saraiva. Terra de Areia.

7/11/2016- Quiosque de Daniel Ferrigo. "Tem origem italiana, mas o cara é gaúcho". Boa Vista. Terra de Areia.

23/11/2016- Tenda Santa Rita e Casa de Pedra de Joel Prestes. "Tem um uso de Galpão, mas foi casa de moradia". Costa do Morro. Itati.

21/12/2016- Entrevero no Galpão de Galdino da Rocha e Tiago Zefredo. São Sebastião. Três Forquilhas.

24/12/2016- Fotos do pé de cardamomo. Zâmbia. Terra de Areia

Letras de músicas em referência ao Galpão

Galpão Nativo

Jayme Caetano Braun

Meu velho galpão de estância
Da pampa verde-amarela
Que ficou de sentinela
Da história de nossa infância
És um marco na distância
Da velha capitania
Porque foste a sacristia
Do batismo do gaúcho
Quando moldou-se o debucho
Da pátria que amanhecia

Quinchado de santa fé
Oito esteios, pau a pique
Até parece um cacique
Todo emprumado de pé
O legendário sepé
Legítimo rei no trono
Que desde o primeiro entono
Trazia a pátria nos tentos
Anunciando aos quatro ventos
Que esta pátria tinha dono

Velho bivaque nativo
Encravado na cochilha
Palanque de curunilha
Do rio grande primitivo
Altar do fogo votivo
Que um dia o guasca acendeu
E aceso permaneceu
Bordado de picumãs
Anunciando aos amanhãs
Que o gaúcho não morreu

Não existe nada igual
Em qualquer parte do mundo
Como o vínculo profundo
Do galpão tradicional
Que esse fogão ancestral
Que acalenta e arrebatava
Nesta velha casamata
Onde o guasca viu a luz
Galpão que a história traduz
Como oficina de pátria

Foi aqui que se fundiu

Aqueles velhos modelos
Que serviram de sinuelos
Da pátria que constituíram
Da pátria que construíram
Que a isso se propuseram
E nunca se detiveram
Porque nunca se detinham
Pra perguntar de onde vinham
Nem tampouco quantos eram

Foi aqui que descansaram
Depois das lides guerreiras
Os centauros das fronteiras
Que irmanados chimarream
E foi daqui que marcharam
Os andejes e os gaudérios
Negros e mulatos sérios
E tapejaras errantes
Gaúchos e bandeirantes
Rasgadores de hemisfério

O grande poeta balbino
Marque da rocha escreveu
Que o riograndense cresceu
Dono do próprio destino
Peleando desde menino
Criado longe do pai
E é ele que um dia vai
De boleadeira e de vincha
E trás o brasil na cincha
Pras barrancas do uruguai

Esse é o galpão que cultuamos
Esse é o galpão que queremos
Esse é o galpão que erguemos
E o galpão que conservamos
Como dizia rui ramos
Velho tribuno imponente
Um pedaço de presente
E um pedaço de passado
E futuro enraizado
No subsolo da gente

Essa legenda, essa história
Essa história, essa legenda
Desta rústica vivenda
Da luta demarcatória
Da luta emancipatória
Da velha pátria comum
Não há preconceito algum

No velho galpão campeiro
Ao pé de cujo braseiro
Sempre há lugar pra mais um

Tribunal e refeitório
De maulas e milicianos
De charruas e milicianos
Sem pátria nem território
Hoje és, galpão, repertório
Daquelas charlas fraternas
E das lembranças eternas
Das saudades que ficaram
Dos centauros que matearam
Nos teus cepos de três pernas

Porém te resta o encargo
Velho galpão ancestral
Legendária catedral
De pátria e de pampa largo
No ritual de mate amargo
Ainda existe cevadura
És um templo na planura
De paz, amor e carinho
Pra iluminar o caminho
Da grande pátria futura

Mas se não houver campo aberto
Lá em cima quando eu me for
Um galpão acolhedor
De santa fé bem coberto
Um pingo pastando perto
Só de pensar me comovo
Eu juro pelo meu povo
Nem todo o céu me segura
Retorno a velha planura
Pra ser gaúcho de novo

Porque Choram As Nazarenas

Composição: Letra: Zé Renato Daudt e Matheus Neves da Fontoura Música: Marcelo Oliveira

Conheço a balda do potro, feito as cismas que carrego
Num par de estrelas de ferro nos papagaios da espora
Pois compreendi campo a fora por que choram as nazarenas
Refletem todas as penas duma condena de outrora

Neste par de estrelas bugras há uma calvário de espinho
Onde as rosetas são ninhos pros lamentos de um domero

Que sabe a dor de um parceiro que teve o couro riscado
No repechar compassado dos rituais garroneiros.

Nazarenas campo afora chora porque é preciso
Uma ausência de sorriso, um pranto na voz do vento
Que a mágoa do teu lamento, pro domero é uma sentença
De Cristo vem sua crença, da doma vem seu sustento

Não há quem corte um cavalo que não se sinta cortado
Que esqueça a cruz do pecado no silêncio da oração
De Joelho frente ao galpão, altar sagrado do campo,
Ao desatar tento e grampo feito quem pede perdão.

Não foi a toa o batismo ,chamarem de nazarena
Ao que impõe a condena a um livre por seu caminho
Pois são coroas de espinho, rosetas, pontas de grampo
E lembram espinhos santos que Cristo aguentou sozinho

Estampa de Galpão
Antônio César Pereira Jacques (Baitaca)

"Me acorda nas madrugadas
Um relincho de um cavalo
E a goela forte de um galo me faz saltar da tarimba
Busco água da cacimba
E faço um fogo de chão
E cevo meu chimarrão bem na estirpe campeira
E vou conservar a vida inteira
Minha estampa de galpão"

O canto do galo me desperta cedo
E no arvoredado canta a passarada
Um berro de touro escavando terra
E lá na mangueira berra a terneirada
Escuto na sanga o grito de um jacú
Já canta o ambú na mata cerrada
Vejo a natureza coisa tão bonita
Chega uma visita late a cachorrada

Eu sou um campeiro marcado do tempo
Curtido à fumaça de um fogo de chão
Em nossas andanças por onde passar
Vamos conservar a estampa de galpão

Sou índio nascido no chão das missões
E das tradições eu me sinto cativo

Agradeço a Deus por nascer campeiro
 Sou peão galponeiro de pé no estrivo
 E por ser criado no meio do campo
 Eu canto e aprovo o que tenho motivo
 Honro a minha estampa e nossa tradição
 Não froxo o garrão enquanto eu for vivo

Eu sou um campeiro marcado do tempo
 Curtido à fumaça de um fogo de chão
 Em nossas andanças por onde passar
 Vamos conservar a estampa de galpão

Gosto da humildade não tenho arrogância
 De estância em estância meu verso se acampa
 Isto é o sistema que eu trago comigo
 O arroz é seco e a rapa é na tampa
 Ainda eu sou do sistema antigo
 Do feijão mexido e coalhada na guampa
 Defendo minha pátria com garra e civismo
 Nem o modernismo não muda minha estampa.

Galpão Crioulo
 Antônio César Pereira Jacques (Baitaca)

O velho galpão crioulo na minha tarimba sagrada
 Deitado de madrugada num ninho em fundo de grotta
 Mesmo dormindo se nota um barulho impertinente
 Me acordo assim de repente
 É um rato me roendo as bota

Meu galpão velho é grosseiro e de chão batido
 E foi erguido bem na beira duma aguada
 Galpão crioulo feito no sistema antigo
 E pra receber meus amigo tá de porta escancarada
 Na tua cunheira até o céu aparece
 E embaixo o fogo me aquece nas noites frias de geada

A cobertura é de capim meia furada
 Tem chuarada enche o rancho de goteira
 Pego a chaleira e cevo bem meu chimarrão
 E sentado sob o oitão eu mateio a tarde inteira
 De noitezita logo depois que escurece
 Uma coruja aparece gritando sobre a cunheira

São quatro esteio de puro cerne cravado
 Lembro o passado no meu querido galpão
 Muitos fandango amanheceu entreverado

E um gaiteiro desmamado numa gaita de botão
 Fandango véio ia até clarear o dia
 E a gaita véia se abria que ne cola de pavão.

Bolicho
 Apparício Silva Rillo

Paredes de pau-a-pique,
 sete braças de comprido,
 chão de barro bem batido,
 cobertura de capim.
 Garrafas nas prateleiras
 se entreveram com chaleiras,
 peças de chita e de brim.

Balcão picado de faca,
 com algum buraco de bala,
 posto ao comprido da sala
 assim meio atravessado.
 Um banco pra freguesia
 e um letreiro que anuncia
 que não se vende fiado.
 Bolicho de portas largas
 que não respeita feriados,
 que só fecha nos Finados
 e no dia da Paixão.
 Bolicho que dá-se o gosto
 de nunca pagar imposto
 pro Tesouro da Nação!

Num desafio de risadas,
 entre um trago e uma fumaça,
 um índio mente de graça
 debruçado no balcão;
 vai repontando lorotas,
 com o cusco rente das botas
 e a faca rente na mão!

Enquanto junto à ramada
 a tava embica na areia,
 num tiro de volta e meia
 lançado com precisão,
 da barriga das guaiacas
 saltam libras e patacas
 pro pano verde do chão!

De repente estoura o "rolo"
 sem que se saiba o motivo!
 Rude embate primitivo
 onde advoga o facão,

onde o Juiz é o destino
que às vezes, fora do tino,
castiga quem tem razão!

Quanta saudade ao lembrar-te,
bolicho do meu rincão,
plantado rijo no chão
na volta de um corredor.
Centro social da campanha,
onde se afogam na canha
os deserdados do amor.

Bolicho beira de estrada!
A tábua de teu balcão
é a mesa de comunhão
da gauchada gaudéria;
é o rude confessionário
onde o guasca solitário
chora as mágoas da miséria..

De Quem Já Gastou As Esporas
Ângelo Franco

Quem por muito andou tropeando, nunca teve pouso certo
Teve sim por companheiros a estrada e um céu aberto
Sempre firme nos arreios, galopeou a solidão
Deixando seu coração pra quem não vivia perto

Quem forjou pelos caminhos: cavalos, calos e amores
Bem sabe que os corredores não dão guarida e razão
Pois não é qualquer galpão que tem o calor da gente
Que sabe as coisas que sente fincadas no próprio chão

Não é que as dores da trilha não ensine a quem anda,
É que a cruzada se agranda e o que importa tem raíz.
O mundo é puro matiz, mas onde quer que se passe
O chão onde a gente nasce é o que a gente sempre quis

Por isso que quem carrega as manhas de ter andado
Conserva o solo sagrado desenhado nas retinas
Pois o beijo de outra china não é o da prenda mimosa
E a terra que não é a nossa nos vale o que nos ensina

Eu sou mais um que ja andou gastando o aço da espora
Mais da porteira pra fora, que da porteira pra dentro
É certo não me arrependo, porque vivi sem maldade,
E aprendi barbaridade, vivendo o meu próprio tempo.

Imagens diversas

9ª 17.07.2016 TRILHA DO VALE
TRÊS FORQUILHAS - RS
SAZÃO PARADISIAL MICRO DO CAFEEM / TRÊS FORQUILHAS - RS
INSCRIÇÃO: R\$ 80,00
CAMISETA + CAFÉ DA MANHÃ + TROFÉU + LANCHE NO NEUTRO + ALMOÇO
SORTEIO DE 02 MOTOS 0KM
SÁBADO 16.07
BAILE COM A BANDA
TRILHA PARA MOTOS E QUADRIAS
ÁREA PARA ACAMPAMENTO
LARGADA AUTOMÁTICA: INÍCIO 8H
MUTA CERVELA NA CHEBABA
SK-SKOL
CONTAPO: PAULO: 51 99031098 - DADA: 51 99870276 - CHICO: 51 99921639

16.07.2017 10ª TRILHA DO VALE
CENTRO-TRÊS FORQUILHAS-RS
TRILHEIROS DO VALE
TRÊS FORQUILHAS-RS
PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS FORQUILHAS
INSCRIÇÃO: R\$ 85,00
CAFÉ DA MANHÃ + LANCHE NO NEUTRO + ALMOÇO + TROFÉU E CAMISETA
TRILHA PARA MOTOS E QUADRIAS
ÁREA PARA ACAMPAMENTO
LARGADA: 9H
SORTEIO DE 02 REBOQUES
CERVEJA AO FINAL DA TRILHA
CONTATO: (51) 9 9716-4895 MANO / (51) 9 9953-1056 PAULO / (51) 9 9982-1836 CHICO / (51) 9 9981-0316 DIDA
COBERTURA MANGEM FÁBICA

Figura 65: Divulgação da "Trilha do Vale"



Festa do Kerb



Dia 10 de Abril de 2016

Salão Evangélico de Itati

Programação

9h - Culto festivo
10h 30min - Procura da Garrafa
12h - Almoço com churrasco, galetto e porco assado, roscas e saladas
13h 30min - Pescaria e jogos diversos
14h 30min - Sorteio do mastro e rifas
15h - Reunião dançante com musica ao vivo

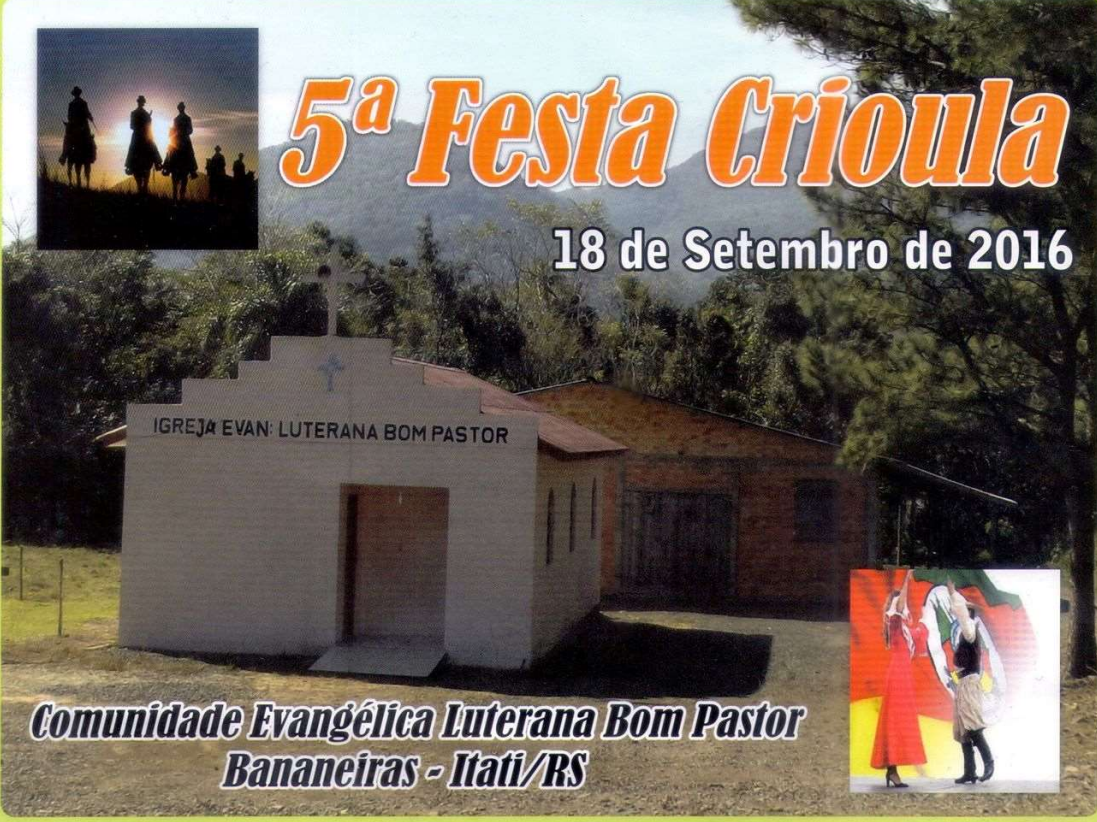
Com Música ao vivo



Festeiros 2016

<u>Boa União</u> Ozinei Prusch König Adriana Model König	<u>Três Pinheiros</u> Gilmar Silva de Oliveira Crismone Silveira da Silva	<u>Bananeiras</u> Volnei Schwarzthaupt Giseli S. Schwarzthaupt	<u>Porto Alagio</u> Osmar Justin Brehm Iça Jacoby Brehm
<u>Vila Brehm</u> Gabriel Bobsin de Oliveira Elizete Barros Reis	<u>Itati</u> Valdeci Strassburg Elizete Brehm Strassburg	<u>Morro do Chapéu</u> Fábio Lippert Andrade Nubiele Vieira Justo	<u>Terra de Areia</u> Sebastião Gomes de Oliveira Ivone Witt Voges de Oliveira

Figura 66: Convite para festa do Kerb com símbolos (cores) nacionais



5ª Festa Crioula
18 de Setembro de 2016

IGREJA EVAN: LUTERANA BOM PASTOR

**Comunidade Evangélica Luterana Bom Pastor
Bananeiras - Itati/RS**

Festeiros

*Frederico Reginaldo H. Eberhardt
Luana Eberhardt*

*Gilberto Ritter
Dinéia Maschmann Ritter*

*Lenir König Sparremberger
Leci Prusch Sparremberger*

*Paulo Souza da Silva
Maria De Fátima Bruschi da Silva*

*Raul Knevez
Rosilene de Oliveira Knevez*

*Valtair Hoffmann Bobsin
Elizane Prusch Knevez Bobsin*

Programação

8h30min - Saída da Cavalgada na Boa União

9h45min - Chegada da Cavalgada em Bananeiras

10h - Culto Crioulo

12h - Almoço com Churrasco, Galetos, Roscas, Cucas, Saladas e Bebidas em Geral.

14h - Apresentação dos Novos Festeiros

15h - Início da Domingueira Animada Pelo Grupo "Balanço Do Vale"

Desde já a comunidade e os festeiros agradecem a colaboração e presença de todos!

Figura 67: Convite para festa crioula em comunidade Luterana e teuto descendente

34º Rodeio
Crioulo Interestadual

TERRA DE AREIA
de 20 a 23
Agosto | 2015

Quinta
20 de Agosto
23:00 h
No Galpão
Ingressos apenas R\$10,00
Até a 00:00h

BONDE VANERA
Sexta
21 de Agosto
21:00 h
No Lonão

TCHÊ GALOTES
Sexta
21 de Agosto
23:00 h
No Galpão
6 Horas de Baile

ENZO MUNARI
Sexta
21 de Agosto
23:00 h
No Galpão

Show Tradicionalista
Sabado
22 de Agosto
21:00 h
No Lonão

BAILAÇO
Sabado
22 de Agosto
23:00 h
No Salão

Apoio:

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERRA DE AREIA

Realização:

fr
comunicação e eventos

Figura 68: Convite para Rodeio Tradicionalista (Eventos no “Lonão”, no “Salão” e no Galpão)

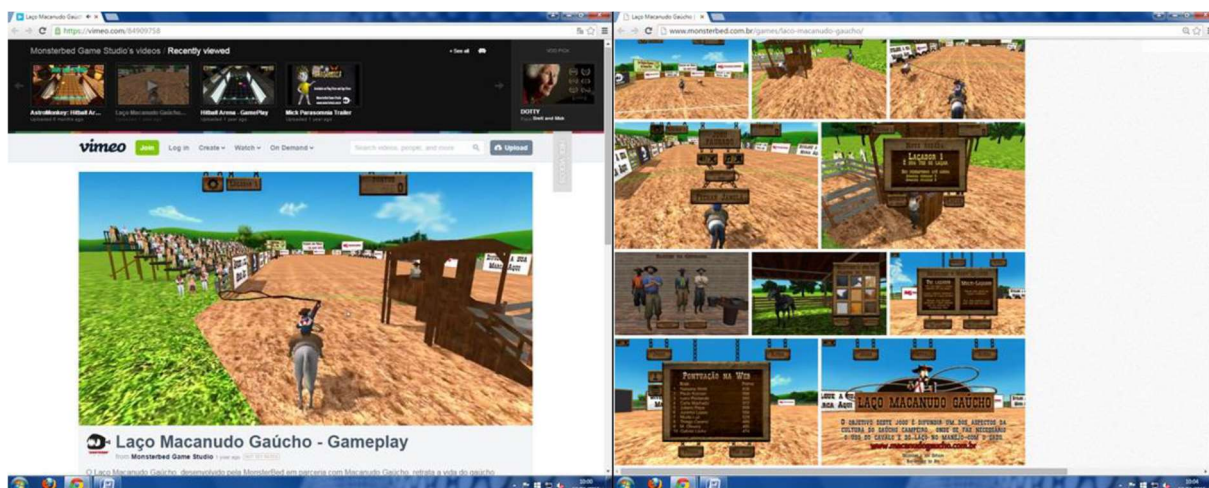


Figura 69: Jogo eletrônico “Laço Macanudo”

Disponível em <https://vimeo.com/84909758>. Acesso em 19/06/2015.